

MARCO ANTONIO STANCIK

**DE MÉDICO A HOMEM DE CIÊNCIA: A EUGENIA NA TRAJETÓRIA DE
ALEIXO DE VASCONCELLOS NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

CURITIBA

2006

MARCO ANTONIO STANCIK

**DE MÉDICO A HOMEM DE CIÊNCIA: A EUGENIA NA TRAJETÓRIA DE
ALEIXO DE VASCONCELLOS NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em História, Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná e selecionada para concorrer ao Prêmio Jorge Zahar em Ciências Sociais – edição 2007.

Orientadores: Dr. Renato Lopes Leite
Dr. André de F. Pereira Neto

CURITIBA

2006

E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.

João Cabral de Melo Neto

Aos meus meninos, Johann e Thiago, minhas maiores fontes de inspiração e meus mais fortes motivos para sempre seguir adiante.

À Isabel Stancik, minha companheira de todas as horas e historiadora de talento.

À minha mãe, que soube carinhosamente vencer minha resistência aos primeiros estudos.

AGRADECIMENTOS

Neste trabalho, muitos tiveram participação destacada.

Meu especial agradecimento aos professores Dr. Renato Lopes Leite (UFPR) e Dr. André de F. Pereira Neto (COC/FIOCRUZ), meus orientadores. Por todo o apoio e pela confiança que em mim depositaram. Pelo respeito, seriedade, profissionalismo que sempre dedicam aos seus alunos e orientandos.

À família de Dr. Aleixo de Vasconcellos. Às amigas Beth e Marina. À Teresa, amiga e grande incentivadora, chave para o acesso a muitos e valiosos documentos, informações e contatos. À Dona Sylvia, que, infelizmente, não pode acompanhar o resultado final do trabalho.

Ao professor Dr. José Augusto Leandro, pelo muito que contribuiu para minha formação ainda nos tempos da Graduação e do *Jornal de História*. Mais recentemente, com as aulas (brilhantes!) em Saúde Coletiva.

Ao professor Dr. Euclides Marchi. Presença e contribuições valiosas sempre requisitadas nas minhas bancas de Mestrado e Doutorado.

Aos professores Dra. Helenice R. da Silva, Dr. Luiz Carlos Ribeiro, Dr. Marcos Napolitano, Dra. Dilene do R. Nascimento, pelas críticas e valiosas sugestões.

Ao Dr. Ricardo Augusto dos Santos – COC/Fiocruz, sem o qual minha pesquisa documental passaria por muito maiores dificuldades.

À Isabel Stancik, quem mais torceu por meu êxito. Também por sua compreensão, apoio, carinho e incentivo.

Todos, de uma forma ou de outra, devem considerar-se co-autores do presente trabalho.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	ix
RESUMO	x
ABSTRACT	xi
INTRODUÇÃO	01
REVISÃO DE BIBLIOGRAFIA	07
REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	18
FONTES	25
1 TEMPOS DE INFÂNCIA E PRIMEIROS ESTUDOS	30
1.1 ALEIXO DE VASCONCELLOS: “UM SÁBIO SEM RUÍDO” E APAGADO DA MEMÓRIA	31
1.2 SEUS PAIS NOS TEMPOS MONÁRQUICOS: ESCRAVIDÃO, RACISMO, POSITIVISMO	33
1.2.1 Em Penedo, às voltas com os escravos	33
1.2.2 Aureliano Nóbrega de Vasconcellos: engenharia, modernização, civilização, evolucionismo	35
1.2.3 Dona Chiquinha: professora e esposa de engenheiro	45
1.2.4 Um menino conhecendo a sociedade carioca no final do século XIX	49
1.3 ALEIXO DE VASCONCELLOS, DO LAR PARA A ESCOLA	53
1.3.1 A instituição escolar: importante fator na organização do pensamento	53
1.3.2 Colégio Pedro II: o colégio padrão	56
1.3.3 Colégio Pedro II: uma escola leiga	57
1.3.4 O aluno gratuito	62
1.4 RIO DE JANEIRO: UM ATRATIVO PARA A INTELLECTUALIDADE	69
1.5 INTELECTUAIS E SOCIEDADE NA VIRADA DO SÉCULO	73
2 A FORMAÇÃO MÉDICA DE VASCONCELLOS	77
2.1 OS TEMPOS DA FACULDADE	78
2.1.1 O ingresso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro	78

2.1.2 Os estudos na faculdade de medicina e fora dela	82
2.2 A PESQUISA EM MANGUINHOS	94
2.2.1 A opção por Manguinhos, por Oswaldo Cruz e pela bacteriologia	94
2.2.2 Em 1908, a <i>these</i> sobre o grupo <i>coli-typhico</i>	98
2.3 PARA SER UM HOMEM DE CIÊNCIA, NÃO ATER-SE AO SABER DOS “ANTIGOS”	115
3 APÓS A FACULDADE: MEDICINA, EXPERIMENTAÇÃO	120
3.1 O EXERCÍCIO DA MEDICINA: CLÍNICA PEDIÁTRICA E MEDICINA LEGAL	121
3.1.1 Um discípulo de Fernandes Figueira	121
3.1.2 Afrânio Peixoto: um homem de ciência a dois séculos do “branco total”	129
3.1.3 Afrânio Peixoto: eugenia através da educação dos “ignorantes”	138
3.1.4 Vasconcellos: também um discípulo de Afrânio Peixoto?	141
3.2 ALEIXO DE VASCONCELLOS E OS ESTUDOS SOBRE ENFERMIDADES	142
3.2.1 Vasconcellos ante os dez milhões de impaludados no Brasil	143
3.2.2 Coqueluche: o pediatra e seus novos experimentos com os enfermos da Policlínica de Crianças	148
3.2.3 <i>Pertussol</i> : produto de uma ciência extremamente social	158
3.3 O “INDUSTRIAL SEM SUCESSO” E A “ARTE DE PROLONGAR A VIDA” ..	164
4 O MÉDICO E O BACTERIOLOGISTA ENTRE HOMENS DE CIÊNCIA, POPULARES E A “IGNORÂNCIA”	170
4.1 ENTRE OS SABERES CIENTÍFICOS E A “IGNORÂNCIA” POPULAR	171
4.2 PEDIATRIA, TERAPÊUTICA, EXPERIMENTAÇÃO E REPRESENTA- ÇÕES SOBRE AS CLASSES POBRES E CIDADÃOS DE “BOAS ROUPAS”	174
4.3 MINISTÉRIO DA AGRICULTURA: O TRABALHO NO PORTO CARIOCA, NO SERVIÇO DE INDÚSTRIA PASTORIL E NA SEÇÃO DE LEITE	180

4.3.1 O Serviço de Veterinária e a demanda por homens de ciência	180
4.3.2 No porto, entre homens de ciência e miseráveis trabalhadores	184
4.3.3 No Serviço de Indústria Pastoril	191
4.3.4 Ciência e ignorância	194
4.4 A ASCENSÃO NO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E A ÊNFASE NO LEITE E SEUS DERIVADOS	201
4.4.1 Um diagnóstico: consumir leite bovino é um risco à saúde humana e ao futuro da pátria	201
4.4.2 Na chefia da Seção de Leite	207
4.4.3 “A máquina vai funcionar quando as pessoas interessadas estiverem convencidas”	214
4.5 LEITE BOM É COISA PARA HOMENS DE CIÊNCIA	223
 5 EDUCAÇÃO, PROGRESSO E EUGENIA: AS AGREMIações DE MÉDICOS E INTELLECTUAIS	 227
5.1 O PERTENCIMENTO A AGREMIações	228
5.1.1 A Associação Brasileira de Educação	230
5.1.2 Sociedade Nacional de Agricultura: o Jeca Tatu já se esboçava	233
5.2 AS AGREMIações MÉDICAS	239
5.2.1 Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro	239
5.2.2 A Sociedade de Pediatria, a Academia Nacional e outras associações médicas	242
5.3 AS ASSOCIAções E INSTITUIções MÉDICAS BRASILEIRAS E A EUGENIA	247
5.3.1 Os princípios eugênicos segundo Francis Galton	248
5.4 BRASIL: AS VÁRIAS EUGENIAS POSSÍVEIS	251
5.4.1 Moncorvo Filho, Castro Barreto e a “grandiosa obra de hominocultura” em favor da infância e da pátria	253
5.5 ENTRE A DEFESA E A REGENERAÇÃO DA ESPÉCIE	260
5.5.1 Aleixo de Vasconcellos intervém em favor da “defesa da espécie”	264

5.5.2 Novos elementos na controvérsia: herança de caracteres adquiridos	267
5.6. EUGENIA OU EUGENIAS?	273
5.6.1 “Os médicos (...) vivem uma vida diferente da dos outros homens”	273
6 ALEIXO DE VASCONCELLOS E MONTEIRO LOBATO: REPRESENTAÇÕES SOBRE O JECA TATU E O HOMEM BRASILEIRO .	280
6.1 O PAÍS DOS JECAS TATUS	281
6.2 MONTEIRO LOBATO, EUGENIA E SANITARISMO	282
6.2.1 O Jeca Tatu, a raça degenerada e as doenças	282
6.2.2 A “raça de pitecos” e os processos seletivos	289
6.3 ALEIXO DE VASCONCELLOS E O PROBLEMA DA RAÇA NO BRASIL	293
6.3.1 O papel dos homens de ciência na sociedade	293
6.3.2 O Congresso Internacional de Leite e as “leis do desenvolvimento da raça”	298
6.3.3 <i>Atraz do Pote de Leite</i>	306
6.3.4 O Jeca Tatu segundo Aleixo de Vasconcellos	313
6.3.5 Higiênico e tanto melhor se um pouco menos mulato	323
6.3.6 Leite bom para a eugeniação do homem	325
6.4 “MUITA TERRA NÃO É O QUE FAZ A GRANDEZA DE UM POVO E SIM A QUALIDADE DOS SEUS HABITANTES”	329
CONSIDERAÇÕES FINAIS	335
FONTES	342
PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ALEIXO NÓBREGA DE VASCONCELLOS	342
OUTROS DOCUMENTOS	352
IMPRESSOS DOS LABORATÓRIOS DE ALEIXO DE VASCONCELLOS	353
OBRAS DIVERSAS	354
REFERÊNCIAS	363
DOCUMENTOS ELETRÔNICOS	381

LISTA DE FIGURAS

TABELA 1 – PROFESSORES DE ALEIXO DE VASCONCELLOS NA FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO (1902-1907)	84
FIGURA 1 – FOLHA DE ROSTO DA TESE DE ALEIXO DE VASCONCELLOS	103
FIGURA 2 – RÓTULO DA VACINA <i>PERTUSSOL</i>	154
FIGURA 3 – FOLHETO DO LABORATÓRIO DE PRODUTOS MICROBIANOS DR. ALEIXO DE VASCONCELLOS	166
FIGURA 4 – ALEIXO DE VASCONCELLOS E AUXILIARES NA SEÇÃO DE LEITE E DERIVADOS (DÉCADA DE 1920)	209
FIGURA 5 – AQUARELA SEM TÍTULO	318

RESUMO

No presente trabalho, é reconstruída a trajetória individual de Aleixo Nóbrega de Vasconcellos (1885-1961), acompanhando-o nos diversificados espaços sociais que ocupou e dando-se destaque às relações estabelecidas com outros atores sociais, grupos e instituições. Esforço este em meio ao qual procurou-se esclarecer de que forma teve contato e realizou a apropriação das teorias sobre a sociedade, especialmente dos ideais eugênicos, conforme se apresentaram nos trabalhos por ele produzidos, na forma de estudos, discursos, artigos, entre outros. O período privilegiado abrange desde sua infância, até o final da década de 1920, momento em que Vasconcellos defendia uma proposta singular de eugenia, na condição de chefe da Seção de Leite e Derivados do Ministério da Agricultura.

Palavras-chave: Aleixo de Vasconcellos; História da Medicina; Eugenia.

ABSTRACT

In this study, is reconstructed the individual trajectory of Aleixo Nóbrega de Vasconcellos (1885-1961), accompanying him in diverse social spaces occupied by him and by giving prominence to the relations established with other social actors, groups and institutions. In the midst of this effort which tried to explain how they had made the contact and ownership of theories about society, especially the ideals eugenics, as presented in the work he produced in the form of studies, speeches, articles, among others . The privileged period covers from his childhood, until the end of the 1920s, when Vasconcellos defended a proposal about eugenics, provided that he was the head of the milk and dairy products section of the Brazilian Ministry of Agriculture.

Key words: Aleixo de Vasconcellos; History of medicine; Eugenics.

INTRODUÇÃO

Na passagem do século XIX para o XX, a prática médica brasileira abandonava gradativamente a tendência de orientar-se predominantemente para a cura, em favor de uma atuação mais abrangente e diversificada. Ao iniciar o novo século, fragmentavam-se, multiplicando-se, não apenas as possibilidades de atuação médica, assim como o corpo humano enfermo, com o aparecimento das novas especialidades.

Inserido naquele contexto na condição de um incansável defensor da causa eugênica,¹ Renato Kehl assim distinguia os perfis médicos – a citação é longa, mas digna de nota, porque muito ilustrativa das transformações e ambições que, naquele início de século, podiam ser observadas no campo médico brasileiro:

Ao **médico sociólogo** compete ‘sintetizar e vulgarizar os resultados científicos e práticos das diversas doutrinas biológicas e sociais, informando os costumes e leis

¹ Embora o tema seja discutido no desenvolvimento do presente trabalho, para essa primeira abordagem, considera-se útil conceituar a eugenia de forma sucinta e provisória. Esta pode ser entendida como um movimento científico e social interessado no aperfeiçoamento genético da espécie humana. Suas origens encontram-se na obra do naturalista inglês Sir Francis Galton, primo de Charles Darwin. Galton afirmava que os aspectos físicos, mentais e morais estariam ligados à herança biológica. Isso justificaria, no seu entender, a necessidade dos “cruzamentos selecionados” entre os seres humanos. Através da adoção de semelhante procedimento, Galton esperava reproduzir nos descendentes somente as melhores características da espécie humana, aperfeiçoando-a. Como resultado das variações e transformações sofridas nos diferentes modelos de aplicação de princípios semelhantes, ao chegar-se ao ano de 1931, totalizava 27 o número de estados norte-americanos que adotavam legislação destinada a impor a esterilização de indivíduos tidos como disgênicos. Com isso, desejava-se levá-los, bem como às suas características tidas como inferiores, à extinção. Na Alemanha, o movimento eugênico conduziu a práticas de “limpeza racial”, tais como aquelas observadas durante o regime nazista. Nos dias atuais, enfatiza Bernardo Beiguelman (1979, p. 984), qualquer pessoa dotada de mínimos conhecimentos em genética de populações compreende que os casamentos supostamente preferenciais são indesejáveis, uma vez que eles reduzem a variabilidade genética das populações. Por isso, ao favorecer a procriação de determinados genes considerados bons, pode-se estar promovendo igualmente a transmissão de outros que tenham efeitos deletérios totalmente inesperados e fora do controle humano. Apesar disso, a condenação formal à eugenia é muito recente, datando do ano de 1977.

dos povos e governos, com o fim de tutelar suficientemente a vida física, moral e econômica das nações, mediante a diminuição da morbidez e mortalidade humanas, a prolongação média da vida da classe pobre e a melhoria da espécie'.

Ao **médico higienista** cabe o 'estudo das relações sanitárias do homem com o mundo exterior e os meios de fazer contribuir estas relações para a viabilidade do indivíduo e da espécie'. Pertence-lhe a missão nobilitante de tornar o meio favorável aos seus semelhantes, estabelecendo regras no sentido de conciliar as exigências orgânico-individuais com as contingências mesológicas.

Ao **médico clínico** reserva-se o árduo dever de lutar contra os infortúnios, contra as doenças, socorrendo os enfermos, levando-lhe ânimo, a consolação, o lenitivo, o remédio, que trará a cura ou pelo menos o alívio para os sofrimentos: é o mensageiro da saúde, da paz, da misericórdia e da alegria nos lares.

Ao **médico experimentalista** cabe a função transcendente de investigar as incógnitas que encerram os problemas da vida e da morte. São esses incansáveis pesquisadores, cujas horas e dias transcorrem no silêncio afanoso do estudo e da meditação, que nos revelam as causas dos males e os meios de os sanar e evitar.

Finalmente, ao **médico eugenista** compete uma ingente tarefa: lutar pelo aperfeiçoamento integral da espécie humana, harmonizando, conjugando, intensificando os esforços do médico sociólogo, do higienista, do experimentalista, do clínico, erigindo, sob uma mesma cúpula sagrada, todos os dogmas da ciência, que constituem o templo da religião de Galton.

(...) Por tudo que dissemos, **concluimos ser dever de todo médico tornar-se eugenista**, esforçando-se para propagar o ensino dessa magna disciplina, obrigatória nas escolas de medicina, em todas as escolas, elevando cada vez mais alto o ideal da regeneração humana. (KEHL, 1923, p. 35-36, original sem negritos)

Kehl assim se pronunciou em 1922, no transcurso do Congresso Nacional dos Práticos. O evento foi estudado por Pereira Neto (2001), o qual afirma que o mesmo congregou a elite médica brasileira do período. Iniciado o século XX, os recursos, a desenvoltura, a auto-confiança e as pretensões médicas ampliavam-se, se comparadas aos tempos anteriores. E talvez a maior de todas as ambições daqueles atores sociais fosse a de ter o controle sobre as gerações futuras e, por

intermédio da eugenia, determinar como elas deveriam se configurar a partir de então.

Renato Kehl captou as aspirações médicas do período e, com aquelas palavras, sintetizou algo assim como uma profissão de fé, não se abstendo, inclusive, de fazer uso de termos como dogma e religião, para se referir à eugenia. Credo este não adotado com exclusividade por Kehl. Foi ele assumido ainda por alguns dos seus pares-concorrentes do campo médico brasileiro.

A força e o alcance das palavras de Renato Kehl podem ser evidenciadas na trajetória do médico Aleixo Nóbrega de Vasconcellos. As páginas que se seguem revelam que elas se aplicam a este agente de forma surpreendente. Especialmente quando Kehl, como parte daquelas reflexões, detalhou a que vinham os eugenistas, afirmando consistirem “os propósitos do eugenista em impedir a aquisição de qualidades más, que concorrem para a degeneração da espécie e, ao contrário, em favorecer a multiplicação dos caracteres biológicos de aperfeiçoamento”² (KEHL, 1923, p. 36).

Inserida nesse contexto e nesse espírito, embora sem se reduzir a eles, a trajetória de Vasconcellos acrescenta importantes elementos ao esclarecimento de como a eugenia foi diversamente apreendida no Brasil, no transcorrer dos anos iniciais do século XX. De como esse médico, de forma original, esforçou-se para, mais que curar doenças, produzir e difundir pela sociedade determinados conhecimentos, diagnósticos por vezes desanimadores em relação ao país e ao seu povo, bem como otimistas prognósticos eugenistas. De como, dessa maneira,

² Sempre que se fizer menção a termos como “aperfeiçoamento racial”, “degenerescência”, “raça”, “raça superior”, “raça ariana”, entre outras expressões similares, faz-se emprego ou referência a expressões do período em análise. Compreende-se, no entanto, que não faz sentido falar em “raças puras”, ou vincular diferenças físicas a maiores ou menores aptidões, sejam elas quais forem.

obteve prestígio, projeção, tornando-se, a um só tempo médico clínico, higienista, experimentalista, sociólogo e eugenista.

Estudo este que vem se desenvolvendo por mais de meia década e do qual já resultaram comunicações de pesquisa e artigos publicados, além de uma dissertação de Mestrado (STANCIK, 2002a). Entre outras constatações, ao final desta última, tornou-se evidente que não se tratava de rotular Vasconcellos de médico “higienista” e/ou “eugenista”. Em lugar disso, compreendeu-se ser necessário esclarecer como o agente se apropriou de tais problemáticas, como lidou com as mesmas e como estas se apresentaram em suas representações sobre o homem e a sociedade no Brasil.

Resultado disso é que Vasconcellos revelou-se um eugenista bastante singular. Não à moda Renato Kehl, mas à sua maneira. Outro resultado é que, no presente trabalho, a eugenia não surge subitamente, pronta e acabada, de uma vez por todas. Em lugar disso, ela é construída lentamente por Vasconcellos, em meio a disputas, conflitos e interesses divergentes. Pouco a pouco, até configurar-se em sua originalidade e singularidade.

Por isso, no presente trabalho, a intenção é acompanhar a trajetória de um agente que, uma vez formado médico, não se contentou apenas em exercer a clínica. Em lugar disso, esforçou-se para assumir e desempenhar os cinco perfis detalhados por Renato Kehl. E, nesse processo, representou a missão de médico eugenista, de forma extremamente singular. A missão mais ingente de todas, segundo afirmava Kehl, entre outros médicos.

Diante disso, o objetivo do trabalho é, mediante a análise da trajetória de Aleixo Nóbrega de Vasconcellos, desde a infância até o final da década de 1920,

esclarecer como a eugenia se realizou como uma ciência e um movimento social em meio a um processo de apropriação diversificado, contraditório e conflituoso.

Por isso, buscou-se apreender os modos como a realidade sócio-cultural brasileira, em especial a problemática da eugenia, foi diferente e contraditoriamente compreendida e apresentada por diferentes agentes, grupos e instituições que, de alguma forma, tiveram participação na trajetória de Aleixo de Vasconcellos. Isso por entender-se que foi em meio às relações assim estabelecidas que este último concebeu, delineou e apresentou, no correr da década de 1920, a sua perspectiva singular relativa à eugenia. A qual cumpriu, naquela trajetória, um papel peculiar: o de legitimá-lo como homem de ciência à frente da Seção de Leite do Ministério da Agricultura.

No estudo, a atenção foi dirigida, num primeiro momento, para os prováveis saberes, proposições, ensinamentos que lhe foram transmitidos por aqueles que lhe serviram de mestres, nos mais variados espaços sociais – e aqui se incluem seus pais, professores, profissionais, entre outros agentes que tiveram participação ativa na sua formação. Em seguida, a atenção voltou-se para as suas ações e proposições, reveladoras das formas como Vasconcellos assimilou e retraduziu, à sua maneira, aqueles bens culturais.

Buscou-se, portanto, aquilo que outros agentes e instituições lhe transmitiram e como ele reelaborou, de forma crítica e seletiva, tais saberes, crenças e valores, evidenciando que problemáticas como a eugenia não se impuseram a ele de uma vez por todas, nem de uma forma única e/ou similar àquelas pelas quais afetaram outros agentes, ou, tampouco, estiveram presentes em toda sua trajetória.

Pretendeu-se, com isso, evidenciar as singularidades que caracterizaram aquela trajetória individual num momento particular. Momento este eleito não pelo recorte político – coincidente com a assim chamada Primeira República -, mas pela ruptura ocorrida em sua trajetória, pois, ao iniciar-se a década de 1930, Vasconcellos afastou-se do importante cargo de chefe da Seção de Leite e Derivados, função por ele ocupada por mais de uma década - e, por conta disso, descurou dos debates que até então o ocupavam a frente do órgão, reduzindo suas aparições públicas como defensor da causa eugênica.

No período considerado, Vasconcellos desempenhou os cinco perfis médicos descritos por Renato Kehl – e é esta mais uma das razões para a eleição daquele recorte temporal. Por conta desta multiplicidade de papéis assumidos pelo agente, esteve envolvido com atividades inerentes a outros domínios, após concluir a faculdade de medicina: além de médico pediatra e legista, foi também pesquisador na área biomédica, farmacologista, laboratorista, industrial, comerciante, editor, professor do ensino superior, tendo também ocupado o já referido cargo de direção no aparato estatal.

Portanto, a trajetória de Vasconcellos foi analisada dando-se ênfase às suas múltiplas pertencas, suas experiências familiares, escolares, profissionais, associativas, entre outras que se fez possível identificar. Através dos trabalhos que deixou, os quais se entende como profundamente associados a essas relações sociais, culturais e políticas, analisou-se como o agente se posicionou em relação à sociedade, ao homem, e à sua “missão” perante ambos.

Por razões dessa natureza, propõe-se que os saberes têm uma história e que as aprendizagens têm contextos. Que os agentes “têm múltiplas ancoragens

sociais e, enfim, que as apropriações dos saberes são socialmente (no sentido mais amplo do termo) diferenciadas” (LAHIRE, 2002, p. 47).

REVISÃO DE BIBLIOGRAFIA

Madel Luz et al. (1982), defendem que, desde suas origens institucionais na sociedade brasileira do século XIX, a medicina é não somente uma forma de conhecer o corpo social, por intermédio do organismo humano, mas também uma forma específica de intervir politicamente neste corpo.

Analisando o período compreendido entre o final do século XIX e a década de 1930, os autores trabalham as relações históricas entre o Estado Nacional brasileiro e destacadas instituições médicas. Entre outras, a Academia Nacional de Medicina e o Instituto Oswaldo Cruz, ambas freqüentadas por Aleixo de Vasconcellos. Nesse contexto, concluem, os médicos esforçaram-se para “responder *medicamente* aos problemas do Estado brasileiro”. Ao mesmo tempo em que a figura do médico era colocada como a mola mestra para a decisão e execução desses projetos (Ibid., p. 168, *itálicos no original*).

Micael Herschmann (In: HERSCHMANN, KROPF, NUNES, 1996) sustenta que na segunda metade e principalmente no último quartel do século XIX, deu-se no Brasil a ascensão dos médicos à condição de intelectuais e de cientistas, passando estes a compor importante parcela de uma elite científicista e autoritária. As proposições defendidas por esses agentes pautavam-se no positivismo, no racismo e no evolucionismo. Ao mesmo tempo, buscavam desqualificar as concepções religiosas e outras não amparadas na ciência.

Por isso, conclui Herschmann (Ibid., p. 58), no século XIX despontava não somente uma medicina de caráter positivista e evolucionista, além de bastante diversa da medicina curativa do século XVIII. Desenvolvia-se também uma “nova medicina” que permitiu que os profissionais passassem a ocupar importantes espaços no interior do aparato estatal. Processo que é exemplificado pelo autor ao acompanhar brevemente as trajetórias de alguns agentes do campo médico brasileiro, e que também encontra ilustrativo exemplo na trajetória de Aleixo de Vasconcellos. Com especial ênfase para sua atuação na Seção de Leite e Derivados, momento em que, de forma mais nítida e insistente, trouxe à público suas proposições e seus projetos, com os quais desejava transformar a realidade de seus país e de sua população.

Nessas funções, médicos como Vasconcellos encontravam-se diante da possibilidade de tomar contato e propor soluções para problemáticas que se colocavam à sociedade ou a parcelas da mesma. Entre outras, principalmente ao aproximar-se a década de 1920, a que se referia ao aperfeiçoamento da raça, a eugenia, intervindo, ou pretendendo intervir politicamente no corpo social, conforme concluíram Madel Luz et al. (1982).

Por suas implicações, a eugenia tem despertado a atenção dos mais variados agentes, grupos e instituições e se constituído motivo de diversos estudos. Em novembro de 1999, o periódico *O Correio da Unesco* (v. 27, n. 11) elegeu para seu tema do mês o problema que definiu como sendo o da “bioética: a tentação da criança perfeita”. Em torno do mesmo, uma série de autores revelaram suas preocupações ante as novas conquistas da genética e os conseqüentes perigos de

uma retomada de ideais eugenistas. A questão em torno da qual as análises se desenvolveram foi: “A genética dará origem a novas formas de eugenismo?”.

A questão põe em evidência que, embora a expressão eugenia tenha sido praticamente abolida nas proposições científicas veiculadas nas últimas décadas, isso não significa que seus propósitos tenham deixado de inspirar muitos trabalhos.

Dando seqüência ao debate e concluindo em favor do papel essencial que a eugenia teria cumprido na estruturação do Estado moderno, Maria Eneida de Almeida (2002) propõe-se a esclarecer as origens e motivos que possibilitaram o seu desenvolvimento. A eugenia é por ela caracterizada como uma ideologia científica – aquela que não apenas se propõe uma ciência, mas também se funde com a política, como forma de intervir na sociedade, tal qual apontado por Luz et al. (1982).

Interessada no aperfeiçoamento da espécie humana através da exclusão e da eliminação de seres considerados diferentes, indesejáveis e/ou inferiores, por seu intermédio, se reafirmaria a profunda associação entre os poderes da medicina e do Estado. Isto é, revelar-se-iam relações de poder entre sociedade, Estado e ciência.

No trabalho, a autora serve-se de uma análise sócio-política, visando a elucidação do “espírito da época” em que teria ocorrido sua gênese e legitimação. O trabalho se encaminha assim no sentido de traçar as linhas gerais, em seus aspectos sociais, científicos e políticos, através dos quais essa ideologia científica eugênica se legitimou na sociedade ocidental do final do século XIX e início do XX.

O resultado é um ilustrativo painel – muito embora carente de fontes primárias, como observa a própria autora -, através do qual a vida social, científica e política se revelam perpassadas pela certeza quanto à existência de representantes

“inferiores” da espécie humana. Seriam as pessoas de cor, criminosos, mendigos, enfermos, portadores de deficiências físicas e/ou mentais.

Em contrapartida, haveria uma parcela constituída pelos seus representantes “superiores”. A ela, segundo o discurso eugênico, deveria ser garantida a reprodução da espécie, no intento de preservar e multiplicar características ditas superiores. Contudo, rapidamente entraram em cena os projetos favoráveis à suspensão da procriação dos indivíduos portadores das características não desejadas.

Em relação à eugenia norte-americana, recentemente veio à conhecimento volumoso trabalho que resultou de amplo levantamento documental conduzido por numerosa equipe de pesquisadores espalhados pelos Estados Unidos e por diversos países europeus. Orquestrada pelo jornalista Edwin Black (2003), a obra *A Guerra Contra os Fracos* fez a divulgação de elementos que o autorizaram a afirmar que as teses raciais que deram sustentação ao genocídio levado a cabo pelos nazistas ganharam forma, primeiramente, nos Estados Unidos. Nesse processo, mobilizou destacados membros da elite pensante, econômica e política norte-americana. Tudo em nome do ideal de criar uma raça supostamente superior.

De suas análises, resultaram importantes informações a respeito de agentes, instituições e ideais com os quais Vasconcellos travou contato naquele país, no correr da década de 1920, na condição de representante do governo brasileiro. Período este em que o agente apresentou com maior nitidez suas concepções sobre a eugenia.

Sendo assim, não surpreende que autores, tais como Schwarcz (1993) e Marques (1992,1994), que pensaram a problemática da eugenia no Brasil, tenham

apontado para os anos 1920 como aqueles em que esta se afirmou, prosseguindo presente ainda nas duas décadas seguintes.

Em *O Espetáculo das Raças*, Lília M. Schwarcz (1993) propõe que, na década de 1920, os estudos sobre bacteriologia tenderam a sair de foco, uma vez debelados os grandes surtos que afligiam o país até o início do século XX. Com isso, as atenções dos médicos passaram a se orientar em maior medida para as “deficiências da população”, pensando-se no seu “futuro” (Ibid., p. 230).

Afirmando que o Brasil ainda não teria uma raça perfeitamente definida, por ser um país novo, propunham separar os “sãos” dos “doentes”, visando que os primeiros, além de se resguardarem, se encarregassem do “futuro racial”, ou seja, de gerar indivíduos eugenicamente superiores.

De fato, observa-se que, naquele período, também Aleixo de Vasconcellos, bacteriologista por formação, passou a acentuar a necessidade de cuidar da espécie. Não o fez, contudo, propondo restrições à imigração, nem pretendendo promover medidas que impedissem a procriação de indivíduos considerados exemplares inferiores da raça. Para Vasconcellos, todos – ou quase todos – poderiam ascender a uma condição física, intelectual e moral superior. Homens de ciência, e ele se apresentava como um de seus representantes, deveriam ensinar a população a alcançar tal condição.

E o fez associando o leite bovino à “defesa da espécie”. Proposta a partir da qual não apenas apresentou o leite como o principal alimento humano, mas também buscava legitimar seu papel à frente da Seção de Leite.

A historiadora Vera Regina Beltrão Marques (1992, 1994) examinou o discurso médico-pedagógico paulista da década de 1920. Para tanto, explorou não

as políticas do Estado, mas as falas dos médicos higienistas, em sua tentativa de construir sujeitos eugenizados, aptos a ingressarem na ordem capitalista e, tanto quanto possível, distantes da diversidade de tipos humanos. Ou seja, buscavam obter uma espécie de homogeneidade entre os indivíduos, em termos físicos e intelectuais. Quanto à sociedade, desejavam-na assemelhada aos modelos europeu e norte-americano.

Segundo a autora, foi na década de 1920 que se elaboraram as estratégias por intermédio das quais, nos anos seguintes, as práticas eugênicas vieram a adquirir caráter de políticas de Estado. A escola, no seio de tal projeto, teria se configurado em uma instituição destinada a modelar eugenicamente tanto o espírito, quanto os corpos. Processo este em que regenerar passava a ser a tônica do discurso educativo do período.

A partir de então, sempre segundo Marques, as “verdades científicas” produzidas pelos eugenistas progressivamente ganharam espaço, se impondo e propiciando a produção de saberes sobre o cotidiano da população. Entre outros, aqueles que pregavam a inferioridade dos não brancos, reafirmando padrões de dominação há séculos vigentes na sociedade brasileira.

Conclui a autora propondo que a força que o discurso eugênico assumia parece ter tornada “cega” toda uma geração de intelectuais (MARQUES, 1992, p. 128), em sua luta em prol do “progresso biológico”, compreendido como passo obrigatório em direção ao “progresso social” (MARQUES, 1994, p. 20).

Isso, contudo, não pode ser proposto sem ressalvas, embora, ao fazê-lo, a autora tenha por ponto de partida um amplo conjunto de discursos médico-higienistas, que lhe autorizam plenamente aquelas conclusões. Ainda assim,

caminhando em sentido diverso, pode-se sustentar que, se a divulgação dos propósitos eugenistas ocorreu com particular intensidade naquele período, ela se fez não de forma homogênea. Ou seja, operou-se na forma de uma reconstrução. Em torno dos mesmos jamais observou-se consenso entre os agentes, nem, tampouco, ausência de conflitos e disputas, como se pode constatar por intermédio da análise de trajetórias individuais.

André Mota (2003) enfatiza as imbricações entre sanitarismo e eugenia no Brasil. O primeiro teria por objetivo assegurar condições de salubridade, ao passo que o propósito da eugenia consistiria em “sanear a raça”. Contudo, a opção do autor em buscar o terreno do acordo entre eugenistas e sanitaristas – aquilo que os unia – leva-o a segundas generalizações. Isso faz com que as proposições e os debates apareçam sem o necessário substrato humano, por exemplo, ao deixar de identificar vários dos agentes citados.

Assim procedendo, Mota tende a desconsiderar as singularidades dos agentes e das instituições, suas lutas e conflitos, enfim, o desacordo entre os mesmos. A desconsiderar que, sucessivamente, os agentes ocupam posições em espaços, também eles em contínua transformação, e que suas percepções não se constroem de uma vez por todas e de forma acabada, e que, por fim, o mesmo tema geralmente tende a ser assimilado de diferentes maneiras, por agentes distintos.

Essas observações reafirmam a importância de que, ao lado das análises mais generalizantes – cujo interesse e relevância não se pretende negar -, deva-se empreender aquelas dirigidas aos casos de agentes e/ou instituições específicas. Nesse sentido, o médico eugenista Renato Kehl é um daqueles que, quantitativamente, mais estudos suscitou até o momento (NALLI, 2000;

CASTAÑEDA, 1998a, 1998b, 2002; STEPAN, 1985, 1991), no que se refere à eugenia em solo brasileiro.

Esse destaque dado a Kehl em relação a tantos outros autores aponta para a necessidade de se matizar melhor como a eugenia se estruturou nas formas de uma ciência e um movimento social no Brasil, a partir da melhor compreensão de como outros agentes dela se ocuparam. De como, muitas vezes partindo da divulgação feita por Kehl, esses agentes defenderam perspectivas que dele divergiam profundamente.

É o que se pode observar no caso de Vasconcellos, não apenas contemporâneo, mas um par-concorrente de Renato Kehl, uma vez que ambos divergiram muito em suas concepções relativas aos modos de trabalhar em prol da eugenia do homem brasileiro.

Ao analisar o pensamento de Renato Kehl, Marcos Alexandre Gomes Nalli (2000) circunscreveu seu estudo ao final da década de 1920, direcionando sua atenção à obra *Lições de Eugenia*, publicada em 1929.

Segundo o autor, a perspectiva de Kehl encontra apoio em três teóricos principais: Gregor Mendel, tido como o “Pai da Genética”; August Weismann, com sua recusa em aceitar que o meio-ambiente interfira no processo de hereditariedade;³ Francis Galton e suas leis da hereditariedade. Afirmação esta que pode suscitar alguns questionamentos, uma vez que outros estudos indicam que o

³ No início do século XIX, Jean Baptiste Lamarck defendia que um ser vivo que fosse submetido a transformações no meio ambiente adquiria novos hábitos, os quais conduziram a modificações na sua estrutura física. Essas modificações, ou caracteres adquiridos, seriam, na sua concepção, legados à prole. Essa perspectiva foi motivo de debates entre eugenistas, nas primeiras décadas do século XX. Divergindo da perspectiva lamarckiana, o mendelismo, derivado das pesquisas do monge Gregor Johann Mendel, estabelecia que somente eram transmitidos à descendência os caracteres presentes no núcleo dos gametas dos progenitores, nos cromossomos. Com isso excluía a possibilidade de herança de caracteres adquiridos.

pensamento de Kehl sofreu transformações e se fez perpassado de contradições, vindo a negar, em determinado momento, proposições que anteriormente defendera, conforme será detalhado mais a frente.

Nalli, pensando a eugenia na forma de um movimento social marcado pelo cientificismo, também aponta que Renato Kehl teria incorrido “numa naturalização extremada e falaciosa da diferença, destituindo-a de sua historicidade” (ibid., p. 14). Acrescenta ainda que o agente teria caracterizado o indivíduo de forma “cientificista” e preconceituosa.

No presente estudo, entretanto, não se pretende adotar tal linha de raciocínio, uma vez que agentes, instituições e saberes científicos são pensados em sua historicidade. Considera-se que, embora de forma variável, os saberes, os propósitos, as expectativas e os temores que perpassavam a causa eugênica se revelam imbricados com tantos outros que caracterizavam aquele momento histórico.

Também Luzia Aurélia Castañeda (1998a, 1998b, 2002) dirige sua atenção à produção de Renato Kehl, revelando ponto de vista divergente daquele apresentado por Nalli, uma vez que acentua a perspectiva lamarckista do médico eugenista. Segundo a autora, interessado no melhoramento dos seres humanos, em determinado momento, Kehl também teria defendido que a eugenia deveria se servir da higiene para evitar males que degenerariam a raça.

Ora, Castañeda aponta que Renato Kehl apresentou diferentes definições de eugenia ao longo de sua vida. Essa constatação deve ser tida em consideração, não apenas para evitar uma equivocada impressão segundo a qual os agentes construam de uma vez por todas, e de forma definitiva, suas representações, mas

também para destacar dilemas e debates em meio aos quais elas vão sendo construídas.

É assim que Nancy Leys Stepan (1985, 1991), ao mesmo tempo em que afirma que nos anos 1920, 1930 e 1940 os movimentos eugenistas na América Latina foram amplos e mostraram-se capazes de exercer grande influência sobre a ciência, o pensamento social e as políticas, destaca ainda as particularidades da apropriação das teses eugenistas no Brasil. Entre outras, a adoção da perspectiva lamarckista.

Na visão de Stepan, a ciência, nela inclusa a eugenia, é apresentada como um produto de circunstâncias sociais, culturais e políticas. A historiadora critica assim autores que percebem na ciência latino-americana a tendência à imitação e reprodução dos modelos europeus. Propõe, em lugar disso, que os cientistas da América Latina se apropriaram das teorias eugenistas, reconstruindo-as em conformidade com os interesses e necessidades particulares de seus países.

Essa concepção é exemplificada, entre outros, com o caso de agentes tais como Renato Kehl, o qual tendeu a relativizar a perspectiva lamarckista, em favor de concepções menos tolerantes em relação aos representantes de raças ditas inferiores, propondo inclusive medidas tais como aborto e esterilização - eugenia negativa -, pois passara a crer necessário o seu desaparecimento. Mas o fez não sem antes defender posições que destoavam por completo da orientação mendeliana, predominante em outros países, tais como Estados Unidos, Grã-Bretanha e Alemanha.

Desta forma, Stepan destaca três aspectos que considera fundamentais na eugenia, nos moldes sob os quais se desenvolveu no Brasil: 1) a importância do viés

lamarckista; 2) a posição central ocupada pela noção de raça; 3) a identificação da eugenia com o saneamento e a saúde pública (1985, 1991). Demonstra, além disso, que propenso ao lamarckismo, e, divergindo dos modelos inglês, norte-americano e alemão, a eugenia no Brasil aproximava-se nitidamente do francês.

Por isso, a proposta do presente trabalho é pensar a eugenia como um bem cultural, que somente se realiza na forma de uma ciência e um movimento social mediante o processo de apropriação operado pelos agentes sociais, de forma diversa e contraditória. O que é feito acompanhando-se como um agente se apropriou, de forma singular, desse viés lamarckista, pretendendo adaptar os propósitos eugenistas à realidade brasileira.

Ora, as constatações de Stepan ganham em complexidade quando se tem em conta que Vasconcellos, embora assumisse a orientação lamarckista, foi um grande admirador, defensor e divulgador dos exemplos fornecidos pelos Estados Unidos, no tocante ao trabalho em saúde pública, tendo inclusive se relacionado com agentes e instituições declaradamente eugenistas naquele país. Então apresentou com maior nitidez uma concepção singular da eugenia, da qual faziam parte o leite bovino e a Seção de Leite, colocada sob sua chefia.

Por sua vez, embora sem dirigir a atenção à problemática da eugenia, Marcos Chor Maio (1995) defende que uma das mais profícuas maneiras de se investigar a história da medicina é através do estudo de trajetórias profissionais dos ocupantes de posições de relevo no campo médico. É o que realiza ao analisar a trajetória científica do médico maranhense Raimundo Nina Rodrigues, segundo os pressupostos de Pierre Bourdieu.

Por tudo isso, uma das nossas principais questões será problematizar as práticas eugenistas de Vasconcellos. Mais que buscar pelo sentido original que Galton possa ter emprestado à eugenia, considera-se tão ou mais relevante trazer a conhecimento as formas, os meios e os usos através dos quais a eugenia se apresentou, seja enquanto idéias, projetos e/ou práticas, mobilizadas na trajetória de um agente particular.

REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

O desenvolvimento do trabalho consiste na reconstrução da trajetória individual de Aleixo de Vasconcellos, desde sua infância, até o final da década de 1920, acompanhando-o nos diversificados espaços sociais por ele ocupados e dando-se destaque às relações por ele estabelecidas com outros atores sociais, grupos e instituições. Esforço este em meio ao qual procurou-se esclarecer de que forma o agente travou contato e realizou a apropriação das teorias sobre a sociedade, especialmente dos ideais eugênicos, conforme se apresentaram nos trabalhos por ele produzidos, na forma de estudos, discursos, artigos, entre outros.

Isso significa que se tem por pressuposto que Vasconcellos não se limitou a reproduzir, de forma fiel, aquilo que lhe foi transmitido. Assim sendo, a ênfase foi dada à seletividade e à criatividade com que tal processo se verificou. Compreende-se que não se trata de apenas identificar qual a “herança” recebida pelos agentes – nesse caso, as teorias relativas à sociedade, em particular a eugenia –, mas de analisar os seus usos, ou seja, as formas de apropriação dessas heranças.

Parte-se da hipótese segundo a qual, na relação estabelecida entre Aleixo de Vasconcellos e a eugenia, observou-se um processo de apropriação, de assimilação ou de “leitura”, conforme expressão proposta por Roger Chartier e Michel de Certeau. Por isso, a eugenia, pensada como um bem cultural corporificado na forma de uma construção teórica da sociedade, uma ciência, bem como um movimento social, foi tomada em conformidade com os diferentes usos a que esteve sujeita.

Procedeu-se assim tendo-se por pressuposto que os sentidos dos bens culturais não se encontram previamente fixados e não são intrínsecos a eles, mas passam a ter existência nos usos que deles fazem os atores sociais e tendo-se em conta, portanto, que estão continuamente submetidos a um processo de interpretação, de apropriação, de assimilação. A assimilação sendo tomada, como propõe Michel de Certeau (1998, p. 261), no sentido de tornar algo semelhante a aquilo que se é.

Ou seja, ao realizar-se a apropriação de bens culturais, tais como os saberes eugênicos que ora nos interessam, entende-se que tem lugar um processo não de produção de cópias idênticas de um modelo, mas de criação - ou recriação - de algo novo a partir do mesmo: a sociedade, as instituições, os saberes se reproduzem, o que não significa que o façam na forma de cópia fiel de si, pois isso se dá em conformidade com as disposições, os interesses, as finalidades e as possibilidades dos agentes envolvidos no processo.

Por isso, enfatiza Michel de Certeau (Ibid., p. 40) que “A presença e a circulação de uma representação (...) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que

não a fabricam”. Os quais, pode-se acrescentar, não deixam de, a partir dele, produzir algo novo ou que, pelo menos, não é mais o mesmo de antes.

Dizendo de outra forma, defende-se que, na eugenia proposta por Aleixo de Vasconcellos, havia uma produção toda sua, uma “produção secundária”, nos termos de Certeau, presente na forma como ele a assimilou e a utilizou. Tem-se por pressuposto, enfim, que o agente realizou sua própria leitura e, assim procedendo, modificou-a à sua maneira. Sendo que aquele bem cultural, à semelhança de qualquer outro, recebeu de seu leitor o seu sentido (Ibid., p. 40, 264).

Tendo em vista tais reflexões, propõe-se, em sintonia com Roger Chartier, que pertencimentos distintos proporcionam condições diferenciadas a partir das quais os agentes e as instituições constroem suas percepções em relação à si próprios e à sociedade como um todo. Ou seja, a apropriação não é uniforme, idêntica, consensual. Ao contrário disso, ela se opera de forma contraditória e conflituosa.

Chartier chama assim a atenção para os “usos diferenciados e opostos dos mesmos bens, dos mesmos textos e das mesmas idéias”, como práticas que se apropriam distintamente dos materiais que circulam numa determinada sociedade, afirmando ainda a necessidade de se buscar o contraste entre os modos de utilização de temas e/ou formas comuns pelos grupos ou indivíduos (CHARTIER, 1992, p. 233).

Por extensão, Roger Chartier (1990, p. 16-17) ressalta a necessidade de se “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”, reconhecendo que as

representações dos agentes variam em conformidade com a sua posição, suas necessidades, suas possibilidades.

Desta forma, ressalta que sempre há espaço para a manifestação dos agentes na forma de seres únicos, dotados de uma coerência particular e plena de particularidades. Entende-se, pois, que, assim como a sociedade é constituída por grupos com interesses antagônicos, os grupos não podem ser percebidos de forma diferente, haja visto serem constituídos por indivíduos com trajetórias e interesses não totalmente coincidentes.

Isso exige que se perceba também as representações individuais como “sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação” (Ibid., p. 17).

Importa portanto realizar a “análise das práticas que, diversamente, se apreendem dos bens simbólicos, produzindo assim usos e significações diferenciadas” (CHARTIER, 1991, p. 178). Desta maneira, ainda segundo Chartier:

A apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Conceder deste modo atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, determinam as operações de construção do sentido (na relação de leitura, mas em muitas outras também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas, e, contra as correntes de pensamento que postulam o universal, que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas. (CHARTIER, 1990, p. 26-27)

Os usos que os atores sociais fazem dos bens com os quais se relacionam na sociedade guardam relação com as suas percepções a respeito de si e do mundo, com seus modos de pensar, sentir e agir. Desta forma, “toda realidade,

como conhecimento, é uma *representação*. Conseqüentemente, os indivíduos organizam sua relação com o mundo mediante estruturas complexas de representação, que são utilizadas na comunicação” (RODRIGUES DA SILVA, 2000, p. 83, *itálicos no original*).

Sendo assim, as obras, os produtos culturais, a produção científica são produtos dotados de significações não monolíticas, não universais e não têm existência independente dos agentes que deles se apropriam. Estão continuamente sujeitos a usos diversificados, criativos, inesperados, a partir dos quais são dotados de significações distintas, divergentes.

Na trajetória de Vasconcellos, tais usos podem ser observados, por exemplo, na relação entre as teorias científicas, evolucionistas e racistas, cujas premissas nunca pode ignorar, mas que adotou diferenciadamente com o passar do tempo. Entre suas experiências de vida no lar, nos estudos, em Manguinhos e como docente do ensino superior, onde interagiu com a elite; no exercício da pediatria e nas funções desempenhadas no Ministério da Agricultura, onde convivia não apenas com outros homens de ciência, mas também com a miséria e com aquilo que qualificava de “ignorância”.

Contudo, na mesma medida em que se dá ênfase aos usos diversificados e criativos – a diversidade -, deve-se ter em consideração também a procura pelo semelhante, pelo consenso. Mesmo daquele que se observava nos terrenos de desacordo, conforme expressão de Pierre Bourdieu, segundo o qual: “Embora os homens cultivados de uma determinada época possam discordar a respeito das questões que discutem, pelo menos estão de acordo para discutir certas questões. É sobretudo através das ‘problemáticas obrigatórias’ nas quais e pelas quais um

pensador reflete que ele passa a pertencer à sua época podendo-se situá-lo e datá-lo” (BOURDIEU, 1998a, p. 207).

Na perspectiva de Vasconcellos, mas também na de muitos outros agentes do período, problemáticas tais como a eugenia, o higienismo e o racismo eram problemáticas obrigatórias. O problema do aperfeiçoamento racial, esteve presente, e com muita força, na pauta da intelectualidade do período. Vasconcellos não foi exceção. Se não repetiu exatamente a mesma ladainha de outros defensores da eugenia, não pôs em dúvida, é certo, sua pertinência.

Bourdieu se esforçou ainda no sentido de demonstrar o equívoco das teorias que pressupõem “que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto” (BOURDIEU, 1996b, p. 74).

Este sociólogo nega, assim, a existência de uma linha de continuidade da infância – quando o talento ou a vocação começariam a despertar -, até a idade adulta, quando finalmente alcançariam seu pleno desabrochar. Critica desta maneira as proposições presentes em estudos que sugerem a unidade, a continuidade dos agentes, em diferentes espaços, momentos e situações.

Assim, Bourdieu propõe a noção de trajetória, enfatizando ser indispensável pensar o contexto por intermédio da pluralidade de posições ocupadas por um agente em um espaço em devir e sempre passível de transformações (Ibid., p. 71-72). A partir daí, torna-se possível observar o acúmulo e o emprego dos capitais de relações sociais de interconhecimento e interreconhecimento, ou capital social (BOURDIEU, 1980, p. 2), bem como dos capitais culturais. Sejam estes últimos incorporados na forma de disposições duráveis do organismo, na forma de bens

culturais materiais, e/ou no estado institucionalizado, por exemplo, como títulos escolares (BOURDIEU, 1998b, p. 134).

No caso de Vasconcellos, sua trajetória foi construída acompanhando-se seu trânsito e atuação em diferentes espaços sociais – no lar, na escola, na vida profissional, científica -, nos quais, além acumular e empregar aqueles capitais, se entende que o agente esteve em contato com práticas e representações, com saberes, crenças e valores que foram por ele apreendidos e reelaborados, em meio a relações tecidas com outros indivíduos, grupos e instituições. Constatou-se assim que a eugenia passou a cumprir, em determinado momento de sua trajetória, um papel extremamente singular.

Retornando à Chartier, temos que:

[são] os esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (CHARTIER, 1990, p. 17)

Por isso, ao se pensar a forma como Vasconcellos realizou a apropriação da eugenia e de outras teorias sobre a sociedade, ao lado da noção de apropriação, também as de trajetória e de capital social e cultural ganharam destaque. Isso por considerar-se que o processo de apropriação dos agentes tem lugar no trânsito e, mais que isso, na vivência entre diferentes espaços sociais, tecendo relações com outros atores sociais, grupos e instituições, apreendendo determinados princípios,

saberes, valores e esquemas de percepção e, além disso, jogando com interesses específicos, desempenhando funções peculiares.

FONTES

O levantamento de fontes primárias direcionou-se em dois sentidos: 1) documentos diretamente relacionados a Vasconcellos; e 2) documentos que auxiliaram na percepção de questões que se impunham aos médicos, intelectuais e outros agentes do período. Ou seja, relativos às suas problemáticas obrigatórias.⁴

A partir da necessidade de não descuidar da diversidade de interesses de Aleixo de Vasconcellos, buscou-se cobrir, da melhor maneira possível, os vários domínios e espaços sociais nos quais atuou. O resultado desse esforço foi a reunião de mais de 100 trabalhos arrolados como “produção intelectual” e que consistiu em teses, artigos científicos, capítulos de livros, anais de eventos, ensaios, discursos, apresentação de trabalhos em eventos científicos, uma peça de teatro e entrevistas concedidas a jornais. O que, contudo, não corresponde ainda à totalidade dos trabalhos por ele produzidos.

Parte desse material foi publicada. Encontrava-se dispersa por periódicos médicos – destaque-se o *Brazil-Medico* -, e outros periódicos, como a revista *Leite e Lacticínios*, criada por Vasconcelos; publicações do Ministério da Agricultura, tais como *Boletins*, *Anuários* e a *Revista de Veterinaria e Zootechnia* e suas sucessoras;

⁴ Entre outros: obras diversas de Renato Kehl e de Monteiro Lobato; periódicos e boletins médicos; anais de eventos médicos; legislação federal; jornais; boletins e relatórios de ministros de Estado; os livros *Higiene e Elementos de Medicina Legal*, de Afânio Peixoto (1938; 1914); *América Latina: Males de origem*, de Manoel Bomfim (1938); *Porque me ufano do meu país*, de Afonso Celso (1926); *História da literatura brasileira*, de Romero (1960); o *Formulario e Guia Medico*, de Chernoviz (1908).

anais de eventos médicos ou não;⁵ anais de agremiações médicas; jornais e revistas, entre outros.

Outras fontes levantadas consistiram na correspondência ativa e passiva de Vasconcellos, da qual pouco restou; as descrições de produtos de seus laboratórios; alguns folhetos de propaganda; documentos pessoais, algumas fotografias, recortes de jornais, entre outros.

Destaque-se, contudo, não apenas a escassez de fontes, como ainda de informações pontuais, tais como algumas datas, dados familiares, os quais, em boa parte, foram garimpados em meio a agradáveis contatos com seus familiares. Com especial destaque para Dona Sylvia Vasconcellos de Carvalho, filha de Aleixo de Vasconcellos, que lamentavelmente não poderá acompanhar a conclusão do trabalho. E também de suas netas, principalmente Teresa Vasconcellos de Carvalho, que se fez o tempo todo disponível e mediadora de novos contatos e informações, com uma dedicação e presteza admiráveis.

Aspecto lamentável nesse sentido é a inexistência de importantes fontes de informações tais como aquelas que poderiam ser levantadas a partir da consulta a sua biblioteca particular. Esta desapareceu por completo, o que dificultou o trabalho de detecção das suas referências intelectuais, uma vez que os trabalhos por ele escritos pouco esclarecem a esse respeito. As menções neles presentes, excetuando-se as constantes nas teses – todas de caráter técnico -, em geral indicavam nomes, como os de Louis Pasteur e Oswaldo Cruz. Mas raramente especificavam uma obra, um livro, um artigo.

⁵ Entre os anais de eventos que não congregaram exclusivamente agentes médicos, revelaram-se de particular importância os referentes à Primeira Conferência Nacional de Leite e Laticínios (1926), organizada e presidida por Vasconcellos.

Talvez mais grave ainda seja o descaso observado na centenária Sociedade Nacional de Agricultura – SNA. Registros deixados por Vasconcellos davam conta de ter lá depositado material referente à sua participação em eventos, tais como o Congresso Internacional de Febre Aftosa, de 1920, entre outros. Posteriormente, sua neta, Teresa de Vasconcellos, doou à instituição documentos que julgou de interesse da mesma, acreditando que lá se fariam úteis a maior número de pessoas. Infelizmente, não foi o que se deu, pois na SNA não restam sequer registros de todo esse material...

Outras instituições mostraram-se mais zelosas, contribuindo com importantes informações, não apenas relativas a Vasconcellos. Entre elas, a Academia Nacional de Medicina, a Biblioteca Nacional, o Instituto Oswaldo Cruz, o Arquivo Público, todos na cidade do Rio de Janeiro. Em Curitiba, o Museu de Medicina e a Biblioteca de Ciências da Saúde do Hospital de Clínicas⁶ revelaram-se duas instituições detentoras de muitas publicações médicas, livros e periódicos, através dos quais pode-se recuar ao século XIX. Outros acervos de grande valia foram ainda o Faris Michaelle, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, e a Casa da Memória, também em Ponta Grossa.

Diante das dificuldades para levantar informações sobre Aleixo de Vasconcellos, o procedimento adotado foi cruzar aquelas obtidas nas fontes primárias e nas entrevistas com familiares com outras presentes nos escassos dados biográficos publicados pelo eugenista Ciro Vieira da Cunha (1966), ou apresentados em discursos de Leonel Gonzaga (1936) e de Raymundo Moniz de

⁶ Trata-se do acervo da biblioteca conservado no 5º andar e do qual poucos pesquisadores têm conhecimento, embora guarde grande volume de periódicos e livros médicos, dificilmente disponíveis em outras instituições.

Aragão (In: FRAGA FILHO, ARAGÃO, 1964), bem como em breves verbetes de dicionários (VELHO SOBRINHO, 1937; RIBEIRO FILHO, 1965; GIFFONI, 1972).

Dona Lina Pianucci, viúva de Aleixo de Vasconcellos, revelou-se valiosa interlocutora nesse processo: as muitas notas e observações por ela registradas, quatro décadas atrás, na documentação disponibilizada ao biógrafo de seu esposo (CUNHA, 1966), voltaram agora a revelar sua importância!

Destaque-se ainda que, após fazer contatos com a família de Aleixo de Vasconcellos, esta optou por doar à COC/FIOCRUZ o material que atualmente compõe o *Fundo Aleixo de Vasconcellos* e que agora começa a ser disponibilizado para pesquisa. Sou especialmente agradecido ao grande amigo Dr. Ricardo Augusto dos Santos, por seu empenho em disponibilizar-me o conteúdo do mesmo, fonte de preciosas informações.

Seguem-se assim seis capítulos. Os dois primeiros tratam dos estudos de Aleixo de Vasconcellos. O Capítulo 1, mais informativo, atendendo ao objetivo de delinear aproximadamente o quadro sócio-cultural mais amplo no qual Vasconcellos se inseriu, trata de sua infância e primeiros estudos. O capítulo seguinte acompanha os tempos em que estudou e pesquisou na Faculdade de Medicina e no Instituto Oswaldo Cruz.

O Capítulo 3 trata dos tempos em que Vasconcellos trabalhou ao lado de homens de ciência como Fernandes Figueira e Afrânio Peixoto, dividindo ainda espaço com muitos outros destacados nomes do cenário científico e intelectual brasileiro. Em seguida, no Capítulo 4, é a ocasião de se acompanhar Vasconcellos nos momentos em que, além de dividir espaço com os homens de ciência, pode ainda conhecer um pouco mais a respeito da realidade da população miserável.

Seguem-se dois capítulos onde são desenvolvidas reflexões mais aprofundadas em torno da apropriação de Vasconcellos relativa à eugenia. O quinto capítulo reporta-se a outros espaços sociais nos quais o agente prosseguiu em contato com teorias, diagnósticos e projetos relativos ao homem e à sociedade. O capítulo final faz um paralelo entre suas percepções e as de Monteiro Lobato relativas ao brasileiro, representado este pelo Jeca Tatu.

Estes dois últimos capítulos são o corolário dos anteriores. Apresentam não apenas o homem de ciência no auge de sua carreira, mas também um momento particular, mas não de conclusão, do seu processo de apropriação, tendo em vista as muitas questões que se impuseram a médicos, intelectuais e homens de ciência brasileiros naquele período.

1 TEMPOS DE INFÂNCIA E PRIMEIROS ESTUDOS

O professor Aleixo de Vasconcellos era um brasileiro raro, discreto e culto, fino e de grande inteligência criadora. O seu desaparecimento deixa em silêncio um grande setor da inteligência brasileira.

Dante Costa¹

... sempre que se trata das Repúblicas latino-americanas, os doutores e publicistas da política mundial se limitam a lavrar sentenças – invariáveis e condenatórias. A ouvi-los, não há salvação possível para tais nacionalidades. É, esta, uma opinião profundamente, absolutamente arraigada no ânimo dos governos, sociólogos e economistas europeus. Como variantes a essas sentenças, eles se limitam a ditar, de tempos a tempos, uns tantos conselhos axiomáticos; mas os ditam da ponta dos lábios, no tom em que o mestre-escola repete ao aluno indisciplinado e relapso: ‘Se Você me ouvisse, se não fosse um malandro, faria isto e mais isto e isto...; mas Você não presta para nada!... Nunca fará nada! Nunca saberá nada! Nunca será nada!...’

Manoel Bomfim, 1903²

¹ Dante Costa (Apud CUNHA, 1966, p. 11).

² Manoel Bomfim (1938, p. 12-13). A primeira edição da obra é de 1903. Um autor à frente do seu tempo, por rejeitar as teses de superioridade racial do branco, Bomfim não obteve grande sucesso na sua época, atraindo, ao invés disso, duras críticas de autores como Sílvio Romero, entre outros agentes. Sobre Manoel Bomfim, consultar Renato Ortiz (1985, p. 22-27), Skidmore (1989, p. 130-135), Oliveira (1990).

1.1 ALEIXO DE VASCONCELLOS: “UM SÁBIO SEM RUÍDO”³ E APAGADO DA MEMÓRIA

Outubro de 2003. A diretoria da Sociedade Brasileira de Patologia Clínica e Medicina Laboratorial - SBPC/ML sente-se incomodada com um ponto de escuridão na sua história. Um dos seus sócios fundadores e segundo presidente, entre os anos de 1946 e 1947, não figura na galeria de retratos dos ex-presidentes daquela entidade.

A sensação que se observa é de desconforto: no periódico *on-line* intitulado *Patologia Clínica News* (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PATOLOGIA CLÍNICA, 2003, p. 22), disponibilizado pela entidade, ficou registrado mais que o sentimento de desarraigamento. Quem era aquele homem cujas feições se desconhecia? O que mais fizera ele, como reencontrar seus passos, por onde começar?

Começou-se pelo mais óbvio. Seu nome? Este era conhecido pelos registros da entidade. Tratava-se do Dr. Aleixo Nóbrega de Vasconcellos. Veio a seguir aquilo que na SBPC/ML foi denominado de “uma investigação digna de Sherlock Holmes” (Id.), o célebre detetive imortalizado por Sir Arthur Conan Doyle.

Trabalho este, porém, que resultou tão somente na obtenção de uma fotografia – a galeria estava finalmente preenchida!⁴ Achado este recolhido nas

³ Vasconcellos foi assim definido pelo escritor e médico João Marinho (cf. CUNHA, 1966, p. 65).

⁴ Na Sociedade de Patologia Clínica, Aleixo de Vasconcellos também exerceu as funções de secretário e tesoureiro (VASCONCELLOS, 1961a, f. 2). Eis a transcrição integral da nota publicada pelo *Patologia Clínica News* (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PATOLOGIA CLÍNICA, 2003, p. 22), que registra o episódio, e cujo título é *Imagem recuperada*: “Até o final de outubro, a galeria de retratos dos ex-presidentes da SBPC/ML apresentava uma lacuna no local que deveria ser ocupado pela foto do dr. Aleixo Nóbrega de Vasconcellos, que presidiu a Sociedade em 1946 e 1947. Depois de uma investigação digna de Sherlock Holmes, o assessor médico da SBPC/ML, dr. Manoel Serrão, encontrou uma biografia

páginas dos *Anais* da centenária e prestigiada Academia Nacional de Medicina, da qual Vasconcellos também foi membro.

Conforme se acompanhará nas páginas seguintes, embora tenha gozado prestígio e projeção, particularmente no correr das décadas de 1910 e 1920 (STANCIK, 2002a; 2003a; 2003d; 2005b), mas também nos anos subseqüentes, seu nome encontra-se atualmente quase que completamente esquecido. Muito provavelmente em razão de, a partir de meados da década de 1930, ter-se afastado da direção da Seção de Leite, à frente da qual permaneceu por mais de uma década, e, com isso, se dedicado mais à clínica médica.

Portanto, para melhor situá-lo no contexto em que se pretende analisá-lo, a meta do presente capítulo é acompanhá-lo até as vésperas de seu ingresso na faculdade de medicina. Entende-se que a reconstituição de suas origens familiares e sociais é de grande interesse uma vez que possibilita levantar elementos para se estabelecer os capitais sociais e culturais por ele adquiridos e com isso ter-se uma idéia aproximada da posição social por ele ocupada.

Bourdieu (1998b, p. 134-135) defende que:

A posição de um determinado agente no espaço social pode assim ser definida pela posição que ele ocupa nos diferentes campos, quer dizer, na distribuição dos poderes que atuam em cada um deles, seja, sobretudo, o capital econômico – nas suas diferentes espécies –, o capital cultural e o capital social e também o capital

resumida do médico – com foto! – nos anais da Academia Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro. O dr. Aleixo é um personagem importante na história da SBPC/ML porque foi um dos sócios fundadores e o segundo presidente da Sociedade.

Desde que foi criada a galeria de retratos de ex-presidentes, todas as tentativas de encontrar uma foto do dr. Aleixo foram infrutíferas. 'Não se conseguiu estabelecer contato com qualquer remanescente de sua família ou colegas contemporâneos da Faculdade de Medicina, no Rio de Janeiro, onde ele se formou', explicou o dr. Serrão. Sua pesquisa incluiu os arquivos da Biblioteca Nacional, Fiocruz, UFRJ, UFPR e muitas horas na internet.

'A foto do dr. Aleixo de Vasconcellos faz parte do trabalho de recuperar a memória visual da SBPC/ML e a história da instituição', disse o presidente dr. Armando Fonseca."

simbólico, geralmente chamado prestígio, reputação, fama, etc. que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital.

Enfatize-se, por isso mesmo, que essa trajetória de Vasconcellos é pensada a partir de elementos que pouco podem informar em relação à sua vida íntima, aos espaços privados seus e de sua família, uma vez que foi dada ênfase aos universos sociais públicos e que comportam concorrências e lutas pelo prestígio social e cultural.

Portanto, não se trata de buscar aspectos e detalhes relativos à sua vida privada, ou de sua família, mas sim de melhor perceber sua inserção, suas vivências, as experiências coletivas que, afetando a sociedade brasileira na passagem do século XIX para o XX, também se lhe apresentaram.

1.2 SEUS PAIS NOS TEMPOS MONÁRQUICOS: ESCRAVIDÃO, RACISMO, POSITIVISMO

1.2.1 Em Penedo, às voltas com os escravos

Aleixo Nóbrega de Vasconcellos nasceu na cidade do Rio de Janeiro, então Corte Imperial, no dia 05 de setembro de 1885.⁵ Na época, além de sede da administração monárquica, a cidade era o grande centro urbano e cultural brasileiro. Concentrava assim parte significativa dos investimentos em transportes, iluminação, embelezamento da cidade (FAUSTO, 2001, p. 135). Seu pai, Aureliano Nóbrega de

⁵ O ano de 1885 aqui adotado é aquele que Aleixo de Vasconcellos registrava em documentos como correspondente ao de seu nascimento. Essa informação diverge daquelas fornecidas por Ciro V. Cunha (1966, p. 17) e por Velho Sobrinho (1937, p. 177). O primeiro aponta para 1884, enquanto o último afirma ser 1886, data também adotada em Stancik (2002a).

Vasconcellos, era filho de um senhor de engenho, proprietário de escravos na cidade de Penedo, no sul do Estado de Alagoas.

Segundo relatos de seus descendentes,⁶ Aureliano teve três irmãos: Manoel Joaquim Nóbrega de Vasconcellos e Amarílio Nóbrega de Vasconcellos, conhecido como “Joca” na esfera familiar (CARVALHO, 2004). O terceiro era seu irmão gêmeo e faleceu ainda muito jovem, vitimado pela vingança de uma escrava, segundo ficou registrado na memória da família.

Maria Teresa Vasconcellos de Carvalho (2005), apoiada nas lembranças guardadas pela família, relatou o seguinte episódio: a mãe de Aureliano verificava de uma forma peculiar a limpeza em que se encontrava sua residência, tarefa deixada a cargo de suas escravas. Calçava ela um par de luvas brancas, com as quais descia as escadarias, deixando correr as mãos pelo corrimão. Caso as luvas revelassem qualquer descuido das escravas, eram elas castigadas, recorrendo-se até mesmo ao açoite.

Esse procedimento teria levado uma das escravas ao desejo de vingar-se, o que fez amarrando os gêmeos sobre um formigueiro. Somente Aureliano teria sobrevivido. Quanto ao destino da escrava, pode-se supor que não tenha sido melhor que aquele encontrado pelo irmão de Aureliano...⁷

Do episódio, restaram apenas lembranças, legadas pelo “ouvi contar na minha infância”. De qualquer maneira, ele revela algo que parece ter ficado gravado

⁶ Parte significativa da biografia de Aleixo de Vasconcellos foi construída com o valioso auxílio de sua filha mais jovem, Dona Sylvia Vasconcellos de Carvalho (2004), falecida ao final de 2005, e de sua neta Maria Teresa Vasconcellos de Carvalho (2005), filha de Dona Sylvia.

⁷ Maria Teresa Vasconcellos recorda-se de ter ouvido esse relato por diversas vezes na sua infância. Ele lhe foi transmitido por Marina São Paulo de Vasconcellos, filha mais velha de Aleixo de Vasconcellos, professora catedrática de Antropologia na Faculdade Nacional de Filosofia, posteriormente, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

nas entrelinhas do relato: a brutal desigualdade entre os dois extremos, constituídos pelo senhor e pelos seus escravos, e a violência que permeava suas relações no seio da família alagoana dos Nóbrega de Vasconcellos de meados do século XIX. O que não constituía uma exceção, naquele período.

Submetidos à escravidão, os negros experimentavam uma realidade dura e cruel, cujas marcas a sociedade dos dias atuais ainda mal consegue disfarçar: o racismo em relação aos negros e mulatos guarda estreitas relações com a escravidão dos tempos da Colônia e do Império. E foi acentuado ainda mais pela racionalidade dos cientistas que direcionaram sua atenção para o “outro”, autores que, no século XIX, naturalizaram as diferenças sócio-culturais e hierarquizaram as raças.

1.2.2 Aureliano Nóbrega de Vasconcellos: engenharia, modernização, civilização, evolucionismo

Ao final da década de 1870, ainda jovem, Aureliano de Vasconcellos deixou o Estado de Alagoas. Por motivos não esclarecidos, não seguiu os passos do pai. Abandonou a vida rural, optando por fixar residência no Rio de Janeiro. Na Corte Imperial, já no início da década de 1880, formou-se engenheiro geógrafo pela recém-criada Escola Politécnica, berço de então dos engenheiros formados no Brasil (CUNHA, 1966, p. 17; CARVALHO, 2004).⁸

⁸ No ano de 1858, a Escola Militar, antes Academia Real Militar, foi reorganizada com a denominação de Escola Central, instituindo-se um curso de engenharia civil. Em 1874, a Escola Central foi transformada na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, dando-se assim a separação entre o ensino militar e o ensino civil de engenharia. Nesta, oferecia-se formação para engenheiros civis, engenheiros de minas, engenheiros geógrafos e engenheiros industriais (HERSCHMANN, KROPF, NUNES, 1996, p.76).

A partir de meados do século XIX, observou-se uma elevação no número de habitantes dos centros urbanos da região sudeste, fenômeno este que, diferente do caso europeu, não estava associado ao da industrialização. Afinal, o processo de consolidação do Estado Imperial não havia alterado as estruturas econômicas agrário-exportadoras, uma vez que estas permaneciam baseadas na produção agrária para exportação, no latifúndio, na escravidão e na extrema dependência em relação ao mercado internacional.

Mesmo assim, o período que vai das décadas finais do século XIX até o começo dos anos 1920 é marcado, no Brasil, por transformações sociais e políticas. Momento em que começou a ter lugar a emergência de uma sociedade de características urbano-industriais. Um dos aspectos dessas mudanças era a ânsia manifestada por alguns segmentos da elite de apagar todo e qualquer traço da sociedade rural e colonial.

Em certa medida, esse crescimento, observado em cidades como o Rio de Janeiro, pode ser explicado pela decadência da cultura açucareira e algodoeira nordestinas, ao mesmo tempo em que a cafeicultura se expandia mais para o sul – inicialmente no Vale do Paraíba e, nas décadas finais do século XIX, no Oeste Paulista -, atraindo grandes contingentes populacionais (SCHUELER, 1999). A mudança de Aureliano de Penedo para a Corte ocorreu nesse contexto, tendo ele permanecido pelo resto de sua vida no Rio de Janeiro.

É importante frisar o espírito em que se inseria a formação de engenheiros naquele contexto. Esse espírito, em certa medida, exerceu influência, anos mais tarde, na formação de Aleixo de Vasconcellos. De um lado, a criação da Escola Politécnica refletia o crescente prestígio gozado por aqueles profissionais, no seio de

um discurso técnico favorável à “modernização”,⁹ a qual deveria ser acompanhada pelo “progresso”. Modernização e progresso, isto é, a busca por ambos, na forma como eram percebidos por aqueles agentes, constituíram ideais que também vieram a permear as preocupações de Aleixo de Vasconcellos, décadas após.

Um primeiro momento de afirmação dos engenheiros teve lugar com a implantação das primeiras ferrovias: em 1854, foi inaugurada a primeira estrada de ferro brasileira, entre Porto Mauá, na Baía de Guanabara, e Raiz da Serra, em Petrópolis. Em seguida, veio a Estrada de Ferro D. Pedro II, posteriormente denominada Central do Brasil.

As maiores iniciativas de construção de estradas de ferro provavelmente ligavam-se à necessidade de melhorar as condições de transporte das principais mercadorias de exportação para os portos mais importantes do país. Elas apareciam como uma alternativa aos caminhos precários e das cargas em lombo de burro, uma vez que estas encareciam custos e dificultavam um fluxo mais intenso dos produtos (FAUSTO, 2001, p. 109).

Da mesma forma, a intervenção dos engenheiros nos centros urbanos,¹⁰ particularmente no Rio de Janeiro, mas também em Salvador e em Recife, teve especial importância. De um lado, na ampliação dos seus espaços de atuação, de outro, na sua constituição como intelectuais, agentes que afirmavam estar empreendendo esforços para se colocarem a serviço da modernidade e do

⁹ Sobre as noções de “moderno”, “modernidade”, “modernização” na sociedade ocidental, consultar Le Goff (1984). Para o caso brasileiro, consultar Herschmann & Pereira (1994, p. 14-21).

¹⁰ Mencionam-se os espaços urbanos uma vez que, no transcorrer do século XIX, idéias como as de “progresso”, “civilização”, “modernidade” passaram a se mostrar estreitamente associadas a estes. Naquele mesmo processo, por sua vez, o rural, o campo, passou, de forma progressiva, a ser considerado sinônimo de “atraso”, “tradição”, “conservadorismo”. Ou seja, tendeu a ser visto como uma força contrária à modernização e à civilização.

progresso. Agentes portadores de conhecimentos os quais tentavam evidenciar como plenos de enorme potencial para trazer respostas às necessidades do meio social, apontando os rumos corretos para o seu desenvolvimento.

Segundo a lógica de tal perspectiva, caberia aos engenheiros uma função ordenadora da sociedade, sob o respaldo de um saber técnico-científico do qual seriam dotados e que seria capaz de auxiliá-los na descoberta e na compreensão da “verdade”. Condição esta que os tornaria distintos do restante da população, que faria deles membros de uma elite apta e destinada a ditar-lhes os rumos a serem seguidos.

Revelava-se desta forma sua inspiração positivista comtiana, constituindo-se o Brasil o país em que a doutrina de Auguste Comte, falecido em 1857, veio a encontrar um dos mais favoráveis ambientes para exercer sua influência filosófica, científica, política e religiosa (SOARES, 1998, p. 145).

Seu pensamento inseria-se nas perspectivas científicas e evolucionistas e no espírito de crença no progresso, tão característicos da Europa e tão bem aceitos no Brasil do século XIX. Nem mesmo na França, país de origem de Comte, sua receptividade foi tão intensa quanto aquela que obteve no Brasil.

A euforia com os sucessos que a ciência vinha alcançando, aliada ao desejo de liberdade em relação à religião e à metafísica, trouxeram a procura pelo “exato” conhecimento da sociedade, por intermédio dos métodos das ciências experimentais.

No Brasil, muitos agentes interessaram-se vivamente pelas idéias de Comte, por vezes combinando-as e/ou conciliando-as a outros autores de viés

evolucionista/positivista, tais como Herbert Spencer, Charles Darwin, ou profundamente racistas, como o conde Arthur de Gobineau.

A partir da década de 1870, perspectivas tais como o evolucionismo e o darwinismo social encontraram espaço e aceitação, pautando boa parte das análises então produzidas a respeito da realidade econômico-social do país. A noção de evolução social adquiriu assim particular importância no cenário intelectual brasileiro, em meio a um ambiente cientificista, racista, determinista, sob a inspiração de autores europeus.

Segundo Dante Moreira Leite (1969, p. 183):

De modo geral, e apesar das diferenças acaso existentes entre eles, esses autores eram evolucionistas, isto é, aceitavam uma evolução linear da história humana, cujo ponto final seria a sociedade européia do século XIX. Pelo menos a partir de Darwin, pensa-se que essa evolução resulta da luta pela vida, onde os mais fortes vencem os mais fracos, transmitindo aos seus descendentes essa maior adaptabilidade ao ambiente. Disso decorre que a história humana pode ser explicada através de critérios físicos ou biológicos: o meio e a raça. Como se acredita na transmissão de caracteres adquiridos, o meio imprime caracteres que são, depois, transmitidos aos descendentes. (...) essa teoria não só explicava o predomínio da raça branca – que alguns autores denominavam ariana – mas também justificaria as suas futuras conquistas, como raça mais capaz e adaptada. Se o Brasil era evidentemente composto de raças então consideradas inferiores, seria necessário considerar que o país estaria irremediavelmente condenado a ser dominado por raças superiores.

Segundo o viés evolucionista e cientificista desenvolvido por Auguste Comte, a sociedade passaria obrigatoriamente por três estados, constituindo esta “uma grande lei fundamental do desenvolvimento do espírito humano” (COMTE, 1996, p. 23): o teológico, o metafísico e, por fim, o positivo.

Nos dois primeiros, o teológico, espécie de “infância” da humanidade, e no metafísico, sua “juventude”, o homem buscaria os conhecimentos absolutos, percebendo-os, no primeiro caso, associados a agentes sobrenaturais mais ou menos numerosos e, no segundo, atribuindo-os a forças abstratas. Por fim, no estado positivo, o homem deixaria de buscar pela origem e destino do universo, esforçando-se por descobrir, mediante o uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas (Ibid., p. 22).

Três idéias fundamentais caracterizaram a perspectiva positivista: 1) a sociedade humana seria regulada por leis invariáveis e independentes da vontade e da ação humana. Leis estas do mesmo tipo que aquelas que regulariam a natureza; 2) por isso, os métodos e os procedimentos destinados ao conhecimento da sociedade deveriam ser idênticos aos empregados para o estudo da natureza; 3) tal qual o físico, o químico, o astrônomo, também o cientista social deveria estudar a sociedade de forma neutra, objetiva, livre de juízos de valor, ideologias, visões de mundo (LOWY, 1985, p. 35-36).

No entanto, a doutrina de Comte não foi, como não poderia ter sido, adotada e seguida no Brasil na forma de uma leitura fiel e exata, nem, tampouco, unívoca: Benjamin Constant, Luiz Pereira Barreto, Teixeira Mendes e Miguel Lemos foram alguns de seus mais importantes adeptos e divulgadores, embora sob perspectivas não totalmente concordantes. Tendo exercido grande influência sobre o movimento republicano, sua aceitação decaiu, no Brasil, nos tempos da Grande Guerra de 1914-1918.

A partir da segunda metade do século XIX o pensamento comtiano difundiu-se pelos mais importantes e prestigiados estabelecimentos de ensino do país. Entre

eles, a Escola Militar, a Escola da Marinha, a Escola Politécnica, o Colégio D. Pedro II, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. As duas últimas, instituições onde Vasconcellos obteve sua formação.

No caso da Escola Politécnica e dos engenheiros formados no século XIX, a imagem do engenheiro como “um homem de ação”, propõe Simone Kropf (In: HERSCHMANN, KROPF, NUNES, 1996, p. 82), é uma imagem enfaticamente realçada no discurso pelo qual é reivindicada sua posição enquanto intelectual engajado na construção do Brasil como uma nação moderna. Esclarece ainda a autora:

Afirmando-se como portadores de um saber supostamente objetivo e demonstrável em seus encadeamentos, capaz de desvendar os princípios que regem não só o mundo da natureza mas também o mundo da sociedade – e portanto infalível no sentido de apontar os caminhos seguros para o provimento das necessidades humanas -, os engenheiros construíam sua identidade em oposição ao que, segundo eles, apresentava-se como o condenável predomínio de uma cultura fundada na valorização da retórica e do saber livresco, em detrimento da observação criteriosa das condições concretas da realidade social. (Ibid., p. 80)

Neste sentido, tendo em comum a intenção de intervir diretamente nos destinos da nação e de assumir os cargos e funções dirigentes da vida pública, médicos, engenheiros e educadores pleiteavam a condição de portadores da vocação e da missão de regenerar o país (HERSCHMANN; KROPF; NUNES, 1996, p. 8).

Contudo, conforme já observado, não era apenas com as teorias comtianas que os pensadores brasileiros se ocuparam na segunda metade do século XIX. No período, percebe-se que as elites revelam-se preocupadas em dar respostas aos

alertas feitos por homens como o conde francês Arthur de Gobineau,¹¹ o qual, tendo vivido no Brasil entre 1869 e 1870, foi amigo do Imperador D. Pedro II. Mais que isso, constituiu-se numa das figuras centrais do racismo no século XIX, publicando obras como o *Essai Sur L'Inégalité des Races Humaines* (*Ensaio Sobre a Desigualdade das Raças Humanas*), datado de 1853.

Gobineau, naturalizando as diferenças, era um pensador racista, dotado de uma visão extremamente negativa e pessimista quanto ao futuro do Brasil. Não se encontrava isolado, contudo, uma vez que, por volta de 1860, conforme indica Skidmore (1989, p. 65), “as teorias racistas tinham obtido o beneplácito da ciência e plena aceitação por parte dos líderes políticos e culturais dos Estados Unidos e da Europa.”¹² Léon Poliakov (1974, p. 207) esclarece que explicar as sociedades em termos raciais era uma forma de substituir a interpretação teológica por uma interpretação científica, ou substituir a Providência pela fisiologia.

Segundo afirmava Gobineau, o Brasil não poderia jamais alcançar o progresso, a civilização, que ele dizia observar, por exemplo, na Europa. Isso por ser um país onde se dera uma extrema mistura de raças. Era comum entre esses autores racistas afirmações segundo as quais a mistura racial observada no Brasil não teria precedentes, não teria jamais se operado em tal escala em outra parte do mundo.

Algumas raças eram por ele apontadas como “inferiores” – os negros, em especial. Outras, ditas “superiores”, eram representadas pelos europeus “arianos”.

¹¹ Sobre o pensamento de Gobineau, consultar Léon Poliakov (1974, p. 217-221). Sobre suas percepções relativas ao Brasil e sua população, ver Raeders (1997), Leite (1969).

¹² Aqui, trata-se da segunda metade do século XIX. No entanto, essa perspectiva racista teria uma sobrevida, estando presente, embora matizada, reelaborada, por vezes disfarçada, século XX adentro (SKIDMORE, 1989; SCHWARCZ, 1993).

Na sua versão, a raça ariana seria superior física, intelectual, moral e culturalmente em relação a todas as demais raças. Seria aquela que mais longe teria chegado na escala de civilização. No entanto, corria o risco de “degenerar-se” pelo cruzamento com outras raças, ditas “inferiores”. Uma população naquelas condições manteria o país afastado da civilização. Em síntese, é esta a base da crença na pureza racial dos arianos, ou arianismo, que encontrou em Gobineau um de seus mais importantes teóricos do século XIX.

No Brasil, uma rara exceção por ele indicada era o imperador. Segundo Gobineau, Pedro II seria “o príncipe mais inteligente e erudito” entre todos (Apud RAEDERS, 1997, p.18). Entretanto, dizia haver um gritante contraste entre o imperador, por ele qualificado como um representante da raça ariana, e o restante da população brasileira. Nas palavras de Gobineau, segundo registradas por Georges Raeders (Ibid., p. 39):

Se o imperador é um ariano puro, ou quase, os brasileiros, ao contrário, não passam de mulatos da mais baixa categoria: “Uma população toda mulata, com sangue viciado, espírito viciado e feia de meter medo...”. E vai mais longe: “Nenhum brasileiro é de sangue puro; as combinações dos casamentos entre brancos, indígenas e negros multiplicaram-se a tal ponto que os matizes da carnção são inúmeros, e tudo isso produziu, nas classes baixas e nas altas, uma degenerescência do mais triste aspecto”.

Outra passagem em relação aos brasileiros revela uma vez mais o seu desprezo, o qual nunca se esforçou para ocultar:

É preciso reconhecer que a maioria dos que chamamos de brasileiros compõe-se de sangue mestiço, sendo mulatos e filhos de caboclos de graus distintos. Eles estão em todos os escalões sociais. O sr. Barão de Cotegipe, atual ministro das Relações Exteriores, é mulato; no Senado há homens dessa categoria; em uma

palavra, quem diz brasileiro diz, com raras exceções, homem de cor. Sem entrar no mérito das qualidades físicas ou morais destas variedades, é impossível desconhecer que elas não são laboriosas, ativas ou fecundas. (Ibid., p. 53-54)

Essa degenerescência,¹³ além de produzir exemplares inferiores da espécie humana, conduziria, num caso extremo, à esterilidade. Isso explica sua preocupação ao constatar que mulatos¹⁴ e pessoas de cor ocupavam destacados cargos na vida política e social. Para Gobineau, o destino de um país nessas condições não poderia, em hipótese alguma, estar na civilização e no progresso.

Assim procedendo, “Gobineau não fez senão sistematizar, de forma muito pessoal, concepções já fortemente enraizadas na época; o que trazia de novo era sobretudo a conclusão pessimista, o dobre fúnebre da civilização” (POLIAKOV, 1974, p. 217).

Pertencente à nobreza francesa decadente, Gobineau, ao mesmo tempo em que se esforçava para demonstrar a superioridade de sua linhagem, divulgava argumentos com os quais auxiliava a justificar o domínio imperialista do branco sobre os demais povos. Sendo estes últimos exemplares de raças ditas inferiores e incapazes de criar uma civilização, tal qual teriam feito as raças superiores, pregavam os racistas, aos grupos humanos biológica e naturalmente inferiores restava a submissão.

Na proposição de Roberto Ventura (1991, p. 60):

¹³ No caso específico do negro escravizado no Brasil, constata-se que não apenas sua miscigenação com outras raças poderia ser apontada como fator de degeneração. Um exemplo bastante original recentemente destacado por Isabel Stancik (2002) é Francisco Maria Bordalo, literato português, o qual propôs em 1854 que a instituição escravista constituía um fator de degeneração do negro que a ela fosse submetido, revelando uma percepção extremamente singular daquela questão.

¹⁴ Mulato é termo derivado de mulo ou mula, animal que resulta do cruzamento entre o cavalo e o asno e que é incapaz de se reproduzir. Dadas as evidências contrárias a essa proposição de que o mulato estava destinado à esterilidade, encontrou ela poucos adeptos no Brasil (SKIDMORE, 1989, p. 71-72).

... os sistemas de pensamento europeus foram integrados de forma crítica e seletiva, segundo interesses políticos e culturais das camadas letradas, preocupadas em articular os ideários estrangeiros à realidade local. O racismo científico assumiu uma função interna, não coincidente com os interesses imperialistas, e se transformou em instrumento conservador e autoritário de definição da identidade social da classe senhorial e dos grupos dirigentes, perante uma população considerada étnica e culturalmente inferior. As concepções racistas se tornaram parte da identidade das elites em uma sociedade hierarquizada e estamental, com grande participação de escravos, libertos e imigrantes no trabalho produtivo.

Por isso mesmo, redefinido e adaptado às condições, necessidades, interesses e possibilidades locais, o racismo científico se tornou moeda corrente no debate político e cultural brasileiro, ao chegar-se ao último quartel do século XIX.

1.2.3 Dona Chiquinha: professora e esposa de engenheiro

Após concluído o curso, por volta do ano de 1884, Aureliano Nóbrega de Vasconcellos casou-se com Francisca Ramos de Vasconcellos, a qual tornou-se conhecida no círculo familiar como “Dona Chiquinha”. Ela era natural da cidade do Rio de Janeiro e exercia a profissão de professora do ensino primário.

Segundo Sra. Sylvia Vasconcellos de Carvalho (2004), Dona Chiquinha lecionava em casa e em escolas. Entretanto, ainda não foi possível confirmar sua vinculação a nenhuma delas, tampouco precisar o período em que isso se deu.

Foi a partir do início da década de 1870 que as mulheres passaram a ser aceitas nos cursos de formação para o magistério. O primeiro recenseamento geral realizado no Brasil, em 1872, indicava que a esmagadora maioria das mulheres estava ocupada nos serviços domésticos. Mulheres atuando em profissões – entre

outras, a de professora, parteira e artista – existiam em pequeno número (SAMARA, 1993, p. 57).

Segundo Freire (1989, p. 103), a mulher educava, em casa, seus filhos e, na escola, seus alunos. Nesses papéis, perpetuava concepções que defendiam a inferioridade da mulher em relação ao homem, bem como a pequena valorização do seu trabalho e a grande valorização do trabalho masculino.

Naquele contexto, constata-se que o casal Vasconcellos distinguia-se pelo seu grau de instrução em relação à média da população. Faziam eles parte de uma minoria de letrados contraposta a uma multidão de analfabetos.¹⁵

Mas também distinguiam-se em mais um aspecto. Dona Chiquinha trabalhava fora do lar, indo mais além daquele que era então reconhecido como um dos poucos espaços reservados ao sexo feminino, no interior da sociedade patriarcal.

Nela, a mulher dispunha de um horizonte geralmente estreito – embora, por vezes, extrapolado. Sua atuação social tendia a se resumir, prioritariamente, à presença nas missas dominicais e ao papel de boa anfitriã, nos salões, em se tratando daquelas pertencentes à elite social. Momento este em que encontrava ocasião para evidenciar seus dotes musicais e fina educação. Sem direito a voto ou participação política, sobravam à mulher os papéis de mãe e educadora, suas principais tarefas na sociedade patriarcal.

¹⁵ Considerando-se o recenseamento geral de 1872, o primeiro realizado no Brasil, tendo como base territorial as paróquias – uma divisão eclesiástica e não civil -, tem-se que, de uma população total próxima dos nove milhões de habitantes, mais de sete milhões (82,3%) eram analfabetos. Entre a população feminina, o analfabetismo subia para 86% e entre os negros escravos, o analfabetismo atingia 99,9% (FAUSTO, 2001, p. 134). O censo seguinte, datado de 1890, mantinha um percentual total de analfabetos bastante semelhante ao acusado pelo de 1872 (FERRARO, 2002, p. 27,34).

Foi nesse contexto que nasceu Aleixo Nóbrega de Vasconcellos. Seu pai, Aureliano, no entanto, veio a conhecer seu primeiro filho somente em 1887, quando ele já contava quase dois anos de idade. Logo no início da gravidez de sua esposa, o engenheiro e futuro pai ausentou-se a serviço. Então tomou parte na demarcação das linhas telegráficas pelo interior das Províncias de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

O momento em que Vasconcellos nasceu corresponde ao período de inovações comentado na seção anterior. Segundo Lilia M. Schwarcz (1993, p. 27), os anos 70 do século XIX constituem um marco e muitos pensadores viram neles uma década de inovações. Algo assim como o começo de uma nova era. Uma era a partir da qual se contestaria com mais força heranças como a escravidão, a monarquia, o catolicismo, o romantismo.

Resultado dessas transformações, é que tudo parecia novo, tanto na política, quanto na religião, na literatura, nas teorias científicas, no regime de trabalho.

Naquele contexto em que os engenheiros cumpriam destacado papel na missão de levar o país à modernidade e ao progresso, Aureliano foi, portanto, um dos agentes que tomaram parte no “momento áureo da expansão da rede telegráfica sob o Império” (MACIEL, 2001, p. 132). Este teve lugar entre os anos de 1866 e 1886. No correr desses vinte anos, o Império construiu quase onze mil quilômetros de linhas telegráficas ligando 182 estações, chegando a dezenove mil quilômetros em 1889 (Id.).¹⁶

¹⁶ No entanto, segundo Maciel (2001, p. 133), duas das Províncias onde trabalhou Aureliano – as de Mato Grosso e de Goiás -, além da do Amazonas, encontravam-se ainda sem o serviço telegráfico quando da proclamação da República, em 1889.

Aureliano foi um dos agentes envolvidos naquele que era percebido como um trabalho em favor do maior contato do rei com a população e de uma maior coesão do amplo território nacional:

A eletricidade e o fio telegráfico eram pensados, então, como os meios modernos capazes de atar as províncias, costurá-las umas às outras, evitando dessa forma a desagregação do território.

No Império, o telégrafo elétrico impunha-se, cada vez mais, como um elemento técnico inestimável para a solução dos ‘magnos problemas da administração pública e da segurança nacional’, além de constituir um poderoso promotor do desenvolvimento material nas regiões atravessadas pelas linhas telegráficas. (...) Além de permitir a penetração do território e manter a integridade física do Império, o telégrafo deveria, ao mesmo tempo, tornar mais palpável e direto o contato do governo com os seus súditos, aumentando a presença simbólica do imperador, tornada mais eficaz através da difusão de suas palavras, suas ordens e seus atos para todos os recantos. (Ibid., p. 133)

O fato de médicos, engenheiros e educadores terem assumido aquela “missão”, rotulada de “civilizatória” e “modernizadora”, no contexto em que nasceu e viveu sua infância, deve ter apresentado um certo peso na formação de Aleixo de Vasconcellos.

A ponto de parecer quase inevitável estabelecer-se uma linha de continuidade, simples e direta, livre de contradições ou hesitações, do Aleixo dos tempos juvenis àquele dos anos 1910-1920, quando chegou a ser conhecido e reconhecimento como um homem de ciência.¹⁷ No entanto, não foi bem assim, uma vez que essa “missão civilizatória” não se impôs aos demais filhos do casal

¹⁷ Por tornar-se um homem de ciência entende-se, como se detalhará nos capítulos seguintes, produzir obras abrangentes e que extrapolam a formação profissional, tornando-se conhecido e reconhecido como detentor de soluções originais e supostamente viáveis para os problemas nacionais. Um esforço a mais, além daquele realizado para obter a formação profissional.

Aureliano e Chiquinha, irmãos mais novos de Aleixo de Vasconcellos. Estes seguiram rumos bastante distintos: seu irmão Paulo Nóbrega de Vasconcellos aposentou-se pelo Banco do Brasil, ao passo que suas irmãs Vera e Francisca Nóbrega de Vasconcellos tornaram-se professoras de música.

Por certo, na sua infância, em sua vida familiar, Aleixo de Vasconcellos adquiriu boa dose de capital cultural e social, na condição de filho de uma professora e de um engenheiro geógrafo, formado na Politécnica e depois encarregado de um papel tão enaltecido na modernização do país.

Num contexto de analfabetismo e no qual a mulher não havia ainda ingressado de forma mais acentuada no mercado de trabalho, seus pais incluíam-se entre uma minoria. Uma minoria capacitada a transmitir a seus filhos não apenas capital financeiro, mas proporcionar-lhes, pessoalmente, uma educação mais requintada. Condição esta que, no entanto, não era suficiente para, por si somente, criar um futuro homem de ciência.

1.2.4 Um menino conhecendo a sociedade carioca no final do século XIX

Percebe-se, portanto, que Vasconcellos viveu a infância no transcorrer de um período de grandes transformações na sociedade brasileira. Momentos que correspondem ao final do período monárquico e início da República no Brasil.

Percorrendo as ruas da cidade do Rio de Janeiro, conviveu com a presença de negros cuja liberdade fora recentemente conquistada, e cuja difícil incorporação à sociedade se dava muito lentamente, quase sempre apenas na pessoa de seus netos ou bisnetos (COSTA E SILVA, 2000, p. 19).

Desta maneira, presenciando os momentos iniciais da República, Vasconcellos esteve diante de uma realidade muito diversa daquela aguardada pelos detratores da Monarquia. Vivenciou períodos de crise. Foi contemporâneo de episódios como a Revolução Federalista¹⁸ e a depressão econômica decorrente da política do “encilhamento”.¹⁹ Com certeza, ainda jovem, também teve notícias sobre Canudos e Antônio Conselheiro – o “inimigo da República”, como foi chamado – e da morte de seus seguidores. Episódios estes ocorridos antes de iniciar-se o novo século.

Provavelmente ouviu falar nas garantias de igualdade trazidas pela nova Constituição e pela cidadania estendida a todos; no fim do voto censitário, isto é, condicionado à renda; no federalismo; na separação entre a Igreja e o Estado; na Constituição inspirada no modelo norte-americano. Conviveu, apesar disso, com o voto fora do alcance das mulheres, dos religiosos, analfabetos, mendigos e militares com patente inferior à de oficial.²⁰

¹⁸ Entre 1893 e 1895, desenrolou-se uma guerra civil cujo início deu-se por intermédio das disputas pelo poder no Rio Grande do Sul e que desembocou na tentativa de derrubar Floriano Peixoto da Presidência da República, contando com a adesão de forças da Marinha. Em Desterro, atual Florianópolis, foi instalado um governo revolucionário. Exércitos federalistas adentraram o território paranaense, encontrando dura resistência na cidade da Lapa. Aos poucos, as forças legalistas foram impondo derrotas aos rebelados, resultando num grande saldo de mortes, tanto nos combates quanto por intermédio de execuções por degola e fuzilamento.

¹⁹ O “encilhamento” foi a política financeira encabeçada por Ruy Barbosa e que teve por finalidade combater a “estagnação do latifúndio” e fazer avançar a modernização através do estímulo à industrialização. “A política do ‘encilhamento’ consistiu na substituição do lastro-ouro por títulos da dívida federal como base das emissões bancárias. Em consequência, as emissões bancárias foram estimuladas - e, paralelamente a isso, os empréstimos do exterior - como forma de estimular a criação de empresas industriais e comerciais. Essa política, entretanto, ao invés de ajudar o desenvolvimento nacional, acabou conduzindo à especulação e a uma descontrolada orgia financeira, visto que ela foi aplicada sem os devidos mecanismos de controle, os quais deveriam ser as naturais decorrências de um planejamento sistemático - que, todavia, não existiu” (LOPES, 1994, p. 25-26).

²⁰ Em estudo onde esclarece a inexpressividade do eleitorado nos tempos iniciais da República, José Murilo de Carvalho exemplifica que o primeiro Presidente da República

Diferente das promessas de igualdade e cidadania estendida a todos, observa-se que o período foi de intolerância, particularmente visível em relação às manifestações populares. Estas prosseguiriam na marginalidade, especialmente as de origem negra, e deram motivação a conflitos entre as elites “brancas” e os representantes das classes menos favorecidas, negros e mulatos, principalmente. Conforme esclarece Rachel Soihet (1998, p. 48):

Além da indesejável presença física dos populares, predominava a intolerância em relação às suas manifestações culturais, nas quais a marca negra prevalecia. Candomblé, capoeira, romarias religiosas, pandeiro, violão, cordões carnavalescos, sambas, entre outras formas de expressão cultural eram objeto de intensa repressão. Os populares, porém, não aceitavam passivamente tais imposições. Os inquéritos e processos criminais, as crônicas, as fotografias de Malta, os escritos de João do Rio e Lima Barreto, as músicas e as festas revelam uma história pouco conhecida de resistência desses segmentos.

O saber popular, suas visões de mundo e manifestações culturais eram percebidas e desqualificadas como sinônimos do atraso, do arcaico, tratados como inadmissíveis resquícios de um mundo que determinadas parcelas da elite desejavam ver extinto. Somente às elites, que se supunham sabiamente orientadas pela razão e pela ciência, corresponderiam os papéis de estabelecer o que seria bom ou ruim, certo ou errado, moderno ou arcaico, limpo ou sujo. E, por extensão, de conduzir a nação.

Além disso, Vasconcellos viu as classes mais pobres prosseguirem submetidas a uma situação de penúria e abandono, em contraste com um contexto de rápido crescimento urbano verificado no Distrito Federal. Contexto este que

eleito pelo voto direto foi Prudente de Moraes, em 1894, quando apenas 1,3% da população participou da votação (CARVALHO, 1997, p. 85)..

trouxe as multidões como uma grande novidade,²¹ e também como mais um fator agravante das condições de miséria, doenças e abandono entre as classes pobres.

Em relação à cidade do Rio de Janeiro, conforme José Murilo de Carvalho (1997, p. 16-17):

Em termos absolutos, tem-se que a população quase dobrou entre 1872 e 1890, passando de 266 mil a 522 mil. A cidade teve ainda de absorver uns 200 mil novos habitantes na última década do século. (...)

Domésticos, jornaleiros, trabalhadores em ocupações mal definidas chegavam a mais de 100 mil pessoas em 1890 e a mais de 200 mil em 1906 e viviam nas tênues fronteiras entre a legalidade e a ilegalidade, às vezes participando simultaneamente de ambas.

A adoção do trabalho assalariado e os conflitos da República que nascia fizeram daquele um período particularmente marcado por uma “batalha de símbolos e alegorias”, segundo o mesmo autor (CARVALHO, 1998, p. 10). Uma batalha mediante a qual pretendia-se construir a imagem do novo regime, convencendo a população em favor dos valores republicanos.

Em relação ao processo saúde-enfermidade, há que se enfatizar as difíceis condições enfrentadas pela população, tanto mais graves entre as classes pobres. Embora capital do país, ao iniciar-se o novo século, esclarece Thomas Skidmore (1989, p. 150), “o Rio era ainda a cidade apertada e cheia de gente que crescera durante o Império, ‘suja’, atrasada e ‘fedorenta’.” Realidade esta que ameaçava continuamente a saúde de todos. Tanto que, apontam Madel Luz et al. (1982, p. 71),

²¹ Entre 1890 e 1920, a cidade do Rio de Janeiro passou de 522.651 habitantes para 1.157.873. No ano de 1900, contava 811.443 habitantes (MORAES, 1994, p. 37; FAUSTO, 1997, p. 78). A população total do país passaria de 15,5 milhões em 1894 para 26,8 milhões em 1919, e 28,5 milhões em 1922.

“a República, quando proclamada, encontra uma vasta parcela da população doente ou em condições de contrair uma doença.”

A afirmação justifica-se pela ameaça constante então vivenciada diante de epidemias devastadoras e das doenças endêmicas, particularmente nas maiores cidades brasileiras. Eram enfermidades tais como cólera, varíola, febre tifóide, febre amarela, peste bubônica, tuberculose, malária, sífilis, disenteria e aquelas de origem parasitária.

Enquanto isso, no cenário médico e científico internacional, agentes como Robert Koch, Claude Bernard e Louis Pasteur produziam trabalhos que conduziram ao desenvolvimento da medicina amparada na ciência. Pasteur dava andamento aos seus trabalhos que fundamentaram a microbiologia, área de conhecimento que viria a ser abraçada por Aleixo de Vasconcellos. Combateu crenças segundo as quais os germes se originariam espontaneamente, conduziu agentes tais como vírus e bactérias para o centro da questão. A partir de Pasteur, justificava-se com argumentos científicos que se desse especial atenção ao combate aos meios de contágio, método que, demonstrando grande eficiência, veio a render-lhe notável credibilidade.

1.3 ALEIXO DE VASCONCELLOS, DO LAR PARA A ESCOLA

1.3.1 A instituição escolar: importante fator na organização do pensamento

Com a sua economia apoiada no emprego da mão de obra escrava até o ano de 1888, o Brasil revelava um baixo índice de urbanização, cujo percentual

estava em torno dos 10% da população. Então, uma exígua parcela desta ingressava no curso secundário, sendo ele procurado precisamente por aqueles que aspiravam, isto é, podiam aspirar, ao curso superior.

O interesse em acompanhar como se deram os estudos de um ator social explica-se em razão do relevante papel cumprido pela instituição escolar nas “sociedades escolarizadas”. Segundo Bourdieu (1998a, p. 205), “do mesmo modo que a religião nas sociedades primitivas, a cultura escolar propicia aos indivíduos um corpo comum de categorias de pensamento que tornam possível a comunicação.”

Em seguida, acrescenta o autor: “O que os indivíduos devem à escola é sobretudo um repertório de lugares-comuns, mas também terrenos de encontro e acordo, problemas comuns e maneiras comuns de abordar tais problemas comuns” (Ibid., p. 207). Encontra-se a instituição escolar, portanto, na base das questões que orientaram e organizaram o pensamento de uma época (Id.).

Trata-se, nas palavras de Roger Chartier, em referência explícita a Bourdieu, da incorporação do mundo social e mesmo da posição do indivíduo no interior deste mundo. “Esta incorporação cria os esquemas de percepção e de apreciação a partir dos quais os indivíduos pensam, atuam, julgam e classificam” (CHARTIER, 1999, p. 18). Papel este em grande parte cumprido pelas escolas na sociedade ocidental.

Antes, contudo, de ingressar em uma instituição escolar, propriamente dita, até os nove anos de idade, Vasconcellos permaneceu em sua casa. Nela, seus pais – principalmente sua mãe, que era educadora - se encarregaram de seus primeiros

estudos.²² Momento este em que o jovem agente ouvia sua mãe esclarecer que seu pai encontrava-se ausente, muito distante dali, cumprindo uma nobre missão (CARVALHO, 2004).

Isso também é muito significativo, considerando-se o peso constituído pela educação familiar. Esta, segundo Bourdieu (In ORTIZ, 1983, p. 94-95), cumpre um papel insubstituível “na transmissão dos instrumentos de apropriação e do modo de apropriação legítimo”, tão necessários ao acesso e ao uso legítimo de determinados bens culturais. Particularmente daqueles tidos como mais “nobres”. Entre eles, a possibilidade de acesso ao ensino superior e os desdobramentos a partir dele possíveis.

E esse papel foi cumprido por uma família que se revelava em condições de transmitir a seus filhos um certo montante de capital social e cultural relativamente raros, escassos. Esses capitais se revelariam decisivos na trajetória de Vasconcellos dali em diante, bem como nas possibilidades e nos meios de se apropriar de outros bens culturais, na posterior elaboração de diagnósticos relativos à sociedade brasileira, conforme será analisado nos capítulos seguintes.

Embora isso não signifique que se considere que essa “transmissão” se opere de forma inequívoca. Ela pressupõe um trabalho ativo, realizado tanto pelos pais quanto pelos filhos. Trabalho que pode ou não vir a ser bem sucedido por fatores os mais diversos. E que se faz profundamente marcado pelos procedimentos

²² Até o início do século XX, muitas famílias, evidentemente aquelas dotadas de recursos, optavam pela contratação de preceptores, os quais se encarregavam de instruir as crianças em casa. No caso de Aleixo de Vasconcellos, em lugar de um preceptor, contou ele com os ensinamentos que lhe foram transmitidos pela mãe. Esta certamente encarregou-se quase que exclusivamente de tal tarefa pois, além de ser ela professora, somava-se o fato de seu pai encontrar-se ausente durante longos períodos, viajando a trabalho.

de assimilação, distintos conforme os agentes e totalmente fora do controle dos mesmos.

1.3.2 Colégio Pedro II: o colégio padrão

No ano de 1895, quando estava próximo de completar dez anos de idade, Aleixo de Vasconcellos foi encaminhado ao Colégio D. Pedro II, o qual, naquele período, nos anos iniciais da fase republicana, passara a ser denominado Ginásio Nacional.²³ Importava aos governantes republicanos apagar toda e qualquer lembrança do regime anterior, inclusive na denominação de instituições.

O Colégio Pedro II, único estabelecimento de ensino secundário mantido pelo governo imperial, da Independência até a República, e cuja fundação data de 1739, funcionava como colégio padrão do Brasil. Por ele passaram, na condição de jovens alunos, uma série de nomes ilustres: entre outros, o próprio Pedro II, o Barão do Rio Branco, os presidentes da República Rodrigues Alves, Nilo Peçanha, Hermes da Fonseca e Washington Luis (COLÉGIO PEDRO II, 2002).

Ser um colégio “padrão”, neste caso, era sinônimo de excelência e de metas a serem cumpridas, para futuramente passarem a ser adotadas pelas demais instituições de ensino. Instituído como padrão para o restante do Brasil, o Colégio Pedro II deveria ser o primeiro a adotar e praticar, para em seguida difundir, as intenções dos governantes quanto ao ensino secundário no país (TAVARES, 2002, p. 29).

²³ Será mantida, no entanto, a denominação em vigor atualmente, ou seja, a de Colégio Pedro II.

No período, uma mínima parcela da população estava em condições de ter acesso ao ensino regular e seriado. Tanto era assim que, embora fosse um estabelecimento oficial da esfera federal do governo, o Pedro II era um colégio pago. Mesmo reservando vagas para alunos pobres, estas sempre estavam disponíveis em número inferior à demanda. Aqueles que, não podendo pagar, não conseguiam uma vaga gratuita, freqüentavam e pagavam um só curso por vez, tentando o ingresso num curso superior.

Segundo Primitivo Moacyr (1941b, p. 53), na instituição também eram aceitos alunos que houvessem recebido instrução no seio da família, como era o caso de Vasconcellos. Contudo, após a implantação da República, estes, bem como os alunos provenientes de estabelecimentos particulares, eram submetidos a um exame de madureza, antes de serem aceitos.

A aprovação no exame de madureza ao final do curso oferecido no Colégio Pedro II dava, por sua vez, direito à matrícula em qualquer um dos cursos superiores de caráter federal na República. Por exemplo, os cursos de Direito e de Medicina.

1.3.3 Colégio Pedro II: Uma escola leiga

O livro *O Ateneu* tornou-se célebre como registro das experiências do escritor Raul Pompéia (1997) na condição de aluno de dois famosos colégios cariocas: o Colégio Abílio e o Colégio Pedro II - ou Ginásio Nacional.²⁴ Ambos, colocados a serviço das respeitáveis famílias cariocas e mesmo de outros Estados, foram freqüentados pelo autor entre as décadas de 1870 e 1880.

²⁴ A primeira edição de *O Ateneu* é de 1888, quando foi publicado na forma de folhetim na *Gazeta de Notícias*.

Das experiências lá experimentadas por Pompéia, resultou uma percepção da escola como o microcosmo de uma sociedade marcada pela injustiça, pela desigualdade e pelo poder arbitrário. Provavelmente uma crítica à decadente sociedade monárquica, produzida ao final desta por Raul Pompéia, defensor do abolicionismo e do modelo republicano (HIGA, 1997).

Contudo, diferente de Raul Pompéia, tendo freqüentado o Colégio Pedro II na segunda metade da década de 1890, Aleixo de Vasconcellos conheceu os primeiros tempos da experiência de laicização do ensino promovida pela República.

Um esforço empreendido no sentido de tornar o ensino republicano distinto daquele dos tempos monárquicos. Pouco antes da matrícula de Vasconcellos no Pedro II, o ensino secundário havia se submetido às reformas propostas por Benjamin Constant,²⁵ ocupante da pasta da Instrução, Correios e Telégrafos entre 1891 e 1892. Benjamin Constant, defensor do modelo republicano, era não apenas seguidor, mas importante divulgador das idéias de Auguste Comte no Brasil.

Sua reforma, sob nítida inspiração positivista, excluía do programa da cadeira de filosofia tanto o ensino religioso, quanto o de teodicéia e moral religiosa, os quais faziam parte do currículo oficial durante o período imperial (MOACYR, 1941b, p. 105). Revelava-se, portanto, um esforço contra o predomínio absoluto da Igreja no campo educacional. Predomínio este verificado desde os tempos coloniais. A reforma reforçava certos princípios republicanos, tais como a laicização, a gratuidade, a liberdade de ensino, sendo que, no entanto, não impediu a permanência dos colégios particulares de feições religiosas.

²⁵ Para um estudo biográfico de Benjamin Constant, consultar Renato Lemos (1999).

Esta reforma afetou particularmente o Colégio Pedro II, introduzindo-se o estudo das Ciências, Sociologia, Moral, Direito e Economia Política. Mesmo assim, seguia-se uma tendência já observada durante a Monarquia, voltada ao enciclopedismo de inspiração iluminista.

Conforme Primitivo Moacyr (1941a, p. 73), quando foi freqüentado por Vasconcellos, o curso oferecido pelo Ginásio Nacional tinha duração de sete anos. Eram as seguintes as disciplinas ministradas: português, latim, grego, francês, inglês, alemão, matemática, astronomia, física, química, história natural, biologia, sociologia e moral, noções de economia política e direito pátrio, geografia, história universal, história do Brasil, literatura nacional, desenho, música, ginástica, mineralogia, geologia, evoluções militares e esgrima.

No colégio, Vasconcellos deve ter tido seus primeiros contatos com o pensamento evolucionista na perspectiva positivista comtiana, se não os tivera antes, por influência de seu pai. Com sua ênfase na ciência, desejando-se obter com a observação e a experimentação as verdades antes buscadas na metafísica e na teologia. Sob a tutela da ciência, desejando orientar as ações humanas, movido pela pretensão de alcançar um estágio caracterizado pela paz, pelo progresso e pela ordem (COMTE, 1996).

E foi exatamente esse o aspecto destacado por Aleixo de Vasconcellos, ao se propor a fazer um histórico da educação no Brasil (VASCONCELLOS, 1923g; 1924p). Suas palavras foram, senão de elogios, ao menos de reconhecimento pelo trabalho empreendido por Benjamin Constant e em relação ao programa positivista.

Segundo seu entendimento, “Sob os auspícios de Benjamin Constant e dentro dos seus ideais positivistas o ensino popular prosperou bastante, tomando

desde então uma feição mais prática”. Posteriormente, por adotar “a orientação de Benjamin Constant e desenvolvendo-a”, também Medeiros e Albuquerque, o qual ocupou a vice-diretoria no Pedro II, teria trazido importante contribuição no mesmo sentido (VASCONCELLOS, 1923g, p. 478).

Percebe-se que, para Vasconcellos, o ideal positivista era o modelo educacional perfeito ao seu país. Mas, será acompanhado adiante, defendia sua adoção também em outras esferas da vida social, política e cultural.

No positivismo, segundo José Murilo de Carvalho (1998, p. 9), a República era percebida dentro de uma perspectiva mais ampla que postulava uma futura idade de ouro. Nesta, os seres humanos se realizariam plenamente no seio de uma humanidade mitificada.

No entanto, ainda segundo o autor, faziam parte da versão positivista de República a idéia de ditadura republicana, bem como o apelo a um Executivo forte e intervencionista. E acrescenta: “Progresso e ditadura, o progresso pela ditadura, pela ação do Estado, eis aí um ideal de despotismo ilustrado que tinha longas raízes na tradição luso-brasileira” (Ibid., p. 27).

Tudo em conformidade com o desejo de alcançar o progresso dentro de um espírito ordeiro. Tal como se podia ler na bandeira nacional: “Ordem e progresso”... Não causa estranheza, portanto, que, segundo Primitivo Moacyr (1941a, p. 72), quando da sua criação, o Colégio Pedro II se apresentasse movido pelos propósitos de “proporcionar a instrução secundária e fundamental necessária e suficiente, assim para a matrícula nos cursos superiores, como em geral para *o bom desempenho dos deveres do cidadão na vida social*” (itálicos no original).

Aleixo de Vasconcellos, tendo ingressado no colégio naquele contexto, não deixou menções relativas às suas impressões dos tempos escolares, exceto os elogios dirigidos à orientação positivista de Benjamin Constant. Não pretendendo generalizar, pode-se, entretanto buscar por registros deixados por outros agentes em período próximo. Dois médicos contemporâneos de Vasconcellos o fizeram. Ambos, referiram-se de forma elogiosa àquele que foi “o colégio de formação secundária de boa parte dos componentes da Academia Nacional de Medicina” daqueles tempos (CORADINI, 1997, p. 451).

Aluno do Pedro II nos anos iniciais do século XX, as recordações guardadas pelo médico Pedro Nava destacavam aspectos bastante distintos daqueles fixados por Pompéia. Segundo Nava, tudo “o que há de mais ilustre na vida brasileira recebeu seu influxo e criou-se no seu espírito”.

Mais adiante, propôs ainda que “assim como são inconfundíveis, na Inglaterra, os homens que estudaram nos colégios de Cambridge e Oxford, na França, os que foram alunos de Stanislas e de Louis-le-Grand, no Brasil, os que tiveram a honra de passar pelo velho Pedro II, dali trouxemos o *espírito da casa*”, formando uma “cadeia que nos une numa imensa e secular família espiritual” (NAVA Apud CORADINI, 1997, p. 451, *itálicos no original*).

Correspondência laudatória recebida por Aleixo de Vasconcellos em 1935, revelava que a percepção de seu amigo médico Heitor Beltrão em certa medida coincidia com a expressa por Pedro Nava, no sentido de enaltecer aquela instituição de ensino. Nas palavras de Beltrão (1935, f. 1): “Orgulhei-me de ser, também, bacharel pelo nosso Pedro II, em tempo ido, quando a pedagogia era, talvez, menos filosofante, mas quando, ao menos, se entrava uma escola superior com a noção

nítida da média coletiva de conhecimentos humanos pós-elementares. Como se estudava! Como era possível a floração de um Aleixo de Vasconcellos!"

Pelo que se pode observar, tendo em vista a pequena amostra analisada, havia uma tendência de ver de forma favorável os tempos do Pedro II, ao menos entre os médicos que o freqüentaram mais ou menos no mesmo período que Vasconcellos.

1.3.4 O aluno gratuito

Os registros disponíveis indicam que, enquanto freqüentava o Pedro II, Aleixo de Vasconcellos foi um aluno que, além de disciplinado, destacou-se por sua dedicação aos estudos.

Leonel Gonzaga, por exemplo, registrou nos Anais da Academia Nacional de Medicina um episódio em que acentuou essa condição. Em palavras carregadas pela emoção de quem fora incumbido de recepcionar um velho amigo no momento em que ele se tornava membro daquela prestigiada agremiação,²⁶ Gonzaga detalhou:

Era uma vez um menino que freqüentava um colégio, onde procurava ansioso e sedento de saber os primeiros conhecimentos das humanidades.

O estudante era um modelo de retidão e de amor ao estudo. Certo dia, teve que faltar às aulas, talvez por adoentado.

O diretor do estabelecimento, estranhando a ausência do discípulo prendado e procurando atinar a verdadeira causa do afastamento, imaginou que talvez não dispusesse o pai, embora rico de qualidades, da fartura que as despesas exigiam à

²⁶ Por isso mesmo, convém tenha-se em conta os possíveis exageros laudatórios que tendem a dar o tom das palavras e das pretensões – e obrigações - oratórias daqueles que eram incumbidos de semelhante tarefa.

permanência do filho nos bancos que os ricos alisavam. Escreveu, discreto, à família uma carta. Nela dizia que aquele aluno não se poderia perder. Tratava-se do mais distinto dentre todos eurgia voltasse quanto antes, que grande falta fazia como exemplo para os outros. Daí em diante, o menino passou a ser gratuito até o fim do curso, como prêmio a todas as boas qualidades que tão precocemente exornavam a sua personalidade. A história é simples, mas significativa. É a história dos grandes homens que do nada se fizeram, parecendo mesmo que a carência de recursos é o incentivo necessário à luta e ao triunfo. Os expoentes da humanidade não costumam ter o berço dourado da abundância.

O Colégio era o Internato do Ginásio Nacional, dantes, e hoje, o Colégio Pedro II; o menino, o acadêmico que ora a Academia recebe, entre festas e esplendores. (GONZAGA, 1936, p. 274-275)

Essa dedicação aos estudos parece não ter ficado restrita aos tempos da infância e juventude de Aleixo de Vasconcellos. Os relatos de Paulo Gaertner de Vasconcellos, seu sobrinho, e de suas netas, Teresa e Elizabeth, que o acompanharam ao final de sua vida, são unânimes em afirmar que ele estava sempre às voltas com os livros.²⁷ Sentado em sua poltrona, lendo, estudando: eis uma das imagens a seu respeito que os entrevistados mais intensamente fixaram em suas recordações (CARVALHO, 2005; VASCONCELLOS, 2006). Hábito este, ao que parece, adquirido quando Aleixo de Vasconcellos era ainda bastante jovem.

Talvez seja possível insistir que sua dedicação aos estudos tenha sido estimulada inicialmente no próprio lar. Mas, da fala de Leonel Gonzaga há outro elemento a ser destacado. Gonzaga, assim como faria Raymundo Moniz de Aragão (FRAGA FILHO & ARAGÃO, 1964) muitos anos depois, referiu-se à falta de recursos que teria sido enfrentada por sua família naquele período.

²⁷ É de lamentar que sua biblioteca tenha desaparecido. Nada restou dos livros de Aleixo de Vasconcellos na residência no bairro de Copacabana, ainda pertencente à família, e na qual ele passou os últimos anos de sua vida.

A suposta correspondência do diretor do Pedro II, cargo então ocupado pelo intelectual José Veríssimo,²⁸ não foi localizada. A possível escassez de posses nos tempos do colégio é algo que dificilmente se possa sustentar. Pode-se pensar o assunto tendo-se em vista o fato de sua mãe não ter-se dedicado exclusivamente ao lar. Seria uma opção – pouco comum, principalmente entre as classes mais abastadas –, ou seria uma imposição decorrente da “carência de recursos” sugerida por Leonel Gonzaga e Moniz de Aragão? Os vencimentos de seu pai Aureliano teriam se revelado insuficientes para mantê-lo no colégio pago?

No começo do século XX, parcela considerável das mulheres que se dedicavam ao trabalho extra-doméstico era constituída por operárias, oriundas das camadas mais baixas da população. Some-se ainda o fato de as teorias evolucionistas reservarem à mulher – compreendida como um ser inferior, frágil, pouco adaptado – as tarefas ligadas à reprodução e ao cuidado do lar e do marido. O macho, por sua vez, apresentado como o representante forte da espécie.

Ao final do século XIX, estavam razoavelmente bem delimitados os espaços que se reservavam às mulheres das classes altas, sob exigências de um bom preparo e educação para o casamento, tanto quanto as preocupações estéticas, com a moda ou com a casa.

Entre os grupos sociais mais abastados, a preocupação com sua educação visava prepará-la não necessariamente para a vida profissional, fora do lar, mas sim para o exercício da carreira doméstica (RAGO, 1985, p. 62-63). Enquanto isso, às

²⁸ Em 1891, José Veríssimo foi nomeado diretor – ou reitor, como era então denominado – do Colégio Pedro II. Foi destacado crítico literário, amigo de importantes agentes do cenário intelectual, tendo dirigido, a partir de 1895, a *Revista Brasileira*.

mulheres pobres restava sujeitarem-se aos trabalhos fora do lar, sem o qual tornava-se impossível mantê-lo.

De um lado, o prestígio conferido pela missão cumprida pelo pai na condição de engenheiro. De outro, a falta de recursos para custear-lhe os estudos secundários. Teria sido nessa dupla pertença que Vasconcellos viveu seus primeiros tempos? Talvez explicasse ela, como propôs Leonel Gonzaga (1936, p. 275), seu empenho nos estudos. E poderia ser interpretado este como um esforço diante da possibilidade e desejo de ascensão social.

A escassez de recursos, contudo, dificilmente poderia se comprovar. Quando concluiu o curso no Pedro II, no ano de 1901, Vasconcellos tinha um irmão e duas irmãs. Estas desde cedo dedicaram-se à música, a ponto de mais tarde terem se tornado professoras na Escola Nacional de Música e laureadas com medalhas de ouro por aquela escola. A mais velha, Vera, dedicada ao canto orfeônico. A caçula, Francisca ou “Chiquita”, violinista. Some-se ainda o fato de o filho mais velho, Aleixo, ingressar na Faculdade de Medicina logo em seguida ao Pedro II.

Considerando-se a correspondência que se observa entre o espaço das posições sociais e o espaço dos estilos de vida (BOURDIEU In ORTIZ, 1983, p. 82), dificilmente se poderia pretender que um pai dotado de escassos recursos financeiros se mostrasse capaz de dotar seus filhos de tais capitais culturais, característicos das elites. Nem, tampouco, que houvesse se formado engenheiro ainda nos tempos imperiais.

Mais ainda: quais classes populares revelavam-se/revelam-se dotadas das competências específicas exigidas para a posse e o consumo daqueles bens culturais? Quem, entre as classes populares, poderia aspirar a tanto?²⁹

Isso significa que Vasconcellos não revelava origens onde se observasse carência de capital econômico, social ou cultural. Muito pelo contrário, tanto mais tendo-se em consideração o contexto do final do século XIX, quando não apenas o acesso ao ensino superior, como também ao médio, eram possíveis a reduzidas parcelas da sociedade.

Por razões dessa natureza, no que se refere ao aluno gratuito, mais provável é que se tenha aplicado o regulamento do colégio, o qual previa: “quando se tratar de matriculados gratuitos, deverá o diretor basear a preferência da escolha dos pretendentes nas seguintes condições: 1^o serem os candidatos órfãos de pais pobres; 2^o serem filhos de professores públicos, que houverem distintamente cumprido os seus deveres por mais de dez anos; 3^o serem filhos de cidadãos que tiverem bem servido à pátria” (MOACYR, 1941a, p. 52).

Se a primeira condição estava totalmente descartada, seu pai tinha credenciais para pleitear a aplicação da terceira hipótese, talvez ainda sendo

²⁹ “O estilo de vida das classes populares”, destaca Pierre Bourdieu (In ORTIZ, 1983, p. 100), “deve suas características fundamentais, compreendendo aquelas que podem parecer como sendo as mais positivas, ao fato de que ele representa uma *forma de adaptação* à posição ocupada na estrutura social: encerra sempre, por esse fato, nem que seja sob a forma do sentimento da incapacidade, da incompetência, do fracasso ou, aqui, da indignidade cultural, uma forma de reconhecimento dos valores dominantes. O que separa as classes populares das outras classes é menos (e, sem dúvida, cada vez menos) a intenção objetiva de seu estilo que os meios econômicos e culturais que elas podem colocar em ação para realizá-la” (itálicos no original). Ou, em outra passagem: “a experiência do futuro escolar não pode ser a mesma para o filho de um executivo de nível superior que, *tendo tido mais de uma chance sobre duas* de ir para a faculdade, encontra necessariamente em seu entorno social, e mesmo em sua família, os estudos superiores como um destino banal e cotidiano, e para os filhos de um operário que, tendo *menos de duas chances sobre cem* de ascender, só conhece os estudos e os estudantes através de outras pessoas e por meios indiretos” (BOURDIEU Apud CATANI, 2002, p. 65, itálicos no original).

apoiado pelo fato de ser sua mãe uma professora. Provavelmente, esses aspectos tenham sido invocados em favor da gratuidade.

Mas estas são meras conjecturas. Contudo é pouco provável que a família de Vasconcellos tenha enfrentado dificuldades financeiras no período em análise, pois detinha posses suficientes para, em seguida ao Pedro II, mantê-lo na faculdade médica, opção que o impedia de trabalhar para custear seus estudos, impondo-lhe ainda não pequenas despesas.

O capital cultural e social recebido por Vasconcellos era muito mais o de um agente com boa dose de disposição para os estudos, disposição esta da qual não se afastou. Por outro lado, possivelmente, não era muito hábil para o acúmulo de capital econômico. Sintetizando o que dele pensava, mais de quatro décadas após seu falecimento, sua filha mais jovem propôs que Aleixo de Vasconcellos “era um cientista, não era um financista” (CARVALHO, 2004).

Proposição que encerra certa ambigüidade, uma vez que, por um lado, enaltece sua dedicação à pesquisa, ao avanço do conhecimento, enquanto um cientista. Por outro, pode soar também como uma crítica a um agente que, embora dotado de boa soma de capital social e científico, não soube convertê-lo em maiores rendimentos pecuniários. Apesar disso, essa afirmação parece dar, em boa medida, uma idéia de como Vasconcellos trabalhou essas duas dimensões.

O episódio da gratuidade, além disso, pode indicar que Vasconcellos revelou, ainda bastante jovem, certo talento nos estudos, tanto quanto suas irmãs revelaram na música. Dotado daquele talento observado entre os filhos das elites para os quais a desenvoltura nos estudos aparece assim como se fosse uma segunda natureza, uma espécie de “dom”, embora produto de uma forma

privilegiada de socialização, conforme descrito por Bourdieu (In ORTIZ, 1983, p. 82-121). Talentoso, quiçá, a ponto de constituir uma exceção em meio a alunos pouco interessados nos estudos, levando seu diretor, José Veríssimo, a não querer realmente perdê-lo.

Isso porque não eram incomuns opiniões segundo as quais o nível dos alunos, inclusive no Pedro II, não fosse dos melhores. Professores da instituição, como Capistrano de Abreu, não tinham deles boa impressão (REIS, 1999, p. 87-88).

Não era raro, além disso, a despeito da existência inegável de muitas evidências em contrário, que se afirmasse que agentes dotados de prestígio e ocupantes de posição social elevada e muito bem situados financeiramente tivessem origens humildes (CORADINI, 1997). Talvez fosse esse um procedimento destinado a enaltecer ainda mais determinado agente por ter alcançado aquela condição, ou por suas conquistas intelectuais e/ou científicas.

Isto posto e retornando-se aos seus tempos no Colégio Pedro II, deve-se acrescentar o fato de lá Vasconcellos ter podido experimentar a influência de agentes que conquistaram posições de destaque no campo intelectual brasileiro, conforme será verificado na seção seguinte.

Entre seus professores, alguns eram legítimos e destacados representantes da “geração de 1870”, tal qual se deu com Capistrano de Abreu e Sílvio Romero (VENTURA, 1991; REIS, 1999).

Por isso mesmo, na análise que se segue, o que se destaca são as referências intelectuais a partir das quais Capistrano de Abreu e Sílvio Romero, professores do Pedro II, realizaram suas pregações. Referências estas que não poderiam estar ausentes no contato mantido entre professores e alunos daquele

colégio do final do século XIX. Instituição que se encarregou com a formação secundária de expressivo número de componentes da Academia Nacional de Medicina (CORADINI, 1997, p. 451).

1.4 RIO DE JANEIRO: UM ATRATIVO PARA A INTELECTUALIDADE

O vertiginoso crescimento demográfico observado na Corte a partir dos anos 1870 contribuiu para tornar a cidade um atrativo para a intelectualidade. Para o Rio de Janeiro, destaca Roberto Ventura (1991, p. 137), dirigiam-se críticos e escritores de diversas partes do país. Na cidade, estava disponível o maior mercado de trabalho para os homens de letras. E estes encontravam colocação no ensino, na política ou no jornalismo.

Não deve causar surpresa assim constatar que, no Colégio D. Pedro II, ao final daquele século, Aleixo de Vasconcellos tenha sido aluno de destacados nomes do cenário intelectual brasileiro. Alguns deles, como era o caso de Sílvio Romero e Capistrano de Abreu, recentemente atraídos para a cidade. Entre 1883 e 1899, João Capistrano de Abreu, autor de *Capítulos de história colonial*³⁰, lecionou naquela instituição.

Descrito como “psíquica e fisicamente um autêntico sertanejo, um caboclo matuto, feio, agreste, desagradável” (REIS, 1999, p. 86), Capistrano de Abreu posteriormente viria a ser reconhecido como o renovador dos estudos históricos, “o maior historiador brasileiro, não pela contribuição material mas pela agudeza e capacidade crítica” (RODRIGUES, 1957, p. 165). O “descobridor de fontes capitais

³⁰ Sua obra mais elogiada, *Capítulos de história colonial*, data de 1907, período em que já se encontrava afastado do Pedro II, e por isso não será analisada.

da história colonial” (VAINFAS, 1999, p. 183) ocupou a cadeira de Corografia³¹ e História do Brasil no Colégio Pedro II. Segundo indicou José Carlos Reis (1999, p. 86), era próximo e afeiçoado aos escravos e conhecedor de muitas canções africanas.

Estabelecer quais as influências que mais se fizeram sentir sobre Capistrano de Abreu é problemático. Ele, como toda sua geração, não escapou às teorias de autores europeus tais como Auguste Comte, Herbert Spencer, Charles Darwin, Gustave Le Bon. Sua formação intelectual aconteceu em meio ao ambiente determinista, cientificista, e racista, comentado linhas atrás.

Considera-se relevante para o período em que atuou como professor do Pedro II sua adesão ao naturalismo e ao evolucionismo, embora os tenha recusado posteriormente.³² Em 1880, Capistrano de Abreu produziu uma série de artigos, privilegiando o meio e o indígena na formação da nacionalidade. Apoiando-se em perspectivas como o determinismo histórico de Buckle e a sociologia evolutiva, defendida por Spencer, o historiador brasileiro encontrara, tempos antes, elementos que permitiram-lhe retomar o indianismo, adaptando-o aos novos credos cientificistas: as raças autóctones seriam mais aptas do que o negro ou o mulato à luta pela sobrevivência nos trópicos (VENTURA, 1991, p. 93).

De qualquer forma, essa percepção revelava uma apropriação um tanto quanto diversa daquelas que caracterizavam o pensamento da intelectualidade

³¹ No Aulete (1925, vol. 1, p. 478) encontra-se: “Corografia: descrição particular de uma região, de um país, de uma província ou de uma porção considerável de território”. No caso de Capistrano de Abreu, encarregava-se ele dessa descrição mais ampla e detalhada do território brasileiro. Com isso, deve ter contribuído na construção das representações de seus alunos relativas ao seu país e sua população.

³² José Carlos Reis (1999, p. 93) indica estudos que afirmam que Capistrano de Abreu, em determinado momento de sua trajetória, recusou os determinismos geográfico, climático e racial, assim como o evolucionismo. Isso ilustra a complexidade da análise dos usos que os intelectuais fazem das teorias com as quais entram em contato.

brasileira do período, ao trazer uma vez mais para o primeiro plano um agente, o índio, que fora desvalorizado juntamente com o Romantismo.³³

Abria igualmente a possibilidade de que seus alunos tivessem contato com uma percepção distinta daquelas então predominantes, extremamente ácidas em relação ao negro e todas as demais raças diferentes da branca. O evolucionismo, contudo, prosseguia ainda uma referência importante e não questionada, transmitida – o que não quer dizer absorvida de maneira passiva - às gerações seguintes pelo professor Capistrano de Abreu.

Não se pretende, contudo, afirmar que tenha exercido grande influência sobre Vasconcellos, pois, apesar de seu talento, “enquanto lecionou, sem carisma, teve alunos e nunca discípulos” (Ibid., p 87). Embora também não se possa pretender que figura tão singular, física e intelectualmente - homem “seboso” e “envolvente”, nas palavras de Reis (1999, p. 86) -, defensor de idéias que, em certa medida, destoavam daquelas predominantes, pudesse ser simplesmente ignorado por seus alunos.

Assim como Capistrano de Abreu, Silvio Romero,³⁴ considerado um dos teóricos precursores das Ciências Sociais no Brasil (ORTIZ, 1985, p. 14; SCHNEIDER, 2005), foi outro agente de prestígio que lecionou no Colégio Pedro II, entre 1880 e 1910, tempos em que Aleixo de Vasconcellos lá estudou.

Com a defesa da tese *Da interpretação filosófica na evolução dos fatos históricos*, Romero conquistou a cadeira de Filosofia na instituição. Conforme

³³ Renato Ortiz situa por volta da década de 1870 o declínio da hegemonia do Romantismo, o qual, construindo uma visão “civilizada” do índio, ignorava completamente o negro (ORTIZ, 1985, p. 14, 19).

³⁴ Sobre Silvio Romero, ver Leite (1969), Skidmore (1989, p. 48-53), Schneider (2005) e, para um aprofundamento em relação às suas concepções literárias, Ventura (1991).

Tavares (2002, p. 40), a partir de seu ingresso como professor, pouco a pouco tornou-se possível uma maior e mais evidente difusão das teorias científicas naquele colégio.

Juntamente com Tobias Barreto, Romero foi um dos grandes nomes da assim chamada Escola do Recife, esforçando-se ambos em favor da “renovação da mentalidade brasileira”, conforme afirmavam. Romero afastou-se progressivamente do pensamento comtiano, permanecendo interessado nas teorias adeptas do evolucionismo e do darwinismo social.

Seu viés sociológico se apresentou em obras como *História da literatura brasileira* (ROMERO, 1960), na qual, além de refletir em torno da produção literária, interpretou-a no contexto da mistura racial. Na obra, afirmou que “A raça ariana, reunindo-se aqui [no Brasil] a duas outras totalmente diversas, contribuiu para a formação de uma *sub-raça* mestiça e crioula, distinta da européia” (itálicos no original).

Esse cruzamento seria, no entender de Romero, não apenas físico, mas se observaria também nas idéias e nos sentimentos. O brasileiro teria assim, como características, a apatia, a falta de iniciativa, o desânimo (Ibid., p. 145). Contra todas as evidências que a sociedade miscigenada brasileira revelava, posicionava-se contrariamente à mistura de raças. Nas conclusões do autor, ela conduziria à esterilidade a partir da segunda ou terceira geração, o que evidenciaria que a natureza a condenava.

Construiu, portanto, uma teoria do branqueamento na qual evidenciavam-se princípios racistas, evolucionistas e darwinistas sociais. Autores como Herbert Spencer, Darwin, Le Bon e Gobineau foram importantes referências para Romero,

que, à semelhança de outros intelectuais, se auto-proclamava arauto de um novo tempo. O tempo em que a ciência passava a predominar.

Desta forma, alimentava esperanças em relação ao futuro de seu país. No seu entendimento, através branqueamento e também, em certa medida, pela ação benéfica da higiene e da dieta, poderiam vir a ser superados, com o passar de algumas décadas, os prejuízos que dizia decorrentes do ambiente, por ele considerado hostil, e da mistura de raças.

Assim pensando, relativizava em certa medida o pessimismo resultante da condenação da miscigenação. Proposto como a alternativa possível para a eliminação dos representantes inferiores da raça, o branqueamento, além disso, tornaria possível a integração do país na civilização.

Esse entusiasmo diante das possibilidades por ele vislumbradas com a miscigenação era sua resposta ao pessimismo dos autores europeus. Era a grande novidade trazida pelo autor, sem, contudo, abandonar a crença racista nas diferenças biológicas, mentais e morais entre as raças.

1.5 INTELECTUAIS E SOCIEDADE NA VIRADA DO SÉCULO

No Brasil, portanto, vivia-se um contexto onde as dúvidas em relação ao futuro do país apoiavam-se nas teses de inferioridade racial, as quais ainda não haviam encontrado uma contestação mais sistematizada e vigorosa. Onde o racismo, apresentando-se como científico, e as correntes de pensamento que apontavam para a miscigenação como responsável por uma suposta inferioridade racial ainda desfrutavam de ampla aceitação. Embora se observassem incontáveis

matizes na apropriação de tais problemáticas, pois, conforme pode-se acompanhar, não foram simplesmente “copiadas” dos europeus.

Por isso mesmo, nem todos eram tão pessimistas. Alguns autores, aliás, caminhavam em sentido totalmente diverso. Aleixo de Vasconcellos concluiu o seu curso de Humanidades no momento em que o conde de Affonso Celso lançava o seu grande sucesso editorial: um livro destinado a comemorar os 400 anos do Descobrimento, intitulado *Porque me ufano do meu paiz* (CELSO, 1926).³⁵

A obra, cuja principal característica era fazer uma exaltação otimista do país, veio a tornar-se leitura obrigatória nas escolas ao iniciar-se o século XX. Dividida em 42 breves capítulos, *Porque me ufano do meu paiz*, tentava dar respostas ao pessimismo de outros autores e tinha por objetivo demonstrar a superioridade brasileira.

Para tanto, se servia de onze argumentos.³⁶ Muito embora a perspectiva assumida por Affonso Celso não seja representativa de significativa parcela da intelectualidade brasileira do início do século XX, é ela indicativa de uma reação às opiniões geralmente aceitas no período. Ou seja, evidencia uma apreensão totalmente diversa da realidade e das possibilidades que muitos agentes supunham descortinarem-se para o seu país.

Percebe-se ainda que, embora Vasconcellos tenha sido aluno de agentes cujas idéias se amparavam no cientificismo, no evolucionismo, no racismo, entre

³⁵ Sobre o autor e a obra, consultar Leite (1969, p. 195-200).

³⁶ Eram eles: sua grandeza territorial, sua beleza, sua riqueza, a variedade e amenidade de seu clima, a ausência de calamidades, a excelência dos elementos que entraram na formação do tipo nacional, não ter sido povoado por degredados, os nobres predicados do caráter nacional, nunca ter sofrido humilhações ou ter sido vencido, seu procedimento cavalheiresco e digno para com os outros povos, as glórias a colher nele, a sua história (CELSO, 1926). Esses argumentos autorizaram Leite (1969, p. 195) a afirmar que “os críticos tinham poderosas razões para ridicularizar o livro de Affonso Celso, tais os exageros de suas afirmações a respeito das riquezas brasileiras.”

outros referenciais desenvolvidos na segunda metade do século XIX, esses mesmos professores revelam inegáveis matizes na sua apropriação daquelas teorias. Provavelmente, agentes como Romero e Capistrano de Abreu – para não se pender para exaltação ufanista de Affonso Celso – ensinaram, de forma não voluntária, mas nas entrelinhas de suas lições, os usos diversificados e os rearranjos na apropriação daqueles bens culturais.

Isso ao inaugurar-se a *Belle Époque* brasileira, que se estendeu do início do século XX, até a Primeira Guerra Mundial, com seu modelo cultural intolerante, impondo rígidos padrões de sensibilidade, gosto e cultura (VELLOSO, 1988, p. 14). Neste contexto, foram inúmeros os conflitos que se estabeleceram entre o que se caracterizava como o “atraso”, a “ignorância”, o “analfabetismo”, as “doenças”, a “miséria”, a “degenerescência”, a “cor” das classes baixas – as quais, de fato, enfrentavam uma dura realidade -, em contraposição aos projetos supostamente “modernizantes”, “civilizatórios”, “regeneradores” das elites que se diziam muito “brancas” e “civilizadas”.

Por isso, a *Belle Époque* não significou tão somente o surgimento das avenidas largas e iluminadas, dos bulevares, jardins, somada à ênfase na elegância, na beleza e no mundanismo. Tal cenário embelezado pouco correspondia à realidade conflituosa do início do século, onde vários elementos culturais se entrecruzavam e se chocavam, numa relação nada harmônica. Um contraste gritante entre a realidade das elites e a da população miserável do Distrito Federal.

Mas aqui já se avança para o período em que Vasconcellos ingressou na faculdade médica, assunto que será explorado no capítulo seguinte, revelando sua opção por uma carreira – ou foram várias? – que dele viria a exigir, em curto espaço

de tempo, um posicionamento em relação à realidade sócio-cultural que se acabou de esboçar.

2 A FORMAÇÃO MÉDICA DE VASCONCELLOS

Saber só o que os antigos souberam e disseram,
não é saber, é lembrar-se.

Padre Antônio Vieira¹

O verdadeiro sábio não emite opinião: consulta o
laboratório e repete o que o laboratório diz, sem
enfeite nem torsão.

É com esse espírito novo que havemos de estudar
e resolver os nossos problemas – e este espírito por
enquanto só se denuncia em Manguinhos.

Monteiro Lobato (1956, p. 229)

A cada nova geração mais se avoluma o peso
morto da miséria, dos incapazes, dos loucos, dos
tarados – enfim da extensa coorte dos infelizes
inadaptados à vida social. A higiene e a medicina,
no seu mister misericordioso, facultam-lhes a vida e
até a procriação, num trabalho negativo para o bem
da espécie – é o socorro do indivíduo em
detrimento da comunidade social.

Mas aí temos a Eugenia com os seus métodos
novos ou renovados, prenhe de promessas
encantadoras. Recebamo-la com a melhor boa
vontade, pois a mais valiosa das suas promessas é
exatamente a saúde – bem humano inestimável, em
troca do qual não aceitaríamos todos os tesouros
deste e dos outros mundos.

Octavio Domingues (1930, p. 229)

¹ Epígrafe de trabalho publicado por Aleixo de Vasconcellos em co-autoria com Serapião Figueiredo (VASCONCELLOS & FIGUEIREDO, 1915).

2.1 OS TEMPOS DA FACULDADE

2.1.1 O ingresso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

Uma vez concluído seu curso de Humanidades no Colégio Pedro II, Aleixo de Vasconcellos matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro,² no ano de 1902, quando estava prestes a completar dezessete anos de idade. Opção que, segundo Sérgio Miceli (1979, p. 171), revelava a “esperança de galgar os postos reservados em princípio aos portadores de diplomas mais legítimos e mais rentáveis”.

Ainda seguindo a linha de reflexão de Sérgio Miceli, pode-se propor que Vasconcellos seguia os passos de seu pai, o qual, devendo quase tudo à escola, sem deixar de lado os recursos sociais, tendeu a concentrar seus investimentos na aquisição de títulos escolares.

Comentou-se linhas atrás a percepção que projetavam de si parcelas da intelectualidade compostas por médicos, engenheiros e educadores, os quais, na concepção de Micael Herschmann e de Carlos Alberto M. Pereira (1994, p. 13), servindo-se de seu saber técnico-científico, deram importante contribuição para a construção do paradigma do Brasil moderno.

Esta auto-imagem deve ter exercido certa influência sobre Vasconcellos desde muito cedo. Ele, na condição de filho de uma educadora e de um engenheiro

² Ao sabor das transformações pelas quais foi passando, desde sua criação em 1808, a faculdade recebeu diversas denominações: Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro (1808); Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro (1813); Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1832); Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro (1891); Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1901); Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro (1920); Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (1937); Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1965) (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2004).

que esteve envolvido durante anos na demarcação de linhas telegráficas, atividade mediante a qual se dizia estar levando o “progresso” aos mais longínquos lugares, deixou-se seduzir por aquela missão.

Por outro lado, a opção pela medicina indica que, desde muito cedo, Vasconcellos dedicou-se com certo afincamento aos estudos, dado o alto nível acadêmico exigido para a matrícula naquele curso (SANTOS, 1987). Não se sabe se o fez por opção própria ou por imposição paterna. Ciro Vieira da Cunha (1966, p. 20) indica que Vasconcellos encaminhou-se para a faculdade médica por decisão de seu pai. Entretanto, acrescenta em seguida: “Viu-se feliz o rapaz com aquela ordem, que era ordem e não conselho o que lhe dava o pai, por isso que, intimamente, sentia mesmo vontade de ser médico. Ia ser o que desejava ser”.

Apesar do grande prestígio gozado pelo exercício da medicina, no Brasil dos primeiros anos do século XX as opções para freqüentar-se o curso ficavam restritas quase que exclusivamente às primeiras instituições de ensino superior criadas no país: as faculdades do Rio de Janeiro e de Salvador. No período, havia ainda a recém-criada escola de Porto Alegre. Representando este mais um elemento limitador do número de doutorandos - era este o termo então empregado para designar aquele que concluíra o curso de medicina, em virtude da exigência da redação de tese de conclusão.

Esse importante detalhe, ou seja, o de residir em uma das raras cidades brasileiras que disponibilizavam um curso de medicina, somado ao fato de, uma vez concluído o curso no Colégio Pedro II, ter-se o direito de ingressar no curso superior escolhido, favoreceram-lhe bastante naquela opção – ou teria sido uma imposição, conforme proposto por seu biógrafo?

A ocasião em que Vasconcellos ingressou no curso de medicina corresponde a um período caracterizado por inúmeros problemas enfrentados pela faculdade, logo em seguida à reforma de 1901, assinada pelo Ministro da Justiça e Negócios Interiores, Epitácio Pessoa. Com a reforma, seguiu-se um período de dificuldades, com orçamentos escassos, laboratórios decadentes e também marcado pela desorganização acadêmica e administrativa. Em meio à crise, o seu diretor, Francisco de Castro, demitiu-se (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2004; CUNHA, 1966, p. 20).³

Também consequência daquela reforma operada em 1901, apresentou-se uma novidade de particular importância na trajetória de Aleixo de Vasconcellos. Trata-se da criação da cadeira de Bacteriologia, uma das áreas essenciais na formação de um microbiologista, ou seja, de um especialista no estudo de microorganismos.

Formação esta na qual Vasconcellos não se restringiu aos recursos disponibilizados na faculdade médica. Teriam se revelado eles insuficientes para as pretensões do agente? Esse aspecto será mais aprofundado adiante, ao trabalhar-se em torno de suas pesquisas no Instituto de Manguinhos.

Tendo-se em conta os tempos em que realizou seus estudos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tem-se o relato deixado por Carlos Chagas Filho (1993). Seu pai ingressou naquela faculdade em 1897, concluindo o curso em 1902,

³ Interessante é notar que Carlos Chagas Filho (1993) não detectou, ou pelo menos não fez menção à crise enfrentada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Diferente disso, propôs ele que, na passagem do século XIX para o XX, quando seu pai foi aluno da mesma, a instituição havia superado as dificuldades anteriormente enfrentadas nos tempos monárquicos. Segundo suas palavras, ao final de seu reinado, Pedro II teria atendido às solicitações de seus professores. Sua biblioteca, por exemplo, teria importante acervo, o qual somente seria superado, mais tarde, pela do Instituto Oswaldo Cruz.

mesmo ano em que Vasconcellos matriculou-se naquela instituição. Tempos em que “política e positivismo eram duas atrações para os jovens estudantes” (Ibid., p. 39).

Referindo-se aos professores da instituição, Chagas Filho ressaltou o prestígio por eles desfrutado. Nas suas palavras, que revelam que ele mesmo se mostrava reverente em relação à projeção social conquistada por aqueles profissionais:

Os professores entravam por portas especiais, sem sorrisos, às vezes sombrios, como convinha ao mister, e mantinham-se distantes dos alunos. Chapéu-coco e sobrecasaca ou o fraque cinza eram moda. Muitos chegavam à faculdade em caleches bem apetrechadas. Se na vida eram humanistas, artistas e, as mais das vezes, dados a convívio social, na escola a preocupação era manter o alto *status* que competia a um lente.

(...) As aulas eram do tipo magistral e os professores, eruditos, as mais das vezes eloqüentes, sabiam, na grande maioria dos casos, manter constante a atenção dos alunos. (Ibid., p. 46)

Da mesma forma, Chagas Filho enfatizou a distinção social que caracterizava os alunos, o que, de imediato, podia ser percebido em seu modo de trajar. Conforme descrito pelo autor: “Os alunos iam às aulas bem compostos. Nem sempre de sobrecasaca, mas sempre de terno, colete, colarinho duro e gravata. Mesmo no verão, nas salas de pesada ambiência, como as de anatomia, a etiqueta não mudava. Um avental podia substituir o paletó, mas a presença de um aluno em mangas de camisa não podia ser tolerada” (Id.).

Estratégias de distinção social, o esmero ou elegância no trajar – sobrecasaca ou terno, mesmo no verão de altas temperaturas do Rio de Janeiro -, os cuidados revelados em relação à postura corporal, como a expressão facial

sisuda -, as formas de expressão verbal empregadas, o cuidado com a eloquência. Atitudes reveladoras do prestígio desfrutado e/ou desejado conquistar.

Condição social experimentada pela quase totalidade dos portadores de diploma de algum dos raros cursos superiores, por vezes antes mesmo do ingresso nas faculdades então disponíveis, naquele país povoado pelo analfabetismo, uma vez que o acesso àquelas era praticamente impossível às classes menos privilegiadas. Conforme já observado, concluir o curso secundário era privilégio de poucos. Ascender à etapa seguinte constituía sonho absolutamente impossível para significativas parcelas da população.

2.1.2 Os estudos na faculdade de medicina e fora dela

Durante a realização do curso, Vasconcellos teve que ser aprovado nas 26 cadeiras exigidas com a reforma de 1901 (Tabela 1). Os seus professores dos tempos da faculdade médica merecem alguns comentários, por revelarem eles a riqueza e a diversidade do campo médico e até mesmo do campo intelectual – no qual alguns dos professores da faculdade carioca se inseriam - naquele período.

Falecido em outubro de 1907, o professor e médico Eduardo Chapot Prevost, catedrático de Histologia entre 1890 e 1907, foi referido por Leonel Gonzaga (1936, p. 276), contemporâneo de Vasconcellos na faculdade, como um daqueles que lhes deram aulas. Se não há certeza quanto a isso, uma vez que Chapot Prevost não foi listado na tese de Aleixo de Vasconcellos (1908) como um de seus professores (Tabela 1), a narrativa de Gonzaga é enfática em destacar que Vasconcellos e aquele professor mantiveram contato durante o curso.

Chapot Prevost, apontado por Chagas Filho (1993, p. 46) como um dos mais elegantes membros do corpo docente da instituição, era, no período, um dos mais afamados cirurgiões do Distrito Federal. Um dos seus mais celebrados feitos, que o tornou conhecido inclusive na Europa, foi a separação, com êxito, de irmãs xifópagas.

Nomeado entre os professores substitutos, Miguel da Silva Pereira foi outro nome ligado à faculdade e destacado no cenário médico e intelectual. Em discurso datado de 1916 – portanto, no correr da Grande Guerra e posterior ao período em que Vasconcellos foi seu aluno -, afirmou que o Brasil seria “um imenso hospital”. A repercussão de suas palavras provocou grande polêmica, mobilizando a seu favor ou em oposição à sua fala, diversificados setores da sociedade.⁴

O discurso foi citado e comentado por longo período e, pouco tempo depois, o próprio Aleixo de Vasconcellos, já formado médico, referiu-se ao diagnóstico proferido por seu antigo professor, contestando-o (Apud CUNHA, 1966, p. 31). Isso denota que já desfrutava da posse de capital cultural suficiente, uma vez que, além de professor na faculdade, Pereira também presidiu a Academia Nacional de Medicina. Contestar suas palavras era, por isso mesmo, desautorizar um dos mais proeminentes agentes médicos brasileiros.

Anos mais tarde, tal qual fizeram tantos outros médicos, Vasconcellos faria eco aos apelos proferidos por Miguel Pereira, insistindo na necessidade de tirar as populações de uma condição que definia como de absoluta “ignorância”. Viria a apelar, tal qual fizera seu antigo professor, em favor da “esmola do alfabeto”

⁴ Sobre o assunto, consultar Hochman (1998, p. 62 e seguintes).

(VASCONCELLOS, 1923g; CONFERENCIA NACIONAL DE LEITE E LACTICINIOS, 1926).

TABELA 1 – PROFESSORES DE ALEIXO DE VASCONCELLOS NA FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO (1902-1907)

Lente	Cadeira
Tiburcio Valeriano Pecegheiro do Amaral	Química Médica
Antonio Teixeira do Nascimento Bittencourt	História Natural Médica
Ernesto de Freitas Crissiuma	Anatomia Descritiva
Antonio Dias de Barros	Histologia
Antonio Rodrigues Lima	Fisiologia
Antonio Maria Teixeira	Matéria Médica, Farmacologia e Arte de Formular
Raul Leitão da Cunha	Bacteriologia
Pedro Severiano de Magalhães	Patologia Cirúrgica
Augusto Brant Paes Leme	Anatomia Médico-Cirúrgica
Domingos de Góes e Vasconcellos	Operações e Aparelhos
Pedro de Almeida Magalhães	Patologia Médica
Cypriano de Souza Freitas	Anatomia e Fisiologia Patológicas
Henrique Ladislau de Souza Lopes	Terapêutica
Luiz da Cunha Feijó Júnior	Obstetrícia
Ernesto do Nascimento Silva	Medicina Legal e Toxicologia
Benjamin Antonio da Rocha Faria	Higiene
João da Costa Lima e Castro	Clínica Cirúrgica – 2ª cadeira
Luiz da Costa Chaves Faria	Clínica Dermatológica e Sifilográfica
Miguel de Oliveira Couto	Clínica Propedêutica
Marcos Bezerra Cavalcanti	Clínica Cirúrgica – 1ª cadeira
Érico Marinho da Gama Coelho	Clínica Obstétrica e Ginecológica
José Antonio de Abreu Fialho	Clínica Oftalmológica
Antonio Augusto de Azevedo Sodré	Clínica Médica – 2ª cadeira
João Carlos Teixeira Brandão	Clínica Psiquiátrica e de Moléstias Nervosas
Cândido Barata Ribeiro	Clínica Pediátrica
Nuno de Andrade	Clínica Médica – 1ª cadeira

FONTE: VASCONCELLOS (1908).

Outro nome de projeção, professor de Vasconcellos na disciplina de Clínica Propedêutica, foi Miguel de Oliveira Couto. Além de professor, foi renomado clínico e também presidente da Academia Nacional de Medicina entre 1913 e 1934, data de seu falecimento.⁵ Embora não tenha se revelado um pesquisador voltado aos estudos de laboratório, seus discursos enfatizavam a necessidade de aproximação entre a clínica e o laboratório.

Nas primeiras décadas do século XX, Miguel Couto destacou-se como um dos grandes defensores da educação, vista por ele como instrumento de regeneração do povo e da nação. Tanto que, no título de uma de suas obras, Couto propôs que “no Brasil só há um problema nacional: a educação do povo”.

Segundo Herschmann, no período em análise, provavelmente nenhum outro membro do campo da medicina, além de Miguel Couto, obteve consagração em tantas áreas distintas quanto Afrânio Peixoto. Ao lado de Nina Rodrigues e Oswaldo Cruz, Miguel Couto e Afrânio Peixoto são referidos pelo autor como os fundadores do campo médico no Brasil (HERSCHMAN, KROPF, NUNES, 1996, p. 38, 56).

Couto tornou-se conhecido, entre tantos outros motivos, por, tal qual fizera Miguel Pereira, enfatizar a “ignorância” da população. Na sua perspectiva, seria ela a responsável pelo quadro de “atraso” e de “insalubridade” que ele dizia observar no Brasil. Diante desse diagnóstico, pregava que a educação e a higiene seriam os dois remédios necessários. Conforme afirmou:

Certo ninguém vai tomar o vocábulo analfabetismo no seu sentido explícito, evidentemente estreito e insignificante, mas nesse outro, implícito, que integra na

⁵ Sobre Miguel Couto, consultar Herschman, Kropf, Nunes (1996). Para um estudo em torno de sua ênfase no analfabetismo, ver Rocha (1995).

instrução principalmente a educação, e nesta o espírito de solidariedade, de generosidade, de decisão, de iniciativa e sobretudo do dever inexorável.

(...) A prosperidade de um povo está na razão direta da sua cultura, porque da cultura nasce a ambição, da ambição a atividade, da atividade a fortuna, e desta, multiplicada, a riqueza coletiva. (REVISTA MEDICO-CIRURGICA DO BRASIL, vol. 32, n. 8, 1924, p. 387-388)

Seria então de crucial relevância a erradicação do analfabetismo, num empreendimento em que se referia à atuação de médicos e de educadores como uma “missão”. Por seu intermédio, entendia possível pôr fim às mazelas do país, fazendo dele um país “civilizado”, isto é, colocando-o em pé de igualdade com a Europa no que se refere a cotidiano, instituições, economia, idéias, hábitos.

Assim pensando, aproximava-se do modelo de cidadania defendido pelos positivistas fundadores do regime republicano, os quais queriam o Estado e a vanguarda intelectual na administração dos interesses públicos e na organização da sociedade.

Entretanto, defensor da eugenia e, ao mesmo tempo, da higiene e da educação, acreditava que estas duas últimas seriam a resposta ao fardo representado pela miscigenação ocorrida entre as raças no país. Na década de 1920, tomaria ainda parte do debate em torno da viabilidade ou não da imigração japonesa, manifestando-se totalmente contrário à mesma.

Afirmando que “o homem é o maior patrimônio de uma nação” e que o Brasil deveria zelar por este seu patrimônio, “melhorando a sua formação étnica e presidindo a sua seleção social”, entendendo também que “os aborígenes da Ásia, qualquer que seja o seu valor, são absolutamente inassimiláveis no Ocidente, por diferenças fundamentais de religião, de língua, de índole e de costumes” e, por fim, tendo em vista “que as leis eugênicas e econômicas se opõem à entrada de

elementos dessa origem no território brasileiro”, Miguel Couto encabeçou a apresentação de uma moção da Academia Nacional de Medicina, entidade da qual era presidente, contrária à imigração japonesa (REVISTA MEDICO-CIRURGICA DO BRASIL, v. 32, n. 11, 1924, p. 530-531).

Na cadeira de Medicina Legal, embora entre os substitutos já figurasse o nome de Júlio Afrânio Peixoto, com quem veio a trabalhar anos depois,⁶ foi com Ernesto do Nascimento Silva que Aleixo de Vasconcellos teve suas aulas. Estas foram referidas por Hygino de Carvalho Hércules (1988, p. 56) como aulas de caráter eminentemente teórico, em prejuízo do ensino daquela especialidade.

Atitude esta que, reproduzindo a tendência do ensino médico na forma como era praticado no século anterior, revertia a postura assumida pelo antigo professor, Souza Lima, o qual, em suas aulas, enfatizava a pesquisa e a experimentação (MAIO, 1995, p. 232). Contudo, no período em que Vasconcellos cursou a disciplina, Souza Lima encontrava-se afastado para tratamento de saúde.

Personagem de projeção na sociedade carioca do período e continuamente envolvido na política também foi Cândido Barata Ribeiro. Catedrático da faculdade de medicina desde o ano de 1883, abolicionista e republicano, foi nomeado pelo presidente Floriano Peixoto para ocupar o cargo de primeiro prefeito do Distrito Federal em 1892. Anos depois, em 1899, foi eleito senador, também pelo Distrito Federal. Ao final de sua vida, Barata Ribeiro foi professor de Vasconcellos na disciplina de Clínica Pediátrica.

Não houve como apurar a influência exercida por Barata Ribeiro sobre Vasconcellos, que a ele não fez nenhuma referência em seus trabalhos posteriores.

⁶ Vasconcellos trabalhou com Afrânio Peixoto como legista. Esse assunto será tratado no Capítulo 3.

Mas é certo que foi o exercício da pediatria que manteve Aleixo de Vasconcellos ocupado por mais tempo durante toda a sua existência. Inicialmente na Santa Casa,⁷ e depois em seu consultório particular, Vasconcellos estendeu-se por mais de quatro décadas atendendo às crianças.

Além disso, logo ao iniciar o curso de medicina, no ano de 1903, Vasconcellos já se aproximara de Moncorvo Filho, desenvolvendo pesquisas no Instituto de Proteção e Assistência à Infância (MONCORVO FILHO, 1905; VASCONCELLOS, 1905), órgão criado por Moncorvo Filho em 1899,⁸ e instalado em sua própria residência.

Por isso, é oportuno abrir aqui um parênteses, para apontar que provavelmente foi fora dos quadros da faculdade médica que Aleixo de Vasconcellos recebeu importantes, senão as maiores influências nos tempos da graduação. Elas tiveram lugar no Instituto de Assistência à Infância e no Instituto Oswaldo Cruz.

Foram eles espaços nos quais Vasconcellos apreendeu lições com dois destacados agentes, os quais, muito rapidamente, viria a reconhecer como seus grandes mestres. Dois espaços que não minimizam o papel exercido pela faculdade, nem o de outras instâncias de socialização, mas onde se entende que Vasconcellos esteve em contato com práticas e representações, crenças, saberes e valores que, uma vez apreendidos e reelaborados, viriam a se expressar, com muita força, em toda a sua produção posterior.

⁷ Seu trabalho na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro será abordado no Capítulo 3.

⁸ Wadsworth (1999) afirma que o Instituto foi criado em março de 1880, Madel Luz et al. (1982, p. 93) referem-se ao ano de 1889. Gondra (2002), fala em 1899, data que se considera mais precisa, inclusive porque Moncorvo Filho, pronunciando-se em 1933, afirmou: “A ‘Assistência à Infância’ que há 33 anos, me coube fundar nesta Capital...” (MONCORVO FILHO, 1933, p. 800). Em 1920, treze anos antes, já havia também indicado o ano de 1899 como aquele em que “nasceu a nossa Assistência à Infância” (MONCORVO FILHO, 1920a, p. 248).

Talvez, a crise vivida pela faculdade, referida linhas atrás, possa ter estimulado o jovem estudante a buscar por outros agentes e por outras instituições. Mas esta é apenas uma suposição em torno das motivações para essa procura por estudos e aprimoramento profissional fora da faculdade.

De tal forma, embora não tenha sido professor de Vasconcellos, não estando nem mesmo ligado a nenhuma instituição de ensino médico, entende-se plenamente justificável analisar-se um pouco mais os termos em que se deu a dedicação de Moncorvo Filho à infância e o peso que isso pode ter representado na formação de Vasconcellos.

Moncorvo Filho obteve reconhecimento internacional por defender de forma aguerrida a organização de serviços públicos de assistência à infância, entendendo que ao Estado caberia assumir o papel reservado aos pais das crianças pobres, tema em torno do qual publicou perto de 400 trabalhos.

Seu objetivo era denunciar a negligência governamental em relação às crianças, afirmando que assim se comprometia o futuro da nação, pois compreendia que elas representavam a matéria-prima a partir da qual a futura força de trabalho poderia e deveria ser moldada (WADSWORTH, 1999, p. 103-105).

O Instituto de Proteção e Assistência à Infância foi por ele criado, em meio ao esforço para viabilizar alternativas aos modos então vigentes de prestar atendimento às crianças pobres, órfãs ou abandonadas. Era o caso das “rodas dos expostos”,⁹ as quais não tinham o seu apoio, pois as criticava pela não observância

⁹ Em relação às instituições como a roda dos expostos e, por extensão, às casas dos expostos, consultar Maria L. Marcílio (In FREITAS, 1997). A autora destaca que, ainda presentes no Brasil em meados do século XX, essas instituições foram as últimas do gênero em todo o mundo. Consultar também Míriam M. Leite (In DEL PRIORY, 1991).

dos princípios médicos de higiene e pelos altos índices de mortalidade entre as crianças submetidas aos seus cuidados.

Relatando como percebia as duras condições de vida daqueles “infelizes” e as motivações que o teriam levado a criar o Instituto, ele assim se expressou:

Cada dia mais se multiplicavam os quadros de desolação a que assistíamos: crianças vivendo asfixiadas no deletério confinamento das estalagens e no ambiente infecto das casas de cômodos, a serem dizimadas em número assustador pelos males tão conhecidos dos clínicos brasileiros, sobretudo pelas doenças do aparelho digestivo e a tuberculose – hidra devastadora e traiçoeira, - tudo, agravado pela herança alcoólica ou luética, pela miséria e pela fome, num deplorável ambiente de ignorância e de analfabetismo.” (MONCORVO FILHO Apud GONDRA, 2002, p. 309)

Anos mais tarde, pronunciando-se perante a Academia Nacional de medicina, Moncorvo Filho se referiu aos temas da instrução primária e do analfabetismo nos seguintes termos:

O problema de instrução primária, alicerce do progresso dos povos, está ligado ao da saúde pública e para que o Brasil possa atingir a prosperidade que tão dignamente aspira para a organização de uma sociedade forte, cheia de vigor e energia, não se compreende se consinta continue a avassalar o nosso povo a cifra aterradora dos analfabetos.

Temos em nosso extenso território cerca de 18 milhões de iletrados!

(...) E aí está a razão das infrações da higiene e dos crimes de todo o gênero em tão larga escala cometidos em nosso território. (MONCORVO FILHO, 1920b, p. 358-361)

E o médico prosseguiu, procurando demonstrar, através de estatísticas levantadas no Instituto sob o seu comando, as relações por ele estabelecidas entre o analfabetismo materno e as taxas de mortalidade infantil que tanto o incomodavam.

Algumas das questões, problemáticas e/ou proposições levantadas por Moncorvo Filho, ao explicar as causas do sofrimento por ele observado entre as crianças abandonadas, iriam acompanhar ou se fazer presentes a Vasconcellos nos anos seguintes, em seus trabalhos, suas pesquisas, seus projetos e seus pronunciamentos públicos. Envolveram elas: a infância, as doenças do aparelho digestivo, a tuberculose, a educação, o analfabetismo, a suposta ignorância da população, a eugenia, e, possivelmente, outras mais.

Ainda que não se possa afirmar que Vasconcellos houvesse necessariamente eleito tais problemas por exclusiva opção sua. Nem, tampouco, que tenha algum dia assumido os mesmos com ímpeto comparável àquele demonstrado pelo idealizador do Instituto de Proteção à Infância.

A primeira daquelas questões por ele trabalhadas guardou relação com os problemas digestivos, ainda naquele período, tornando-se problemática a que se debruçou na redação de sua tese de doutoramento (VASCONCELLOS, 1908). As demais, anos mais tarde, com o correr do tempo e à medida em que, além de conhecido, obtinha reconhecimento entre seus pares-concorrentes – os demais médicos –, entre outros agentes e em outros espaços sociais e, ao mesmo tempo, encontrava ocasião para expor suas percepções.

Entre as mesmas, figuravam algumas impostas por trabalhos por ele realizados fora do campo médico. E, por mais que admirasse ao mestre Moncorvo Filho, Aleixo de Vasconcellos retomou-as à sua maneira, dotando-as de características peculiares e abordando-as, ou delas aproximando-se por motivações bastante distintas daquelas que mobilizaram o velho mestre pediatra. Essas questões serão melhor detalhadas mais à frente.

O certo é que, dessa sua precoce aproximação com Moncorvo Filho, Vasconcellos tornou-se por ele conhecido e reconhecido ao longo dos anos, acumulando ao seu lado certo volume de capital social. Isso se verifica ao se constatar que, anos depois, por indicação sua, Vasconcellos veio a trabalhar na Policlínica de Crianças, ao lado de um dos mais afamados pediatras brasileiros, Fernandes Figueira (MONCORVO FILHO, 1920a).

Por conta dessa experiência, Moncorvo Filho propôs que ambos, Figueira e Vasconcellos haviam se colocado à frente de um importante hospital, zelando não apenas pela saúde da infância, mas num esforço que, indo muito além, era empreendido em favor da eugenia no Brasil. Os pediatras da Policlínica se incluíam desta forma no rol daqueles que, embora em reduzido número e de forma pioneira, estariam trabalhando pelas futuras gerações (Id.).

Posteriormente, já no correr da década de 1930, discursando perante a Sociedade Brasileira de Pediatria, Moncorvo Filho nomeou Vasconcellos entre aqueles que afirmava melhor conhecer no rol dos grandes pediatras brasileiros e destacados discípulos de Fernandes Figueira (MONCORVO FILHO, 1933, p. 800).¹⁰

Esse seu trabalho precoce ao lado de Moncorvo Filho evidencia que, enquanto aluno da faculdade carioca, Vasconcellos não se ateve apenas às problemáticas, experiências e ensinamentos que lhe eram possibilitados por aquela

¹⁰ Arthur Moncorvo Filho dividia a história da pediatria no Brasil, até aquele momento, em duas gerações. A primeira delas, iniciada por seu pai, que teria tido por discípulos Fernandes Figueira, Olinto Oliveira, Clemente Ferreira, Luiz Barbosa, Vieira de Mello, Eduardo Meirelles, Olympio Portugal, Ribeiro da Silva, Nascimento Gurgel e outros, entre os quais o próprio Moncorvo Filho. A segunda geração seria dos discípulos destes últimos. Entre os que teriam seguido Fernandes Figueira, destacou: Alvaro Reis, Adamastor Barbosa, Mario Olinto, Alcino Rangel, Santos Moreira, Mello Leitão, Edgar Filgueiras, Raymundo Barbosa Lima, Joaquim Nicolao, Rocha Braga, Vaz de Mello, Aleixo de Vasconcellos, Arno Arnt, Rocha Maia, Zopyro Goulart, Americo Augusto e Luiz Magalhães (MONCORVO FILHO, 1933, p. 800).

instituição. Esse esforço rendeu-lhe maior volume de capital cultural e social. Resultou em maiores e mais promissoras oportunidades, como a que teve de atuar como pediatra junto a Fernandes Figueira, num momento em que a pediatria apenas começava a ganhar forma no país.

Acrescentou-lhe, não menos, mais elementos a partir dos quais veio a elaborar suas representações sobre o homem e a sociedade e a orientar suas práticas.

Resultou, por isso mesmo, numa fonte de inspiração que norteou o pensamento de Vasconcellos no correr dos anos, em especial na maneira como aquele encarava as questões da pediatria, da higiene, da educação e da eugenia no Brasil. Resultou, por fim, na admiração e no respeito que foram nutridos pelo discípulo no correr dos anos que se seguiram. Admiração esta que está estampada, entre outros gestos, na preocupação de carinhosamente preservar uma correspondência a ele dirigida pelo mestre ainda nos tempos da faculdade (MONCORVO FILHO, 1905). A mais antiga entre todas as até o momento localizadas em meio aos documentos pessoais de Aleixo de Vasconcellos.

Além da instituição mantida por Arthur Moncorvo Filho, conforme já se adiantou, outra iria revelar-se de grande importância naquele período, dotando-o não apenas de certo capital cultural, mas também social, pelos relacionamentos que pode estabelecer. Trata-se do Instituto de Manguinhos, mais tarde denominado Instituto Oswaldo Cruz, conforme se poderá acompanhar em seguida.

2.2 A PESQUISA EM MANGUINHOS

2.2.1 A opção por Manguinhos, por Oswaldo Cruz e pela bacteriologia

Em relação à exigência, então em vigor, de redação de uma tese para a conclusão do curso, Vasconcellos a atendeu a partir de pesquisas empreendidas sob a orientação de Oswaldo Cruz, médico apontado como patrono da medicina higienista e sanitarista no Brasil (HERSCHMANN, KROPF, NUNES, 1996, p. 18) e referido por Vasconcellos (1934, p. 1, 2) como o “fundador da medicina experimental no Brasil”, “grande mestre” de Carlos Chagas “e nosso e de todos que se dedicam à medicina experimental”.¹¹

O certo é que Vasconcellos acompanhou de muito perto o sucesso e a projeção internacional alcançados por Oswaldo Cruz, após seu empreendimento contra as doenças que afetavam o Distrito Federal. Vitórias por ele obtidas enquanto Vasconcellos ainda era um acadêmico do curso medicina e seu orientando.

Para se ter uma idéia da extensão da influência exercida por Oswaldo Cruz no período, basta lembrar as conclusões a que chegou Maria E. Labra (1985, p. 173). Segundo a autora:

As discussões em fins dos anos 10 e durante os anos 20 na área da saúde pública se dão, *grosso modo* á luz da obra empreendida por Oswaldo Cruz nas duas primeiras décadas do século e sob o peso das conquistas por ele alcançadas ao instaurar a medicina em bases científicas para combater a febre amarela, a varíola e a peste, e institucionalizar a pesquisa biológica e a formação de cientistas neste campo.

¹¹ Sobre Oswaldo Cruz e o Instituto de Manguinhos, consultar Madel Luz et al. (1982), Jaime L. Benchimol (1990), Instituto Soroterapico Federal (2004).

E dizemos *sob o peso* porque a figura de Oswaldo Cruz converteu-se num mito que, de tão enorme, chegou a ofuscar toda a história posterior a sua atuação... (itálicos no original)

Por ocasião de sua morte, o importante periódico *Brazil-Medico* (vol. 31, 1917, p. 51-62) dedicou páginas e páginas para lamentar o ocorrido e relembrar os feitos daquele que precocemente se tornara um mito e era por muitos indicado como um grande mestre. *Brazil-Medico* reportou-se a Oswaldo Cruz afirmando que ele “não foi só dos maiores brasileiros que têm existido, foi dos homens a quem o Brasil mais tem devido”.

Sobre o papel desempenhado no período pelo Instituto de Manguinhos, também esclarecem Madel Luz et al. (1982, p. 207-208):

A influência do Instituto Oswaldo Cruz se fez sentir, entre 1900 e 1930, de diversas maneiras nas políticas de saúde: através da participação direta dos seus membros nos aparelhos de saúde pública, que ajudam a constituir, a unificar e a disseminar; na produção de um saber experimental especializado, através das pesquisas; na reprodução de um novo modelo de conhecimento, através dos Cursos de Aplicação, que influenciam o meio médico, em oposição ao modelo clínico retórico ainda dominante nas faculdades de medicina. Além disso, os contatos internacionais da instituição, seja com órgãos similares avançados da Europa ou da América do Norte, seja com os formuladores ou agentes de saúde pública dos EUA, como os da Fundação Rockefeller, facilitam a penetração, na sociedade brasileira, da influência norte-americana, que depois da I Guerra, e sobretudo a partir dos anos vinte, torna-se hegemônica e cresce sem cessar até os dias de hoje.

Vivia o instituto seus momentos iniciais e, provavelmente, de maior euforia e realizações. Tanto que chegou a obter reconhecimento internacional no ano de 1907, ao alcançar o primeiro lugar e a medalha de ouro no Congresso Internacional de Demografia e Higiene realizado em Berlim.

O ano de 1907, quando Aleixo de Vasconcellos estava prestes a concluir seu doutoramento em medicina, foi também marcado pela descoberta, em Manguinhos, da vacina contra o carbúnculo sintomático. Feito apontado por Benchimol (1990, p. 29) como a primeira descoberta sensacional da instituição.¹²

O instituto surgia assim como um centro de pesquisas que se revelava capaz de provar que o Brasil também estaria apto para produzir ciência e obter destaque entre as nações ditas “civilizadas”. E para futuros homens de ciência, como viria a ser reconhecido Aleixo de Vasconcellos, a ciência também se confirmava como uma das armas – talvez a principal de todas – a serem empregadas na solução daqueles que eles entendiam como sendo os problemas de sua pátria.

Vasconcellos realizou sua formação médica num contexto em que o problema da identidade nacional e o desejo de “regeneração” do brasileiro se apresentavam como pontos nevrálgicos. Então, estudando e pesquisando no Instituto de Manguinhos - aquele que, no período, tornara-se o centro de produção científica de maior prestígio no Brasil, ainda que recentemente criado -, adquiriu conhecimentos que lhe possibilitaram afirmar-se como um cientista e adentrar domínios bastante diversificados.

Sempre que se lhe apresentava oportunidade, Vasconcellos indicava seu trabalho ao lado de Oswaldo Cruz, um dos principais responsáveis pelo processo de “pasteurização” da medicina brasileira. Ou seja, pela pioneira produção de pesquisas originais em microbiologia no país.

¹² O carbúnculo sintomático é uma doença que atinge o gado e é provocada pela bactéria antraz. É conhecida popularmente como peste da manqueira.

Fazer menção ao fato de ter estudado e pesquisado com o grande cientista, dele dizer-se um discípulo, eram assim estratégias de retórica mobilizadas no sentido de aumentar o próprio prestígio. Esforço empreendido para fazer-se digno de parte da admiração que era por todos devotada àquele verdadeiro mito da ciência brasileira.

A legitimidade adquirida em decorrência de ter-se formado médico e, além disso, bacteriologista, abriu-lhe outras portas para além da exclusiva esfera de atuação médica. Mas não se pode considerar que foram única e exclusivamente os conhecimentos e habilidades de que se fizera dotado que lhe franquearam aquelas portas. Assim como fez Moncorvo Filho, também Oswaldo Cruz indicou Vasconcellos para um cargo, o de diretor do Laboratório da Associação dos Empregados do Comércio (VASCONCELLOS, 1935a, f. 2).

Como já se observou em relação ao mestre pediatra, o capital social, ou os “recursos sociais” que assim era acumulados cumpriam importante papel naquele sentido: a indicação de um jovem médico reforçada pela assinatura de um Moncorvo Filho ou um Oswaldo Cruz revelava-se precocemente garantia de acesso a cargos e funções. Nestes, além de razoáveis rendimentos, novos conhecimentos, contatos com novos agentes e instituições, mais prestígio e projeção, abriam-se ainda, por consequência, novas portas para outros cargos e funções mais elevadas. Ao mesmo tempo, ganhavam forma problemáticas novas e novos elementos dos quais se serviu na interpretação da realidade social, cultural e política do país.

Foi assim com Vasconcellos, no correr dos anos que se seguiram à conclusão do curso de medicina.

2.2.2 Em 1908, a *these* sobre o grupo *coli-typhico*

Conforme observado anteriormente, os estudantes de medicina que buscavam o Instituto de Manguinhos o faziam pela necessidade de estágio ou de orientação para a redação de suas teses, indispensáveis para a conclusão do curso. Com isso, em lugar das costumeiras compilações baseadas na literatura existente e disponível, começaram a surgir monografias resultantes de pesquisas originais (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2002b).

Entre os anos de 1901 a 1910, foram 23 teses, entre as quais aquela que teve por título *Contribuição ao estudo bacteriológico do grupo coli-typhico*, defendida por Aleixo de Vasconcellos (1908). Trabalho este que lhe foi sugerido e realizado sob a orientação de Oswaldo Cruz e, finalmente, aprovado com distinção pela banca examinadora, em 01 de junho de 1908.

Na instituição, Vasconcellos não se ateve a pesquisas sobre um único tema, tendo publicado no periódico *Brazil-Medico*, ainda em 1905, um estudo onde teve por objeto a coloração de bactérias para a realização de trabalhos de microscopia (VASCONCELLOS, 1905). Para o mesmo, serviu-se dos microorganismos que estariam relacionados à sífilis, doença que acompanha o homem no mundo Ocidental desde o século XVI e representou sempre importante problema de saúde pública no Brasil.

Mais detalhadamente, tratava-se de trabalho iniciado em 1903 e realizado em torno de novas possibilidades de coloração de espiroquetas¹³ presentes em eflorescências observadas em crianças portadoras de sífilis – também denominada

¹³ No Aulete (1925, vol. 1, p. 928), tem-se: “Espiroqueta: nome genérico das bactérias em forma de longos filamentos, com muitas voltas em espiral”.

lues – congênita.¹⁴ Crianças estas que se encontravam sob os cuidados do Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro.

Logo em seguida, suas conclusões foram contestadas na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, pelo médico Fernando Terra (*Brazil-Medico*, vol. 19, 1905, p. 442), caindo no esquecimento. Passadas algumas décadas, Clementino Fraga Filho e Raymundo Moniz de Aragão (1964, p. 1152) lembraram e enfatizaram a importância desse estudo, apontando que teria sido realizado no mesmo ano em que o dermatologista Paul Erich Hoffmann e o zoologista Fritz Richard Schaudin divulgaram a descoberta do *Treponema pallidum*, o espiroqueta causador da sífilis.

A precocidade do mesmo pode ser atestada ainda ao se ter em conta que o trabalho de Vasconcellos foi desenvolvido a partir do ano de 1903. Por sua vez, Hoffmann e Schaudinn assinalaram a data de 03 de março de 1905 para a sua descoberta do *Treponema pallidum*, a qual, ao ser apresentada perante a Sociedade Berlinense de Medicina, gerou controvérsias, ceticismo e mesmo ironias, antes de ser finalmente reconhecida (SOUZA, 2005, p. 548).

Contudo, mais que pioneirismo, esse trabalho evidencia o papel cumprido por Moncorvo Filho, pois, empreendendo pesquisas em torno da lues congênita, o estudante de medicina Aleixo de Vasconcellos fazia eco às preocupações manifestadas por seu mestre. Este, profundamente envolvido com a realidade da

¹⁴ Em 1908, a nova edição do Chernoviz explicava: “A sífilis é as mais das vezes uma doença contraída por contágio, depois do nascimento; neste caso, diz-se que ela é *adquirida*. Mas pais sífilíticos podem transmitir a sífilis a seus filhos. Neste caso diz-se que a sífilis é *hereditária*” (CHERNOVIZ, 1908, p. 1941, *itálicos no original*). Posteriormente, Leonel Gonzaga (1956a, p. 232) taxaria como totalmente indevido o emprego da expressão “sífilis hereditária”, propondo que em seu lugar se adotasse a expressão “sífilis ou lues congênita”. Atualmente aceita-se que bactéria causadora da sífilis, presente na corrente sangüínea da gestante, atravessa a barreira placentária, contaminando a corrente sangüínea do feto (MELO, 2001, p. 88).

infância abandonada, afirmava que a situação desta seria agravada pela má herança alcoólica ou luética e também pela miséria e pela fome (Apud GONDRA, 2002, p. 309).

Para ambos, as crianças que ao nascer já trouxessem aquelas más heranças confirmariam o quanto a ignorância, favorecida pelo analfabetismo, comprometeriam a realidade sócio-cultural de seu país.

O microscópio, portanto, indicaria para estes agentes um diagnóstico um tanto quanto precoce para o período e que viria a se firmar nos anos subseqüentes. Segundo tal diagnóstico, por trás das doenças, da miséria e mesmo da degeneração que entendiam afetar o brasileiro, estaria oculto o mal da “ignorância”. Mas isso apenas começava a ser vislumbrado pelo discípulo de Moncorvo Filho.

Em 1906, Vasconcellos voltou às páginas do *Brazil-Medico*, com novo trabalho em torno da problemática da coloração em estudos bacteriológicos (VASCONCELLOS, 1906). Trabalho este que prosseguiu e, ainda na condição de acadêmico do curso de medicina, teve a oportunidade de apresentar à comunidade científica internacional. Isso se deu quando da participação do Instituto de Manguinhos na XIV Exposição de Higiene e Demografia de Berlim, referida a pouco.

Quanto à sua tese, Vasconcellos iniciava propondo-se a apresentar alguns esclarecimentos relativos ao porquê da sua opção por pesquisar em Manguinhos. Suas palavras davam a entender que lá ingressara já ciente e seguro daquilo que desejava. Conforme detalhou:

Os progressos da microbiologia no domínio da patologia humana, contribuindo com a aquisição de noções etiológicas verdadeiras ao esclarecimento das concepções clínicas, o rigor dos métodos de pesquisas na prática dessas aquisições, a precisão dos fatos estabelecidos, conseqüentes a um conjunto de observações

bem apuradas, despertaram-nos o interesse de estudar em laboratório. (VASCONCELLOS, 1908, p. I)

Rigor, verdade, precisão foram alguns dos elementos por ele associados à microbiologia. Voltaremos a eles mais à frente. Antes disso, mais alguns esclarecimentos.

Cumprindo aquele requisito obrigatório para a aquisição do título de doutor em medicina, Vasconcellos procurou subsídios fora da faculdade e adentrando na área da microbiologia, na qual Manguinhos começava a oferecer cursos. Embora ainda, nestes primeiros tempos, o fizesse de forma precária. Outras opções, somente fora do país. As faculdades médicas então disponíveis no Brasil não tinham uma tradição no ensino de medicina experimental. Criado em 1900, Manguinhos começou a oferecer, entre outros, o curso de bacteriologia, de forma predominantemente prática e experimental a partir de 1903, momento em que Vasconcellos já freqüentava a instituição.

Além de seu trabalho com Oswaldo Cruz, Aleixo de Vasconcellos recebeu, enquanto estudante, a influência de outro nome de destaque no campo médico brasileiro daquele período. Trata-se de Henrique da Rocha Lima, o qual foi seu professor de bacteriologia em Manguinhos. Vasconcellos registrou em sua tese de 1908: “No decorrer de 1906, o distinto chefe do serviço, Dr. Rocha Lima, com apreciável dedicação, deu-nos um demorado curso de bacteriologia” (Ibid., p. I).¹⁵

¹⁵ Uma década após a morte de Aleixo de Vasconcellos, Rocha Lima ainda guardava na memória os tempos em que lhe dera aulas em Manguinhos. Em 1972, ele relatou: “Pelo caminho da tese entraram primeiro Carlos Chagas, Henrique Aragão e depois, entre outros, Parreiras Horta, Arthur Moses, Borges da Costa, Jesuino Maciel, Marques Lisboa, Mac Dowel, Aben-Athar, Aleixo de Vasconcellos, W. Schiller, Oscar de Araujo, Octavio Machado, nomes que mais tarde se tornaram de alta projeção no nosso ambiente científico” (ROCHA LIMA, 1972, p. 567).

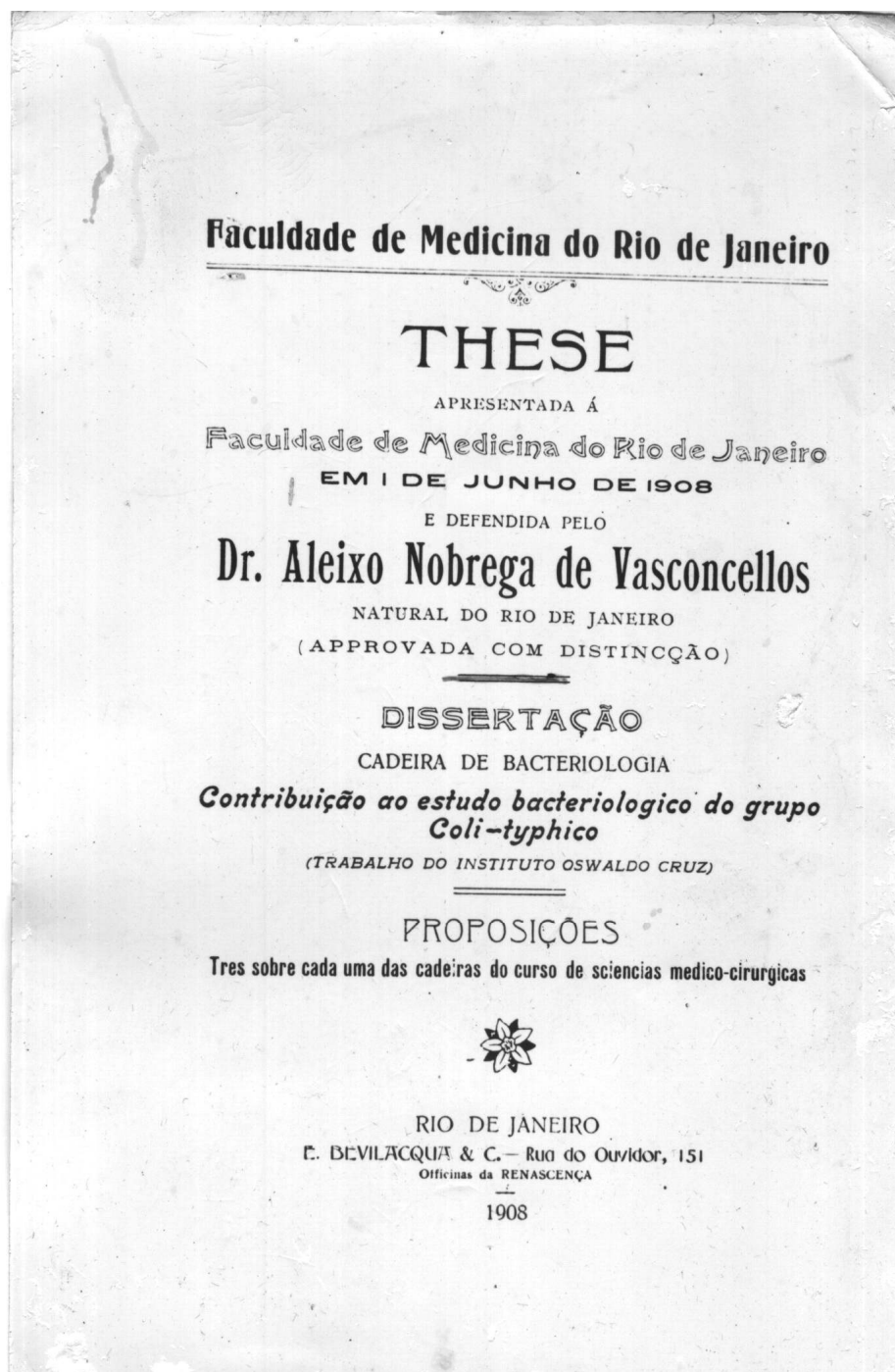
Referindo-se a Rocha Lima, Jaime L. Benchimol (1990, p. 27) afirma ter sido ele um pesquisador altamente qualificado. Médico que ingressou no Instituto de Manguinhos no início do ano de 1903, após ter retornado da Alemanha, onde fizera sua especialização em bacteriologia e anatomia patológica.

Em seguida, Benchimol faz algumas considerações que esclarecem sobre o interesse de Vasconcellos e de outros médicos em relação ao Instituto de Manguinhos e às aulas de Rocha Lima:

Além de iniciar imediatamente a preparação de novos produtos biológicos, coube a Rocha Lima a estruturação, ainda em bases informais, do ensino da bacteriologia, parasitologia, anatomia e histologia patológicas; esse curso, de natureza essencialmente prática e experimental, destinava-se aos estudantes de medicina que, desde 1901, freqüentavam os precários laboratórios do instituto para desenvolver teses de doutoramento relacionadas às disciplinas da microbiologia, ou mesmo por profissionais já graduados que reconheciam sua importância para o exercício da própria clínica médica. (Id.)

Por isso, a importância de Rocha Lima. Tanto para o Instituto de Manguinhos, quanto para aqueles que, como Vasconcellos, revelavam-se interessados em investir em novas áreas de conhecimento ainda pouco exploradas ou totalmente novas. Especialmente no Brasil, onde não existia no período nenhum outro local apto a proporcionar-lhes aquela formação. E o estudo e a pesquisa em Manguinhos se constituíam realmente em um investimento, e não na pura e simples busca pelo conhecimento.

FIGURA 1 – FOLHA DE ROSTO DA TESE DE ALEIXO DE VASCONCELLOS



FONTE: Vasconcellos (1908)

Comparando-se as possibilidades que se abriam ao médico a partir da opção pelo exercício exclusivo da clínica, ou, como o fez Vasconcellos, acrescentando à sua formação a prática da bacteriologia, constata-se o leque maior de opções com o qual pode ele contar. Do laboratório, à saúde pública. Da clínica privada, aos cargos públicos prestigiados e muito bem remunerados na esfera federal. Da ação sobre o corpo de um indivíduo enfermo, à intervenção sobre as coletividades.

“A figura social do médico, com seu prestígio, fundiu-se à de homem da ciência”, aponta Jane Dutra Sayd (1998, p. 157), “enquanto sua atividade terapêutica passou a ser algo estritamente privado, de que pouco se fala, tarefa obrigatória mas não necessariamente enobrecedora: ninguém teve a coragem de dizer que a terapêutica se tornou uma ciência exata.”

Acrescente-se ainda, conforme já acentuado, o prestígio resultante do apresentar-se como um dos discípulos de Oswaldo Cruz, muito embora este ainda não houvesse galgado ao posto de grande herói nacional quando dele se aproximou Vasconcellos.

Da soma desses fatores, conhecimentos ou capital cultural, mais referências sociais relevantes ou capital social, tornaram-se possíveis as opções que se seguiram, quase todas em áreas ainda por desbravar no país: pediatria, medicina experimental, veterinária – embora sem a formação específica -,¹⁶ inspeção sanitária animal, farmacologia, entre outros domínios nos quais Vasconcellos adentrou e que serão analisados nas páginas que se seguem.

¹⁶ A criação do curso de veterinária de Manguinhos data de 1907 (INSTITUTO SOROTERAPICO FEDERAL, 2004).

Assim, retornando ao trecho de sua tese transcrito linhas atrás, voltemos às suas referências à microbiologia, ao laboratório, ao “rigor dos métodos de pesquisa”, ao estabelecimento da “verdadeira etiologia” das doenças. Menções a aspectos que, aparentemente, estariam restritos aos domínios exclusivos da medicina experimental, do mundo microscópico.

Muito embora falasse em laboratório e na escala micro, constata-se que, a partir desse laboratório e dessa reduzidíssima escala, desde os tempos de estudo, Vasconcellos já começava a voltar suas atenções também para aquilo que se passava na sociedade. Para os problemas que nela o agente podia observar. Embora lentamente e talvez até mesmo sem se dar conta disso, naquele primeiro momento. Ou não.

Aqueles pequeninos seres revelados pelas lentes de seus equipamentos não haviam sido obtidos na natureza. Eles habitavam com os homens, entre os homens, nos homens. E com eles interagiam, tomando parte no mundo por eles construído para além dos domínios exclusivos da natureza. Pois não é nesta última que o homem se desenvolve, se constrói: é na sociedade.

Esse olhar aprofundado possibilitado pelo microscópio revelava-se, ou ainda iria revelar-se, portanto, um poderoso recurso para Vasconcellos alcançar uma melhor compreensão, ou, dizendo de forma talvez mais apropriada, uma compreensão diferenciada, do universo microscópico e, por extensão, do social. A partir disso, poderia proporcionar-lhe novos elementos que norteariam a intervenção no mundo macro, no mundo social. Dotando-o de recursos que, mais que alterar as relações entre homens e micróbios, poderiam e seriam mobilizados para propor e

mesmo estabelecer novas relações entre os homens. Ou de alguns poucos homens – homens de ciência – com a sociedade e pretendendo intervir sobre a mesma.

Diante de tais observações, fazemos uma ressalva às conclusões a que chegaram Madel Luz et al. (1982, p. 203-205). Os autores, analisando o programa dos cursos oferecidos por Manguinhos, propuseram que os mesmos tratavam de “micróbios em geral”, “técnica das culturas”, “análise de ar, solo e água”, “grupo carbúnculo”, entre outros temas, para afirmarem em seguida que neles não se encontrava “um ponto sequer tratando de técnicas de campanhas ou de políticas de saúde, ou mesmo de fatores sociais ligados à produção ou reprodução das doenças endêmicas e epidêmicas que são objeto do curso”. Propuseram ainda que seria a prática da medicina experimental, alternativa à formação médica da época, que interessava aos professores e alunos que se candidatavam àqueles cursos.

Assim posicionando-se, propõem possível uma distinção entre os saberes que supõem estritamente experimentais daqueles que caracterizam como sociais. Divergindo dos autores, o que se pretende reafirmar é que, por técnica e especializada que possa se afigurar, a ciência é sempre um trabalho social, “extremamente social” (LATOURETTE, 2000, p. 104). O emprego de microscópios e outros aparelhos e equipamentos muito mais sofisticados não significa, pelo contrário, o isolamento da sociedade. Se não fosse a força das “idéias sanitaristas” citadas pelos autores, não haveria propósito naqueles estudos experimentais. Ou seria possível propor que aqueles temas – “micróbios”, “análise de ar”, etc. – não afetam ao homem, à sociedade?

Os desdobramentos da trajetória de Aleixo de Vasconcellos revelam o quanto há de social na pesquisa científica e na microbiologia. A sua atenção dirigida

ao microscópico revelava, por tudo isso, um jovem pesquisador atraído pelas possibilidades oferecidas pela microbiologia. Especialidade da pesquisa científica nos moldes mais modernos daquele período e que dele poderia fazer, muito mais que um médico, um homem de ciência.

Os exemplos vindos do exterior eram vários e, entre o maior de todos, o de Pasteur, cujas conquistas seriam várias vezes lembradas, citadas e enaltecidas por Vasconcellos, devido à sua capacidade de transformação da realidade das populações. Pelo poder do microscópio, não apenas no conhecimento do mundo micro, mas por revelar-se também capaz de intervir e, com as informações através dele obtidas, transformar o mundo macro. Recursos estes e conseqüentes possibilidades que Vasconcellos demonstraria ter em consideração também em trabalhos subseqüentes. A tese de 1908 era apenas o primeiro exemplo disso. Retornemos a ela, buscando destacar mais alguns aspectos.

Esclarecendo a que se propunha em sua tese, acrescentou o jovem candidato ao título de doutor em medicina:

Quando se tornou oportuna a confecção da nossa tese, o grande mestre Dr. Oswaldo Cruz, propôs estudarmos no ponto de vista bacteriológico, as infecções febris mal definidas do Rio de Janeiro; infelizmente, o pequeno número de observações que coligimos sendo insuficiente para conclusões, nos obrigaram à lamentável abstenção do assunto.

Aproveitando os dados bacteriológicos que nos forneceram os casos observados, fizemos, a conselho do mestre, um estudo de conjunto das bactérias do grupo coliforme.

(...) Procuramos, tratando deste importante capítulo da bacteriologia, reunir noções básicas já estabelecidas ao par de outras pessoais que nos proporcionaram o nosso estudo.

Seguindo uma orientação própria, que pelos erros somos o responsável único, registramos fatos bem observados, que nos levaram a dissentir em certos pontos, da opinião de alguns autores. (VASCONCELLOS, 1908, p. I-II)

Nas suas palavras, portanto, tratava-se de trabalho original, rigoroso e inovador. Uma nova contribuição ao estudo do grupo coli-tifo, o qual estaria associado a determinadas “infecções febris mal definidas”, como lhe sugerira Oswaldo Cruz, e, em alguns casos, a algumas formas de disenteria e intoxicações alimentares – assuntos pouco explorados, temas ainda incipientes não apenas no país, mas também no exterior.

Segundo indicou Raymundo Moniz de Aragão, décadas mais tarde, em meio àqueles estudos, Vasconcellos fez a primeira verificação “em nosso meio, de bacilos disentéricos, dos tipos *Shiga* e *Flexner*, em doentes do *Hospital de Alienados* acometidos de disenteria bacilar, a cruel ‘disenteria dos hospícios’.” (In: FRAGA FILHO & ARAGÃO, 1964, p. 1152, itálicos no original)

Além das pesquisas conduzidas nos laboratórios de Manguinhos, a tese discutia com 124 autores, todos estrangeiros,¹⁷ sendo o mais antigo datado de 1887, ao qual se somavam mais 12 datados do século XIX. Os demais eram todos trabalhos produzidos nos últimos anos, sendo 23 deles datados de 1907 ou de 1908, o ano da defesa da tese.

Não haveria interlocutores no Brasil com os quais se pudesse discutir aquele tema. É o que indicavam essas referências bibliográficas. Elas indicavam também, pelas datas bastante recentes, o quanto o tema era novo, ou o quanto seu jovem autor se esforçara para debater com os mais recentes estudos. Enfim, tudo

¹⁷ Nenhum dos trabalhos citados por Vasconcellos foi redigido em português. Predominavam o alemão, o inglês e o francês, com indicações também de trabalhos na língua italiana.

era novo! Tudo estava ainda no seu início. Mesmo nos Estados Unidos, nação que começava a despontar como modelo de “civilização”, a bacteriologia havia sido introduzida recentemente (ROSEN, 1994, p. 243-244).

Entre esses privilegiados e raros interlocutores, apareciam Shiga, o descobridor do bacilo da disenteria, fato datado de 1898. Também estava lá Fernand Widal, bacteriologista francês que se incluía entre os pioneiros no diagnóstico da febre tifóide. Willian Hallock Park, citado diversas vezes, era outro pesquisador que também ganhava destaque na tese de Vasconcellos. Apontado por George Rosen como uma “figura notável da saúde pública”, este bacteriologista desenvolveu importantes trabalhos em torno da difteria, da tuberculose, da pneumonia, da febre tifóide, da escarlatina, da disenteria e do saneamento do leite (Ibid., p. 374).

A partir desse diálogo/debate com outros autores, e de suas próprias observações, Vasconcellos apresentava também algumas conclusões, posicionando-se perante a comunidade científica internacional.¹⁸ Proposições novas, com as quais procurava trazer respostas mais precisas e cientificamente fundamentadas para antigos problemas enfrentados pelo homem.

Em uma passagem, ele assim analisou a ação patogênica do colibacilo no organismo humano:

A ação patogênica do colibacilo para diversos animais e a sua presença em várias afecções humanas, deram motivo a novas idéias contra as afirmações primitivas de Escherich, que julgava os microorganismos do grupo coli, como sendo hóspedes banais do intestino do homem e dos animais. (...)

¹⁸ Embora tenha-se empregado a expressão “comunidade científica”, habitualmente utilizada por diversos autores, não se pretende, com seu uso, ignorar ou amenizar as disputas que entre eles se observam, conforme tão bem revelado por autores como Pierre Bourdieu e Bruno Latour.

Diz Gilbert, que a expressão sintomática mais característica da atividade mórbida do colibacilo é a *diarréia*.

Esta opinião concorda com a de Lesage que admite que vinte e cinco por cento dos casos de diarréias infantis, são devidas ao colibacilo.

Tivemos também ocasião de verificar em dez casos de diarréias em crianças, a presença do colibacilo sempre muito virulento para os animais de laboratório. (...)

Assim, na febre tifóide, na febre paratífóide, na disenteria e no cólera, o colibacilo adquirindo um certo grau de virulência e aproveitando as lesões intestinais para as quais também concorre, pode entrar na circulação geral dando lugar muitas vezes a lesões supurativas secundárias. (VASCONCELLOS, 1908, p. 37-40, *itálicos no original*)

Mesmo as afirmações de Eschrich, apontado por George Rosen (1994, p. 232) como o descobridor do grupo coli, eram recentes na época, pois datavam de 1885, embora Vasconcellos a elas tenha se referido como “primitivas”, isto é, “primeiras”. Quanto aos casos de disenteria entre as crianças, foram observados por Vasconcellos no Instituto de Proteção à Infância mantido por Moncorvo Filho.

Referindo-se a esse interesse pela pesquisa em torno de doenças, Lilia Moritz Schwarcz (1993, p. 190) propõe encontrar-se ali uma característica particular revelada pelos médicos cariocas. Estes, segundo a autora, buscavam sua originalidade e identidade na descoberta de doenças tropicais. Entre elas, incluíam-se a febre amarela e o mal de Chagas, as quais deveriam ser prontamente sanadas pelos programas higiênicos.

Considerando-se os trabalhos de Vasconcellos, pode-se acrescentar as “infecções febris mal definidas”, entre as quais estava a disenteria dos hospícios. E, conforme será detalhado no capítulo seguinte, algum tempo depois, viriam outras enfermidades, com destaque para a coqueluche.

Dessa forma, os médicos cariocas esforçavam-se para trazer respostas que desmentissem ao diagnóstico desconfortável indicado no número inaugural do periódico *Brazil-Medico*, revista vinculada à faculdade de medicina carioca. Datado de 15 de janeiro de 1887, seu primeiro editorial queixava-se da insignificante quantidade de pesquisas médicas originais desenvolvidas no Brasil. Conforme concluía seus autores, essa realidade seria uma evidência lamentável do hábito verificado entre as jovens nações de tudo copiar do exterior. O país careceria, assim, de uma “ciência original” (SCHWARCZ, 1993, p. 219).¹⁹

Essa produção de estudos originais revela ainda mais um importante aspecto. Fazendo ciência, produzindo conhecimentos, estudando as infecções febris mal definidas, a disenteria entre internos do Instituto de Proteção à Infância, Vasconcellos fez mais que trazer conhecimentos novos para a discussão e para o tratamento de enfermidades. Fez mais que contribuir, como pretendiam os pesquisadores de Manguinhos, para o progresso de sua pátria. Vasconcellos estava, ao mesmo tempo, construindo a si próprio. Pois ele fazia ciência se fazendo um cientista, gerando uma obra, um novo estudo. E gerando a si próprio como um cientista. Modelando-se como um cientista, um pesquisador, que em breve se tornaria reconhecido como um homem de ciência. Condição esta em que obteria legitimidade para trazer a público seus diagnósticos e terapêuticas para a sociedade. E na qual assumiria o perfil de médico eugenista.

¹⁹ Um ano depois, durante a realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, seu orador oficial, o médico carioca Júlio de Moura, advertiu a audiência que: “sem a constituição de uma base autônoma e própria de conhecimento, o Brasil não acumularia um patrimônio científico sólido e relevante. Somente assuntos originais garantiriam algum lucro científico” (Apud FERREIRA, MAIO, AZEVEDO, 1998, p. 487).

Portanto, muito cedo ele começava a obter reconhecimento como um homem de ciência, ou seja, despontava como mais um agente apto a pensar e propor soluções para os problemas de seu país. Faltavam ainda mais alguns passos para chegar até lá. Mas ele já começara a adquirir os meios necessários para tal e a caminhar naquela direção.

Todo aquele esforço para produzir uma tese original – e não uma simples compilação - evidenciava, por conta de todas essas razões, como um investimento destinado a proporcionar-lhe um diferencial constituído por dividendos que seriam obtidos não apenas no campo médico.

Com esses investimentos, Vasconcellos dava mostras de ser seu desejo tornar-se conhecido e reconhecido em meio a uma minoria mais seleta ainda que aquela composta pelos médicos: a constituída pelos cientistas e talvez mesmo pelos homens de ciência. Não fosse assim, bastaria ter seguido o procedimento adotado pela maioria, qual seja, redigir uma compilação, sem nada de novo ou original a acrescentar em sua tese. E mesmo assim o título de doutor em medicina estaria assegurado, com um dispêndio muito menor de energia.

Além do mais, a despeito do prestígio internacional obtido por Manguinhos – e observe-se que isso somente ocorreu após o ingresso de Vasconcellos na instituição -, deve-se ter em conta que uma opção como a sua, de ali buscar orientação para a redação da tese, não era algo assim tão óbvio no início do século XX. Isso em virtude da séria resistência que Oswaldo Cruz enfrentou inicialmente em relação às suas idéias e procedimentos, inclusive nos meios médicos.

Esta resistência foi movida, entre outros, por alguns médicos da faculdade carioca. Isso reduz, muito embora não anule, as chances de que tenha sido na

faculdade que o jovem acadêmico tenha recebido maior inspiração ou o decisivo apoio para procurar por Oswaldo Cruz. Na faculdade, ao iniciar-se o século XX, ainda encontravam-se professores reticentes em relação às recentes noções da bacteriologia.

Além destes, por ocasião da Revolta da Vacina,²⁰ também algumas parcelas dos adeptos do positivismo comtiano,²¹ militares, políticos, e segmentos das classes populares cariocas ofereceram grande resistência às idéias de Oswaldo Cruz (CASTRO SANTOS, 1987, cap. 3).

Quanto à resistência dos médicos, talvez aquela que mais possa causar estranheza, cumpre ressaltar que Vasconcellos concluiu seu doutoramento num período em que ainda predominava hegemônica a prática da medicina orientada para a cura, sob o perfil generalista ou especialista. Isso se repetia igualmente na postura de parte significativa dos professores que atuavam nas faculdades médicas brasileiras, que, como comentado há pouco, também não haviam ainda se voltado para a medicina experimental.

Não pretendendo nem sugerir, nem tampouco descartar totalmente a possibilidade de que fosse referência para os professores da faculdade carioca e para médicos generalistas, mas apenas pretendendo ilustrar um pouco mais aquela situação, constata-se que ainda em 1908 vinha à luz a 18ª edição do *Formulario e guia medico* de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, importante manual popular de medicina datado de meados do século XIX. Esse fato evidencia que, entre as

²⁰ Sobre o assunto, consultar José Murilo de Carvalho (1997), Sidney Chalhoub (1996).

²¹ Embora não negassem a existência dos micróbios, número significativo dos positivistas brasileiros descartava sua correlação com as enfermidades, o que redundava na negação da teoria microbiana formulada por Pasteur. Sobre o assunto, consultar Ângela Porto (1987).

concepções médicas então aceitas no Brasil quando Vasconcellos estava na faculdade, ainda havia espaço para muitas daquelas adotadas antes do desenvolvimento da bacteriologia.

Este era um ramo muito novo da medicina e ainda demoraria alguns anos para que suas recentes conquistas, com as quais se provava que um grande número de doenças era causado por micróbios e bactérias, obtivessem aceitação mais generalizada no Brasil.

Ao mesmo tempo, essa opção por redigir sua tese apoiado nos estudos e pesquisas empreendidos em Manguinhos revelaram-se fundamentais na medida em que dotaram-no do capital cultural e social necessários para, além de médico, tornar-se, aos poucos, conhecido e reconhecido também como um homem de ciência. Ou seja, um pesquisador que, da medicina experimental, extrapolou ainda para outros domínios. Sempre legitimado pela posse daqueles capitais, até então detidos por raros agentes sociais no Brasil.

Nesse momento, Vasconcellos já iniciava a sua vida profissional. Tendo concluído as disciplinas do curso de medicina em 1907, restando-lhe a conclusão da tese, aprovada em 1908, ele foi nomeado, através de concurso público, para o cargo de assistente do Laboratório Municipal de Análises, criado no ano de 1904.

No seu primeiro emprego, empreendeu estudos em torno de doenças que estavam afetando os cisnes de um parque público da cidade, o Jardim do Campo de Santana (VASCONCELLOS, 1935a, f. 1-2). No prazo de alguns anos, essa dedicação à temas ligados à saúde animal se intensificaria, ao trocar o Laboratório de Análises pelo Ministério da Agricultura.

2.3 PARA SER UM HOMEM DE CIÊNCIA, NÃO ATER-SE AO SABER DOS “ANTIGOS”

Em 1915, Vasconcellos assumiu como profissão de fé uma máxima proferida por Antônio Vieira. Segundo esta, o verdadeiro saber não significaria ater-se às obras e saberes dos antigos (VASCONCELLOS & FIGUEIREDO, 1915, p. 230). Isso não seria suficiente.

Talvez essa sentença já se apresentasse a agente há mais tempo. Pois conforme pode-se acompanhar no presente capítulo, os candidatos ao título de doutor em medicina habitualmente contentavam-se em simplesmente realizar compilações, mas não trabalhos inéditos, originais, em suas teses. Além disso, um de seus “mestres”, o pediatra Fernandes Figueira, do qual trataremos no capítulo seguinte, publicou um trabalho sobre Antonio Vieira.

Pode-se, portanto, inferir que, voltando-se para a bacteriologia, para a pesquisa das doenças, dedicando-se posteriormente a assuntos e temas inerentes a outros domínios, Vasconcellos estivesse buscando, a um só tempo, um problema e um espaço seus (STANCIK, 2003a, p. 210) e não somente ir além dos antigos e daquilo que eles souberam.

Para tanto contribuíram os investimentos realizados ao longo do curso. Na faculdade e, principalmente, no Instituto de Manguinhos. Sua formação deu-se assim sob condições singulares para o período, considerando-se que realizada no Brasil que acabava de sair dos tempos monárquicos, ou seja, num momento caracterizado por alguns de seus contemporâneos como carente de estudos científicos originais.

Por um lado, tendo-se em vista ter atuado junto a um seleto grupo de homens de ciência que começavam a revolucionar as concepções médicas no país. Atores sociais que podem ser tidos como de vanguarda naquele período, ao lado dos quais Vasconcellos adquiriu conhecimentos, habilidades, desenvoltura, entre outros recursos dos quais faria amplo uso.

Por outro lado, pelo prestígio que pode assim acrescentar ao seu currículo de jovem médico e homem de ciência. Prestígio em parte relacionado à sua presença ao lado daqueles que o acompanharam em sua formação: Oswaldo Cruz e Moncorvo Filho, para lembrar apenas os nomes de seus dois primeiros grandes “mestres”, os quais não foram os únicos.

Dotado muito cedo da capacidade de produzir conhecimento e de alguma quantia de capitais sociais e culturais razoavelmente bem cotados – médico e bacteriologista recomendado por Oswaldo Cruz e Moncorvo Filho -, Vasconcellos pode dar início a sua carreira profissional diversificando suas atividades, não se limitando somente à clínica. Dotado precocemente de alguma desenvoltura que lhe possibilitaria, no correr dos anos, transitar em meio a variados domínios, em diferentes espaços sociais e assim atuar, por consequência, em diversas instituições e ao lado e/ou em oposição a vários agentes dotados de variadas cotas de capitais. Sempre lutando pela manutenção de uma posição de destaque e esforçando-se para impor suas percepções.

Com os recursos que assim ia somando àqueles anteriormente adquiridos, foi incorporando a desenvoltura e outros atributos necessários para, não apenas firmar-se como médico, empreender novas experimentações e, por fim, apresentar-se como um legítimo homem de ciência. As posições que precocemente ocupou, as

relações que assim pode estabelecer e que lhe direcionaram para novas, as habilidades e conhecimentos que assim adquiriu e aos poucos foi ampliando, dotaram-no daquela disposição, daquela propensão para atuar e, mais que isso, abriram-lhe a possibilidade de tornar-se conhecido e reconhecido como um homem de ciência.

Portanto, tornar-se médico no início do século XX podia também significar adquirir capitais necessários para, pouco a pouco, obter reconhecimento como um legítimo homem de ciência. Foi o caso de Vasconcellos.

Essa condição, contudo, implicava em outras obrigações “sagradas” que se impunham àquela seleta elite. Homens de ciência estavam incumbidos de mais que fazer ciência. Eles estavam ainda obrigados a trazer respostas para os problemas, os muitos e sérios problemas, enfrentados pela sua pátria.

Tornar-se homem de ciência, então, era sinônimo de estar obrigado a produzir novos conhecimentos e demonstrá-los como capazes de trazer o progresso e a civilização. Era esta a importante “missão” que então se afirmava a eles destinada: “sacrificar-se” em favor de sua pátria, contribuir para a felicidade do gênero humano.

Quem mais, perguntavam-se eles, a não ser os homens de ciência, poderiam fazê-lo? E quem, melhor que um médico com aptidões para observar e experimentar, poderia propor-se a tanto? Afinal, ser médico era percebido como sinônimo de ser portador de ampla cultura, de grande bagagem de conhecimentos – embora conhecimentos já estabelecidos. Ser cientista acrescentava mais um fator: o poder ir além daqueles conhecimentos firmados pelas gerações passadas, produzindo novos saberes, sempre devidamente amparados na observação e na

experimentação. E, o que era da maior importância, munido desses conhecimentos, não apenas pensar, mas trabalhar pela transformação dessa realidade. Genuínas pretensões de um verdadeiro homem de ciência.

Por isso, à profissão de fé apreendida com Padre Antonio Vieira, Vasconcellos acrescentava outra, muito cara ao mestre Oswaldo Cruz: “Fé eterna na ciência”, a *ex-libris* do grande cientista (LUZ et al., 1982, p. 214).

Isso tudo implicava ainda, já se pode perceber, em ter que mover-se em meio às teorias de cunho racial, dando respostas àquela que ainda permanecia uma questão pendente: a formação da raça brasileira. Nesse aspecto, o pensamento eugenista ganhava força e se impunha ao campo médico com especial intensidade.

Em relação à mesma, percebida como uma ciência, pode-se propor aquilo que Latour (2000, p. 219-221) estabelece em relação ao consenso que se observa em torno de “fatos científicos”. Uma vez operado esse consenso, o que se tem a seguir tende a ser não o questionamento desses fatos, mas sua aceitação, reprodução e multiplicação. Uma vez aceito e incorporado ao discurso científico, poucos se mostram dispostos a colocá-lo novamente em questão.

O que, acrescente-se, não pode significar que seu uso se verifique de maneira consensual, especialmente em se tratando de uma teoria sobre a sociedade. Esse consenso reforça, contudo, o amplo número de associações que sempre estão por trás de tais saberes.

E, fato estranho, conforme indica Edwin Black (2003), mesmo sem a força da jamais alcançada demonstração científica – a qual, nem por isso, tem o poder de fazer com que o fato científico deixe de ser uma criação humana -, a eugenia obteve grande êxito em se reproduzir. Não necessariamente em termos quantitativos, uma

vez que o número de seus adeptos não chegou a ser relevante, mas em termos “qualitativos”, mobilizando nos Estados Unidos – e pode-se acrescentar, também no Brasil – muitos dos “melhores cérebros”, conforme expressão daquele autor.

Assuntos que ganharão destaque nos capítulos que se seguem.

3 APÓS A FACULDADE: MEDICINA E EXPERIMENTAÇÃO

Os processos biológicos, aplicáveis à clínica, perquirindo noções etiológicas, são adquiridos com o determinismo das experimentações que os tornam irrecusáveis

Aleixo de Vasconcellos (1908, p. 13)

Não há status-quo na vida dos povos. Toda política deve ser essencialmente uma política biológica.

É por isso que o médico não se deve manter timidamente afastado da política. Tandler diz: 'A estreita dependência entre a arte médica e o bem estar do povo faz, a priori, com que os médicos sejam políticos ativos'. E são de Virchow as palavras seguintes: 'A medicina é política em grosso'.

Conseqüentemente devemos-nos esforçar por constituir a nossa ordem social sobre fundamentos fisiológicos.

Renato Kehl (1929, p. 50)

3.1 O EXERCÍCIO DA MEDICINA: CLÍNICA PEDIÁTRICA E MEDICINA LEGAL

Prosseguir refletindo em torno do papel desempenhado por outros homens de ciência e instituições presentes nos espaços sociais e/ou relacionados aos cargos ocupados por Aleixo de Vasconcellos é ainda a proposta do presente capítulo.

Prossegue-se assim acompanhando as relações entre “posições” e “disposições”, entre a pluralidade de pontos de vista e a conseqüente pluralidade de visões de mundo, acrescentando-se mais elementos que auxiliem a melhor compreender suas percepções do real. Sob esse propósito, são confrontadas suas ações, opções, estratégias, idéias e proposições com outras em relação às quais o agente teve que se posicionar.

3.1.1 Um discípulo de Fernandes Figueira

Desde que começou a clinicar, Aleixo de Vasconcellos voltou-se para a pediatria, especialidade nova e ainda em constituição no Brasil, à qual nunca iria abandonar. Sobre sua prática no início do século XX, registrou Leonel Gonzaga, que a ela passou a se dedicar alguns anos depois de Vasconcellos: “Aquele tempo eu nada sabia de crianças, quase ninguém conhecia algo de crianças. Todos faziam a medicina infantil. A criança era considerada por quase todos um adulto em miniatura. Bastava, quando da organização de um programa de tratamento, dividir por quatro a dose destinada ao adulto... e estava resolvido o assunto” (GONZAGA, 1956a, p. 231). Em seguida, acrescentou: “Já em 1915 começou o reconhecimento da

pediatria como especialidade à parte e, portanto, sujeita a técnicas e procedimentos diferentes dos da clínica geral” (Id.).

Vasconcellos iniciou como pediatra participando, em 1909, da criação da Policlínica de Crianças da Santa Casa, localizada na Rua Miguel Frias, o primeiro e um dos mais importantes hospitais infantis cariocas, instituição que teve José Carlos Rodrigues, diretor do *Jornal do Comércio*, entre os seus fundadores.

Ao iniciar na Policlínica, Vasconcellos trabalhou como assistente de Fernandes Figueira, desempenhando suas funções no Serviço de Clínica Pediátrica. Anos depois, assumiu a chefia daquele setor. O hospital onde ele e Figueira atuavam era uma das unidades da Santa Casa distribuídas pela cidade do Rio de Janeiro.

Além da Policlínica, Vasconcellos também atendia no seu consultório particular, instalado em um sobrado na Rua da Assembléia, 45. Posteriormente, no local também funcionou seu laboratório.¹

Antonio Fernandes Figueira foi apontado como o primeiro médico brasileiro a reconhecer a importância da presença materna ao lado das crianças internas nas enfermarias (INSTITUTO FERNANDES FIGUEIRA, 2002). Vasconcellos e Figueira trabalharam juntos por aproximadamente doze anos, até o primeiro ser nomeado para a chefia da Seção de Leite e Derivados.

Foi por conta de sua proximidade e da credibilidade conquistada junto a Moncorvo Filho e Oswaldo Cruz que Vasconcellos colocou-se ao lado de Fernandes Figueira, por ocasião da criação da Policlínica. Figueira não poderia deixar de acatar

¹ O laboratório realizava análises químicas e bacteriológicas: análises de urina, bioquímica do sangue, hemogramas, hemoculturas, reações sorológicas, sorodiagnose da sífilis, exames de escarro, fezes, pus e exsudatos em geral, entre outras (LABORATORIO DE ANALISES QUIMICAS E BACTERIOLOGICAS, s. d.). Tempos depois, naquele mesmo endereço, Vasconcellos viria a industrializar vários medicamentos.

uma indicação vinda do próprio Oswaldo Cruz. Inclusive porque o próprio Figueira, amigo de Oswaldo Cruz há tempos, devia a ele sua indicação para chefiar a enfermaria de doenças infecciosas do Hospital São Sebastião (Id.).²

Quanto à Policlínica de Crianças, nas palavras de Moncorvo Filho, teria se constituído como um “núcleo primoroso de cientistas que nobilitam hoje a pediatria nacional”. Cientistas que, sempre nas considerações de Moncorvo Filho, estariam realizando “inauditos sacrifícios” ao seu lado e “em favor da eugenia brasileira”, uma vez que o Brasil “precisava acompanhar todas as nações civilizadas nesse belo e promissor movimento em prol do melhoramento da humanidade” (MONCORVO FILHO, 1920a, p. 247, 248).

Figueira, assim como se deu com Moncorvo Filho, foi um pediatra do qual Vasconcellos jamais se esqueceu e que afirmou ter sido um de seus mestres (VASCONCELLOS, 1931). Conforme suas palavras, seria dele “um modesto discípulo”, assim como também o era, entre outros, de Oswaldo Cruz.

Por isso mesmo, em lugar de simplesmente tentar descrever como se passava a sua rotina clinicando no Rio de Janeiro do início do século, embora mais à frente ainda volte-se ao assunto (Capítulo 4), em seguida serão tecidas algumas reflexões em torno da influência que o convívio com Fernandes Figueira pode ter exercido sobre Vasconcellos.

Para isso, considera-se relevante acompanhar algumas das questões que mantiveram este último ocupado, para além dos limites da Santa Casa. Ou seja, tentar perceber como Fernandes Figueira, aquele de quem Aleixo de Vasconcellos

² Coradini (1997, p. 447) destaca recursos tais como o parentesco, a amizade, a proteção ou patronagem profissional e as vinculações com a política como as principais bases sociais de ascensão no período. Estas, contudo, não estavam presentes somente no meio médico.

se propunha um “modesto discípulo”, se posicionou naqueles momentos em que dirigia sua atenção não apenas para o corpo de um enfermo, tomado isoladamente. Mas quando seu olhar voltava-se de maneira mais abrangente para a sociedade tomada como um todo e suas reflexões tinham por objetivo contribuir para pensar as “enfermidades” desse “corpo social”, não apenas para melhor conhecê-las, mas para orientar ações dirigidas ao mesmo.

O médico Fernandes Figueira formou-se pela Faculdade do Rio de Janeiro no ano de 1887. Figueira foi referido por Moncorvo Filho (1933, p. 800) como importante nome daquela que ele considerava a primeira geração de pediatras brasileiros. Falecido no ano de 1928, o pediatra era sempre lembrado e foi venerado por vários componentes do campo médico brasileiro.

Figueira foi autor de diversos trabalhos e livros, alguns abordando assuntos médicos. No campo literário, onde por vezes adotava o pseudônimo de Alcides Flávio, produziu trabalhos para a revista *A Semana*, ao lado de autores tais como Raul Pompéia e os parnasianos Olavo Bilac e Raimundo Corrêa. Publicou diversos poemas, romances, contos, uma memória do padre Antônio Vieira e uma biografia do médico Torres Homem (INSTITUTO FERNANDES FIGUEIRA, 2002; RIBEIRO FILHO, 1965, p. 105).

Em 1905, publicou *Bases científicas da alimentação das crianças: suas conseqüências sociais* e, no ano de 1925, *As crianças e os meios de protegê-las*. No período transcorrido entre o lançamento de ambos os trabalhos, Vasconcellos postou-se como seu discípulo, aprendendo com suas lições.

Essas obras de Figueira denotavam não apenas a importância que o pediatra atribuía ao papel exercido pelo médico na orientação e no aconselhamento

das mães, e de toda a população, como também deixava evidente a relação por ele estabelecida entre a infância e o futuro da nação. Conforme destacava seu autor, no título de uma de suas obras, a alimentação, no seu entendimento, teria importantes conseqüências que não ficariam circunscritas aos indivíduos: elas se propagariam na sociedade, no corpo social.

Assim se posicionando, transferia a esses mesmos indivíduos responsabilidades que extrapolavam aos seus interesses particulares, pois de seus atos, da forma como conduziam suas vidas, mesmo ao alimentar-se, dependeria o sucesso ou o insucesso de sua pátria. Afinal, somente indivíduos bem alimentados e sadios poderiam construir uma nação vigorosa.

Em resumo, na sua perspectiva, médicos e mães, ou melhor, as mães, sob a estrita observação e orientação médicas, teriam, na sua missão de bem cuidar da infância, a responsabilidade de garantir a criação de gerações fortes e saudáveis, conforme ensinava a ciência e necessitava a sua pátria.

Por motivos dessa natureza, muitos de seus pronunciamentos públicos tiveram por destinatários seus companheiros das associações médicas. Em algumas ocasiões, no entanto, destinavam-se a outros setores da sociedade. Através de brados inicialmente lançados por intermédio das associações médicas, agentes como Fernandes Figueira por vezes esperavam que suas palavras extrapolassem aquele espaço, fazendo-se ouvir também pelos políticos e governantes. E, se possível, também por empresários e a população de forma mais abrangente.

Para exemplificar, em relação ao leite, no ano de 1918, o pediatra debateu na Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro a viabilidade ou não de ser encaminhada mensagem indicando procedimentos a serem adotados pela Prefeitura

do Distrito Federal (BRAZIL-MEDICO, v. 32, n. 51, 1918, p. 405). Médicos e homens de ciência, entendia Figueira, deveriam ser ouvidos e terem suas palavras acatadas, uma vez que seriam detentores de saberes cujo desconhecimento seria a causa de muitos dos padecimentos observados na sociedade.

Nesse sentido, ressaltando o papel desempenhado pela nutrição na infância, Figueira mostrou-se preocupado em estudar as condições do leite consumido no Rio de Janeiro. Constatando, através de análises laboratoriais, que o alimento, na forma como era produzido e comercializado, tornava-se contaminado por substâncias e microorganismos os mais diversos, apelou ao Governo Federal e Municipal, por intermédio da Sociedade de Medicina carioca, no sentido de estabelecer leis e critérios visando reverter aquela situação (FIGUEIRA, 1920, p. 106-107).

Com esses propósitos, justificou-se alegando que não se podia esperar mais, sendo chegado o momento de se impor a ciência, inclusive nos estábulos onde o leite era obtido. O que significava que todo aquele que se ocupasse com o leite, deveria fazê-lo sob a orientação dos homens de ciência.

Dizendo-se inspirado naquilo que pudera observar em outros países, o pediatra apresentou em seguida alguns exemplos de como imaginava essa situação, e do porquê de seu clamor. Segundo suas palavras: “Não há leite, absolutamente, sem bactérias, mas o primeiro leite é rejeitado na Alemanha e nos Estados Unidos; contudo, no Brasil, não há nenhuma lei que mande rejeitar esse leite. Também não há nenhuma lei que proíba os movimentos dos animais nos estábulos, no momento

da ordenha. Essas circunstâncias, como o alimento, concorrem para aumentar o número de bactérias e a impureza” (Ibid., p. 107).³

Isso o levava a acentuar ainda que seria da incumbência do “governo, mandando estudar o ambiente dos estábulos e fixando a taxa bacterica por centímetro cúbico de leite, encaminhar essa indústria para a fase científica, a única aceitável nos dias atuais” (Ibid., p. 106).

Propondo o que ele denominava de “fase científica” como a “única aceitável”, Figueira dava continuidade ao discurso cientificista positivista desenvolvido no século anterior. No seio desse discurso, os médicos tendiam a se apresentar como cientistas, percebendo também o exercício da medicina como sendo, ou devendo ser, orientado pelos cânones da ciência.

Além disso, destaque-se a tendência observada entre muitos médicos do período de desconsiderarem por completo muitas das causas sociais da desigualdade - os baixos salários, o desemprego, os mecanismos opressivos de controle social, o coronelismo. Assim procedendo, aqueles agentes tendiam, em geral, a concentrar-se quase que tão somente nos “sintomas” observados e a propor soluções de caráter técnico-científico. Entre as “enfermidades sociais” mais costumeiramente identificadas, contavam: a saúde precária, os problemas alimentares, a falta de asseio, a criminalidade, e aquela sempre imprecisa noção de ignorância.

Nessa perspectiva, os olhares dirigidos para as mazelas experimentadas pelas classes mais pobres, para a infância abandonada, para as doenças e

³ Por “primeiro leite” o médico Fernandes Figueira fazia referência aos primeiros jatos de leite, obtidos durante a ordenha, os quais seriam portadores de agentes microbianos patogênicos em maior quantidade. Por esse motivo, deveria ser desprezado, segundo seus alertas.

epidemias revelavam, em muitos casos, uma preocupação com a manutenção da ordem social e com o futuro de seus próprios filhos (WADSWORTH, 1999, p. 109-110).

Ou, conforme conclui Souza Patto (1999, p. 178-179) “no caso brasileiro, a campanha higienista esteve sobretudo a serviço de dois projetos da classe dominante: superar a humilhação frente ao ‘atraso’ do país em relação aos ‘países civilizados’, pela realização do sonho provinciano de assemelhar-se à Europa, e salvar a nacionalidade pela regeneração do povo.”

Posteriormente, argumentos em muitos aspectos semelhantes àqueles formulados por Fernandes Figueira e associando os papéis de médicos e homens de ciência às boas condições do leite, à saúde da infância, à adoção da higiene, seriam retomados e utilizados muitas e muitas vezes por Vasconcellos, conforme será abordado nos capítulos seguintes.

A “fé eterna na ciência”, que teria orientado seus mestres Oswaldo Cruz e Fernandes Figueira, iria também se apresentar nas prédicas do “modesto discípulo” Aleixo de Vasconcellos.

Por fim, ainda tendo em vista esse período em que Vasconcellos trabalhou como pediatra na Policlínica de Crianças, cabe relatar alguns fatos marcantes em sua vida pessoal, todos acontecidos no correr da década de 1910. Casado há pouco tempo com Dinorah Delamare São Paulo, em 1912 nasceu sua primeira filha, Marina Delamare São Paulo de Vasconcellos.⁴ Então, nos primeiros meses de 1914, sua

⁴ Marina, filha mais velha de Vasconcellos, estudou no tradicional Colégio Jacobina, cursou Direito na Universidade do Rio de Janeiro, e História na Universidade do Distrito Federal. Na Faculdade Nacional de Filosofia teve Arthur Ramos como orientador no curso de aperfeiçoamento de Antropologia e Etnografia, e em seguida tornou-se “sua mão direita” e assistente. Entre 1950 e 1968, exerceu a cátedra de Antropologia na Faculdade

esposa faleceu durante o trabalho de parto daquele que seria seu segundo filho, o qual também não sobreviveu. Diante disso, Vasconcellos confiou a educação de sua filha Marina aos seus pais, que também residiam no Rio de Janeiro.

Não se obteve informações em relação ao impacto desses acontecimentos sobre Vasconcellos. É certo que um agente dedicado a salvar vidas se obriga a encarar a morte como evento cotidiano, ainda mais considerando-se as altas taxas de mortalidade infantil do período. Contudo, quando isso teve lugar em seu próprio lar, imagina-se que o abalo deva ter se feito sentir.

Ainda assim, considerando-se sua produção de trabalhos, esta não sofreu um maior impacto, ao se constatar que no segundo semestre daquele ano já estava novamente presente nas sessões da Sociedade de Medicina e Cirurgia, tendo trabalhos publicados tanto no *Brazil-Medico*, quanto na *Revista de Veterinaria e Zootechnia* (VASCONCELLOS, 1914a, 1914b, 1914c). Estes dois últimos relativos à microbiologia.

Passados alguns anos, casou-se em 1917 com a italiana Lina Pianucci Martinelli, tendo mais dois filhos: Carlos, nascido em 1918, e que também viria a se tornar médico, e Sylvia, nascida em 1920.

3.1.2 Afrânio Peixoto: um homem de ciência a dois séculos do “branco total”

Além de sua dedicação à pediatria, Vasconcellos atuou também como médico legista e perito químico do Serviço Médico Legal da Polícia no Rio de Janeiro. Naquela função, trabalhou com Afrânio Peixoto (CUNHA, 1966, p. 39;

Nacional de Filosofia, posteriormente Universidade Federal do Rio de Janeiro (MIGLIEVICH, 2002, p. 157-169).

ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA, 1935), médico formado pela faculdade baiana e, portando, ligado a uma escola distinta daquela de onde proveio Vasconcellos.⁵ Peixoto, médico que não clinicava (PEREIRA NETO, 2001, p. 154), era o diretor daquele serviço.

Autor de várias obras que abordaram temas eugenistas, vinculando o problema racial à eugenia, Afrânio Peixoto associava criminalidade e hereditariedade (STEPAN, 1991, p. 53). Ao lado de Nina Rodrigues, Miguel Couto e Oswaldo Cruz, Peixoto é considerado um dos fundadores do campo médico moderno no Brasil (HERSCHMANN, KROPF, NUNES, 1996, p. 56). Com exceção de Nina Rodrigues, Vasconcellos realizou diversas atividades ao lado dos demais,⁶ convivendo com os mesmos, por exemplo, nas associações médicas, trabalhando, como o fez ao lado de Peixoto, e/ou tendo por professor, caso de Miguel Couto.

Afrânio Peixoto alcançou no período grande projeção social também como escritor, por sua vasta produção, e como educador, tendo inclusive produzido estudos nesta área. Obras estas em que freqüentemente apresentava conceitos raciais, apontando, por exemplo, para a necessidade do negro “aceitar sua posição servil” (HERSCHMANN, PEREIRA, 1994, p. 147-150).

Isso porque Afrânio Peixoto percebia o cruzamento racial como um grave mal que teria afetado negativamente a realidade sócio-cultural brasileira, uma vez que resultara na proliferação de mulatos – “sub-raça” por ele considerada inferior. Aceitava, portanto, a premissa básica do racismo, ou seja, a superioridade da raça branca.

⁵ Um estudo sobre as escolas médicas baiana e carioca, as duas primeiras no Brasil, pode ser encontrado em Schwarcz (1993, p. 189-238).

⁶ Nina Rodrigues faleceu em 1906. Até onde foi possível apurar, diferente dos demais, Vasconcellos não teve qualquer contato com este. Se o fez, foi possivelmente por intermédio da leitura de suas obras.

Um exemplo é seu romance intitulado *A esfinge*, de 1911, obra que alcançou grande sucesso, refletindo as preocupações raciais de parcelas da elite brasileira do período. Ao concluir a novela, Afrânio Peixoto reforçava o ideal de branqueamento, enfatizando que a “sub-raça” mulata tenderia a desaparecer, por intermédio das “diluições sucessivas de sangue branco” (SKIDMORE, 1989, p. 90-91).

No que se refere à Medicina Legal, seu trabalho intitulado *Elementos de Medicina Legal* (PEIXOTO, 1914), cuja primeira edição data de 1910 e, portanto, reflete seu pensamento no período em que Vasconcellos foi seu auxiliar, reportava-se de forma elogiosa às leis então adotadas pelos Estados de Dakota e de Michigan, nos Estados Unidos. Estas interditavam o casamento de tuberculosos, alcoólatras e loucos, sob o pretexto de assim se fazer a “defesa social contra a degeneração”, e eram por ele indicadas como exemplo a ser seguido pela legislação brasileira (Ibid., p. 157).

Pelo menos duas observações cabem em relação à sua fala. Em primeiro lugar, essa preocupação com o casamento de tuberculosos e alcoólatras revela que, para homens de ciência como Peixoto, a vinculação entre a degeneração da raça e os hábitos adquiridos pelos progenitores aparecia como uma certeza evidenciada pela sua experiência diária.

Fazendo referência ao álcool, um dos “venenos sociais” condenados pela higiene e pela eugenia, Afrânio Peixoto alertava para seus efeitos nocivos sobre a descendência, afirmando que “os filhos que vingam aos bêbados são sujeitos à convulsões, meningite, epilepsia e, como idiotas, imbecis, epiléticos vão,

inevitavelmente, para o hospital ou para o hospício, não raro pelo caminho da prisão” (PEIXOTO Apud DE LUCA, 1999, p. 227, *itálicos no original*).

Nancy Stepan (1991, p. 92) indica que a atenção médica ao problema do alcoolismo guarda relações com a puericultura e a eugenia, propondo que a mesma consistiu numa das formas talvez mais puras da expressão neolamarckista da eugenia brasileira, pela crença de que o consumo prolongado de álcool produziria defeitos hereditários na prole.⁷

Na percepção de Afrânio Peixoto, ser filho de alcoólatras era quase que a certeza de se estar condenado a uma condição inferior de vida. Justificava desta maneira seu clamor contrário à procriação daqueles, por entender que daí somente resultariam indivíduos incapazes e improdutivos. Estes, na versão de Peixoto, além de não se apresentarem em condições de cooperar para o engrandecimento da nação, deveriam ser sustentados pelo Estado, proporcionando-lhe despesas, além da contínua ameaça que representariam à sociedade.

Defendendo a esterilização dos “degenerados”, Peixoto (1938, p. 24) se justificava: “A herança mórbida permitida é a cumplicidade e a premeditação de um crime, de que os dois criminosos, cegos de paixão, podem ser desculpados, mas não o devem ser nem seus pais, parentes, ou a sociedade, que os acoroça, para os deplorar em seguida.” Na sua fala fica evidente a proposição em favor da prevalência dos “interesses coletivos” – eugênicos, da raça - sobre os individuais. Fica claro ainda quem deveria estabelecê-los: os homens de ciência.

⁷ A noção de hereditariedade de caracteres adquiridos será retomada e esclarecida no Capítulo 5. Para outros estudos em torno da problemática, consultar Stepan (1990), Castañeda (1998a), De Luca (1999, p. 230-231), Martins (2004).

Naquele período, os eugenistas norte-americanos encontravam-se “entronizados firmemente nos departamentos de biologia, zoologia, ciência social, psicologia e antropologia” das mais destacadas instituições de ensino superior de seu país (BLACK, 2003, p. 145). Constituindo, assim mesmo, um grupo numericamente pouco expressivo, eles mostravam-se capazes de se valer de sua posição influente para propor leis e empregar recursos do governo contra as minorias que, na sua concepção, seriam inferiores, degeneradas e cuja existência não teria razão de ser.

Essa campanha foi se ampliando no país, e conquistou o apoio não somente dos homens cultos da nação, de seus legisladores e governantes, mas também das grandes fortunas⁸ (Ibid., p. 172). Por conta disso, de forma crescente outros Estados criaram legislação cujos propósitos se justificavam na necessidade de garantir o bem estar social.

Outra evidência do sucesso alcançado pelos eugenistas nos Estados Unidos, observou-se que, antes de iniciar-se a década de 1920, a maioria das escolas secundárias do país fazia uso de livros didáticos que propagavam seus princípios. Estes enfatizavam uma clara distinção entre as famílias ditas superiores e aquelas taxadas de inferiores ou degeneradas (Ibid., p. 147).

⁸ São alguns exemplos de grandes fortunas, instituições e agentes que se associaram à causa eugenista, referidos por Black (2003, p.172-173): Fundação Rockefeller, senhora Harriman, Carnegie Institution, Princeton University, American Medical Association, Departamento de Estado, entre outros. Conclui o autor (Ibid., p. 174) que, nos Estados Unidos, “As grandes fortunas sempre fizeram toda a diferença para a eugenia. De fato, a supremacia biológica, o racismo e os planos coercitivos da batalha eugenista eram apenas temas de conversação, até que aquelas idéias se casaram com a riqueza americana, que trouxeram as conexões e os meios financeiros necessários para fazer da teoria eugenista uma realidade administrativa”.

Além disso, no ano de 1931, perfazia um total de 27 o número de Estados norte-americanos que haviam promulgado leis impondo a esterilização de indivíduos considerados disgênicos.

Mesmo assim, sintetiza Black:

As massas americanas não se uniram nem bradaram para esterilizar, segregar e desumanizar seus próximos e semelhantes. A eugenia foi o movimento dos pensadores da elite da nação e de muitos de seus reformistas mais progressistas. Como sua ideologia se espalhou pela *intelligentsia*, a eugenia infestou por completo importantes movimentos de ação social e outros voltados para a saúde pública. As causas que foram poluídas pela eugenia incluíam os movimentos de assistência infantil, a reforma das prisões, a melhoria da educação, a saúde pública, a psicologia clínica, os tratamentos médicos, a paz mundial e os direitos dos imigrantes, a assistência social e todo tipo de empreendimentos. (Ibid., p. 219)

Estas últimas palavras bem poderiam ter sido empregadas para comentar o que se passou no Brasil, onde o movimento também não teve repercussão maior, senão entre agentes e instituições interessadas na saúde pública, na educação, na imigração, entre outros domínios.

Portanto, importa retornar às reflexões de Peixoto para constatar-se que, na sua concepção, os motivos determinantes da degeneração da raça eram mais amplos, estando associados, além das doenças e do alcoolismo, a outros fatores. Tal qual se observava entre os eugenistas norte-americanos, um desses fatores, sempre no seu entendimento, seria a miscigenação racial.

Reportando-se às raças que constituíram a população nacional – ou, no seu dizer, estariam constituindo -, e vendo aí um importante problema ainda pendente, propôs Peixoto (1914, p. 502-503): “O problema das raças, que é árduo nos velhos e já sedimentados povos da Europa, complica-se enormemente nos países novos que

ainda se povoam, como o nosso, a custo de elementos de vária proveniência". O Brasil ainda não teria conquistado uma raça única, pois, nação jovem, ainda estaria em processo de sua constituição, o que determinaria uma condição de provisória instabilidade.

Essa "vária proveniência" dos elementos que estariam dando forma à raça no país era por ele detalhada como constituída da seguinte maneira: 1) "povos selvagens" e "rebeldes", que habitavam o país antes da chegada dos europeus; 2) "negros da África, de vária procedência"; 3) portugueses "brancos", "mistura então de arianos, árabes e semitas". Povos que seriam não apenas física, mas intelectual e moralmente diversos, em se tratando de "tipos definitivos", ou "povos sedimentados" (Ibid., p. 502-506).

Bem diversa seria a condição dos resultados híbridos, das "sub-raças", que se caracterizariam pela "instabilidade". Ou seja, não se poderia determinar o que esperar de seus produtos. Tanto nos atributos físicos, quanto nos intelectuais e morais. Raça em formação, por mostrar-se "instável", o governo daqueles homens constituiria um problema. Eis uma das razões para Peixoto desejar que se operasse a "uniformização" racial do Brasil o mais brevemente possível.

O trabalho prossegue ainda, fornecendo informações relativas às variações de índice cefálico, capacidade do crânio, ângulo facial, largura da face e outros sinais ósseos, que dizia caracterizarem as diferentes raças. Trazia também indicações de como calculá-los (Ibid., p. 505-506).⁹

⁹ Afrânio Peixoto, valorizando aspectos dessa natureza, não desperdiçou a ocasião, ao ser indicado para fazer a perícia do corpo de Euclides da Cunha, retirando o seu cérebro para posteriores estudos (VENTURA, 1991, p. 55). "O problema", observa Lília M. Schwarcz, (1997, p. 37, itálicos no original), "não está, porém, em classificar. O homem é mesmo um ser classificador (...), e não é disso que se trata. A grande questão é como se lida e assumem-se as diferenças sempre dentro de *hierarquias valorativas*."

As sub-raças resultantes, observadas no Brasil, seriam então os mamelucos, “produto do branco e do índio”; os cafusos, “produto do negro e do índio, mestiços raros”; os mulatos, “produto do branco e do negro, dominando em pouco tempo na população da colônia, e ainda hoje nas diluições sucessivas de sangue branco” (Ibid., p. 504).

Essa noção de “diluição” do sangue mulato no branco – que, conforme já se observou linhas atrás, aparecia também na novela *A esfinge*, que é do mesmo período - remete à outra noção então em voga, a de “branqueamento”, já referida quando se trabalhou em torno das representações de Sílvio Romero relativas à raça no Brasil (Cap. 1). Ora, tal qual fizera Romero, Afrânio Peixoto acreditou na superioridade do branco e no prejuízo decorrente de sua mistura com outras raças, de forma, contudo, diversa daquela proposta pelo conde francês Arthur de Gobineau, no século anterior.

Tal qual se observava entre outros intelectuais e homens de ciência brasileiros, ele acreditava que esse “prejuízo” racial poderia ser revertido mediante o “branqueamento”. É nesse aspecto que esses brasileiros divergiam das conclusões extremamente pessimistas de Gobineau, segundo o qual a degeneração, uma vez operada, seria totalmente irreversível e seus resultados extremamente negativos para as raças.

Esse otimismo em relação à mistura racial e quanto ao futuro racial do país constitui um aspecto inovador da percepção racial à moda brasileira, uma vez que, se homens de ciência como Afrânio Peixoto julgavam prejudicial a mistura de raças até então operada no país, era no seu prosseguimento que prescreviam a cura para aquele mal, isto é, para reverter o amulatamento.

Essa reversão, segundo Peixoto, ocorreria por intermédio daquela “diluição” do sangue negro no branco, operada de forma progressiva, contínua e ininterrupta, através da entrada de imigrantes europeus. Conduzindo, desta maneira, ao resultado final desejado pelos intelectuais e homens de ciência brasileiros, qual seja, o branqueamento da raça e sua conseqüente elevação a um patamar racial que deveria se revelar superior.

Afrânio Peixoto arriscava até mesmo um palpite para determinar o tempo necessário para que esse processo finalmente se concluísse. Segundo suas previsões, decorreria um período de aproximadamente dois séculos até ser alcançado o branco total, despido de qualquer impureza (VENTURA, 1991, p. 64).

Impõe-se assim uma questão em relação ao diretor do Serviço Médico Legal do Rio de Janeiro. Médico que não se interessou pela clínica, literato, professor do ensino superior, sempre presente nos círculos mais requintados da sociedade, qual teria sido o contato por ele experimentado com os negros e mulatos de seu tempo, além daqueles com os quais inevitavelmente se deparava nas ruas cariocas e nas páginas dos escritores racistas pelos quais se interessou e nos quais se inspirou?¹⁰

Habitado a freqüentar e ser aplaudido entre a elite social, e buscando inspiração e legitimação nos pensadores cientificistas, evolucionistas, racistas e positivistas europeus, Afrânio Peixoto reconstruía à sua maneira os estereótipos relativos ao homem brasileiro.

¹⁰ Esse questionamento é levantado, mesmo sabendo-se que, entre outros cargos ocupados por Peixoto, pode-se listar o de diretor da Escola Normal do Rio de Janeiro.

3.1.3 Afrânio Peixoto: eugenia através da educação dos “ignorantes”

Quase concluindo sua obra sobre Medicina Legal, Afrânio Peixoto (1914, p. 530-538) tratou dos “direitos e deveres dos médicos”. Para o autor:

São os médicos, ainda hoje, uma classe privilegiada pelo Estado, que em troca de exigências de idoneidade técnica a que os obriga, nos seus institutos de ensino, lhes confere o monopólio da doença e da saúde do próximo, perseguindo os infratores por um exercício ilegal da medicina. A ignorância das massas assim o exige ainda, acessíveis que são ao engano, à fraude, ao charlatismo. Esta providência tende a cessar com a instrução difundida, que deve dar ao povo a consciência de si mesmo. Não precisará mais que o Estado lhe prepare e lhe designe os indivíduos supostos aptos a cuidar de sua saúde: saberá escolhê-los livremente. (Ibid., p. 530)

A fala indica mais alguns aspectos que nortearam suas reflexões. Em primeiro lugar, remete àquilo que ele qualificava como “ignorância” da população, diagnóstico facilmente observável entre os homens de ciência daquele período. Em segundo lugar, uma vez estabelecido tal diagnóstico, impunha-se a urgência de se trabalhar pela educação popular, objetivando subtraí-la daquela condição.

No que se refere à suposta ignorância que Peixoto afirmava caracterizar o brasileiro, ela pode ser traduzida no desconhecimento e não adoção de saberes e práticas amparadas na ciência. Exemplo destas últimas seriam os hábitos considerados higiênicos. Por isso, sob o rótulo de ignorância, o agente fazia referência a todo um amplo conjunto de saberes e práticas oriundos da população, a quem atribuía responsabilidade pela “miséria” e o “atraso” do país.

Pensando assim, Peixoto uma vez mais colocava em primeiro plano o papel que, na sua versão, caberia aos médicos. Seu trabalho comparando a “nova” e a

“velha” medicina (PEIXOTO, 1918) é ilustrativo dessa postura, pela otimista defesa que fez da proposição de “empreender de vez a exterminação do mal, pelo processo mais sumário” (Ibid., p. 357).

Fazendo um contraponto com a “nova medicina”, a higiene, Peixoto definia a “antiga medicina” como a “medicina curativa, remedieira, terapêutica”, dominada pela “noção mais arraigada” do “remédio, isto é, do antídoto, do ‘contra’, do específico às mazelas adquiridas”, com os quais o enfermo “envenenava-se” ao buscar a cura (Ibid., p. 354-355). Diferente desta última, ainda segundo seu entendimento:

A nova medicina funda-se, pois, no conhecimento da causa ou etiologia das doenças, de onde a oposição que a corrige ou suprime, a prevenção que a evita e faz desaparecer. É a ela que pertence toda essa maravilhosa eclosão de ciências da família da Higiene – a Microbiologia, a Parasitologia, a Imunoquímica, a Quimioterapia, a Dietética, a Fisioterapia, a Eugênica... que representam as forças novas de ação contra a doença, inventadas pelo gênio humano. (Ibid., p. 356)

Empunhando a bandeira de higiene, Peixoto chegava ao extremo de afirmar a viabilidade de extinção das “doenças evitáveis”, esclarecendo que “evitáveis” seriam “todas as que podem ser evitadas, isto é, quase todas as doenças” (Ibid., p. 358). Vinha em seguida a conclusão:

Que resta mais? Resta muito, mas tudo possível de prevenção. Restam as doenças de nutrição, - pelo excesso, intoxicações, atrasos de metabolismo, gota, diabetes, arteriosclerose, obesidade... – por deficiência, desnutrição, miséria fisiológica, malária, escorbuto, beribéri, tuberculose... Ocasões ou concorrências. Restam as doenças sociais do vício, do excesso de trabalho, da fadiga profissional, nervosa ou cerebral, que trazem a neurastenia e a loucura... Não é tudo isto evitável, com organização social, econômica, científica, técnica e educadora, que nos faltam, mas que podemos ou devemos adquirir? (Ibid., p. 359)

Entre outros, o seu clamor por educação e higiene deve ser destacado, pois, ao lado do branqueamento, constituíam palavras de ordem para Peixoto. Nas proposições do médico, os verbos educar e higienizar apareciam como ponto de partida para suas conclusões. Sintetizavam eles suas principais propostas de intervenção, as quais permitiriam reverter um quadro quase sempre descrito como marcado pela ignorância e pelas epidemias.

Tudo deveria se sujeitar à sábia orientação dos conhecimentos médicos. Até mesmo no cotidiano escolar impunha-se a sua intervenção. Segundo Peixoto, as escolas não deveriam submeter-se apenas ao alcance da pedagogia, mas principalmente da higiene. O espaço físico, a disposição de espaços, o mobiliário, o horário escolar, tudo teria que ser disciplinado e adequado ao objetivo maior, qual seja, o eugênico.

Para se alcançar o ambicioso projeto de extinção das doenças, importava, portanto, trabalhar seriamente em favor da educação e da higienização. Ambos deveriam ter lugar conjuntamente, cumprindo o médico importante papel naquela cruzada. Dessa maneira, se tornaria possível eliminar a ignorância. Esta, uma vez extirpada, abriria espaço para a civilização – o homem brasileiro poderia finalmente sintonizar-se com o tão almejado ideal de civilização -, e o progresso da nação, na concepção daquele agente.

Homem de ciência dedicado à medicina legal, Afrânio Peixoto também inseriu-se no campo da educação. Da conjugação de proposições caras àqueles dois domínios, construiu uma percepção da realidade sócio-cultural brasileira onde se tornava possível vislumbrar, de forma esperançosa, uma saída supostamente amparada na ciência para o problema racial que ele entendia afetar seu país. Saída

original, marcada por ambigüidades, contudo otimista, embora sempre apoiada nas teses científicas originadas no solo europeu no século anterior.

Constata-se a originalidade de sua construção, pautada na apropriação diferenciada de concepções as mais diversas e atendendo a pressupostos e interesses diferenciados. Um uso bastante diverso daquele originalmente proposto no solo europeu, uma vez que submetido a condições diferenciadas de interpretação pelos agentes brasileiros.

3.1.4 Vasconcellos: também um discípulo de Afrânio Peixoto?

Dessa convivência com Afrânio Peixoto, Vasconcellos guardaria algumas lições, que viriam a lhe servir posteriormente. Muito embora, nos trabalhos em que registrou suas percepções relativas ao homem e à sociedade brasileiros, não tenha, em nenhum momento, utilizado o termo eugenia.¹¹ O que tampouco quer significar que se revelasse alheio àquele ideal de dar sua contribuição para o problema racial. Ao contrário disso, o abraçou e o assumiu como uma de suas bandeiras, tal e qual tantos e tantos homens de ciência vinham fazendo. Contudo, o fez de forma singular. No desenvolver do trabalho, será evidenciado que foi emprestando tons eugenistas às suas proposições que Vasconcellos tentou dar maior legitimidade a elas.

O agente também evitou falar na existência de mulatos, ou quaisquer “raças híbridas” ou “sub-raças”. Não empregava essas categorias em suas análises. Mas não se furtou de insistir nos diagnósticos de ignorância, de atraso. Falou, entretanto,

¹¹ Essa afirmação tem por base os trabalhos de Aleixo de Vasconcellos localizados até o momento.

metaforicamente, em “negra escuridão” para referir-se à realidade social, na forma como a percebia. E, em determinado momento, fez eco à associação entre mulato e degeneração.

Ambigüidades que, como já foi possível se perceber até aqui, não eram exclusividade sua. Afinal, homens do seu tempo, mostravam-se ocupados e preocupados com as problemáticas predominantes, mesmo que abordando-as de maneira divergente, com o direito ainda de modificar algumas vezes suas percepções em torno de algumas ou muitas delas.

Não é este, contudo, o momento de buscar aprofundar e esclarecer essas questões. Faltam ainda diversos elementos que devem ainda ser explorados em relação às representações de Aleixo de Vasconcellos. Elementos com os quais se buscará dar mais nitidez às singularidades da sua defesa da educação, às suas críticas ao analfabetismo, à sua ênfase na higiene e às suas concepções quanto a como deveria se operar a “defesa da espécie” no Brasil.

3.2 ALEIXO DE VASCONCELLOS E OS ESTUDOS SOBRE ENFERMIDADES

Em seguida, pretende-se concentrar a atenção sobre os estudos realizados por Vasconcellos em meados da década de 1910, a respeito de duas doenças. São elas a malária e a coqueluche, dada a relevância das conclusões, tendo-se em vista os desdobramentos seguintes da sua trajetória.

3.2.1 Vasconcellos ante os dez milhões de impaludados no Brasil

Nos anos de 1915 e 1916, Vasconcellos, pela primeira vez, veio à público dizendo-se interessado pelo estudo de uma doença disseminada pelo mundo, em particular nos países quentes, a qual revelava tanto a forma humana, quanto a bovina, qual seja, a malária¹² (VASCONCELLOS & FIGUEIREDO, 1915; VASCONCELLOS, 1916d; 1916f).

Estes estudos apresentam um particular interesse por conciliarem duas diferentes áreas às quais Vasconcellos estava se dedicando nos trabalhos em microbiologia. Eram elas: as enfermidades humanas – mediante sua vinculação à Policlínica de Crianças da Santa Casa (VASCONCELLOS, 1916f, p. 230)¹³ - e as enfermidades animais, ou zoopatologias.¹⁴ Estas últimas, por conta de trabalho

¹² A malária é uma doença infecciosa e parasitária, também usualmente denominada de maleita, paludismo, impaludismo, ou febre terçã. É mais característica das regiões tropicais, embora disseminada por todo o mundo. É provocada pelo hematozoário *Plasmodium*, que se transfere ao homem através da picada da fêmea do mosquito *Anopheles*. No início do século XX, o *Formulario e Guia Médico* de Chernoviz (1908, p. 1837) já asseverava que “não existe paludismo sem mosquitos”. Seus sintomas, que podem levar de dez dias a mais de um mês para se manifestarem, são cansaço, dor de cabeça e muscular, calafrios, febre alta em intervalos regulares, tremores violentos e anemia (MELO, 2001, p. 84-85; FARRELL, 2003, p. 160-193). Segundo Bertolli Filho (1999, p. 21), em 1918 era de aproximadamente dez milhões o número de atingidos pela malária no Brasil, em uma população aproximada de vinte milhões que habitava nas zonas rurais. Essa cifra já fora indicada em 1918 por Lobato (1956, p. 248), através do jornal *O Estado de São Paulo*.

¹³ Conforme relatou Vasconcellos (1916f, p. 230), ele vinha realizava os seus estudos valendo-se dos doentes da Policlínica de Crianças da Santa Casa, entre os quais teria encontrado numerosos casos de impaludismo. Na falta de detalhes de como isso se deu, na seção seguinte, relativa aos seus trabalhos sobre a coqueluche, serão fornecidos mais detalhes de como eram realizados seus experimentos com os enfermos, não apenas na Policlínica, mas também, no caso da coqueluche, na Casa dos Expostos.

¹⁴ Além da disenteria, da sífilis, da malária e da coqueluche – que será abordada adiante -, embora não sejam objeto de maior atenção no presente trabalho, Vasconcellos produziu estudos originais em relação a outras doenças que afetam o homem, tais como a tuberculose (VASCONCELLOS, 1917a, 1921b), a difteria (VASCONCELLOS 1935a), infecções estafilocócicas (VASCONCELLOS, 1937), a intolerância láctea na infância (1922u), além de muitos trabalhos relativos à alimentação. Quanto às doenças animais, Vasconcellos dedicou-se, entre outros, a estudos originais em torno da tuberculose bovina

realizado no Ministério da Agricultura, no correr de toda a década de 1910. Assunto a ser abordado no capítulo seguinte.

Desta forma, no ano de 1915, em trabalho conjunto com Serapião Figueiredo, Aleixo de Vasconcellos (1915) fez estudos onde buscava relatar possíveis relações morfológicas e biológicas entre dois diferentes tipos de hematozoários. Eram eles os agentes causadores da malária bovina e da malária humana, ou impaludismo.

No mesmo, concluíam que, embora produzidos por agentes parasitários de natureza diversa, seus sintomas clínicos seriam semelhantes. Justificavam tal proposição esclarecendo que “As alterações hematológicas constantes nas anemias de origem malárica, do homem e dos bovinos, são de tal ordem semelhantes, que não podem passar despercebidas a quem se dedica a esses estudos” (Ibid., p. 231, 237), entre outras observações.

Acrescentavam que, além das observações microscópicas, serviam-se ainda da “analogia”, justificando-se que seu emprego também constituiria “um método científico de raciocínio” (Ibid., p. 232). Com isso, procuravam se antecipar a qualquer julgamento que pudesse pôr em dúvida a validade de suas proposições.

Fazendo a divulgação daquele trabalho, Vasconcellos e Figueiredo diziam ter a intenção de trazer à público “uma série de idéias novas, guiados pela observação e experimentação”. Esclareciam, entretanto, não pretenderem, com isso, ter sanado por completo e em definitivo aquela questão. Por conta desse fato, prometiam voltar novamente a abordar o assunto em novo trabalho, no qual seriam apresentados maiores esclarecimentos (Ibid., p. 237).

(1916a), da febre aftosa (BRAZIL-MEDICO, vol. 34, 1920, p. 699), diferia em galináceos (VASCONCELLOS, 1929c), entre outros.

Um indício de que, provavelmente, buscassem dar imediatamente a conhecimento aquelas “idéias novas”, ainda que de forma parcial e dependente de mais detalhes que, garantiam, seriam futuramente divulgados. Publicidade esta capaz de associar tais idéias novas aos seus nomes, antes que outros o fizessem e, por consequência, colhessem as glórias.

Isso parece se confirmar ainda mais ao se constatar que concluíram o estudo com as seguintes considerações: “talvez no próximo trabalho, modifiquemos as nossas idéias, se a isso nos obrigar a clarividência de novas aquisições. Com o mesmo interesse com que registramos concepções e provas, para a construção da nossa teoria, adotamos e referimos todas as verdades científicas, que nos conduzam a nova interpretação” (Id.).

De qualquer maneira, a idéia estava lançada para o conhecimento e avaliação de outros homens de ciência. Mais que isso, para o reconhecimento daqueles que as traziam à público (STANCIK, 2002a, p. 37). Um reconhecimento que poderia render-lhes em termos de credibilidade tanto na patologia humana, quanto na animal. Investimento, portanto, realizado simultaneamente nos domínios da medicina humana e veterinária.

Muito embora os seus autores reconhecessem a precocidade na divulgação dos resultados, no Brasil o trabalho foi imediatamente apontado por seus pares-concorrentes como uma valiosa contribuição da ciência local (REVISTA DE VETERINARIA E ZOOTECHNIA, 1915, vol. 5, n. 6, p. 289). Mais um estudo original produzido por homens de ciência brasileiros. O trabalho foi divulgado também nos Estados Unidos, por intermédio de uma comunicação apresentada ao congresso

médico internacional realizado na Califórnia no ano de 1915. No evento, o médico Álvaro Ramos encarregou-se da tarefa (VASCONCELLOS, 1935a).

Trabalho este que, apesar das promessas de maior aprofundamento, não foi levado adiante.¹⁵ Entretanto, discussões posteriores, empreendidas na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, deram ocasião para que Aleixo de Vasconcellos acrescentasse novas observações sobre a enfermidade. Através destas explicitou outros aspectos reveladores das suas percepções em torno do impaludismo e da importância que dava à enfermidade, por percebê-la como um problema de saúde pública de relevância para o futuro da nação.

Debatendo com o pediatra Nascimento Gurgel, Vasconcellos (1916d, p. 237) referiu-se ao “impaludismo congênito”, ou seja, transmitido da mãe doente ao feto. Dizendo ter oportunidade de fazer “larga observação” a respeito na Policlínica das Crianças, enfatizou as “taras”¹⁶ que supunha decorrentes daquela situação. Mães doentes, afetadas pelo impaludismo, não apenas teriam comprometida a sua saúde, mas também comprometeriam a saúde de sua prole e, por extensão, colocariam em risco o futuro das novas gerações.

Vasconcellos asseverava ter realizado “larga observação” de “baços pigmentados e aumentados de volume”, “eritema nodoso, urticária”, “anemia”, entre outras evidências de impaludismo congênito nas “crianças filhas de mães impaludadas” (VASCONCELLOS, 1916d, p. 237). Entendendo que daí decorreriam

¹⁵ A afirmação se baseia no fato de que, até o momento, não foram localizados novos trabalhos versando sobre o assunto, nem, tampouco, menções de que o mesmo tivesse sido realizado.

¹⁶ Por “taras”, Vasconcellos referia-se, conforme Aulete (1925, v. 2, p. 975), a “defeitos”, mas o termo pode também referir-se a algum tipo de “desequilíbrio mental” ou “falha intelectual”.

defeitos hereditários nos filhos, propunha que estes chegariam ao mundo em condições de desvantagem.

Desta maneira, o impaludismo congênito constituiria importante motivo de preocupação não apenas para mães e médicos, mas para todos aqueles que se dissessem interessados nos destinos da nação. Afinal, no seu entendimento, mães doentes, com seu organismo debilitado, legariam aos seus filhos uma condição igualmente debilitada em termos físicos e, possivelmente em alguns casos, também mental e moral. Esse risco, que supunha presente também nos casos de impaludismo congênito, justificariam uma maior atenção dos homens de ciência. Sempre em favor da espécie e do progresso do país.

Ora, conforme verificado linhas atrás, há pouco tempo, Vasconcellos aprendera lição semelhante com Moncorvo Filho, ao trabalhar em torno da lues congênita. Também com Afrânio Peixoto aprendera a respeito dos supostos riscos de hereditariedade da degeneração. O diagnóstico se repetia, agora, diante de nova enfermidade de caráter congênito.

Por isso, além de aproximá-lo do estudo onde doenças animais se apresentavam, o trabalho em torno da malária, ou impaludismo, uma vez mais revelava um agente que se dizia interessado e ocupado com o futuro de seu país, fazendo eco às preocupações de seus mestres.

Duas problemáticas, que passariam a ocupá-lo de forma mais nítida nos anos subseqüentes, começavam a interessá-lo: as vinculadas aos animais – bovinos, especialmente – e a das doenças humanas em suas correlações com os destinos da pátria.

Outros trabalhos de Vasconcellos, produzidos pouco tempo depois, voltaram a fazer referência às tais “taras”, as quais afirmava observadas entre pacientes seus na Policlínica de Crianças. Trabalhos estes em torno da coqueluche e que narravam o desenvolvimento de um novo produto farmacológico para o tratamento daquela enfermidade, dotando o agente de maior cota de credibilidade como médico e pesquisador.

3.2.2 Coqueluche: o pediatra e seus novos experimentos com os enfermos da Policlínica de Crianças

O ano de 1910 assinalou o desenvolvimento de um produto, então denominado *Salvarsan*, com o qual, segundo Ackerknecht (1973, p. 139), teve início uma nova era na terapêutica. O medicamento, obtido pelo médico alemão Paul Ehrlich e indicado para o tratamento da terrível sífilis, além de não atacar somente seus sintomas, combatia a sua causa, além de ter resultado de um metódico trabalho cientificamente conduzido. Começava a firmar-se a quimioterapia, ou seja a farmacologia amparada em procedimentos de natureza científica e, conforme George Rosen (1994, p. 373), transformada em mais um ramo da medicina.

Pouco antes do *Salvarsan*, no ano de 1906, no periódico *Brazil-Medico* (1906, vol. 20, p. 333) afirmava-se: “Se há moléstia que gosta de desafiar a terapêutica e descontentar o médico, essa moléstia é, sem dúvida, a coqueluche. Por isso, em quase todos os números de jornais de medicina encontra-se algo a respeito dela. Parece que os médicos estão feridos no seu amor próprio e, daí, essa

abundância de medicamentos, recomendados no tratamento de tão perigosa quanto fatigante infecção”.

A nota, depois de relatar sem muito entusiasmo a proposta de um médico alemão favorável ao uso da quinina,¹⁷ detalhava outro possível tratamento, que parecia apontar para uma alternativa de tratamento mais eficaz. Segundo ficou registrado:

Tendo estes médicos cloroformizado uma criança que estava acometida de coqueluche, com o fim de lhe praticarem uma operação, observaram que as quintas desapareceram, como por encanto, desde o dia seguinte ao da operação. Aplicando o mesmo processo em nove crianças atacadas também de coqueluche, notaram que em algumas o mesmo fato se reproduziu, isto é, as quintas desapareceram completamente logo no primeiro dia; em outras, porém, o efeito não foi tão rápido. (...)

Infelizmente, esse processo de tratamento não terá fácil aplicação prática por causa da relutância que o médico encontrará da parte dos pais dos doentinhos. É uma dessas novidades que causam horror às famílias e cuja utilização dificilmente passará das enfermarias dos hospitais. (Id.)¹⁸

Passados dois anos, em sua 18ª edição, contemporânea à conclusão do curso de medicina por Vasconcellos, o *Guia medico* de Chernoviz assim se referiu à coqueluche, na obra também denominada de tosse convulsa:

Tosse violenta e convulsiva, que acomete sobretudo as crianças desde a nascença até a segunda dentição; aparece por acessos, com intervalos mais ou menos longos, consistindo em muitas expirações sucessivas, seguidas de inspiração sonora e particular. É contagiosa e epidêmica (...).

¹⁷ Substância extraída da casca da quina, uma árvore originalmente utilizada pelos indígenas do Peru contra os efeitos da malária. Provavelmente foram os jesuítas que se encontravam no Peru no século XVII que levaram o medicamento para a Europa

¹⁸ O clorofórmio era empregado desde o século anterior como produto anestésico, através da inalação.

A coqueluche exige ser tratada muitíssimo a sério, pois que bastantes vezes pode vir acompanhada de complicações mais ou menos graves: a) *Complicações mecânicas* (causadas pelo esforço dos acessos de tosse), ruptura do tímpano, hemorragia meníngea ou cerebral, hérnias, prolapso retal; b) *Complicações infecciosas*: é sobretudo a bronco-pneumonia, que muitas vezes traz consigo a morte. Otite média; c) *Complicações nervosas*: convulsões generalizadas, espasmo da glote. (CHERNOVIZ, 1908, p. 1554-1555, itálicos no original)

Em seguida à descrição daquele quadro, detalhava os muitos medicamentos e terapêuticas então recomendados. Consistiam eles, na ordem listada pelo autor, em chá de folhas de laranjeira ou de tília, vomitórios de poaia, xarope de Trousseau, xarope de éter, poção contra a coqueluche de Davreux, xarope de lactucário, xarope de lactucário opiado, xarope de ipecacuanha composto, xarope de codeína, xarope e pasta de Regnaud, xarope de clorofórmio, xarope de quina, café, infusão de erva cidreira e de hortelã, clister de assafétida, inalações de essência de terebintina, evitar emoções e contrariedades, cloral bromuretado Dubois, tintura de drosera e, finalmente, aquele que então se indicava como o mais eficaz, o bromofórmio (Ibid., p. 1555).

Referindo-se ao assunto, o médico Leonel Gonzaga (1956b) pintou com cores pouco atraentes a situação por ele enfrentada com os pacientes acometidos daquele mal, pelo menos até o ano de 1918, segundo afirmou.

A descrição por ele fornecida acrescentava elementos àquela oferecida por Chernoviz. Segundo Gonzaga (Ibid., p. 36), quando o quadro avançava para as convulsões, quase se tinha a certeza da sentença de morte. “As convulsões eram mesmo chamadas terminais”, apontou, acrescentando que certo médico descrevera, na Alemanha, que de “cento e tantos casos com essa complicação”, todos teriam sido “seguidos de êxito letal”. Em seguida, detalhou:

Diante de complicações tão sérias, quase não merecem citação as de menor importância e intensidade encontradas então, com as hemorragias conjuntivais, as epistaxes, os vômitos que podiam levar à desnutrição, a hoje ausente ulceração do freio da língua etc.

(...) Em nenhuma outra doença se usaram mais remédios. Certo autor, conforme cito em trabalho meu de 1931, catalogou, àquela época, cerca de 400, todos falhos ou inseguros. Assisti à falência de todos... (Id.)¹⁹

Havia, como se pode perceber, uma demanda proveniente da sociedade e outra originária do campo médico brasileiro – o qual, inclusive, dizia-se carente de novos estudos -, ambas em favor do desenvolvimento de novas medicações e terapêuticas para a enfermidade.

A data de 1918 foi indicada por Gonzaga para referir-se ao fato de, uma década após a divulgação das informações e prescrições presentes na nova edição da obra de Chernoviz, Aleixo de Vasconcellos, sob a inspiração de sucessos como aquele obtido por Paul Ehrlich e seu *Salvarsan*, dedicou-se, segundo relatos seus e de outros médicos (VASCONCELLOS, 1918a; 1918b; 1925a; GONZAGA, 1956b), com muito sucesso – embora restrito somente ao Brasil - ao problema do tratamento da coqueluche.

Até então, como havia aprendido em Manguinhos, Vasconcellos dedicara-se a estudar fatores relacionados às causas de várias doenças, humanas e animais. Com a coqueluche, foi mais adiante. No final de 1917, o bacteriologista desenvolveu

¹⁹ Trabalhos mais recentes assim se referem ao mal, que popularmente também recebe o nome de tosse comprida: “doença infecciosa aguda, tendo como principal agente etiológico a bactéria *Bordetella pertussis*, é causa importante de morbi-mortalidade infantil. Estima-se que cerca de 50 milhões de casos e 300 mil óbitos ocorram a cada ano no mundo, e a letalidade em crianças, pode aproximar-se de 4% (...). Mundialmente, a coqueluche é a terceira causa de morte entre as doenças imunopreviníveis” (LUZ, CODEÇO, WERNECK, 2003, p. 1210), o que evidencia que o mesmo ainda constituiu importante problema de saúde pública.

um novo medicamento, que passou a ser empregado na terapêutica daquela doença.

De médico clínico e bacteriologista dedicado à experimentação, Vasconcellos agora começaria a aventurar-se como farmacologista. Foi imbuído desse duplo espírito da bacteriologia e da quimioterapia que o jovem médico e pesquisador encontrou apoio para aquele novo empreendimento.

Observe-se que, como nos outros assuntos a que vinha se dedicando, muitas das novidades que surgiam pareciam interessar-lhe vivamente. A quimioterapia – farmacologia amparada em bases científicas –, por exemplo, tomou um grande impulso a partir de trabalhos como os realizados por Ehrlich, poucos anos antes do aparecimento do novo remédio de Vasconcellos.

O produto é hoje completamente ignorado. Transcorridas pouco mais de três décadas, o *Pertussol*, nome dado por Vasconcellos ao medicamento por ele desenvolvido em 1917 e registrado em 10 de outubro de 1919, viria a ceder lugar ao tratamento através do emprego de antibióticos.²⁰ Ameaça à utilização de suas vacinas que ele percebeu de forma crescente nos anos subseqüentes à Segunda Guerra Mundial.²¹

²⁰ Antibióticos consistem em substâncias com ação bactericida, produzidas por determinadas bactérias e fungos e empregadas no combate às infecções. Já foram empregadas na terapia da coqueluche a estreptomicina, a cloromicetina, a terramicina, a aureomicina (GONZAGA, 1956b, p. 39). Na atualidade, quando se registram casos mais graves de coqueluche, tem-se empregado a Eritromicina, inclusive para reduzir o seu período de transmissibilidade.

²¹ Em junho de 1957, Vasconcellos fazia a defesa de sua vacina *Pertussol* frente à crescente aceitação e emprego dos antibióticos, nos seguintes termos: “A cura obtida por uma vacina é mais duradoura que a obtida por um antibiótico. O *Pertussol* é uma vacina muito conhecida e de valor terapêutico indiscutível” (VASCONCELLOS, 1957, f. 1). A considerar-se os relatos que ficaram em relação ao *Pertussol*, ele, embora agindo de forma bastante diversa dos antibióticos, também apresentava eficácia e rapidez no tratamento. Os depoimentos de Leonel Gonzaga (1956b) foram enfáticos nesse sentido, apontando

No Brasil, não se pode pretender que o *Pertussol* tenha sido ignorado por conta do emprego da vacinação preventiva em massa,²² pois esta, somente teria lugar na década de 1980, enquanto que, nos países mais desenvolvidos economicamente, data da década de 1950.

A partir dos relatos que o próprio Vasconcellos e outros autores deixaram a respeito, pode-se acompanhar como se deu o desenvolvimento do *Pertussol*. Conforme Velho Sobrinho (1937, p. 177), Aleixo de Vasconcellos introduziu no Brasil a “vacinoterapia da coqueluche”. Vasconcellos, resume o autor, teria obtido aquela vacina empregando a flora microbiana dos exsudatos da faringe e um filtrado.

Através deste procedimento, Vasconcellos competia com seu par-concorrente na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, o médico Paulo da Silva Araújo. Este, ainda segundo Velho Sobrinho (Id.), era mais um dos agentes que empreendiam esforços naquele mesmo período no sentido de preparar uma medicação eficaz contra a coqueluche. Araújo, não conseguiu, contudo, obter os mesmos resultados que em seguida foram reivindicados por Vasconcellos.

Embora no senso comum a expressão “vacina” esteja mais associada a produtos destinados à prevenção de determinadas doenças, aquela que foi preparada por Vasconcellos era por ele indicada também no tratamento de pacientes já afetados pela coqueluche, pois, conforme explicou, atuava como uma “vacina terapêutica” (VASCONCELLOS, 1957, f. 1). Processo que Vasconcellos também denominava de “bacterioterapia”. Conforme explicou em 1917, tratava-se de

inclusive autores estrangeiros que também opinavam favoravelmente à vacinoterapia da coqueluche, embora estes não fizessem menção a Vasconcellos ou ao *Pertussol*.

²² Refere-se à vacina tríplice bacteriana DTP, empregada contra a difteria, o tétano e a coqueluche. Nesta, para obter-se imunidade contra a coqueluche, são empregadas bactérias *Bordetella pertussis* inativadas. Estudos como o de Luz, Codeço e Werneck (2003, p. 1212) não descartam ser possível que a coqueluche esteja de fato reemergindo no Brasil, conforme se tem constatado em alguns países.

empregar os agentes causadores da doença, atenuados ou mortos, também “como instrumentos de cura” (VASCONCELLOS, 1927c, p. 328).²³

FIGURA 2 – RÓTULO DA VACINA *PERTUSSOL*



²³ Anos mais tarde ele esclareceu como compreendia essa questão da seguinte maneira: “Passaram-se os anos, a medicina progrediu muito no setor terapêutico e as opiniões dos médicos divergiram sobre o valor curativo das vacinas, atribuindo-as apenas função preventiva.

Mas depois da Primeira Guerra Mundial os trabalhos de Wright na Inglaterra e de Neufeld e outros na Alemanha provaram existir um anticorpo no soro humano dotado da função de sensibilizar as bactérias que com ele se encontrassem, facilitando muito o nobre e elevado papel dos leucócitos de as fagocitarem” (VASCONCELLOS, 1957, f. 1).

O produto consistia em uma suspensão dos bacilos descritos em 1907 pelo bacteriologista belga Jules Bordet e pelo francês Octave Gengou.²⁴ Esses bacilos eram atenuados pela ação de fluoretos e adicionados da antitoxina de Kraus. Esta última substância cumpriria, sempre conforme Vasconcellos, a função de minimizar as reações negativas decorrentes da injeção de substâncias microbianas, tais como dor e exacerbação da tosse (VASCONCELLOS, 1918a, 1918b, 1925a).

A vacina *Pertussol* era administrada na forma de “injeções de dois em dois dias na região glútea ou nos braços, quando em crianças maiores de cinco anos” (LABORATORIO DE ANALISES QUIMICAS E BACTERIOLOGICAS DR. ALEIXO DE VASCONCELLOS, 1919, p. 1).

Nas suas palavras, em trabalho apresentado durante o 8^o Congresso Brasileiro de Medicina, tem-se uma narração talvez um pouco longa, mas razoavelmente detalhada. Na oportunidade, Vasconcellos discorreu a respeito daquele que ele apresentou como o fator motivador do experimento, dos momentos de hesitação que teriam se seguido, da satisfação de finalmente encontrar o que buscava, dos experimentos com o produto diretamente em crianças, das observações e do repensar a questão pelos resultados obtidos...

Conforme seu relato:

De posse do novo germe, que se verifica realmente nos doentes de coqueluche nos primeiros dias de moléstia, Bordet e Gengou, Serkowski, Carrion, M. Chievitz e Meyer e modernamente Park Davis prepararam uma vacina curativa segundo as idéias de Wright. Atingido este ponto, resolvemos não deixar passar indiferente o manancial clínico que nos foi dado observar na Policlínica de Crianças, o ano passado [1917], nos dias de novembro. Depois de reunir muitos doentes,

²⁴ Jules Bordet recebeu o Nobel de Medicina no ano de 1919. Em referência aos sobrenomes de seus descobridores, a bactéria causadora da coqueluche era também referida como bacilo de Bordet-Gengou. Denominação esta empregada por Vasconcellos.

escolhemos os de infecção aguda, grave e de poucos dias, para aproveitamento do exputo após uma quinta natural ou provocada. Deliberamos isolar o bacilo de Bordet e Gengou. Quando já pretendíamos formular uma hipótese negativa quanto à existência do referido bacilo, notamos nas culturas usadas segundo o método original do descobridor, pequeninas colônias, cuja morfologia e aspecto se assemelhavam muito ao que tínhamos lido no trabalho de M. Chievitz e Meyer, publicado 'nos Anais do Instituto Pasteur' de outubro de 1916. Reanimado prosseguimos nas pesquisas e desde então foi-se nos tornando mais fácil reconhecer e isolar o germe de Bordet e Gengou de outros doentes de coqueluche. Assentamos então fazer a vacina. Afastamo-nos do método original de Wright. Preferimos o de Nicolle que emprega os fluoretos como substância atenuante e conservadora das suspensões microbianas. Neste sentido preparamos também outras vacinas, para estudar o valor do processo, chegando a concluir pela utilidade prática do método.

Iniciamos o tratamento das crianças afetadas de coqueluche na Policlínica de Crianças da Santa Casa, com uma suspensão de bacilos de Bordet e Gengou, mortos pelos fluoretos. Verificamos que as criancinhas acusavam dor, havia exacerbação da tosse, mas que, terminada esta fase, já bem conhecida pelo nome de *fase negativa*, havia melhoras gradativas.

Como nos procurassem os pais dos doentes para informar-nos da fase negativa provocada pela injeção, resolvemos prepará-la de modo a eliminar aquele período de reação desagradável.

Lembramo-nos da técnica de Kraus, com a vacina contra a coqueluche de seu fabrico, a qual denominou *antitoxina*. Adicionamos então o extrato etéreo, convenientemente preparado, à suspensão de bacilos de Bordet e Gengou. Preparamos um *stock* de quinhentas ampolas e aplicamo-las nas criancinhas doentes de coqueluche que passaram pelo nosso consultório de clínica médica na Policlínica de Crianças do Professor Fernandes Figueira. (...)

Como porém os casos de coqueluche foram coligidos em policlínica, não foi possível conseguir muita regularidade nas observações. Ficou verificado, todavia, que as inoculações de dois em dois dias ou de três em três dias nas criancinhas mesmo gravemente enfermas logram rápidas melhoras. O estado geral dos doentes modifica-se logo às primeiras inoculações; as quintas perdem a intensidade e freqüência ao mesmo tempo que cessam os vômitos alimentares. Ocorre algumas vezes uma reação febril depois das injeções, sem que o seu

aparecimento prejudique a atenuação franca dos sintomas da infecção. (VASCONCELLOS, 1925a, p. 510-512, *itálicos no original*)

Outra descrição do procedimento para a produção do *Pertussol*, bem mais sucinta e com ligeiras variações em relação a anterior,²⁵ foi apresentada cinco anos após:

Pertussol: Vacina contra a coqueluche. Consiste em uma suspensão de germes que se encontram no escarro de crianças com coqueluche na fase mais aguda da moléstia e em uma mistura de albuminas do mesmo escarro. Feita a suspensão em soluto fisiológico a sete e meio por mil, dilui-se de modo a ficar com aspecto opalescente. Para a conservação adiciona-se fenol na proporção de cinco décimos por um. (VASCONCELLOS, 1923l)

Nessa nova referência ao medicamento, Vasconcellos acrescentava ainda a informação de ter também utilizado a vacina no tratamento de crianças da Casa dos Expostos, outra instituição vinculada à Santa Casa de Misericórdia, que abrigava crianças abandonadas por seus pais.

Sobre tais experimentos, há que se ter em conta que, na época, não havia medicamentos para o mal. Não existiam também princípios internacionalmente aceitos e/ou adotados referentes ao uso de seres humanos em semelhantes experimentações e que fossem capazes de impedi-lo de assim proceder. Isso somente começaria a ser seriamente pensado após a revelação das experiências praticadas por médicos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Além disso, ainda nos dias atuais, a farmacologia não pode abrir mão de experimentar com seres humanos (SAYD, 1998, p. 163).

²⁵ Essas variações no processo adotado para a obtenção do medicamento eram explicadas por Vasconcellos em função de seguidamente aparecerem “aperfeiçoamentos na técnica de preparação das vacinas terapêuticas”, aspecto este que seria “objeto da maior atenção dos Laboratórios Alvas” (VASCONCELLOS, 1957, f. 1).

Contudo, embora não se proponha que tenha sido um experimento de alto risco, pois já havia relatos de sucesso, ressalte-se o fato de o mesmo ter sido realizado em crianças oriundas das camadas mais baixas, as quais prestaram-se, involuntariamente, a auxiliar ao pesquisador na demonstração da eficácia da sua vacina.

3.2.3 *Pertussol*: produto de uma ciência extremamente social

Acompanhando a exposição relativa à obtenção do produto, percebe-se que Vasconcellos pretendeu demonstrar que não se ateve exclusivamente às conclusões resultantes de experimentos anteriores, todos eles realizados no exterior. Ao contrário disso, esclarecia que, adaptando outras experiências e somando-as aos seus próprios experimentos, produziu e administrou um medicamento novo diretamente nas “criancinhas doentes de coqueluche”.

Experimentos anteriormente empreendidos, somados àqueles por ele realizados deram-lhe segurança para, encontrados os agentes, atenuados estes, acrescidas outras substâncias, tudo, insistia ele, de forma cientificamente segura, e chegara à obtenção de uma nova vacina.

Com esta, dirigiu-se aos seus enfermos da Policlínica, pleno de “fé eterna na ciência”, como recomendara Oswaldo Cruz. E, sempre segundo seus relatos, as crianças ficaram curadas!

Surgem, contudo, algumas questões, não necessariamente relacionadas à eficácia ou não da vacina, mas aos pressupostos científicos que lhe deram segurança e possibilitaram-no chegar até o produto. Pressupostos estes que não

foram e não são exclusividade do modo de fazer ciência adotado por Vasconcellos, nem daquele momento particular do desenvolvimento das ciências médicas. A começar pelo primeiro elemento motivador daquela série de ações, conforme descritas pelo médico: a sua “fé” na ciência. Pois foi amparando-se nela, nessa fé, que o agente colocou-se em ação.

Fé, confiança, portanto, uma postura que dificilmente poderia se sustentar como científica, pois evidenciava uma avaliação individual apoiada na confiança em prévias avaliações, também sustentadas por outras. A ciência, conforme Latour (2000), é extremamente social.

O autor percebe a ciência como uma atividade “extremamente social” em razão do número de associações nas quais se ampara. Ainda conforme proposição de Bruno Latour, deve-se ter em conta as relações entre a ciência e a vida social. O sociólogo propõe que produtos tais como a literatura técnica obrigam o cientista a “arregimentar cada vez mais recursos”, pois “quanto mais técnica e especializada é uma literatura, mais ‘social’ ela se torna, pois aumenta o *número de associações* necessárias” à sua sustentação. É, portanto, dessa forma “*extremamente social*” que se faz ciência e se impõe sua percepção sobre a natureza e a sociedade.²⁶ Na

²⁶ Ainda em conformidade com Latour, o cientista não pode permanecer circunscrito aos limites dos espaços onde desenvolve suas pesquisas. Diferente disso, para tornar seu trabalho conhecido e, mais que isso, reconhecido, deve também atuar intensamente no exterior do laboratório, firmando alianças as mais diversas. Deve ele mostrar-se capaz não apenas de fazer ciência, mas de fazê-la circular, despertar interesse. Se o cientista não se mostrar capaz de desenvolver estratégias, firmando alianças políticas e institucionais fora do laboratório, seu trabalho permanecerá na obscuridade, as verbas não serão canalizadas em seu favor, a demanda pela continuidade de seu trabalho não se verificará.

Por razões dessa natureza, propõe Latour, o conhecimento produzido não pode ficar circunscrito ao laboratório. Ele deve despertar o interesse simultâneo tanto dos demais cientistas, quanto do Estado e da sociedade como um todo. De nada adianta obter-se esplêndidos resultados dentro do laboratório, defende o sociólogo, se não se é capaz de se realizar um eficiente trabalho no seu exterior, mobilizando outros segmentos da sociedade

ciência e para os cientistas, “Quando as coisas se sustentam elas começam a se transformar em verdade” (Ibid., p. 28, 103-104, *itálicos no original*).

Para sustentar suas afirmações, Vasconcellos não recorreu às teorias dos miasmas, tão em voga algumas décadas antes, não buscou por ervas, nem orações, recursos estes inteiramente desacreditados entre homens de ciência do início do século XX. Ele o fez no laboratório, assumindo, apoiando-se e emprestando seu apoio às verdades firmadas na observação, experimentação. Reafirmando, portanto, outras verdades assim estabelecidas de antemão. No laboratório, entretanto, de forma extremamente social.

Por isso, afirmou em determinada ocasião em que se referia ao *Pertussol*: “É muito verdadeiro o pensamento de Poincaré: ‘A experiência é a única fonte da verdade. Só ela nos ensina a conhecer coisas novas; só ela nos dá a certeza’.” (VASCONCELLOS, 1957, f. 1) O *Pertussol* seria assim, na maneira como o apresentava, algo novo por ele criado, firmado nas certezas da observação e experimentação.

Segue-se que, segundo seu criador, o sucesso do tratamento com o *Pertussol* sempre se confirmava, tanto ao ser utilizado na Santa Casa, quanto nos demais espaços onde foi empregado. Embora reconhecesse que tivesse sido motivo de controvérsia, mas, conforme acrescentava, apenas “nos primeiros tempos do seu aparecimento”. Ainda na sua versão: “As previsões teóricas foram derrotadas pelas

em favor de sua aceitação e/ou consumo e de sua continuidade. Se não se faz circunscrito ao laboratório, acrescente-se ainda, também não o é em relação ao campo científico.

Bourdieu, por sua vez, propõe: “aquilo com que se defronta no campo são construções sociais concorrentes, *representações* (com tudo o que a palavra implica de exibição teatral destinada a fazer ver e a fazer valer uma maneira de ver), mas representações realistas que se pretendem fundadas numa ‘realidade’ dotada de todos os meios de impor seu veredicto mediante o arsenal de métodos, instrumentos e técnicas de experimentação coletivamente acumulados e coletivamente empregados” (BOURDIEU, 2004, p. 33, *itálicos no original*).

provas objetivas. A experiência impôs à confiança dos observadores, o papel curativo das vacinas e mais ainda, a sua inocuidade” (VASCONCELLOS, 1957, f. 1).

Se Vasconcellos, isoladamente, não poderia jamais ter obtido essa adesão às suas verdades, à verdade da eficácia da vacinoterapia, o trabalho mais amplo de outros agentes acrescentou elementos que a isso conduziram. Pelo menos, durante determinado espaço de tempo.

Tanto foi assim que se, no Brasil, outros médicos prescreveram o uso do *Pertussol*, foi somente na década de 1930 que o emprego de tal recurso terapêutico, a vacinoterapia, veio a obter reconhecimento em outros países. Não por obra de Vasconcellos, que não se revelou eficiente propagandista. Foi da Alemanha que partiram os primeiros pareceres referendando esse tipo de terapia, sem jamais fazer qualquer menção ao *Pertussol*. Em 1933, por exemplo, E. Wulleweber experimentou-a e fez a “apologia da vacinoterapia na coqueluche, inclusive na clínica hospitalar como recurso preventivo” (BRAZIL-MEDICO, 1933, vol. 47, p. 579). Leonel Gonzaga (1956b, p. 36-41) também referiu-se a outros autores que se posicionaram favoráveis à vacina na terapia da coqueluche.

Vasconcellos, portanto, não alcançou êxito em fazer maior divulgação do produto e não conseguiu mobilizar outros extratos da sociedade. Falou aos médicos, falou aos homens de ciência. Em uma, duas, três e com certeza em outras tantas ocasiões. Mas ficou aí. Não conseguiu dar visibilidade mais ampla ao seu trabalho, às suas conclusões, ao novo produto, para transformá-lo numa verdade aceita pelos homens de ciência de outras partes do mundo, em um momento em que isso se tornava viável.

O criador do medicamento recebeu os aplausos e o apoio de outros médicos que também passaram a servir-se do *Pertussol*.²⁷ Recebeu agradecimentos espontâneos e comovidos de pais de crianças curadas,²⁸ e parece, finalmente, ter-se contentado em produzir, ministrar e comercializar²⁹ aquela que se tornou reconhecida no Brasil, ao menos durante algum tempo, como uma nova e eficiente arma no combate à coqueluche.

Essa opção rendeu-lhe lucros durante certo período, ao dedicar-se a produzir e comercializar o *Pertussol*.³⁰ Contudo, não fez dele um industrial de

²⁷ Logo que trouxe à público aquele medicamento, Vasconcellos, pretendendo confirmar perante a Sociedade Brasileira de Pediatria os bons resultados que afirmava ter obtido, apelou para o testemunho de outros médicos aos quais recomendara o seu emprego. Entre eles, citou nomes como os de H. Rocha, Aida de Assis, Alfredo Neves e Santos Moreira, médicos que teriam comprovado a eficiência da vacina (VASCONCELLOS, 1918b, p. 157). Mais tarde, quando o assunto foi tratado na Sociedade de Medicina e Cirurgia, os médicos Leonel Gonzaga e Bonifácio Costa a eles se somaram, confirmando sucessos obtidos em tratamentos conduzidos com o *Pertussol* (VASCONCELLOS, 1918a, p. 188).

²⁸ Uma correspondência a ele dirigida registrou: “A nossa filha Fernandinha recuperou a sua alegria cheia de vida e saúde que por duas longas semanas nos manteve tão apreensivos. Não esquecemos nós a sua grande dedicação durante todo o período da doença da Fernandinha e a sua inesgotável paciência em tratar a doente e em serenar a nossa inquietação. Sabemos que à sua muita experiência e sábio conselho devemos a satisfação desta casa e a nossa gratidão lembrar-nos-á sempre o seu nome e a sua amizade” (PAIS DE FERNANDA, 1927). Outra correspondência, datada de 1932, se expressava nos seguintes termos, bem ao estilo dos anúncios de medicamentos que então eram veiculados em várias publicações: “Estando meu filhinho Paulo de dois anos atacado de coqueluche, há um mês, com vômitos, febre, foi-me indicada pela Dra. Hermínia Souza de Assis as vacinas ‘Pertussol’ de vossa fabricação. Sinceramente entusiasmada com a cura rápida e maravilhosa obtida com cinco injeções apenas, venho apresentar a V. S. os meus mais ardentes protestos de felicitações, pois com espaço de vinte dias meu filhinho já é a mesma criança alegre e viva. O apetite voltou – o que nunca tivera antes da tosse – a febre e os vômitos cessaram logo após a primeira injeção” (MADAME MARÇAL, 1932).

²⁹ Isso será tratado na seção seguinte, relativa aos laboratórios por ele mantidos.

³⁰ O sucesso de Vasconcellos como industrial foi, segundo indicações de sua filha mais jovem, Senhora Sylvia de Vasconcellos (2004), atrapalhado por suas escassas habilidades para lidar com questões financeiras. Homem de ciência, delegou essa dimensão a terceiros. Assim, seus “sócios banqueiros”, José Gonçalves de Sá e Emílio Sá, teriam contribuído para afastá-lo ainda mais dos lucros econômicos. Quarenta anos antes, Raymundo Moniz de Aragão (In: FRAGA FILHO, ARAGÃO, 1964, p. 1153) já comentava: “este homem estudioso, desinteressado, tímido, foi industrial sem sucesso”.

sucesso, embora o período fosse favorável à indústria farmacológica, conforme indica Maria Eliana Labra. Segundo a autora:

Em meados dos anos 20, há um surto econômico no país que claramente se reflete na importação e produção nacional de medicamentos e materiais de laboratório. As representações de casas estrangeiras fabricantes de remédios, equipamentos, instrumentos e insumos proliferaram vertiginosamente, de modo que os médicos, farmacêuticos e químicos efetivamente tiveram uma grande oportunidade de entrar nessa área de negócios. (LABRA, 1985, p. 206)

Ainda em relação ao *Pertussol*, mais dois aspectos merecem destaque. Referiu-se que, ao analisar os casos de impaludismo, em especial o congênito, Vasconcellos fez referência às taras e sua relação com a herança materna. Novamente, no caso da coqueluche, ele acentuou o assunto. A alguns de seus pacientes, Vasconcellos associava determinadas taras, tais como anemia, debilidade, fraqueza, herpes e, consideradas mais graves, a sífilis congênita e a tuberculose, além de indefinidos “estigmas apreciáveis nos traços fisionômicos”.

No caso daqueles afetados pela doença há aproximadamente dois meses, observava que, “na maioria dos doentes havia complicações de moléstias intercorrentes e estados mórbidos familiares que comprometiam muito o aparelho pulmonar” (VASCONCELLOS, 1925a, p. 511-517). Uma vez mais, o agente revelava-se incomodado com determinados traços congênitos, tratando-os como se fossem hereditários.

Segundo Vasconcellos, além disso, não teria sido possível acompanhar devidamente o desenvolvimento de muitos casos, “porque os doentes não compareciam com regularidade ao serviço clínico”, a partir do momento em que

observavam alguma melhora (Ibid., p. 512). Em outras palavras, determinados atos da população tenderiam a comprometer os trabalhos científicos.

Nos anos que se seguiriam, ele continuaria observando a ocorrência de taras, associando-as a outros fatores. Como se acompanhará nos capítulos finais, o leite seria por ele incluído naquela questão, tanto como origem, quanto como remédio para o problema. Tanto como “remédio” para determinados aspectos da suposta degeneração da raça no Brasil, quanto como elemento que evidenciaria a ignorância da sua população, a qual não apenas imporia empecilhos às pesquisas, mas seria responsável pelas “enfermidades sociais” observadas no país.

3.3 O “INDUSTRIAL SEM SUCESSO” E A “ARTE DE PROLONGAR A VIDA”

No início da década de 1920, um folheto ilustrado impresso em Paris fazia a divulgação do *Pertussol* entre a população carioca. No folheto, entretanto, não figurava somente aquela vacina, mas também vários outros produtos do laboratório de Aleixo de Vasconcellos. Um deles era o *Azurol*, corante para trabalhos em microbiologia,³¹ por ele desenvolvido um ano antes de obter o medicamento contra a coqueluche.

³¹ Na ocasião, descreveu Vasconcellos (1917c, 1917d), a Grande Guerra, impedia a obtenção dos corantes usualmente empregados na microscopia, especialmente aquela que era reconhecida como a mais eficaz, a *Solução de Giemsa*, desenvolvida pelo professor de Medicina Tropical de Hamburgo, que Vasconcellos teve oportunidade de conhecer em Manguinhos (BENCHIMOL, 1990, p. 45). A eclosão da guerra atrapalhou sua importação da Alemanha. Isso foi por ele resolvido levando adiante experimentos com um novo corante em torno do qual dedicava-se no período: o *Azurol*. Atividade esta com a qual já vinha se envolvendo pelo menos desde 1914 (VASCONCELLOS, 1914c). Ao apresentá-lo aos seus pares-concorrentes, afirmou orgulhosamente: “Este precioso líquido está no nosso mercado representado pelo ‘Azurol’. (...) Tem pois todas as aplicações dadas à solução de Giemsa e fornece os mesmos resultados” (VASCONCELLOS, 1917c, p. 43). Por isso, o apresentava

No mesmo impresso, logo abaixo do *Pertussol*, e acima do *Azurol*, figurava a *Metricidina*, destinada à cura das “doenças de senhoras”.³² Seguiu-se uma vacina que afirmava recomendada para o tratamento das “enterites, colites e eczemas” e que recebera a denominação de *Entero-vacina*;³³ a *Staphilolysina*, “vacina ideal contra furúnculos”, apontada por seu sobrinho Paulo de Vasconcellos (2006) como o principal medicamento de seus laboratórios, ao lado do *Pertussol*; e a *Neisser-vacina*, “contra uretrites e complicações” (LABORATORIO DE PRODUCTOS MICROBIANOS DR. ALEIXO DE VASCONCELLOS, 192-).

A eles, somaram-se em seguida outros medicamentos, assim descritos: *Neisserina*, “vacina contra as nefrites e suas complicações” (VASCONCELLOS, 1923l, f. 1-2); *Quimiovacina*, indicada “em todos estados gripais, nas bronco-

como um “sucedâneo da *Solução de Giemsa*”. Um breve relato a respeito pode ser encontrado em Stancik (2002a, p. 39-42).

³² Anos mais tarde, Vasconcellos (1957, f. 2) assim comentou as propriedades do medicamento: “Existe no aparelho genital feminino variada flora bacteriana toda vez que qualquer inflamação altere a sua integridade. Além de infecções exógenas às quais está sujeito, há também as de origem interna chamadas endógenas, subordinadas a germes localizados em pontos distantes (aparelho intestinal, focos amigdalinos e dentários) que em ocasionais bacteriemias podem também localizar-se nos órgãos genitais femininos.

Admitida ser esta uma das muitas causas (felizmente a mais benigna e a mais freqüente) das chamadas doenças das senhoras, foi preparada uma vacina polivalente – *Metricidina* – baseada na doutrina de Wright, para o tratamento de metrites e anexites crônicas. Nas formas agudas que podem ceder com os antibióticos, mas também podem voltar em breve lapso de tempo, o emprego da vacina simultaneamente, oferece indiscutíveis vantagens. A aplicação da *Metricidina* não tem contra-indicações”. Como se pode perceber, além de trazer detalhes sobre o produto, Vasconcellos demonstrava já antever o avanço crescente - e ameaçador para seus negócios - da era dos antibióticos.

³³ No *Formulario de terapêutica infantil*, organizado por Santos Moreira, Vasconcellos registrou um episódio em torno daquela vacina. Segundo seu relato: “Dr. E. C., médico, especialista reputado, sugestionado pelas palestras mantidas comigo sobre a terapêutica anti-anafilática deliberou tratar-se de pertinaz colite dolorosa e acabrunhada com injeções de uma vacina de *stock* que denominei *entero-vacina*.

Eis que o colega e amigo chega no dia imediato e me anuncia ruidosamente o seu bem estar e a cessação das dores. Prosseguiu no tratamento e está curado” (VASCONCELLOS, 1927b, p. 30, itálicos no original). Nas diversas observações acrescentadas por Dona Lina Pianucci, viúva de Vasconcellos, aos documentos por ele deixados, consta uma que torna possível identificar o “Dr. E. C.”. Trata-se do médico Edilberto Campos. Nas palavras de Dona Lina: “O Dr. Edilberto Campos experimentou [a *entero-vacina*] em si próprio e falou a respeito dos bons resultados em Sociedade Científica” (Apud VASCONCELLOS, 1957, f. 3).

pneumonias e nas traqueobronquites e bronquites crônicas” (VASCONCELLOS, 195-); *Espasmocyl*, produto indicado para “as bronquites crônicas e as que sucedem à gripe”; *Colodoclasina*, recomendada para as “bronquites asmáticas”; *Glifitol*, apresentado como “um tônico”; *Extrato Hepático Tiaminado*, produto que conteria vitamina B1 (VASCONCELLOS, 1957).

FIGURA 3 – FOLHETO DO LABORATÓRIO DE PRODUTOS MICROBIANOS DR. ALEIXO DE VASCONCELLOS



Mais tarde, lançou ainda o *C. V. 4*, denominação com a qual fazia referência ao fato de o produto conter “cálcio e quatro vitaminas”, vendido na forma de comprimidos. Em folheto redigido em espanhol, recomendava-o no combate “à prostração posterior às enfermidades infecciosas (gripe, febre tifóide, etc.)”, para “remover tumefações ganglionares, aumentar a assimilação do cálcio e do fósforo, aumentar o teor globular do sangue, despertar o apetite, reforçar a memória, fornecer cálcio ao organismo, estimular o crescimento, consolidar fraturas, acelerar a coagulação sangüínea para impedir a ocorrência de hemorragias nas operações de amídalas, fortalecer o sistema nervoso e impedir o aparecimento de cáries dentárias” (LABORATORIO DE PRODUTOS MICROBIANOS DR. ALEIXO DE VASCONCELLOS, 193-).

Espécie de elixir, o *C.V.4* era prescrito por seu produtor como indicado para males os mais diversificados, embora sempre insistindo que teria propriedades cientificamente comprovadas. Sempre a fé na ciência na solução dos problemas dos homens, com os quais o agente esperava, um dia, construir uma nação moderna e progressista.

Naquele espírito da bacteriologia e da quimioterapia Vasconcellos foi adiante, a partir de seu sucesso com o *Pertussol*, desenvolvendo novos medicamentos que, ao mesmo tempo em que lhe proporcionavam rendimentos, favoreceram a ampliação de seus laboratórios,³⁴ e um maior acúmulo de capital cultural e social.

³⁴ Inicialmente, funcionando no número 45 da Rua da Assembléia (que durante breve período de tempo passou a se chamar Rua Peru, para então retornar à denominação anterior), o *Laboratório de Produtos Microbiológicos e Pesquisas Microscópicas do Dr. Aleixo de Vasconcellos* encarregou-se de realizar análises químicas e bacteriológicas e produzir o *Pertussol*, ao qual somaram-se, em 1923, os demais medicamentos, além do kefir

Não era apenas com a produção de medicamentos que se ocupava o farmacêutico e industrial Aleixo de Vasconcellos. Afirmando que o homem poderia “viver cem anos tomando kefir ou iogurte”, pois “boa alimentação e boa função digestiva prolongam a existência”, Vasconcellos passou a produzi-los e comercializá-los. Teriam ambos tanto propriedades alimentícias, quanto terapêuticas, sendo assim indicados para os “constipados crônicos”.³⁵ E concluía afirmando: “É um índice de cultura de um povo o consumo do iogurte e do kefir, máxime no Brasil, nesta capital, que o calor produz alteração dos alimentos e estados graves de intoxicações” (LABORATORIO ALVAS, 1939).

A “arte de prolongar a vida” proposta por Vasconcellos (1935a, f. 6) passara a se revelar estreitamente associada às proposições da bacteriologia, da quimioterapia, do higienismo, da eugenia, conforme ele viera aprendendo no correr dos anos. Tornar-se médico abria aqueles caminhos, para os quais, por mais distintos que se revelassem, buscou ele um denominador comum. Não continham todos eles partes da verdade, conforme se supunha? Como abster-se de algum deles? Como optar apenas por um deles?

Pode até parecer que, tendo-se em vista apenas um folheto de propaganda responsável pela divulgação de seus produtos, seria possível simplesmente associar aquelas proposições ao desejo de convencer possíveis consumidores. Mas não era apenas isso. Por trás de todas as afirmações de Vasconcellos, encontravam-se muitos outros fatores. Desde as teorias científicas que circulavam pela sociedade,

e do iogurte. Estes últimos, a cargo da Empresa Brasileira de Kefir Ltda., instalada na Rua Conde de Bomfim, 233.

³⁵ “Constipados crônicos”, segundo Vasconcellos, seriam “indivíduos condenados a uma vida curta”. Teriam eles “mau hálito, má pele, mau gênio, mau fígado”, sofreriam de cefaléias, de pielite, de reumatismo lombar e estariam sujeitos a apendicite. Além disso, envelheceriam depressa, não engordariam, apresentariam eczemas e nunca estariam satisfeitos (LABORATORIO ALVAS, 1939).

às estratégias destinadas ao maior acúmulo de capitais, e ao caráter extremamente social da ciência em ação, do fazer ciência. Tudo isso num quadro sócio-cultural marcado pela miséria, pelo analfabetismo, pelas doenças. Tornar-se médico e homem de ciência implicou, no caso particular de Vasconcellos, posicionar-se diante dessas questões, mesmo naqueles momentos em que se ocupava de justificar a pertinência de seus produtos.

Tornar-se médico e, além disso, reconhecido como um legítimo homem de ciência implicou ainda, embora nem sempre por opção própria, mas tampouco de forma totalmente involuntária, em seguir o exemplo de Louis Pasteur. Este pulou de um domínio a outro. Do estudo da cerveja ao da seda, da dedicação aos fermentos para os micróbios associados ao leite, do vinho às enfermidades que acometiam animais e homens. E, dessa maneira, foi envolvendo os mais diversificados extratos da sociedade: industriais, agricultores, mães, governantes, conforme destacou Anne de Saint Romain (In LE GOFF et al., 1997, p. 88).

Vasconcellos, conforme se prosseguirá acompanhando nos capítulos seguintes, ampliou e diversificou ainda mais os domínios pelos quais transitou e produziu. Embora não tenha, nem de longe, obtido o envolvimento de mais amplas parcelas da sociedade. Mesmo assim e por conta dessa diversificação, sentiu-se suficientemente seguro para, como um legítimo homem de ciência, associar qualidades quase mágicas a produtos como o leite e seus derivados.

Aspectos estes que podem ser antecipados, mas cujo esclarecimento exige maiores detalhes. Essas proposições suas quanto à “arte de prolongar a vida” somente podem ganhar sentido se prosseguirmos acompanhando o agente em mais alguns momentos de sua trajetória.

4 O MÉDICO E O BACTERIOLOGISTA ENTRE HOMENS DE CIÊNCIA, POPULARES E A “IGNORÂNCIA”

Infelizmente, o Brasil não é o vasto hospital que tanto se apregoa. A frase, sobre ser imprópria, não me parece verdadeira, nem é original. Hospital significa abrigo, desvelo, proteção; é a dedicação às vezes até ao sacrifício; é a assistência carinhosa que anima e consola; é o remédio sábio e criteriosamente aplicado, que alivia quase sempre, e que muitas vezes cura. Ora, o que ainda existe por estes sertões além é o desamparo, o descuramento, o abandono; o charlatanismo arrogante, vazio e daninho como o sapê bravo junto do qual ele vive; é a indústria mezinheira dos preparados medicinais que “tudo curam”; é enfim, em uma palavra, a doença não remediada, a ignorância satisfeita, a miséria desprotegida e explorada.

Aleixo de Vasconcellos (1919)¹

É da feição da ciência a complicada sementeira, a demorada medra, em estufa de laboratório, longe dos olhos leigos, afastada da língua rudimentar das propagandas. Quando, apesar de tudo, chega a ser vista é que se agigantou, excepcionalmente.

Heitor Beltrão (1935, f. 1)²

¹ Discurso proferido por Aleixo de Vasconcellos na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (Apud CUNHA, 1966, p. 31).

² Heitor Beltrão, em correspondência dirigida a Aleixo de Vasconcellos.

4.1 ENTRE OS SABERES CIENTÍFICOS E A “IGNORÂNCIA” POPULAR

Conforme se acompanhou até o momento, Aleixo de Vasconcellos já trouxe do berço um bom montante de recursos culturais e sociais, cujo volume foi ampliado no decorrer de sua formação médica e, ainda mais, após o início do exercício profissional. Mesmo assim, embora tenha se tornado industrial, não chegou a acumular fortuna. Contudo, sua posição social jamais pode ser confundida com a de um membro dos extratos menos favorecidos. Estas, pobres, sem instrução ou mesmo analfabetas, doentes, marginalizadas estavam muito distantes das condições sócio-culturais desfrutadas por Vasconcellos.

Em situação bastante diversa, Aleixo de Vasconcellos pertenceu a uma parcela da sociedade que não apenas se percebia, mas fazia questão de evidenciar que se encontrava, em vários aspectos, muito distante da realidade da maioria da população: o grupo dos homens de ciência. Se este não se revelava, na sua totalidade, composto por agentes sociais economicamente bem situados, eram eles assim mesmo integrantes de uma elite cultural e social.

Aquelas classes sociais miseráveis, além de viverem marginalizadas e sob as mais adversas condições, conforme interpretação de significativas parcelas da intelectualidade do período, viviam em tal situação devido ao fato de terem o sangue miscigenado. Assim, eram percebidos como miseráveis porque menos aptos, inferiores, degenerados.

É certo que, conforme indicam estudos e de forma que será melhor abordada no capítulo seguinte, ao aproximar-se a década de 1920, essa compreensão da realidade tendeu a ser relativizada, matizada pela percepção da

doença enquanto fator social da miséria, do “atraso” e da “degeneração”. Mas esse foi um processo lento, não isento de contradições, sujeito a avanços e recuos.

Nesse contexto, assumindo os papéis e obtendo reconhecimento como um homem de ciência, Vasconcellos ascendeu à condição de membro de uma elite que se percebia distinta e que não queria se fazer confundida com as demais. Que se apresentava como uma elite da elite, um grupo, o dos homens de ciência, perfeitamente distinto e incumbido de uma missão superior. Uma elite que se apresentava como não necessariamente dotada de privilégios, mas, em lugar disso, que se dizia incumbida da missão de ditar os rumos a serem seguidos pela nação, rumo ao progresso e à civilização.

Por sua vez, as classes pobres enfrentavam ou estavam sujeitas à violência característica dos tempos em que a questão social era pensada como “caso de polícia”. Ou seja, em que os protestos dos mais miseráveis eram entendidos pelas elites e governantes como sinais evidentes de que, assim procedendo, não passavam de perturbadores da ordem, constituindo uma ameaça às “pessoas de bem”. E, por conta disso, deveriam ser exemplarmente reprimidos e, se necessário – e geralmente se entendia que sim –, exemplarmente punidos.³

Considerá-lo um membro da elite não significa, entretanto, sugerir que Vasconcellos não tenha convivido com as camadas mais pobres da sociedade. Pelo contrário, muito embora, até o momento, tenha-se dado ênfase às suas experiências em meio aos membros das elites social e cultural.

Alguns, entre tantos outros espaços em que Vasconcellos teve inserção e nos quais, além disso, teve contato mais próximo com as camadas mais pobres,

³ Um panorama dessa situação é apresentado por José Murilo de Carvalho (1997). Consultar também Souza Patto (1999).

estavam subordinados ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Num primeiro momento, após sua nomeação para trabalhar no porto da cidade do Rio de Janeiro e, posteriormente, na condição de chefe da Seção de Leite e Derivados. Outro espaço foi a Policlínica de Crianças da Santa Casa, posteriormente denominado Hospital José Carlos Rodrigues. Por isso, uma vez mais ela será objeto de reflexão no presente capítulo.

Não se pode e nem se pretende desconsiderar outras situações em que esse contato possa ter ocorrido, mesmo porque estas, seguramente, eram muito mais corriqueiras do que aqui seria possível relatar. A ênfase é dada à Policlínica de Crianças e ao porto e, com mais intensidade, à Seção de Leite, por considerar-se que aqueles foram espaços em que esse contato entre agentes oriundos de diferentes classes, entre outros pertencimentos diferenciados, possibilitou a Aleixo de Vasconcellos acrescentar mais elementos às suas análises relativas à sociedade e aos homens do período em questão, além daqueles decorrentes de suas leituras e das discussões que tenha mantido com outros agentes oriundos do campo médico, intelectual, político, entre outros. Eram espaços em que Vasconcellos interagiu com os dois extremos: homens de ciência e miseráveis trabalhadores.

Espaços que, por isso mesmo, permitem-nos perceber, conforme proposto por Roger Chartier (1990), as práticas diferenciadas, os usos contrastados, a pluralidade dos modos de emprego, as diferentes interpretações de determinados bens culturais. Em outras palavras, a construção do sentido, a atribuição de significados ao mundo e à realidade social na qual os agentes tem suas experiências de vida.

No que se refere ainda a sua atuação no Ministério da Agricultura, entende-se que foi neste, durante o transcorrer das décadas de 1910 e 1920, que Vasconcellos foi, pouco a pouco, se assenhorando de uma problemática que conseguiu fazer associada ao seu nome. Trata-se do leite bovino, por ele assumido como um legítimo objeto de investigação e a partir do qual expressou seu desejo de intervir na realidade sócio-cultural do país. Não de forma premeditada, nem tampouco calculada ou planejada. Mas jogando com as cartas que tinha em mãos e contando ainda com as alianças anteriormente estabelecidas, além de outras que pode ir estabelecendo e firmando, conforme poderá ser acompanhado em seguida.

4.2 PEDIATRIA, TERAPÊUTICA, EXPERIMENTAÇÃO E REPRESENTAÇÕES SOBRE AS CLASSES POBRES E CIDADÃOS DE “BOAS ROUPAS”

Como pediatra na Policlínica de Crianças da Santa Casa, Aleixo de Vasconcellos, além de atuar ao lado de seu mestre Fernandes Figueira, manteve contato, durante longos anos, não apenas com as classes menos favorecidas, mas também com as enfermidades que as afetavam. Muitas delas percebidas pelo médico como decorrentes das péssimas condições de existência, de certas “taras”, da miséria, da falta de higiene e de problemas alimentares a que as mesmas estavam continuamente expostas.

Naquele contexto, Vasconcellos entendia que a cura somente se daria mediante o conhecimento cada vez mais aprofundado tanto do organismo humano, quanto daqueles microscópicos seres que o habitavam ou invadiam, assim como através do desenvolvimento de novas medicações e terapêuticas. A esses

elementos, acrescentava ainda a importância do trabalho contínuo em favor da prevenção das doenças (VASCONCELLOS, 1916d, 1916f, 1917f, 1918b, 1924a, 1925a, 1935). Procedimento este que exigiria uma intervenção mais ampla dos homens de ciência sobre hábitos, costumes e saberes da população.

Ao mesmo tempo, o agente expressava sua certeza – talvez apreendida com Afrânio Peixoto - de que o desaparecimento de muitas ou de quase todas as doenças estava bastante próximo. Tanto mais próximo, quanto mais esforços fossem empreendidos por homens de ciência no sentido de melhor esclarecer suas causas e desenvolver os mais eficazes tratamentos, mediante aprofundados e bem fundamentados trabalhos científicos (VASCONCELLOS, 1914a, p. 25). Por isso, não se poderia desperdiçar tempo e toda e qualquer ocasião de ampliar os conhecimentos em torno das doenças e de sua prevenção e/ou tratamento deveria ser bem aproveitado.

Essa preocupação fazia que, na indesejável condição de acometidos por alguma enfermidade, muitas vezes seus “doentinhos” fossem parar, involuntariamente, anônimos e sem mesmo ter conhecimento, nos nobres salões das associações médicas. Primeiro, na Sociedade de Medicina e Cirurgia e na Sociedade de Pediatria. Com o correr dos anos, na celebrada Academia Nacional de Medicina.

Lá eles não compareciam fisicamente, pois aquele nem mesmo era um espaço para que estivessem presentes. Apresentavam-se por conta da desventura de terem procurado pelo médico queixando-se de diarreia, ou por estarem acometidos de malária, tuberculose, coqueluche, ou outra enfermidade e assim terem proporcionado ocasião para novos estudos e especulações.

Compareciam nos relatos que Vasconcellos, a semelhança dos outros homens de ciência, levava para o conhecimento de seus pares-concorrentes e para o maior reconhecimento de sua competência e de seu valor.

Compreende-se assim que Vasconcellos serviu-se de sua experiência na Policlínica de Crianças, encarando-a tanto como um espaço destinado ao tratamento e à cura das enfermidades, como também adequado ao desenvolvimento de estudos e experimentações. Com isso pretendia contribuir não apenas para o conhecimento mais aprofundado daqueles fenômenos não circunscritos à esfera do biológico, mas profundamente sociais, e para ampliar também a credibilidade do homem de ciência que se propunha ser.

Essa constituía uma dupla preocupação que, na medida do possível, procurava o médico priorizar na lida com os seus pacientes: a de, a um só tempo, tratar e, mais que isso, melhor compreender os mecanismos e as melhores terapêuticas a adotar.

Além de medicamentos e terapêuticas, também decorreram daquela relação as possibilidades de Vasconcellos dar maior ênfase, à sua maneira, a conselhos e ensinamentos divulgados por outros homens de ciência, em favor da atenção dirigida à saúde, à higiene, à eugenia, à educação das classes menos favorecidas.

Afinal, esse contato seguramente dava-lhe ocasião para melhor ver e perceber, não apenas como era a vida dessas classes pobres, mas de reelaborar as percepções circulantes em relação às mesmas, aos seus saberes, às suas crenças, à sua vida cotidiana, às suas “taras”.

Por isso, além de médico clínico e experimentador, Vasconcellos revelava-se ainda ocupado em pensar a sociedade. E para tanto serviu-se também daquilo

que pode observar na Policlínica. Ali, além dos perfis médicos já destacados, ele assumia um novo, o de “médico sociólogo”, de forma similar à descrita por Renato Kehl (1923, p. 35), pensando a sociedade a partir das enfermidades e “doenças sociais” que nela podia observar.

E isso contribuía para acentuar a percepção de quanto esses portadores de “taras”, pessoas sem instrução, muitas vezes miseráveis encontravam-se distantes dos homens de ciência. Distantes do ideal de homem higiênico, saudável, vigoroso, eugênico, com o qual se pretendia povoar o país.

“Em meu consultório”, destacou certa feita o “médico sociólogo” Aleixo de Vasconcellos (1923g, p. 485), “ouvi de um cidadão de boas roupas e pai de numerosa prole, que os doutores estavam inovando coisas de higiene com a tal opilação, que nunca se viu evitar-se com os pés calçados. Foi a sua rude franqueza o triste eco da sua infância em meio ignorante ou em escolas sem instrução higiênica.”⁴

Mas esta seria apenas uma faceta de um problema que se revelaria mais amplo. Essa hipotética ignorância não comprometeria apenas e tão somente a saúde da população, das gerações futuras e da pátria. Por sua experiência, Vasconcellos defendia que a mesma também prejudicaria os trabalhos científicos que ele se propunha realizar com seus pacientes.

Ora, se para alguns homens de ciência estava perfeitamente clara a correlação entre o amarelão ou opilação e a ação patogênica de seres invisíveis a olho-nu, para parcelas significativas da população afirmações daquela natureza se

⁴ A opilação ou ancilostomose, também conhecida popularmente como amarelão ou mal de bichas é doença endêmica provocada pelos parasitas *Ancylostoma duodenalis* e *Necator americanus*. Estes, desenvolvendo-se no intestino humano, causam anemia, enfraquecendo o organismo devido às pequenas e numerosas hemorragias que provocam, e às toxinas que secretam (BERTOLLI FILHO, 1999, p. 31).

afiguravam de todo improváveis, pois totalmente estranhas às suas experiências cotidianas. Diante dessa constatação, firmava-se para Vasconcellos a certeza de que os estudos científicos deveriam informar o conhecimento da sociedade, remodelando os hábitos da população, impondo, se possível através de leis, ações orientadas e coordenadas pelos homens de ciência. Somente assim se tornaria possível o combate às doenças, empecilho ao trabalho produtivo e ao crescimento da nação.

Constata-se dessa maneira que, uma vez concluída sua formação de médico e dando início a sua atuação profissional na Policlínica, Vasconcellos passou também a refletir, de forma mais evidente, a respeito da sociedade. No período já revelava pautar suas reflexões numa suposta dualidade que, segundo seu entendimento, esclareceria muitas das questões impostas à intelectualidade do período.

Nessa perspectiva a que Vasconcellos aos poucos dava formas mais definidas, a sociedade estaria dividida em dois extremos opostos. Um deles seria constituído por uma elite destinada a levar adiante a difícil missão de trabalhar pelo futuro da pátria, extirpando os elementos que faziam dela uma nação distante dos ideais de progresso e de civilização. Elite esta da qual ele fazia parte, na condição de homem de ciência, pesquisador e produtor de conhecimentos.

O outro extremo seria composto por uma imensidão de homens tidos como até então incapazes de trabalhar em favor daquele grandioso e patriótico objetivo, qual seja o de construir uma nação civilizada. Espalhados por todo o seu território e pelas cidades, permaneceriam apegados a preconceitos, saberes e práticas

supostamente equivocadas, pois não legitimados pela ciência, pelos métodos experimentais.

Essa percepção, foi ganhando contornos mais evidentes com o correr da década de 1910. Provavelmente não se originou, mas pode ter se firmado no duplo contato que então estabelecia, de um lado, com os homens de ciência, do outro, com homens miseráveis, parcelas das classes pobres urbanas, por intermédio da atenção dispensada a seus filhos doentes, tratados na ala de pediatria da Policlínica.

Diante dessas observações, resultado de sua prática diária com os enfermos, Vasconcellos tinha a oportunidade de confirmar que, se os “sertões” se situavam nos limites do Distrito Federal, segundo lhe ensinara seu mestre Afrânio Peixoto (cf. HOCHMAN, 1993, p. 57), a ignorância da população adentrava a cidade. Estaria, além do mais, presente inclusive entre cidadãos de “boas roupas”, conforme se prosseguirá analisando.

4.3 MINISTÉRIO DA AGRICULTURA: O TRABALHO NO PORTO CARIOCA, NO SERVIÇO DE INDÚSTRIA PASTORIL E NA SEÇÃO DE LEITE

4.3.1 O Serviço de Veterinária e a demanda por homens de ciência

Centro administrativo e financeiro, no Rio de Janeiro localizava-se o maior e mais movimentado porto do país, e um dos maiores de toda a América. Por conta disso, conforme esclarece Moraes (1994, p. 31), o volume dos produtos exportados e importados era muito grande e envolvia diversos setores da vida econômica da cidade. Por essa razão, de alguma forma, grande número de pessoas residentes no Rio de Janeiro, pobres ou ricas, nacionais ou estrangeiras, dependiam diretamente das atividades desenvolvidas no porto.⁵

Durante alguns anos, Aleixo de Vasconcellos foi uma delas, após ser nomeado em 14 de fevereiro de 1912 para o cargo de bacteriologista do embarcadouro daquele porto, em documento assinado pelo Presidente da República Hermes da Fonseca e por Pedro de Toledo, então ocupante da pasta do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Naquela função, ele passou a tomar parte da equipe de homens de ciência escalados junto ao Instituto Oswaldo Cruz para a recém-criada Diretoria do Serviço de Veterinária do Ministério da Agricultura.⁶

Os investimentos iniciais, com sua passagem pelo Instituto Oswaldo Cruz, possibilitavam-lhe, não pela primeira vez, o ingresso na burocracia de um órgão

⁵ Pouco antes de Vasconcellos ser nomeado para trabalhar no porto carioca, este havia passado por uma série de melhorias, inseridas no conturbado contexto da reforma urbana que transformou fisicamente o centro do Distrito Federal. Antes da reforma, o porto se caracterizava por sua precariedade, e percebido como um grande foco de doenças, cujo cais não apresentava condições de receber navios de grande porte (MORAES, 1994, p. 56).

⁶ O Serviço de Veterinária foi instalado no início de 1911, em conformidade com o Decreto 8.331, datado de 31 de outubro de 1910.

público. Se antes, era no âmbito do Município - por indicação de Oswaldo Cruz, Vasconcellos assumiu a direção do Laboratório da Associação dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro (VASCONCELLOS, 1935a, f. 2) -, agora tratava-se da sua inserção na estrutura do governo federal.

Nesse aspecto, foi favorecido pela convocação de Manguinhos pelo Governo Federal para cooperar na organização do Serviço de Veterinária. Conforme se expressou o Ministro da Agricultura (In MINISTERIO DA AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO, 1911, p. 93), “recorreu este Ministério à cooperação, assaz valiosa, do Instituto Oswaldo Cruz, encarregando-o, mediante contrato, dos estudos e pesquisas bacteriológicas, e distribuindo às Inspetorias, com o pessoal que lhe compete, os serviços da clínica veterinária e da higiene defensiva dos animais, à parte deveres outros incluídos em suas atribuições regulamentares.”

Esse contrato entre Manguinhos e o Ministério da Agricultura abriu as portas daquela pasta para o ingresso de agentes que, assim como Aleixo de Vasconcellos, detinham a rara credencial de bacteriologista, ou outra obtida ao lado de Oswaldo Cruz. E quem então discutiria indicações vindas do próprio Oswaldo Cruz? O capital social e científico com ele obtido evidenciava-se uma vez mais um eficaz instrumento de ascensão social.

Além disso, possibilitava uma diversidade bastante grande de possíveis domínios, para além da medicina, a serem legitimamente ocupados pelos médicos. Ao menos durante alguns anos. Por isso mesmo, embora médico bacteriologista por formação, ao atuar no porto, Vasconcellos começaria a envolver-se cada vez mais com assuntos pertinentes a campos ainda incipientes no Brasil, como o da veterinária e o da zootecnia, em princípio estranhos à sua formação.

Embora não houvesse abandonado a Policlínica de Crianças, Vasconcellos iniciava assim uma espécie de “reconversão profissional”, não completa, pois jamais abandonou a clínica, mas significativa. Um processo que teria importantes conseqüências no futuro de sua trajetória. A dedicação a assuntos estranhos aos domínios da medicina, inicialmente como bacteriologista do porto, desembocaria, anos depois, na chefia de um órgão – a Seção de Leite e Derivados - também inserido nas estruturas do Ministério da Agricultura.

Essa dedicação a problemáticas associadas à sanidade animal estava prevista no regulamento que estabelecia as incumbências do Serviço de Veterinária, embora não estipulasse que a mesma devesse ficar a cargo de um médico bacteriologista. Conforme o regulamento:

Ao Serviço de Veterinária (...) compete:

- a) a inspeção sanitária do gado importado e exportado e a do tráfego ou comércio interestadual do gado, seja o mesmo realizado por via marítima, fluvial ou terrestre;
- b) realizar as investigações científicas sobre as moléstias que afetam o gado;
- c) efetuar o preparo e a distribuição gratuita dos produtos biológicos (soros, vacinas etc.) usados na profilaxia das moléstias do gado;
- d) fazer a vulgarização de conhecimentos úteis sobre a prática da medicina veterinária e tudo que possa interessar à indústria pecuária;
- e) manter o serviço gratuito de policlínica veterinária;
- f) providenciar relativamente ao combate e profilaxia contra o carrapato e outros parasitas externos dos animais. (Ibid., p. 92)

Embora tenha assumido uma função a ser desempenhada no desembarcadouro do porto, a mesma não o afastava dos laboratórios. Por sinal, na estrutura do recém-criado Serviço de Veterinária, observava-se fenômeno similar ao verificado no Instituto de Manguinhos: os seus agentes eram verdadeiros faz-tudo que se mostravam continuamente dedicados a diferentes tarefas (BENCHIMOL,

1990). Isso possibilitou a Vasconcellos prosseguir exercitando-se na pesquisa microbiológica.

A pesquisa era mesmo destacada no Serviço de Veterinária como “uma das mais importantes faces do problema”, explicando em parte a opção pela associação com Manguinhos e a busca por homens de ciência legitimados por aquela instituição.

Em diagnóstico semelhante àqueles emitidos pelos periódicos médicos, que clamavam por estudos originais em torno das doenças humanas, também no Ministério da Agricultura se falava em favor do conhecimento mais aprofundado das moléstias animais.

Sempre tendo o cuidado de estabelecer a associação entre a pesquisa e os destinos da nação, Pedro de Toledo expressou-se nos seguintes termos: “É inútil encarecer aqui as vantagens que à ciência e ao país advirão do estudo sistemático, metódico e persistente das entidades mórbidas que atacam os nossos animais domésticos, estudos esses até então completamente descurados entre nós” (MINISTERIO DA AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO, 1912, p. 93).

No entanto, conforme já enfatizado, mais que conhecimentos nos domínios da microbiologia, veterinária e zootecnia, no Ministério da Agricultura Vasconcellos encontrou meios e recursos para exercitar e/ou exercer ainda o papel de médico sociólogo, mais ou menos nos termos propostos por Renato Kehl.

4.3.2 No porto, entre homens de ciência e miseráveis trabalhadores

Ao assumir o cargo no porto, Vasconcellos se incluía entre os primeiros agentes nomeados para atuarem no Serviço de Veterinária. Condição esta em que se ocupava com atividades ligadas à inspeção veterinária no gado destinado tanto à importação como à exportação. Uma das grandes preocupações dizia respeito às doenças que afetavam aqueles animais, como era o caso da febre aftosa, que causava prejuízos e preocupação aos criadores, governantes e homens de ciência, no Brasil e no exterior.

Em curto espaço de tempo, essa doença tornou-se um dos temas em que Vasconcellos foi reconhecido como uma autoridade, ao ser escolhido para representar o país no Congresso Internacional Sobre Febre Aftosa, realizado na Argentina, e, em seguida, para organizar o evento, quando se realizou no Rio de Janeiro.

Ao criar o serviço de inspeção sanitária animal, o governo federal afirmou que, além dos fatores econômicos, teria por objetivo dispensar a devida atenção à saúde da população. Pedro de Toledo, Ministro da Agricultura, assim se expressou a esse respeito: “Criando (...) o Serviço de Veterinária, a cargo deste Ministério, o governo federal teve principalmente em vista (...) proteger mais eficazmente a saúde pública, porquanto, é sabido, muitas das moléstias que afetam os animais domésticos se transmitem, por contágio, ao homem” (MINISTERIO DA AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO, 1912, p. 91).

Naquela função, Vasconcellos fazia parte de uma equipe composta por outros homens de ciência. Entre eles, o diretor Alcides da Rocha Miranda, Licinio

Garcia Pinto, além de seus amigos dos tempos do Instituto Oswaldo Cruz e da Faculdade de Medicina, Arthur Moses e Paulo de Figueiredo Parreiras Horta, entre outros nomes que aos poucos foram se reunindo à equipe e com os quais viria a trabalhar também em outros empreendimentos, no correr dos anos.

Conforme já indicado, no porto, o contato não se deu exclusivamente com outros homens de ciência. Segundo Arantes (2003), trabalhar no porto do Distrito Federal significava inserir-se em um setor dos trabalhadores urbanos no qual a presença dos negros foi sempre muito acentuada, desde os tempos da escravidão, e que assim prosseguiu mesmo após a abolição. Por esse motivo, consistia num espaço onde se observava tanto o conflito, quanto o convívio e as trocas entre negros e brancos, e entre diferentes classes sociais.

No período compreendido entre os anos de 1910 e 1920, o qual corresponde ao momento em que Vasconcellos exerceu atividades na região do porto, os negros perfaziam um total de 80% dos sócios do sindicato ligado ao trabalho portuário, sendo que muitos deles haviam nascido ainda no período da escravidão, o que também indica a possibilidade de muitos serem ex-escravos (Ibid.).

Dessa realidade, somada ao fato de muitos daqueles residirem nas proximidades do porto, resultava que era aquela a região da cidade onde se aglomerava o maior percentual de negros do Distrito Federal. Assim, era por ali que estavam eles melhor organizados, seja politicamente, através de sindicatos, ou culturalmente, por intermédio das agremiações carnavalescas (Ibid.).

O porto, além disso, constituía um espaço em que os trabalhos mais rudes, como o de estivador, carregador, arrumador, entre outros, caracterizavam-se, além

da pequena remuneração oferecida, pela ausência de vínculo empregatício. Diante de tal situação, era comum vê-los, diariamente, disputando no sentido de conseguir garantir o ganho.⁷

Da mesma forma, também era corriqueira a repressão violenta da polícia diante de tão grande presença homens cujo sangue era tido como inferior, cujas duras condições de vida os condenava à marginalidade e à suspeição generalizada por parte das elites e autoridades policiais.

Por isso, entende-se que, naquele espaço, além de exercer as atividades inerentes à inspeção veterinária, então colocada sob sua responsabilidade, Vasconcellos conviveu e possivelmente conheceu bem de perto o que representava ser negro e pobre naquela sociedade do início do século XX, poucos anos após a Abolição, com a qual não se havia proporcionado aos negros quaisquer oportunidades de inserção na sociedade, em condições de igualdade.

Contexto em que, ao contrário disso, o discurso científico emprestava-lhes a marca de degenerados, apontando-os como representantes de raças menos aptas ao progresso e à civilização, cuja existência marginal seria consequência de sua inferioridade inata. Para estes cientistas tais características não seriam decorrentes das condições sub-humanas a que estavam submetidos, das relações desiguais que se estabeleciam entre senhores e escravos negros e, após a abolição, entre os negros recém-libertos e a sociedade excludente e racista na qual estavam inseridos.

Quanto mais as mazelas sociais, a miséria, as doenças e as duras condições de vida da população pobre se tornavam perceptíveis, mais Vasconcellos

⁷ Como relata Arantes (2003), todas as manhãs, vários trabalhadores aguardavam na chamada “parede”, na esperança de serem escolhidos pelos encarregados das firmas, responsáveis pela seleção e contratação.

tendia a exaltar ao único recurso com que julgava possível reverter-se aquela situação: a ciência.

Na sua condição de médico, bacteriologista do porto, de professor livre docente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, orador oficial da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, via de regra, suas palavras proferidas em público insistiam sempre na exaltação da produção de conhecimentos cientificamente fundamentados. A “fé eterna na ciência” havia dado cabo da febre amarela e da peste no Rio de Janeiro. Porque não faria o mesmo com os demais problemas até então não sanados?

Destarte, como orador oficial da Sociedade de Medicina, Vasconcellos assim se pronunciou ao final do ano de 1913: “A nossa sociedade é livre. Professar ciência moderna, escrupulosa e perseverante na análise, prudente e refletida na síntese, é a sua única ambição. Sejam as minhas palavras um louvor à ciência e ao trabalho” (VASCONCELLOS, 1914a, p. 24).

Como se pode constatar, além da ciência, o orador enfatizou também o trabalho, sem especificar mais exatamente a que se referia. Mais adiante, no mesmo pronunciamento, fez menção ao “progresso” como consequência da pesquisa científica levada adiante por homens como Pasteur, na França, e, no Brasil, por Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, além de outros.

Naquele discurso aos médicos cariocas, percebe-se que, ao falar em ciência, em trabalho e em progresso, Vasconcellos não fez qualquer menção ao papel desempenhado pelos trabalhadores sem maiores qualificações. Daqueles que permaneciam distantes da pesquisa científica, tal qual era o caso dos trabalhadores envolvidos nas atividades mais rudes no porto.

Seriam os homens de ciência aqueles que realmente proporcionariam à humanidade suas grandes conquistas. Era o que defendia Vasconcellos, insistindo reiteradas vezes em enfatizar sua admiração por pesquisadores nacionais e estrangeiros, principalmente pelo francês Louis Pasteur.⁸ E também ao destacar o papel que acreditava a eles destinado, na condução de seus países em direção à uma condição caracterizada pela prosperidade e pelo bem-estar da população.

Por exemplo, “com o auxílio do microscópio”, seria possível “demonstrar-se a falsificação da manteiga” (VASCONCELLOS, 1915, p. 197). Se o homem, mostrando-se negligente, desse ao comércio um leite contaminado, seria possível “averiguar a quantidade de germes que ele contém”, com o emprego do azul de metileno (VASCONCELLOS In REVISTA DE VETERINARIA E AGRICULTURA, vol. 7, 1916, p. 397). Se houvesse a suspeita de que o leite comercializado fosse proveniente de vacas afetadas pela tuberculose, bastaria proceder-se a sua tuberculinização, procedimento que, realizado em 1916, indicara um percentual de 20% de animais afetados no Distrito Federal (VASCONCELLOS, 1916a, p. 345). Para tudo, a ciência teria uma resposta, desde que não impedida pela ação contrária de homens dela distantes e a ela estranhos e, portanto, alheios aos ensinamentos dos seus legítimos representantes, os homens de ciência.

⁸ Sobre Louis Pasteur, Aleixo de Vasconcellos afirmou, entre tantos outros comentários entusiasmados: “Todas as suas grandes descobertas procediam de experimentações simples e claras. Continuado o seu exemplo, pode a humanidade se independer das peias, do dogmatismo inquisitorial.” Ou ainda: “Não se sabe o que mais admirar, nesse homem de gênio, se a sua imaginação criadora ou o rigor e a exatidão do seu método de pesquisa”. Mais à frente, já concluindo sua fala, aconselhou: “Na contínua perquirição dos nobres ideais da ciência, não recueis diante da sua vastidão inexplorada e impenetrável no problema do destino, nem desanimeis com as incertezas do futuro. (...) Assim vereis progredir a ciência, as artes, as indústrias e a pátria crescer” (1914a, p. 24, 25, 26).

À “fé eterna na ciência”, pregada por Oswaldo Cruz, Vasconcellos vinha fazer eco, antecipando-se mesmo a Renato Kehl. Este, referindo-se à eugenia no início da década de 1920, propôs que ela se apoiaria nos “dogmas da ciência” que constituiriam o “templo da religião de Galton”, conforme transcrito na Introdução deste trabalho.

Também por conta de sua fé na ciência, uma vez mais percebe-se que Vasconcellos revelava-se adepto da expectativa de que, por intermédio da vacinação e de outros métodos preventivos, aliados à higiene, ao saneamento e à eugenia, muitas ou quase todas as doenças que então afetavam o homem poderiam vir a ser finalmente extintas.

Certeza esta reafirmada em trabalho originalmente publicado em 1917, no qual propôs que: “Quando pudermos afirmar que os vírus mais terríveis são suscetíveis de serem transformados em vírus-vacinas de atividade restrita, a vacinoterapia das doenças infecciosas agudas e crônicas verá abrir-se diante dela um campo de ações das mais fecundas” (VASCONCELLOS, 1927d, p. 336).

Muitos anos depois, ainda persistia sua insistência no assunto, evidenciada em declarações segundo as quais:

O constante progredir da bacteriologia proporciona gradativamente reais possibilidades de perfeição técnica, para a destruição dos próprios elementos que constituem objeto de seu estudo. Nenhuma das ciências médicas goza desta singular prerrogativa: reconhecer o agente determinante do mal e combatê-lo com as armas por ele mesmo fornecidas, seja fazendo-o atuar como agente terapêutico seja como instrumento profilático. A fortuna está em primeiro reconhecê-lo, caracterizá-lo e tê-lo entre as mãos no laboratório. O êxito da tarefa dependerá do gênio que souber ver todas as faces do problema. As doenças tributárias da bacteriologia terão um dia que desaparecer ou se tornarem raras. O eventual reaparecimento de doenças evitáveis é conseqüente da negligência humana. (...)

não há, por enquanto recursos profiláticos contra todas as doenças infecciosas conhecidas; mas, um bom número delas pode ser evitado ou reduzido a casos esporádicos. (VASCONCELLOS, 1935, p. 1037)

Além da expectativa relativa ao fim das doenças, sua fala revelava ainda outras certezas do jovem homem de ciência. Segundo afirmava, seria no interior dos laboratórios, onde hábeis pesquisadores, dotados não apenas de equipamentos, mas sustentados por seu gênio, desenvolveriam uma das mais nobres atividades humanas: a pesquisa científica. Ela, no entendimento de Vasconcellos, constituiria o trabalho em seu grau mais elevado. Aquele com o qual se poderia transformar até mesmo os mais rudes representantes da raça em homens dotados de melhores e maiores recursos físicos, intelectuais e morais.

Segundo seu ponto de vista, se os homens de ciência estavam empreendendo esforços mediante os quais tornavam possível à humanidade caminhar mais firmemente em direção ao progresso, papel bastante distinto seria desempenhado por aquela suposta ignorância da população leiga. Esta, segundo observava Vasconcellos, teimaria em reproduzir a degeneração e a conduzir seu país em direção ao atraso, à decadência e à miséria.

Esse aspecto ganha importância ao evidenciar como o domínio técnico-instrumental da ciência, isto é, a produção de estudos experimentais, imbricava-se com a análise da sociedade. Essas duas dimensões não se separavam em sua percepção, uma afetando a outra e, por vezes, confundindo-se. Se a ciência representava, em sua percepção, aquilo que existiria de mais confiável e verdadeiro, por outro lado, a sociedade evidenciaria seu apego a formas por ela rejeitadas, tidas como inadmissíveis, infundadas e fonte de erro, de atraso, doenças, miséria e

degeneração da raça. À medida que desenvolvia semelhantes reflexões, ia se revelando o médico sociólogo, e, não menos, o eugenista.

4.3.3 No Serviço de Indústria Pastoril

Em janeiro de 1915, o Serviço de Veterinária foi reorganizado, passando a denominar-se Serviço de Indústria Pastoril.⁹ Neste órgão, Vasconcellos passou a ocupar o cargo de ajudante da Diretoria. Com isso, aparecia como o terceiro na sua hierarquia, ficando abaixo apenas do seu diretor, Alcides da Rocha Miranda, o qual permanecia como seu superior, e do chefe da Seção de Veterinária, cargo ocupado por Paulo de Figueiredo Parreiras Horta.¹⁰

Naquela função, Vasconcellos passava a pertencer aos quadros de um órgão governamental criado para implementar e aprimorar a pecuária no país, cujas atribuições estavam ligadas à profilaxia e ao controle sanitário de rebanhos, à produção de laticínios, à inspeção veterinária de portos e das fábricas de produtos de origem animal, englobando também postos zootécnicos, postos veterinários, inspetorias veterinárias, postos de observação, escolas de laticínios, fazendas-modelo e estações de monta, espalhados pelo país, além da diretoria, instalada no Distrito Federal (BRASIL, 1917, p. 147-149).

⁹ Decreto 11.460, de 27 de janeiro de 1915. Ao criar o órgão, o ocupante da pasta do Ministério da Agricultura, João Pandiá Calógeras, afirmou pretender poder “dispor de um estado-maior científico perfeitamente aparelhado, selecionado do exclusivo ponto de vista de sua dúplice capacidade técnica e administrativa”. Buscava, para tanto, “competência onde estiverem, no país ou fora dele” (CALOGERAS, 1915, p. 4-5).

¹⁰ Conforme o decreto que criou o Serviço de Indústria Pastoril, os vencimentos anuais pagos ao diretor eram de 18:000\$000 (dezoito contos de réis), ao chefe de seção 12:000\$000 (doze contos de réis), e ao ajudante 9:600\$000 (nove contos e seiscentos mil réis).

Era a primeira vez que, no país, esse controle sanitário tornava-se objeto de uma regulamentação oficial e, no contexto do Ministério da Agricultura, conforme indica Mendonça (1997), foi o Serviço de Indústria Pastoril o mais beneficiado na redistribuição interna dos recursos destinados à pasta pelo governo federal.

Naquela função, o que se constata é que, subordinado ao novo órgão, Aleixo de Vasconcellos passou a voltar-se com maior dedicação ao estudo de temas ligados à veterinária, à pecuária, à produção leiteira e aos seus subprodutos. Diversos estudos seus anteriores à década de 1920 atestam uma crescente especialização naqueles temas, uma vez que já havia publicado trabalhos relativos à desinfecção veterinária, às doenças bovinas, à microscopia da manteiga, entre outros (STANCIK, 2002a, p. 47).

Essa atuação proporcionou-lhe oportunidade de extrapolar o campo médico. Isso não significa que estivesse deixando de produzir estudos médico-científicos. Pelo contrário, se for observada a produção de artigos e outros trabalhos por ele trazidos a público antes de iniciar-se a década de 1920, constata-se que Vasconcellos transitava entre os domínios da pesquisa biomédica, da farmacológica, da veterinária, da zootecnia, tendo em comum o fato de servir-se, para tanto, principalmente de seus conhecimentos em microbiologia.

E pode-se constatar facilmente que, entre os anos de 1916 e 1917, Vasconcellos compareceu com muita frequência tanto na *Revista de Veterinaria e Zootecnia*, do Ministério da Agricultura, quanto na prestigiada *Brazil-Medico*, publicando artigos científicos e/ou relatos de pesquisas por ele desenvolvidas.¹¹

¹¹ Ao todo, nos anos de 1916 e 1917, registraram-se pelo menos doze aparições de Vasconcellos naqueles dois periódicos, sob a forma de artigos ou relatos científicos, acrescidos da publicação de pelo menos mais oito resumos de revistas estrangeiras, todos eles datados de 1916. Vasconcellos somente teria trabalhos publicados em maior número

Além disso, logo em seguida à criação do Serviço de Indústria Pastoril, o agente viu-se diante da possibilidade de desempenhar funções que lhe proporcionaram maiores rendimentos em termos de prestígio e projeção. Assim, em pouco tempo tomou parte da comissão examinadora em concurso para a seleção de novos médicos veterinários.

Sete meses após assumir sua função na diretoria do Serviço de Indústria Pastoril, foi escolhido para exercer temporariamente a direção da Seção de Veterinária, onde permaneceu por outros sete meses. Isso rendeu-lhe elogios do Ministro da Agricultura José Rufino Bezerra Cavalcanti,¹² além de uma nova indicação para voltar a ocupar aquela função, expedida dois meses após. Nesse período, Parreiras Horta, titular do cargo, assumia interinamente a cadeira de microbiologia e parasitologia da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, do Rio de Janeiro, para logo em seguida, no ano de 1917, ser nomeado professor catedrático da instituição. Isso possibilitou a Vasconcellos prolongar-se naquele cargo.

Nessa condição, o agente acumulava uma espécie particular de capital científico, identificado por Pierre Bourdieu (2004, p. 35). Trata-se de um poder “temporal” ou “peso político”, definido como “poder institucional e institucionalizado que está ligado à ocupação de posições importantes nas instituições científicas,

entre os anos de 1922 e 1924, na condição de redator chefe da revista *Leite e Lactínicos*, a qual será abordada ainda no correr do presente capítulo.

¹² Isso fazia com que, até aquele momento, Vasconcellos se tornasse conhecido e reconhecido, pelo menos, de três sucessivos ocupantes da pasta do Ministério da Agricultura, quais sejam: Pedro de Toledo, que o nomeou em 1912, João Pandiá Calógeras, que o nomeou em 1915, e José Rufino B. Cavalcanti, que o elogiou pelos serviços prestados. Em seguida a eles, pelo menos mais três Ministros daquela pasta viriam a ter algum contato e/ou convívio com Aleixo de Vasconcellos. São eles: Ildefonso Simões Lopes, Miguel Calmon e Geminiano Lyra Castro. Todos os seis ministros foram membros da Sociedade Nacional de Agricultura, assim como Vasconcellos, e, no caso dos três últimos, também presidentes da entidade.

direção de laboratórios ou departamentos, pertencimento a comissões, comitês de avaliação etc.”.

O capital cultural assim obtido, somado às relações que se revelou capaz de firmar, por sua vez, iriam possibilitar-lhe um crescimento no interior das estruturas do Ministério da Agricultura, por ocasião de nova reestruturação sofrida pelo órgão a que estava ligado, conforme se poderá acompanhar mais adiante.

As vantagens decorrentes daquela carreira eram várias, proporcionando condições privilegiadas para o acúmulo de montantes crescentes de capitais social e cultural, além do econômico, fazendo jus a vencimentos reservados aos escalões superiores do Ministério da Agricultura. Entre outras, a possibilidade de contínuo contato com agentes ocupantes de posições de destaque, de acumular cargos, de realizar viagens. Além disso, a possibilidade de representar o país no exterior, como se deu quando Vasconcellos foi escolhido delegado para o Congresso Internacional de Febre Aftosa, realizado na Argentina em 1920.

4.3.4 Ciência e ignorância

Dessas experiências, e não apenas daquelas obtidas no interior do laboratório, Vasconcellos obtinha elementos que viriam a se revelar importantes na construção de seus diagnósticos sobre a sociedade brasileira. E, não menos, novos elementos para fundamentar e dar maior credibilidade aos seus estudos. Seja pela menção aos cargos e títulos, seja pela referência aos demais papéis por ele desempenhados.

Os trabalhos produzidos por Vasconcellos no Serviço de Indústria Pastoril reafirmaram sua perspectiva em relação ao papel da ciência e dos homens de ciência. Reforçaram igualmente sua percepção relativa à suposta ignorância que grassaria pelo país, àquilo que o agente passou a descrever como o problema “da deficiência de conhecimentos técnicos e higiênicos por parte dos nossos industriais e dos fazendeiros” (CONFERENCIA NACIONAL DE LEITE E LACTICINIOS, 1926, p. 41).

Em compensação, embora essa resistência que afirmava disseminada pela sociedade, no seu entendimento, nada resistiria à força das evidências e da eficácia dos recursos proporcionados pela ciência e pelos instrumentos de que ela se serviria.

Àquelas reflexões passou a acrescentar de forma mais nítida a relação entre saúde pública e aspectos econômicos. Isso o fez ao reportar-se aos produtos de origem animal e enfatizar o “valor primacial da medicina preventiva”, ou “as maravilhas da vacinação” (VASCONCELLOS, 1916c, p. 314). Procedimentos até então ausentes ou quase inexistentes no país, cujos méritos atribuía à ação desenvolvida pelo Serviço de Indústria Pastoril.

Nesse sentido, destacou que:

O serviço acudiu aos Estados do Sul do Brasil que se achavam infestados pela ‘raiva’, conseguindo dominá-la com a aplicação de medidas de profilaxia agressiva; difundiu as vantagens decorrentes dos banhos com soluções desinfetantes contra diversas zoonoses e auxiliou a construção dos banheiros para depósito dessas soluções; generalizou a prática da tuberculinização e maleinização, salientando o valor diagnóstico destas vacinações, para o comércio de importação de animais; enfrentou o problema da imunização contra a tristeza, contra a peste dos porcos e

recentemente acredito ter concorrido, eficazmente, contra a pneumoenterite dos bezerros.

Todos estes grandes serviços já prestados à pecuária nacional são exclusivamente do domínio da higiene. (Id.)

Ao mesmo tempo, destacava as dificuldades em conciliar os interesses sob ambos os aspectos, o da saúde pública e o econômico. Segundo ponderações suas, tendo em vista o problema da tuberculose, quando constatada em bovinos destinados ao consumo humano:

A tuberculose animal, principalmente a do gado bovino, tem merecido dos cientistas e dos legisladores estudos dedicados, não só quanto à saúde pública, como também quanto ao interesse comercial.

Sendo a indústria pastoril uma das principais riquezas de um país e uma das principais fontes de alimentação do homem, a conciliação entre uma e outra será sempre delicada, considerada a questão debaixo do ponto de vista sanitário. (VASCONCELLOS, 1916a, p. 339)

Em seguida, acrescentava algumas conclusões prévias a que já chegara, afirmando: “Podemos desde já adiantar que a ingestão de alimentos contaminados representa, na etiopatogenia da tuberculose digestiva do homem, um importante papel e que as crianças são muito mais expostas aos riscos de contaminação. Dentre os alimentos destaca-se o leite, como a principal fonte de infecção” (Ibid., p. 343).¹³

¹³ Esta, entre tantas outras questões tratadas por Aleixo de Vasconcellos, mesmo depois de transcorridas praticamente nove décadas, revela-se de extrema atualidade. Embora hoje estejam disponíveis medidas eficazes de prevenção e tratamento, o que se verifica é que a transmissão da tuberculose bovina para os seres humanos permanece um sério problema de saúde pública, tanto mais grave nos países e regiões mais pobres, bem como no caso de indivíduos com problemas de imunodeficiência, tais como os portadores do vírus HIV. Sobre o debate em torno do assunto, no período em análise, consultar Antunes (2002). Para informações sobre a tuberculose nos dias atuais, não necessariamente associada aos animais, ver Farrell (2003).

Percepção esta contestada no período, particularmente por conta da ameaça que representava aos interesses econômicos (ANTUNES, 2002). Mesmo assim, anos mais tarde Vasconcellos ainda clamava, em nome da “higiene” e do “interesse público”, contra “as absurdas *manutenções de posse*” (VASCONCELLOS, 1921a, p. 222, itálicos no original).

Esse confronto entre pontos de vista antagônicos evidencia o quanto os discursos constróem o social e, ao mesmo tempo, o quanto os discursos são socialmente construídos (cf. CHARTIER, 1994, p. 109). Evidencia igualmente o caráter de “delegação” que perpassava essas representações propostas por Vasconcellos, uma vez que elas eram emitidas por um agente que, ao assim se posicionar, representava o Ministério da Agricultura e, mais que este, ao governo federal e à própria ciência.

Embora se revelasse interessado em não ferir os interesses nem de uma, nem de outra, isto é, nem os que diziam respeito à saúde pública, nem aqueles ligados às questões comerciais – e portanto econômicas -, Vasconcellos pleiteava para os saberes oriundos dos homens de ciência um patamar acima dos demais interesses, propondo como totalmente insuspeitos os conhecimentos científicos. Por isso enfatizava o papel a ser desempenhado por meio de estudos científicos criteriosos e que deveriam se tornar não apenas do conhecimento de todos, mas por todos respeitados e adotados.

Caberia então aos pesquisadores, entre os quais ele se incluía, “com o auxílio do microscópio” (VASCONCELLOS, 1915a, p. 197) e de outros recursos não disponíveis a todos, estabelecer com critérios científicos a margem de segurança

para o descarte ou o aproveitamento das carnes e/ou de subprodutos, tais como o leite, provenientes de animais tuberculosos.

Isso, além de necessário, seria urgente, uma vez que, afirmava Vasconcellos (1916a, p. 345), sempre que a verificação era realizada com um certo rigor, o total de animais indicados como portadores de tuberculose alcançava a marca dos 20%. Diante daquilo que a ciência denunciava como uma ameaça à saúde da população, não poderiam se opor argumentos de outra natureza, tais como os interesses comerciais e econômicos dos criadores de gado.

Essas reflexões pareciam revelar aos olhos de Aleixo de Vasconcellos, mesmo que timidamente naquele instante, que não seriam unicamente os miseráveis, as classes menos favorecidas, tanto dos sertões, como as urbanas, as responsáveis pela totalidade das representações e práticas conflitantes com aquelas dos homens de ciência.

Mais adiante, será evidenciado que iria ampliar-se ainda mais o rol daqueles que receberiam de Vasconcellos o rótulo da “ignorância” por não se curvarem aos saberes científicos, ou seja, àqueles saberes por ele defendidos e na forma como eram por ele obtidos e divulgados. Essa maneira particular de construir o social se apresentaria de forma mais nítida alguns anos depois, quando Vasconcellos foi incumbido de chefiar a Seção de Leite e Derivados. Momento em que, por diversas razões, suas percepções de médico sociólogo e eugenista melhor se definiram.

Enfim, algumas evidências pareciam indicar que nem todas as mazelas experimentadas por sua pátria teriam origem entre os negros, entre aqueles cujo sangue revelava-se mesclado e por isso degenerado, ou entre os miseráveis habitantes dos cortiços. Diferente disso, se era entre esses mesmos representantes

da miséria que essas mazelas se tornavam mais facilmente perceptíveis, suas origens, contudo, poderiam ser obra de indivíduos de condição social bem mais privilegiada. Entre eles, grandes e poderosos fazendeiros que relutavam diante de imposições que pudessem ferir seus interesses econômicos.

Ao que parece, eram algumas das conclusões que começavam a se esboçar ao médico e homem de ciência que naquele início de século se via envolvido também nos domínios da inspeção e controle sanitário animal, realizados no âmbito do Serviço de Indústria Pastoril.

Esse diagnóstico se firmou no período em que se tornou conhecido o abandono dos habitantes dos sertões brasileiros.¹⁴ Foi nesse momento que tornaram-se públicas as denúncias das expedições do Instituto Oswaldo Cruz, conduzidas por Belisário Penna e por Arthur Neiva, segundo os quais os sertões estariam tomados pela miséria e pelas doenças: os parasitas intestinais, a malária, doenças venéreas, a doença de Chagas, e tantas outras.¹⁵

Aos poucos começaria a ganhar forma uma nova percepção da doença, acentuando-se que ela não estaria associada a um suposto mal de raça, ou mescla de sangue, mas seria o resultado da pobreza e do descaso das autoridades. Que, se era comum afirmar-se que os milhões de Jecas Tatus habitantes dos sertões eram improdutivos, isso era devido à doença. Uma vez curados, começou-se a propor,

¹⁴ Sobre as representações relativas aos “sertões” brasileiros, consultar Lima (1999).

¹⁵ Um trabalho extremamente ilustrativo dessa mudança de perspectiva foi produzido na época por Monteiro Lobato. Segundo este: “O povo, cretinizado pela miséria orgânica de mãos dadas à mistificação republicana, olha em torno e só vê luz no farol erguido por Oswaldo [Cruz] num recanto sereno do Rio. Só de lá tem vindo, e só de lá há de vir, a verdade que salva e vence. Foi de lá que reboou esse veementíssimo brado de angústia que é o livro de Belisário Penna – ‘O Saneamento do Brasil – voz de sábio que encarna ao vivo as mazelas do país idiotizado, exangue, leishmanioso, papudo, faminto na proporção de 80 por cento’ (LOBATO, 1956, p. 229). O assunto será retomado no último capítulo.

eles viriam a se tornar homens vigorosos e trabalhadores (SANTOS, 2004; LIMA, 1999). Ou seja, não era, necessariamente, a pobreza da população que se julgava urgente combater, e sim a doença, cuja presença impedia o trabalho e, conforme se entendia, o crescimento da nação.

Porém, essa mudança de perspectiva não foi assim tão unânime e inequívoca, ou repentina. Esteve sujeita a altos e baixos e não superou, pura e simplesmente, a percepção que enfatizava os males da raça como origem de todas as mazelas, concepção firmemente estabelecida nos diagnósticos e nos prognósticos de significativas parcelas da intelectualidade do período. Essas denúncias apenas anunciavam uma lenta e gradual transformação que as representações em torno da saúde e da doença sofreriam no Brasil nos anos seguintes.

Vasconcellos revelou-se aberto a esse novo enfoque. Inclusive, pode-se supor, pela sua ligação intelectual e mesmo emocional com Oswaldo Cruz e demais pesquisadores de Manguinhos. Por se postar como um discípulo daquele que considerava o grande cientista brasileiro, diretor da instituição de onde provinha aquele novo diagnóstico relativo às origens das mazelas enfrentadas pela população nacional. Pode-se, contudo, dizer que também não o fez livre de contradições e que o fez de forma peculiar, ou seja, à sua maneira.

Não deve ter-se processado sem intenso conflito interior a construção de suas representações. Tendo crescido em uma sociedade marcada pelo racismo, sua formação, conforme já se referiu, revela influências inegáveis da forte presença da perspectiva positivista, cientificista, evolucionista, eugenista. Em meio a essas e também em função do “médico sociólogo” que aos poucos ia se apresentando, seu

pensamento foi se modelando em torno de alguns diagnósticos e terapêuticas para a sociedade, os quais ganhariam forma mais evidente na década de 1920. E eles apontavam para a ignorância popular, a relevância da educação higiênica, a eugenia, apresentada de uma forma muito peculiar.

Ao lado de Afrânio Peixoto, Vasconcellos aprendeu ainda que aqueles sertões denunciados por Neiva e Penna teriam início exatamente onde terminava a Avenida Central, o coração do Distrito Federal (cf. HOCHMAN, 1993, p. 57). Ou seja, mesmo na capital federal, recentemente saneada e remodelada para se tornar a vitrine do país, essa triste e vergonhosa realidade se revelava bastante presente.

Se assim se passava, no seu entendimento, aos homens de ciência caberia o árduo papel de tutelá-los e mesmo de salvá-los diante da situação de desamparo e de abandono em que as populações dos sertões se encontravam, “da doença não remediada”, da “ignorância satisfeita” e da “miséria desprotegida e explorada”, conforme afirmações suas dirigidas aos médicos da Sociedade de Medicina e Cirurgia carioca (Apud CUNHA, 1966, p. 31).

4.4 A ASCENSÃO NO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E A ÊNFASE NO LEITE E SEUS DERIVADOS

4.4.1 Um diagnóstico: consumir leite bovino é um risco à saúde humana e ao futuro da pátria

Em 1906, enquanto Vasconcellos era ainda seu orientando em Manguinhos, Oswaldo Cruz, tentando dar respostas à tuberculose e associando muitos casos da

doença ao consumo de leite proveniente de bovinos por ela afetados, desencadeou uma ofensiva contra as vacas doentes que forneciam leite à população carioca. A reação foi imediata. Sentindo-se prejudicados, os proprietários de estábulos, responsáveis por parte do fornecimento do leite consumido na cidade, opuseram-se às intenções do sanitarista (BENCHIMOL, 1990, p. 48).

Passados alguns anos, o pediatra Leonel Gonzaga, amigo de Aleixo de Vasconcellos desde os tempos da faculdade, após ter defendido tese de livre-docência onde versava sobre o aleitamento artificial (REZENDE, 1925, p. 849), fez um alerta aos seus companheiros da Sociedade de Medicina carioca, nos seguintes termos: “ainda hoje não me julgo com coragem de aconselhar leite a uma criança com saúde, que dizer a um doente. Acho que, em consciência, nenhum médico pode aconselhar o leite, aqui vendido, a seus clientes” (SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DO RIO DE JANEIRO, 1921, p. 211).

Outro médico amigo de Aleixo de Vasconcellos, Dr. Castro Barreto, também pronunciando-se perante a Sociedade de Medicina, defendeu que “o simples aumento de consumo [de leite], representa um alto elemento sanitário”, capaz de reduzir as elevadas taxas de mortalidade infantil. Mas concluiu sua fala enfatizando a necessidade de que fosse “melhorada a alimentação da infância que é o porvir, infância que morre em hecatombe no Rio de Janeiro, já pela ignorância de preceitos higiênicos da nutrição, já pela escassez, má qualidade e elevado preço do leite” (BARRETO, 1920a, p. 663-664).

Sua fala foi publicada na íntegra um mês depois, novamente pelo *Brazil-Medico*. Ficou então patente, no título da comunicação, a correlação estabelecida

pelo médico entre leite e eugenia.¹⁶ Por ser privada de uma boa alimentação, onde deveria estar presente leite de boa qualidade, puro e asseado, concluiu o médico, a infância, ou seja, “a pátria de amanhã”, continuaria perecendo “em hecatombe pelo aparelho digestivo”, ou “estropiada o resto da existência pelas suas conseqüências” (BARRETO, 1920b, p. 739).

Mas o leite, nas condições desejadas por Barreto era, segundo afirmava, quase que impossível de ser encontrado no Distrito Federal. Ele esclareceu o porque dessa dificuldade:

O transporte do leite que já vem sofrendo de maus tratos higiênicos desde a ordenha pelo método mais primitivo no curral, pelas mãos sujas do sertanejo bronco, animais desasseados, cheios de parasitas ou mesmo doentes, é feito sobre alimárias ao invés de carros, e ao chegar à estação, entra o leite para os vagões absolutamente impróprios da Central do Brasil ou da Leopoldina Railway, cobertos de zinco, onde, sob a intempérie do sol candente, rolam 300, 400, 500 quilômetros, superaquecidos, transformados em verdadeiras estufas. São tais vagões os comuns, em que se amontoam produtos vários, e é mesmo freqüente viajarem os latões de leite entre animais, como porcos, cavalos, galinhas, etc. (Ibid., p. 735)¹⁷

¹⁶ O extenso título da comunicação apresentada por Castro Barreto à Sociedade de Medicina, em 28 de setembro de 1920, destacava alguns tópicos trabalhados, como se segue: *O abastecimento de leite ao Rio de Janeiro: Algumas considerações sobre seu estado actual; as grandes falhas higienicas; sua remodelação. Importancia dos serviços modernos no augmento de produção, excellencia e consumo do producto; influencia d'esses fatores sobre a lethalidade infantil e eugenia em geral* (BARRETO, 1920b).

¹⁷ Em virtude das dificuldades de conservação e transporte, mesmo na Europa, ainda no século XIX, o comércio do leite *in natura* se fazia local e em pequenas quantidades. Outra opção era a sua transformação em queijo (FLANDRIN, MONTANARI, 1998, p. 720-721). No Brasil, em regiões de clima mais quente, como era o caso do Distrito Federal, o problema de sua conservação se agravava. O crescimento daquele centro urbano demandava a importação de leite de outros municípios do Estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, feito por estradas de ferro, sob condições que alarmavam os higienistas. Não obstante, por volta de 1876, vagões refrigerados faziam o transporte de carne congelada entre Kansas City e Nova York e, a partir do ano seguinte, a Argentina já se encontrava em condições de exportar carne para a Europa (BARRACLOUGH, s.d., p. 45).

Enfrentava-se, portanto, um grave problema no país, no entender daqueles médicos. Mas eles não eram os únicos a defenderem semelhante ponto de vista, e a bradarem inconformados sob a inspiração de semelhantes constatações, pois estas eram partilhadas por sanitaristas, médicos, inspetores de leite e laticínios naquele período. Segundo estes, o leite então produzido, comercializado e consumido por todo o Brasil era, em grande parte, nocivo à saúde da população.

Conforme as denúncias então veiculadas, não seria raro ter-se notícias de freiras que adicionariam água ao leite servido aos internos da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro; da adição de urina de vaca ao leite vendido à população em outras localidades. A situação por eles descrita era alarmante. Segundo afirmavam, em Minas Gerais não seria raro encontrar-se pessoas portadoras de hanseníase manipulando produtos laticínios destinados ao consumo humano. Esperavam desta forma obter algum alívio para o mal, ou talvez até mesmo encontrar sua cura (STANCIK, 2005a).

Essas práticas e representações em torno do leite e da hanseníase evidenciam a construção social das mesmas de forma profundamente conflitante com aquelas oriundas do campo médico. Nessas condições, alertavam inconformados os homens de ciência, consumir leite correspondia ao risco de contrair alguma das muitas doenças por ele veiculadas ao homem.

Mesmo passados alguns anos dos comentários desabonadores ao leite, proferidos por Leonel Gonzaga e Castro Barreto, Aleixo de Vasconcellos era mais um a insistir em reafirmar essa situação, informando que, entre outras enfermidades que poderiam ser atribuídas ao leite, encontravam-se a tuberculose, a febre tifóide, a

disenteria bacilar, a difteria, a escarlatina, diversas espécies de anginas, a febre aftosa (VASCONCELLOS, 1928).

Ora, também no correr o ano de 1920, ele se ocupou pessoalmente, ao lado do médico Fernandes Figueira e outros, na verificação da qualidade do leite destinado ao consumo no Distrito Federal. Suas conclusões, após analisar 26 amostras, coletadas “sem que se soubesse a que se destinavam”, teriam indicado a presença de pêlos de animais, insetos, partículas de fezes. Na pesquisa de germes, teriam sido detectados agentes relacionados a diversas enfermidades: “estreptococos, sarcinas, germes do grupo coli, cogumelos, bolores, um do grupo antracóide, e um pequeno coco-bacilo” (FIGUEIRA, 1920, p. 106).

As restrições dirigidas ao leite, associando-o a diversas doenças e receando que isso pudesse comprometer o futuro da população e, por fim, da pátria, vinham de longe, não se verificando somente a partir da década de 1920. Desde o início do século,¹⁸ diversos homens de ciência tratavam do assunto, revelando, de uma forma ou de outra, suas percepções e a sua preocupação em torno do produto, uma vez destinado ao consumo humano.

Aleixo de Vasconcellos, contudo, não se conformou diante daquela situação, nem, tampouco, revelou-se interessado em simplesmente tentar ocultar aquela realidade. Em lugar disso, mostrou-se empenhado em trabalhar, com os recursos da ciência, e outros mais a ele disponíveis, para alterá-la, transformando o leite bovino num alimento confiável e verdadeiramente saudável.

¹⁸ Discussões em torno de problemas alimentares, incluindo o leite ou não, já vinham se dando há mais tempo, pelo menos desde o período monárquico. Apenas visando registrar um breve exemplo, tem-se o *Formulario ou guia medica* de Chernoviz, cuja primeira edição data de 1841, o qual trazia algumas informações sobre o produto, inclusive discorrendo, em sua 8ª edição – não se sabe se também nas anteriores – a respeito das “falsificações” do leite, por intermédio da adição de alguma substância (CHERNOVIZ, 1868, p. 413).

Resultado desse empreendimento, em 1924, com os trabalhos intitulados *Leite: o melhor dos alimentos* e *O “Lunch” nas escolas primarias* (VASCONCELLOS, 1924n, 1924o), Aleixo de Vasconcellos passou a propor ser o leite “o melhor dos alimentos”.

Tendo em vista essa atitude, pode-se propor que sua preocupação, naquele momento, guardava relação com o desejo de demonstrar que as crianças e também os adultos poderiam, com toda a segurança, servir-se e fazer amplo uso daquele que ele, um pouco mais tarde, rotularia de “o principal alimento” humano (VASCONCELLOS, 1924o, p. 166). Proposição um tanto quanto inovadora, uma vez que, ainda no final do século XIX, o leite bovino tendia a ser percebido como alimento exclusivo das crianças de tenra idade (FLANDRIN, MONTANARI, 1998, p. 721).

Aleixo de Vasconcellos antecipava assim o rótulo emprestado ao leite por Josué de Castro, em meados da década de 1930, quando o qualificou como “o mais importante dos alimentos” e propôs que, no Brasil, seu consumo seria “ínfimo”, representando “um índice eloqüente das nossas miseráveis condições alimentares e um dos fatores básicos de nossa deficiência física e mental” (CASTRO, 1936, p. 63, 64).¹⁹

Mas outras motivações, e não necessariamente decorrentes de opções suas, tampouco decorrentes de puro altruísmo, contribuíram para conduzi-lo naquela direção. Ao defender aquelas novas proposições, Vasconcellos já se encontrava em

¹⁹ Além de médico, Josué de Castro foi geógrafo, sociólogo e político. A partir dos anos 1930, sua obra introduziu o problema da fome, constituindo até a atualidade uma importante referência sobre o tema. Em virtude de sua intensa militância e da contundência de suas denúncias, teve os direitos políticos cassados pela ditadura militar iniciada em 1964.

uma posição mais proeminente: tornara-se chefe da Seção de Leite e Derivados do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

Naquela função, Vasconcellos teve que enfrentar a oposição de seus pares-concorrentes, inclusive de amigos seus, pertencentes ao campo médico, os quais simplesmente recusavam-se a recomendar o consumo do leite bovino, ou divergiam de seus pontos de vista em relação a outros aspectos relativos ao produto.

4.4.2 Na chefia da Seção de Leite

Foi a partir da criação da Seção de Leite e Derivados que Vasconcellos passou a dedicar-se à produção de conhecimentos relativos ao leite, com maior afinco e mesmo com maior legitimidade.

A Seção de Leite foi criada em 1921, através do Decreto número 14.711, datado de 05 de março de 1921 e assinado pelo Presidente da República, Epitácio Pessoa, e pelo Ministro da Agricultura, Ildefonso Simões Lopes (BRASIL, 1922). O novo órgão nasceu em meio à reorganização do Serviço de Indústria Pastoral.

Para chefiar a Seção de Leite, foi escolhido o nome de Aleixo de Vasconcellos. Passaria ele assim a representar, legitimamente, ao Ministério da Agricultura, ou seja, ao próprio governo federal, e, por extensão, à ciência brasileira nos assuntos relacionados ao produto e seus derivados. Naquele momento, agente incumbido pelo governo federal da missão de pesquisar e produzir conhecimentos em torno do produto, Vasconcellos revelava-se legitimado para classificar e denominar, sob o amparo da ciência e também como seu representante, e, assim o fazendo, veicular representações.

Estas evidenciavam a articulação entre as três modalidades de relação com o mundo social, conforme observado por Roger Chartier, ou seja:

... o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; (...) as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo (...); por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns 'representantes' (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade. (CHARTIER, 1990, p. 23)

Revelava-se, desta maneira, reconhecido no âmbito do governo federal como tendo o poder de impor suas representações, classificando, denominando, qualificando tudo aquilo que estivesse relacionado àqueles produtos. Dessas atribuições iria fazer largo uso, pensando não apenas o leite e os laticínios, uma vez que, a partir daquilo que pode a partir de então observar, no interior e no exterior dos laboratórios do novo órgão, adquiriu mais elementos para reformular suas percepções relativas ao social. Ampliou, em consequência, seu campo de atuação como médico sociólogo e começava a se esboçar o eugenista.

Vasconcellos passou a ocupar a vaga por intermédio de promoção prevista pelo novo Regulamento do Serviço de Indústria Pastoril, aprovado conjuntamente com aquele decreto. Sua nomeação se deu por decreto assinado pelo Presidente Epitácio Pessoa e pelo seu Ministro da Agricultura.

Com mais essa nomeação, Vasconcellos dava um passo importante na sua "reconversão profissional" em direção a problemáticas agropecuárias. Problemáticas que o Ministério da Agricultura possibilitava-lhe há alguns anos, conforme já foi observado.

Seus investimentos no acúmulo de capital científico e social revelavam-se uma vez mais extremamente proveitosos, não apenas para seu maior reconhecimento como homem de ciência. Eles lhe proporcionaram, ao mesmo tempo, uma nova ascensão na hierarquia do Ministério, como também um aumento considerável nos seus vencimentos.²⁰

FIGURA 4 – ALEIXO DE VASCONCELLOS²¹ E AUXILIARES
NA SEÇÃO DE LEITE E DERIVADOS (DÉCADA DE 1920)



Conforme estabelecia seu Regulamento, as atribuições colocadas a cargo da Seção de Leite, chefiada por Vasconcellos, consistiam em fazer “a inspeção das

²⁰ Com a promoção, Vasconcellos teve seus vencimentos aumentados de 9:600\$000 (nove contos e seiscentos mil réis) para 12:000\$000 (doze contos de réis), tendo acima de si, na hierarquia do Serviço de Indústria Pastoral, somente o seu diretor (BRASIL, 1922, p. 74, 129).

²¹ Aleixo de Vasconcellos está assinalado com um “X”.

indústrias de leite e derivados, sob o ponto de vista higiênico, industrial e comercial, nas fábricas e entrepostos de elaboração, preparo, manipulação, guarda, conservação e depósito de leite e derivados, destinados ao comércio e transporte interestadual e internacional”, bem como produzir “estudos sobre a produção, indústria, transporte e comércio de leite e derivados” (BRASIL, 1922, p. 70).

Composto por um total de 237 artigos, o Regulamento ocupou-se de forma bastante sucinta com a Seção de Leite.²² Isso pode ter deixado ao seu chefe uma razoável margem de liberdade para procurar imprimir a feição que mais lhe conviesse ao órgão sob sua direção.

E Aleixo de Vasconcellos o fez esforçando-se para que aquela repartição pública se tornasse conhecida e reconhecida como ocupada, acima de tudo, com a produção de pesquisas e com a divulgação de ensinamentos (STANCIK, 2002a). Ou seja, a ele, como homem de ciência interessado no leite, assim como a toda a sua equipe – que, afinal, não era numerosa²³ –, caberia a missão de ensinar à população como manipular e servir-se do leite de forma que este pudesse cumprir importante papel na “defesa da espécie” (VASCONCELLOS, 1924o, p. 164).

Segundo Vasconcellos, as duas grandes atribuições da Seção de Leite seriam a produção de estudos cientificamente fundamentados e a divulgação daqueles saberes, modificando hábitos em benefício da população e do progresso do país. Proposições estas que foram incorporadas pelo Ministério da Agricultura,

²² Para uma análise das atribuições deixadas a cargo da Seção de Leite, consultar Stancik (2002a).

²³ Na sede da Seção de Leite e Derivados, atuavam, ao lado de Vasconcellos, “dois ajudantes microbiologistas, um ajudante químico, um tecnologista, um veterinário, um auxiliar técnico e um servente”. A estes, somavam-se os responsáveis pela inspeção de leite e derivados, conforme detalhado pelo Regulamento: “Sete inspetores, quatro veterinários, e auxiliares de 1^a e 2^a classes e guardas sanitários, distribuídos pelas diversas regiões do país, segundo a sua importância como produtoras de leite e derivados e de acordo com os recursos orçamentários” (BRASIL, 1922, p. 78, 81).

conforme é possível observar nos relatórios do ministro de meados da década de 1920 em diante.

O relatório daquela pasta datado de 1926, por exemplo, fugindo à tendência de simplesmente enumerar estudos e análises realizados pelo órgão, resumiu como sendo seus objetivos: “pesquisar, experimentar, instruir, educar e propagar as aquisições de progresso técnico e industrial” (MINISTERIO DA AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO, 1928, p. 177). O relativo ao ano de 1928, enfatizou como uma das “finalidades da Seção Leite e Derivados o trabalho educativo do produtor e do consumidor” (MINISTERIO DA AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO, 1929, p. 254).

Percebe-se nessa reivindicação oriunda de um agente agora alçado a uma destacada posição administrativa nas estruturas do Ministério da Agricultura a solicitação por maiores cotas de poder associada à busca de maior autonomia. Muito embora a deferência do Ministério em relação ao perfil dado ao órgão, isso não significou uma participação maior na partilha de verbas, não na forma desejada por Vasconcellos, que as considerava insuficientes para os seus objetivos à frente do mesmo (CONFERENCIA NACIONAL DE LEITE E LACTICINIOS, 1926, p. 84-85).

Grande empecilho para um órgão que deveria trabalhar, “de acordo com os recursos orçamentários” (BRASIL, 1922, p. 81), por todo o território nacional, num contexto em que amplas parcelas da população dos “sertões” começavam a ter seus primeiros contatos efetivos com o poder público. Elas, que até então permaneciam sob o mando absoluto e indiscutido dos coronéis locais (HOCHMAN, 1993, p. 53).

Direcionando sua atenção para esses sertões, e não menos para os grandes centros urbanos – especialmente o Rio de Janeiro -, o chefe da Seção de

Leite interessou-se por conhecer como era a rotina de todos aqueles que, de alguma maneira, ocupavam-se com o leite: produtores, industriais, distribuidores, comerciantes, e também os seus consumidores.

Em todos esses momentos, preocupava-se Vasconcellos, o leite estaria continuamente sujeito a perder a sua condição de “principal alimento”, para transformar-se em “veneno”, contaminando-se pela falta de higiene em alguma das fases de seu processamento ou uso. Diante dessas constatações, o homem de ciência repetia um alerta já proferido por seus pares-concorrentes: “leite poluído é leite tóxico, não é alimento, é veneno” (VASCONCELLOS, 1922b, p. 18).

Por isso, no seu entendimento, o leite deveria ser cercado de muitos cuidados para que viesse a ser uma garantia de boa saúde. Infância e leite deveriam estar sempre associados. Sem o alimento, ou se ele fosse oferecido em condições não higiênicas, advertia o chefe da Seção de Leite, o desenvolvimento infantil não seria o desejado, ficando comprometido. Assim, colocando os termos de uma forma tal que dava à equação uma aparência de extrema simplicidade, Vasconcelos recomendou:

Repare as crianças que não tomam leite, mas consomem chá e café. Note como são elas pálidas e doentias. Há sempre mais doenças nas cidades em que se encontra pouco leite. Quando os preços do leite de consumo sobem e por isso as famílias reduzem a quantidade para as crianças, mais depressa ocorrem moléstias. Dê leite puro e limpo aos seus filhos que eles crescerão fortes e com saúde e adquirem resistência para lutarem contra as doenças. Poupe em outras coisas, não em leite, o melhor dos alimentos para as crianças. (VASCONCELLOS, 1924n, p. 67-68)

Com a sua ascensão no Ministério da Agricultura, passou a ganhar mais evidência, ao lado dos demais perfis de Vasconcellos, o de médico sociólogo. E

sairia fortalecido, se é que não nasceria aí, o médico eugenista, interessado na “defesa da espécie”, pela imbricação entre as dimensões técnico-instrumental e a análise social, que perpassou sua atuação na chefia da Seção de Leite.

Afinal, ao trabalhar com o produto, ele se ocupava com suas características físico-químicas, suas propriedades, entre outros aspectos inacessíveis aos leigos, ao passo que, ao atentar para os usos ao que o mesmo era submetido pela população, Vasconcellos tomava contato com aspectos sócio-culturais que perpassavam aquela relação. Momento este em que procedimentos corriqueiros, tais como a ordenha, o transporte, a comercialização e o consumo do leite bovino apareciam ao agente como evidências dos hábitos e dos saberes que os homens de ciência deveriam transformar.

Isso porque, nas questões e proposições por ele lançadas a partir da relação entre aquilo que observava no laboratório e na sociedade, reafirmava-se a dualidade anteriormente indicada. Aquela marcada pela oposição entre a suposta segurança dos conhecimentos dos homens de ciência e a ignorância da população.

A legitimidade conferida pelo novo cargo, se não foi fator exclusivo nesse sentido, reforçou essas possibilidades, evidenciando, nos termos de Chartier (1990, p. 17), a correlação entre os discursos proferidos e a posição dos agentes que os utilizam. Assim, o médico pediatra, bacteriologista, homem de ciência e chefe da Seção de Leite sentia-se perfeitamente à vontade para pronunciar-se em relação ao assunto e, ao fazê-lo, pretender interferir no cotidiano de tão variados segmentos da sociedade, tais como fazendeiros, seus empregados, industriais, comerciantes, donas de casa, mães, médicos, entre outros.

4.4.3 “A máquina vai funcionar quando as pessoas interessadas estiverem convencidas”²⁴

Assim, o que se constata é que, na forma como vinha sendo detectada por Vasconcellos, aquela suposta ignorância não estaria restrita às populações dos sertões, ou às classes desfavorecidas, ou mesmo aos negros.

Neste sentido, um aspecto de particular gravidade constatado pelo chefe da Seção de Leite parecia ser a relutância revelada por muitos médicos em aceitar o leite como um alimento essencial à infância, ao seu perfeito desenvolvimento, e, por fim, para o progresso da nação, o qual, acreditava-se, não poderia se concretizar sem o concurso de uma raça forte, saudável, trabalhadora.

Vasconcellos tinha uma explicação para esse comportamento que dizia observar entre seus companheiros de profissão. Embora o considerasse “o principal alimento”, segundo afirmava, o leite, além de pouco estudado pelos homens de ciência, era objeto de “preconceitos”, mesmo da parte dos médicos. Apontá-los como portadores de preconceitos equivalia a qualificá-los, sem dúvida de forma mais polida, de ignorantes. Isso se explicava na construção do chefe da Seção de Leite relativa ao produto.

Ora, assegurava Vasconcellos, o leite somente não é bom se não submetido a rigorosos procedimentos higiênicos. Somente não o reconheceria quem estivesse alheio aos saberes firmados pela ciência.

Ele assim explicava a presença daqueles preconceitos: “Somente agora é que os médicos começam a dedicar-se ao estudo do leite (leite de vaca),

²⁴ Latour (2000, p. 25).

considerando as suas propriedades alimentares, e, muito devagar os médicos pediatras clínicos vão-se alijando dos preconceitos que os amarram e inibem de considerar verdadeiras as recentes aquisições da ciência no intrincado capítulo da alimentação” (CONFERENCIA NACIONAL DE LEITE E LACTICINIOS, 1926a, p. 285).

Acreditando que assim se passava, em trabalho destinado a demonstrar o importante papel desempenhado pela bacteriologia nos temas relativos ao leite, ele também falou sobre “o leite e os médicos” (VASCONCELLOS, 1926e, p. 10). Reservou assim algum espaço para trazer-lhes esclarecimentos “sobre o leite como alimento à infância”, pretendendo ao mesmo tempo desfazer a “convicção arraigada de que o leite de vaca dado a consumo é um veículo de germes de todas as espécies e eivado de impurezas” (Id.).

No entanto, concluída mais à frente o médico, homem de ciência e chefe da Seção de Leite, apoiado em suas credenciais de bacteriologista, “não existe, no rigor da palavra, leite asséptico. O que leva a crer ser uma grande verdade, não haver vida sem germes” (Ibid., p. 13).

E a esses comentários e esclarecimentos, acrescentava quatro procedimentos que desejava ver adotados, os quais, no seu entendimento, permitiriam ao produto revelar-se uma verdadeira “dádiva da natureza” com importante influência sobre o crescimento e desenvolvimento humano. Seriam eles:

- a) Incrementar o consumo, divulgando o valor alimentar do leite, por meio de propaganda instrutiva e de efeito persuasivo.
- b) Remover o hábito inveterado das repetidas ebulições do leite nas casas de família, indicando os processos de conservação pelo frio e orientando sobre o manuseio higiênico adequado ao precioso líquido.

- c) Intensificar a campanha de educação dos exploradores do comércio do leite de modo a fazer penetrar neles o valor e a necessidade do asseio escrupuloso, durante todos os tempos de colheita e envase do produto.
- d) Acentuar a estreita relação da indústria do leite com a do frio. (Ibid., p. 12)

Percebe-se nesses quatro conselhos que Vasconcellos não se atinha às orientações dirigidas aos médicos. Ele ia mais além, tratando daquilo que cabia ser observado nos lares, nos espaços onde acontecia sua produção, entre outros através dos quais o leite circulava. E, talvez com maior ênfase, destinasse aquelas palavras aos agentes melhor situados nas estruturas do poder federal. Essa afirmação exige maiores esclarecimentos.

Inicialmente, é necessário observar que, no que concerne àquele diagnóstico da ignorância médica, há mais alguns importantes aspectos a serem destacados. Assim procedendo, ou seja, negando ao leite o *status* de “o principal alimento”, do qual Vasconcellos o dotava, recusando-se a aceitar que o leite de origem bovina também se prestava, de forma segura, ao consumo humano, e portanto deveria ser recomendado ao consumo infantil, aqueles médicos, ao mesmo tempo, recusavam-se a emprestar credibilidade aos seus ensinamentos, a reconhecer o valor do homem de ciência que, no Ministério da Agricultura, estudava o leite.

Em outras palavras, essa extrema preocupação com uma suposta não adesão dos médicos à sua pregação significava que, tanto quanto fazer do leite um alimento saudável e seguro, importava a Vasconcellos tornar patente e inquestionável o seu valor e a sua competência como homem de ciência. Não apenas no Ministério da Agricultura, mas no campo médico, e na condição de um agente com importantes contribuições a trazer para o problema da raça no Brasil.

Importava, por isso mesmo, num trabalho de divulgação e legitimação dos resultados até então alcançados pela Seção de Leite. Ora, um cientista não pode permanecer o tempo todo trajando suas vestes brancas, circunscrito ao interior do laboratório. É essa a outra faceta social da ciência em ação. Ele deve empenhar-se nessa outra frente, que é aquela onde se verifica o trabalho do relações públicas, das negociações, da divulgação, da política. Esforços sem os quais a vida no interior do laboratório não prospera, não vinga.

Dirigir-se aos médicos era estratégia de retórica destinada a ressaltar o valor, a importância e a raridade de seu trabalho e dos saberes que vinha produzindo à frente da Seção de Leite e Derivados. Era, portanto, uma mensagem em princípio dirigida aos médicos. Mas, não menos, destinada a dotá-lo de maior credibilidade junto a mais amplos setores da sociedade, atingindo inclusive aos agentes inseridos nas estruturas do poder estatal: ministros, e, por que não?, o próprio presidente da República.²⁵

Ora, quando tratou da problemática envolvendo “o leite e os médicos” (VASCONCELLOS, 1926e), objetivando fazer a difusão dos trabalhos e assuntos de interesse do seu Serviço de Indústria Pastoril, Vasconcellos o fez através das páginas da *Revista de Zootecnia e Veterinaria*, órgão oficial do Ministério da Agricultura. Não seriam os médicos os leitores em potencial daquele periódico mantido pelo governo federal. Aquelas palavras podiam, assim, ter por objetivo, tal

²⁵ Aquele era um contexto em que mesmo os presidentes da república revelavam-se sensibilizados por questões de natureza médico-científicas. Em 1924, o presidente Arthur Bernardes (1924, p. 325-336), discorrendo a respeito da saúde pública no Brasil, enfatizou a necessidade de medidas de “higiene agressiva” e de outras interessadas no “aperfeiçoamento da nossa raça” ou no “futuro da raça”; falou na ciência associada ao patriotismo. Pregou ainda a importância de “cuidados especiais relativos à alimentação da infância, até aqui muito defeituosa, principalmente pela impropriedade do leite utilizado”. Não causa admiração assim que um periódico médico tenha lhe concedido espaço.

qual o admitiu na Conferência de Leite, “impressionar os homens de governo do nosso país” (CONFERENCIA NACIONAL DE LEITE E LACTICINIOS, 1926, p. 232).

Falar aos médicos significava, conforme se pode perceber, esforçar-se para se fazer ouvir por mais amplos setores da sociedade. Mas significava pretender falar, se fazer ouvir e ainda fazer persuadidos *também*, embora não exclusivamente, os médicos. Afinal, para Vasconcellos interessava sensibilizar aos agentes médicos, tanto quanto às demais parcelas da sociedade, emprestando às suas proposições o caráter de universalidade. Ou seja, pretendendo que as mesmas seriam universalmente válidas, pois cientificamente fundamentadas.

E como seria possível chegar até os médicos e torná-los convencidos em relação àqueles ensinamentos apoiados no saber científico? Se seus inspetores, as suas circulares e as instruções distribuídas pela Seção do Leite prestavam-se, embora de forma bastante precária e ineficaz, à divulgação daqueles ensinamentos aos produtores, industriais, comerciantes e mesmo consumidores, como fazê-los chegar a outras parcelas da população. Como levá-los até os médicos? Como converter, por fim, em mais capital simbólico – e capital simbólico válido no campo médico-científico - aquela bagagem de conhecimentos, aquele capital cultural acumulado no papel de chefe da Seção de Leite?

Algumas estratégias Vasconcellos já vinha adotando, e uma delas consistia em estar sempre presente em espaços utilizados pelos médicos, tanto para sua legitimação, quanto para a troca de experiências e divulgação de conhecimentos: as

associações e as publicações médicas. Nisso não havia qualquer novidade, afinal ele sempre freqüentara aqueles espaços.²⁶

Parece, no entanto, que julgou aquela estratégia insuficiente se não reforçada por outras. E, ao buscar por mais alternativas, Vasconcellos revelou-se um tanto quanto ousado: ele, ao lado de seus colaboradores no Ministério da Agricultura, criou e tornou-se redator chefe de uma nova revista, intitulada *Leite e Lacticínios*.²⁷ Essa iniciativa dotou-lhe de um veículo próprio destinado não apenas a registrar, mas, na medida do possível, dar maior divulgação aos seus trabalhos, aos seus diagnósticos, às suas críticas, sugestões, idéias e representações da realidade.²⁸

Além do mais, colocar-se como o idealizador e redator-chefe de uma nova publicação, a primeira no Brasil destinada a tratar do tema, era uma forma de se diferenciar, de aparecer como único, de se destacar, de se projetar com maior ousadia e em melhores condições de visibilidade.

²⁶ Até aquele momento, Vasconcellos não havia sido aceito como sócio da Academia Nacional de Medicina. No entanto, após concluir o curso de medicina, ingressou na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, na qual se apresentava com certa regularidade, hábito não muito arraigado entre outros associados, uma vez que era comum acontecerem sessões com o comparecimento de menos de dez membros. Quanto a publicar em revistas médicas, viu-se que Vasconcellos já o fazia desde os tempos em que era aluno da faculdade.

²⁷ Outro fator contribuiu para a criação de *Leite e Lacticínios*: o período em que esta circulou corresponde àquele em que o órgão oficial do Serviço de Indústria Pastoril, a *Revista de Veterinaria e Zootechnia*, deixou de circular, entre 1921 e 1924. Ela reapareceu em 1925, com o título ligeiramente alterado para *Revista de Zootechnia e Veterinaria*. Por sua vez, *Leite e Lacticínios* circulou entre agosto de 1922 e dezembro de 1924 (STANCIK, 2002a, p. 67-76).

²⁸ Na interpretação de Maria Eliana Labra (1985, p. 206-207), a década de 1920 foi favorável à proliferação de publicações da área médica. Estas teriam se beneficiado de uma conjuntura extremamente favorável à produção científica, sustentada com recursos privados, oriundos do grande número não de leitores, mas de anunciantes em potencial, interessados em divulgar medicamentos, equipamentos, instrumentos e insumos. No que se refere a *Leite e Lacticínios*, constata-se que um dos fatores que contribuíram para a existência da revista foi a fidelidade de seus anunciantes – em contraponto à carência de assinantes –, entre os quais muitos ligados às áreas referidas por Labra (STANCIK, 2002a, p. 73).

Destaque-se ainda que Vasconcellos nunca dirigiu explicitamente aquela publicação aos integrantes do campo médico. Diferente disso, ele chegou mesmo a dedicar algumas de suas páginas às mães, pretendendo dar-lhes conselhos relativos ao uso do leite na alimentação infantil – o que não deixava de se constituir em tema de interesse médico.

Ele, contudo, procurou cercar-se de colaboradores, listados a cada novo número, muitos deles médicos e professores do ensino superior, médico ou não, no Brasil e no exterior. Todos, insistia, valorosos homens de ciência, amplamente reconhecidos. Entre os estrangeiros: A. B. Marfan, da Faculdade de Medicina de Paris; Constantino Gorini, da Escola Real de Agricultura de Milão; Pedro Bergés, da Escola de Agricultura de Buenos Aires; F. Bordas, membro do Conselho Superior de Higiene da França; P. Dornic, professor e diretor da Escola de Indústria Leiteira de Surgères, na França. Entre os colaboradores brasileiros: Baeta Vianna, professor da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte; Felipe Carneiro, chefe do Serviço de Química do Instituto Oswaldo Cruz; Castro Barreto, do Departamento Nacional de Saúde Pública; José Del Vecchio, Pedro da Cunha e Leonel Gonzaga, professores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; Marcos Migliewicz, do Serviço de Fiscalização do Leite do Distrito Federal, além de outros mais (LEITE E LACTICINIOS, v. 1, n. 1).

Acrescente-se ainda que o simples fato de publicar, isto é, dar a ler, já constituía um esforço dirigido às parcelas letradas, dotadas de recursos, disponibilidade e de capital cultural suficientes para não apenas vir a manifestar interesse, como tirar proveito daquele tipo de bem cultural.

Embora registros de solicitações, algumas oriundas do exterior, tenham sobrevivido até os dias de hoje, parece, contudo, que Vasconcellos não logrou grande êxito em fazer circular a sua publicação, uma vez que, tempos antes de dá-la por encerrada, reconheceu que, diante do insuficiente número de assinantes,²⁹ obrigava-se a distribuí-la gratuitamente (STANCIK, 2002a, p. 73).

Isso provavelmente contribuiu para que, menos de um ano depois, ele afirmasse que, no Brasil, “a propaganda escrita não dá o resultado desejado”. Acrescentou ainda: “falta aos nossos patrícios o hábito da leitura. Este lastimável feitio é um formidável entrave ao progresso” (CONFERENCIA NACIONAL DE LEITE E LACTICINIOS, 1926, p. 17). A partir de suas experiências na Seção de Leite, sentia-se autorizado para proferir aquele diagnóstico, isto é, construir o social daquela forma.

Mesmo assim, a revista prestou-se bastante bem para aumentar-lhe a credibilidade de homem de ciência. Tanto que uma campanha através dela veiculada em favor da realização da Primeira Conferência Nacional de Leite e Laticínios não apenas resultou na realização do evento, como culminou no seu patrocínio pelo governo federal e pela Sociedade Nacional de Agricultura. Além do fato de ter ela contado com a participação de autoridades, do Ministro da Agricultura, e de grande número de médicos, entre outros homens de ciência, apresentando e discutindo trabalhos que sempre abordavam alguma questão relativa ao leite. Todos eles sob a organização e presidência de Aleixo de Vasconcellos.

²⁹ Não foi possível localizar qualquer informação quanto à tiragem de *Leite e Lacticínios* em nenhum de seus exemplares.

Antes disso, e ainda enquanto circulava *Leite e Lacticínios*, Vasconcellos foi escolhido para representar o Brasil durante realização do Congresso Internacional de Leite e Laticínios, realizado em 1923,³⁰ nos Estados Unidos.

Tempos depois Paul Lafargue Schwartz, editor da *The World's Butter Review*, editada no Canadá, solicitava-lhe a publicação de artigos (SCHWARTZ, 1927), para, em seguida, incluir um testemunho favorável nas páginas de seu periódico, como atestado da credibilidade de *Leite e Lacticínios*.

A revista de Vasconcellos pode não ter transformado os hábitos da população, e mantê-la circulando pode até mesmo ter implicado em certa dose de “sacrifício”, como afirmou o agente, obrigando-o a distribuí-la gratuitamente. Outra forma de interpretar esse sacrifício é percebê-lo como um investimento, realizado num contexto favorável.

E por isso mesmo, por ser a revista um investimento, ao fazer a distribuição gratuita do periódico, Aleixo de Vasconcellos adotou certos critérios, fazendo-a chegar, por exemplo, às mãos e ao conhecimento de outros homens de ciência e ocupantes de cargos estratégicos.

Nas correspondências de Vasconcellos existem evidências do envio da publicação até para o exterior. Procedimento também adotado quando publicou os anais da Conferência do Leite, trabalho este que foi remetido para médicos, pouco depois de dar por encerrada a publicação de *Leite e Lacticínios*. Nascimento Gurgel, em resposta e agradecendo, declarou que a Conferência de Leite, organizada e presidida por Vasconcellos, teria sido “um certame digno do maior apreço e o volume publicado, com os trabalhos nele contidos, exige leitura descurada de todos

³⁰ Evento de particular importância na construção das representações de Vasconcellos, sua participação naquele congresso será abordada no Capítulo 6.

que se interessam pela magna questão diretamente afeta ao futuro da nossa raça” (GURGEL, 1927, f. 2).

Por isso mesmo, seguramente a revista trouxe sua contribuição no sentido de fazer Vasconcellos cada vez mais conhecido e reconhecido como um homem de ciência que teria muito a dizer. Não necessariamente entre a população menos esclarecida - pois esta certamente deve ter tido pouco acesso à publicação, se é que realmente teve algum - e não apenas daqueles que comercialmente estavam envolvidos com o leite, mas principalmente entre outros homens de ciência e médicos, bem como ocupantes de cargos nas estruturas do poder federal. Revelassem eles interesse ou não em relação ao leite e/ou com a alimentação humana e, afinal, com a eugenia, assunto da qual a mesma não descurou, conforme se verá adiante.

Um de seus principais objetivos era mesmo atrair a atenção dos demais médicos, cientistas e figurões do governo, tornando-o cada vez mais conhecido e reconhecido por eles. Estes teriam muito a aprender com o jovem médico e chefe da Seção de Leite. Era o que proclamava sua publicação. Era a mensagem que permanecia mesmo após o desaparecimento de *Leite e Lacticínios*.

4.5 LEITE BOM É COISA PARA HOMENS DE CIÊNCIA

Mais alguns aspectos merecem ser destacados. Na trajetória de Aleixo de Vasconcellos, observa-se que não foi através do exercício da medicina, mesmo atuando ele como pediatra, mas por intermédio da inspeção sanitária animal e, principalmente, na condição de chefe da Seção de Leite e Derivados que os estudos

em torno do leite bovino se impuseram, de forma nítida, como um problema a ser por ele trabalhado e equacionado,³¹ e, além disso, desdobrou-se num viés mais nitidamente eugenista.

Por outro lado, foi apoiado na sua formação de médico bacteriologista e nas diversas circunstâncias daí decorrentes, tais como atuação profissional, conhecimentos e habilidades adquiridos, recursos sociais mobilizados, entre outros, que Aleixo de Vasconcellos buscou as respostas para aquela problemática.

Os problemas observados por médicos e higienistas em torno leite bovino dado ao consumo humano, muito especialmente na infância, e mesmo suas correlações com a “defesa da espécie”, já vinham sendo problematizados muito tempo antes de Vasconcellos deles se ocupar. São exemplos Moncorvo Filho, Fernandes Figueira, Oswaldo Cruz – embora este último não revelasse o perfil eugenista -, apenas para referir dois pediatras e um “herói nacional” com quem Vasconcellos trabalhou, debateu e aprendeu e dos quais assumiu a condição de “discípulo”.

Foi, contudo, ao ingressar no Ministério da Agricultura, e mais exatamente ao ter a seu cargo a Seção de Leite, que Vasconcellos assumiu aquelas problemáticas de forma mais decisiva. Ou seja, foi a partir de fora do campo médico que essas questões se lhe apresentaram e foram por ele trabalhadas de forma mais evidente, urgente e intensa.

Dito de outra forma, pode-se sugerir que, não fosse sua inserção no Ministério da Agricultura e, a partir dela, na Seção de Leite, muito provavelmente

³¹ Agradeço pelas observações da Profa. Dra. Dilene Nascimento – COC/Fiocruz, por ocasião do XXII Simpósio Nacional de História promovido pela ANPUH, com as quais colocou-me diante dessa questão, à qual não havia dado anteriormente a devida atenção.

aquelas questões não o envolveriam de forma mais evidente do que a qualquer outro médico que à época se dedicava ao exercício da pediatria.

Por isso, atuando no Ministério da Agricultura, onde já vinha se fazendo conhecido e reconhecido, teve ele que empreender um esforço a mais para converter o capital simbólico assim obtido em capital negociável também no campo médico.

Por fim, acrescente-se sua constatação de que mesmo médicos e outros homens de ciência rejeitavam o leite, apontado por Vasconcellos como “o principal alimento”. Isso indicaria que, no seu modo de ver, a ignorância – traduzida como o desconhecimento e/ou a não utilização de saberes cientificamente estabelecidos – se apresentaria nos sertões, nas cidades, entre ricos e pobres, e mesmo entre doutores, ou seja, médicos.

Por isso mesmo não se pode subscrever as assertivas proferidas uma década depois pelo médico Heitor Beltrão, quando, referindo-se a Vasconcellos, sustentou que a produção científica aconteceria “longe dos olhos leigos, afastada da língua rudimentar das propagandas” (BELTRÃO, 1935).³² Não é assim que se observa na trajetória em análise.

Bastante distante daquele ideal de suposta isenção e distanciamento habitualmente apregoado e pretensamente adotado, o tornar-se conhecido e reconhecido como cientista é sempre um processo intensamente social, com facetas políticas, pois perpassado por contínua disputa e competição. Pela atenção, pelo apoio, por recursos, pela melhor definição dos objetos, pela precedência na apresentação de novas proposições e saberes, para desacreditar seus pares-

³² Trata-se da segunda epígrafe do presente capítulo.

concorrentes, para dar melhores respostas às problemáticas obrigatórias, para se firmar, enfim, com um legítimo e respeitado homem de ciência.

Decorreu daí que, como homem de ciência envolvido com o leite, e, a partir dele, com a eugenia, Vasconcellos representava a Seção de Leite, o Ministério da Agricultura, o governo e, por fim, a ciência brasileira, naquele momento e no que se referia à problemática do leite e seus subprodutos.

Em tal condição, incumbido daquela importante delegação, perseguiu pelo menos três principais objetivos, procurando demonstrar que: 1) o produto seria seguro e deveria ser amplamente utilizado na alimentação humana; 2) que ele seria o alimento ideal para uma raça eugênica, conforme será melhor detalhado nos capítulos seguintes; 3) que isso somente se tornaria possível adotando-se todas as medidas e procedimentos referendados e divulgados pela Seção de Leite, a qual, assim procedendo, estaria cumprindo relevante papel na defesa da raça.

O corolário desse esforço deveria ser o reconhecimento de Vasconcellos como um médico e homem de ciência portador de uma contribuição original e eficaz, que traria um imenso benefício para a raça, que estaria contribuindo para assegurar “a formação de uma raça sadia e vigorosa” para o “triunfo” de sua nação (VASCONCELLOS, 1923g, p. 480).

Construção esta que, contudo, ganhou forma por intermédio de sua inserção e interações em outros espaços, além daqueles até aqui abordados.

5 EDUCAÇÃO, PROGRESSO E EUGENIA: AS AGREMIÇÕES DE MÉDICOS E INTELECTUAIS

A política eugênica pretende a regeneração integral pela aplicação suasória, progressiva e combinada de medidas suaves, sem quaisquer propósitos draconianos ou cruéis. Não visa perseguir fracos, doentes, nem degenerados. Ao contrário, procura evitar o aparecimento desses infelizes que nascem para morrer, para sofrer e para sobrecarregar a parte produtiva da coletividade. Constitui a verdadeira política da felicidade, porque se esforça pela elevação moral e física do homem, a fim de dotá-lo de qualidades ótimas, de fornecer-lhe elementos de paz na família, na sociedade, na humanidade.

Renato Kehl (1939, p. 107-108)

Feliz aquele que, recebendo a saúde como herança dos seus, tem ainda a felicidade de saber conservá-la e transmiti-la aos filhos do seu amor, gozando a vida não como um fim, mas usando-a como um meio de ser útil à Família, à Pátria, à Humanidade. Útil como aquele velhinho que aos 80 anos ainda plantava um carvalho: 'Não planto para mim, bem sei. Planto-o porque me lembro que a sombra a que me acolhi foi de árvores que outros plantaram antes de mim, sem me conhecerem.'

Octavio Domingues (1930, p. 230)

5.1 O PERTENCIMENTO A AGREMIações

Pertencer a determinado grupo ou instituição é expressar certa afinidade com suas finalidades e com as idéias que o caracterizam. É por ele fazer-se aceito e dele acatar e, não menos, se submeter a regras, limitações, exigências e imposições de caráter diverso.

Mas esse pertencimento não determina necessariamente que os agentes se reduzam inteiramente à sua lógica e às suas imposições. Eles também se revelam capazes de negociar e jogar de forma contínua e ininterrupta. Significa, portanto, aceitar, ceder, submeter-se e moldar-se. Mas, não menos, acomodar, remodelar, impor, construir, redesenhar espaços, limites, concepções. Acomodá-los a novas e variáveis necessidades e interesses, a novas e diferentes percepções e expectativas, incessantemente criados, renovados, substituídos ou abandonados. Em uma palavra, significa apropriar-se.

Trata-se de uma dialética no seio da qual o individual e o coletivo se apresentam em contínua tensão e sempre em devir. Um processo em que os agentes individuais ingressam com graus variáveis de possibilidades de êxito, conforme se revelem dotados de recursos para tanto, também eles variáveis. Recursos que, no campo científico podem se traduzir em maior ou menor capacidade de mobilizar capitais sociais e científicos.

Acompanhar a atuação de um médico, um intelectual, ou um homem de ciência em espaços tais como associações médicas e outras constitui, por extensão, um eficaz meio de perceber e contrapor representações individuais às coletivas. Pode-se com isso evidenciar os acordos, os conflitos, as estratégias, as negociações

– por vezes dissimuladas, não assumidas; em outras ocasiões, manifestas, evidentes.

Pode revelar o quanto, embora sujeitos às determinações das estruturas sociais, às problemáticas obrigatórias, às leis que regem determinados campos sociais, a regras e normas que lhe são anteriores e a muitas outras limitações de ordem vária, os agentes sociais ainda assim revelam - às vezes mais, às vezes menos – o seu carácter único, a sua individualidade, aquilo que os torna diferentes, singulares.

Embora submetidos a limites estreitos, esses agentes não deixam de movimentar-se e desenvolver estratégias – conscientes e inconscientes - com graus relativos e variáveis de liberdade e de intencionalidade. E com possibilidades também variáveis de obtenção de êxito.

Em se tratando de Aleixo de Vasconcellos, pela maneira particular como ingressou na profissão médica, optando ao mesmo tempo pela bacteriologia, acabou se tornando obrigado – conscientemente ou não – a não apenas tomar contato, como também a posicionar-se e construir sua visão em meio às teorias e concepções então vigentes e que constituíam o espaço e as formas legítimas de pensar e questionar a sociedade. Entre outras, as perspectivas científicas, evolucionistas, racistas, até então hegemônicas e questionadas somente de forma mais episódica.¹

No caso das teorias e concepções médico-científicas, sua inserção nas agremiações médicas e outras podem evidenciar, no seio das lutas de

¹ Um exemplo de médico e intelectual que, ainda em 1903, embora não negando o evolucionismo, tentou dar respostas negativas ao racismo - e por isso mesmo pouco se fez ouvir - foi Manoel Bomfim. O título de sua obra: *A América Latina: Males de origem* (BOMFIM, 1938).

representações, o que se lhe apresentava disponível, o que diferentes agentes lhe ofereceram, o que ele incorporou das mesmas e como as reelaborou ao construir e divulgar suas próprias e singulares concepções. Mais que simples idéias, tratava-se de lutas pela melhor definição de novos produtos apresentados como científicos e, no melhor estilo positivista e evolucionista, sintonizados com os ideais de civilização e progresso.

Além das associações médicas, Vasconcellos tomou parte em outras agremiações de diferentes naturezas. Foi membro da Confederação Internacional de Leite, sediada em Bruxelas; do Instituto Brasileiro de História da Medicina; do Instituto Brasileiro de Cultura; sócio da Associação Brasileira de Educação; conselheiro da Sociedade Nacional de Agricultura.

Conforme se verá a seguir, às duas últimas coube um papel tanto na construção quanto na divulgação das representações, das idéias e dos diagnósticos emitidos por Vasconcellos. É por elas que se começa, para, em seguida, dar-se atenção às agremiações médicas.

5.1.1 A Associação Brasileira de Educação

A Associação Brasileira de Educação - ABE foi uma entidade de formação eclética, fundada no Rio de Janeiro em 1924, por um grupo de intelectuais, médicos, professores e engenheiros. Segundo aqueles agentes sociais, na educação residiria a solução dos problemas do país.

Entre seus membros, estava Aleixo de Vasconcellos. Não foi possível estabelecer se a iniciativa de tomar parte naquela agremiação partiu dele, ou se deu

a convite, por exemplo, de um Miguel Couto, ou de algum outro médico já associado à entidade.

Contudo, é quase certo que, conforme já se pode acompanhar até aqui, quando da criação da ABE, Vasconcellos já vinha ouvindo falar de forma entusiasmada em favor da educação há pelo menos duas décadas. Isso sem considerar-se o fato de sua mãe ter sido, também ela, educadora, e de Vasconcellos já atuar no ensino superior há mais de uma década.² Isso deve ter servido de estímulo para somar-se aos membros da entidade.

Tanto que em 1922, portanto dois anos antes da criação da ABE, ao tomar parte do Primeiro Congresso Nacional de Práticos, ele atuou como relator do tema *Luta contra o analfabetismo* (VASCONCELLOS, 1923g, 1924p). Então, defendeu a importância e a urgência de se empreender aquela luta, na cruzada higiênica em favor da “formação de uma raça sadia e vigorosa, para o triunfo decisivo de uma nação”, qual seja, o Brasil (VASCONCELLOS, 1923g, p. 480). Destacou assim o papel desempenhado pela educação enquanto ferramenta apta a “transmitir às gerações novas o conjunto de crenças e de sentimentos necessários ao engrandecimento da pátria” (Ibid., p. 482).

Reportou-se ainda aos bons “exemplos dos grandes homens da Antigüidade”, enfatizando que, em Esparta, “A virtude suprema era o patriotismo, o supremo dever era servir à pátria”, o que justificava e explicava, no seu

² Em 1911, através de concurso, Vasconcellos assumiu a livre-docência em Microbiologia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1913, assumiu aquela cadeira na Faculdade Hahnemanniana, também do Rio de Janeiro, mais tarde denominada Escola de Medicina e Cirurgia. Posteriormente, estava entre os fundadores da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado da Guanabara, onde tornou-se Professor Catedrático de Microbiologia (FRAGA FILHO, ARAGÃO, 1964, p. 1152-1153; CUNHA, 1966, p. 39-41).

entendimento, a prática de o Estado encarregar-se da educação (VASCONCELLOS, 1924p, p. 4).

Assim entendendo a educação, considerava-a de primeira importância na solução dos problemas enfrentados por seu país. Ela abriria caminho para a aquisição de hábitos higiênicos, com os quais se procederia a “defesa da espécie” (VASCONCELOS, 1924o, p. 164).

No que se refere às concepções vigentes na ABE, observa-se que o presente a partir do qual pronunciavam-se os agentes era condenado e mesmo lastimado, sendo caracterizado de modo a fundamentar o receio de catástrofes iminentes ou já em curso, que atingiriam o país se a campanha educacional não alcançasse os resultados esperados.

Na mesma linha de raciocínio, o futuro era percebido como dependente de uma política educacional: seria um futuro de glórias e prosperidade ou de pesadelos e mais miséria, dependendo da ação de uma elite que, por intermédio da educação, levaria adiante a transformação do país. A diferença entre um e outro seria devida à educação, meio único entendido como capaz de possibilitar a passagem daquele presente indesejável para um futuro próspero, grandioso (CARVALHO In: DE LORENZO, COSTA, 1997, p. 120-121).

Nos seus círculos, a referência à doença – discurso que se encontrava na ordem do dia – era geralmente associada ao desejo de extirpar “os elementos considerados perturbadores de seu bom funcionamento, convertendo questões sociais e políticas em questões de higiene” (Ibid., p. 125). Uma entidade, como se vê, bem sintonizada e propagadora de ideais então em voga entre médicos e higienistas. Ou seja, que assumia como sua aquela perspectiva.

Vasconcellos, desde a sua infância, esteve em contínuo contato com os ideais positivistas, comtianos ou não. As lições que aprendera desde sua infância relativas ao positivismo ecoavam, por sua vez, também na ABE. A idéia de que às elites caberia o governo dos homens, a ênfase na ordem visando ao progresso, não constituíam, portanto, novidade para ele.

Uma administração apoiada em fundamentos científicos era mesmo idéia cara aos homens de ciência que diziam perceber a “ignorância” espraiando-se por todo o país, de um lado, enquanto, de outro, constatavam a exatidão, a confiabilidade, o acerto dos métodos experimentais. Como resistir à tentação de transpô-los também à sociedade? Somente as certezas amparadas na observação e na experimentação, bradavam homens de ciência, poderiam guiar os homens.

A ABE veio repisar essas certezas, ao mesmo tempo em que pregava em favor da educação estendida a maior número de brasileiros. Pregando o medo da degeneração, da miséria e de que seu país não superasse uma condição entendida como indesejável, clamava por soluções urgentes.

5.1.2 Sociedade Nacional de Agricultura: o Jeca Tatu já se esboçava

O pertencimento à Sociedade Nacional de Agricultura - SNA, por sua vez, deve ter guardado relações com o ingresso de Vasconcellos no Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, ocorrido no início do ano de 1912.

Conforme esclarece Sonia Regina Mendonça (1997, p. 42): “Definida legalmente como uma sociedade civil, a SNA consistiria numa agremiação de ‘lavradores e amigos da agricultura’ para ‘o exame, o estudo e a colaboração para a

solução dos problemas dos agricultores, dos pecuaristas e dos industriais de indústrias extrativas e correlatas, à exceção dos outorgados por lei às entidades sindicais, no que se refere à defesa e representação classistas’.”

Em relação ao pertencimento de Vasconcellos aos seus quadros, tem-se que, dos onze Ministros da Agricultura, desde a sua criação, em 1909, até o ano de 1930, somente dois não se tornaram membros da SNA,³ sendo que os três últimos foram presidentes da entidade ⁴ (Ibid., p. 207).

Outro aspecto relevante nesse sentido é constatado quando se tem em conta que, analisando uma série de estudos produzidos por membros da SNA, Sonia R. Mendonça observou que parte significativa desses agentes atuava no Ministério da Agricultura. Em razão disso, o mesmo foi por ela definido como uma “agência do aparelho de Estado aglutinadora de certas facções de proprietários rurais, mormente aquelas vinculadas à SNA” (Ibid., p. 67).

Além disso, eram vários os médicos que, ao mesmo tempo, ocupavam cargos de direção e chefia no Ministério da Agricultura e eram membros da SNA. Entre outros, Francisco Dias Martins, Paulo Parreiras Horta, Alcides da Rocha Miranda, Antônio Pacheco Leão, Mário Saraiva, José Bulhões de Carvalho. Ao ingressar naquele ministério, Vasconcellos a eles se somou.

A Sociedade constituía assim não apenas um espaço de sociabilidade, mas, não menos, prestava-se a dar lugar a discussões e debates onde as concepções médicas podiam ser não apenas discutidas, mas também obter maior divulgação e legitimidade para além dos seus quadros.

³ Eram eles o primeiro ocupante da pasta, o cafeicultor paulista Antônio C. Rodrigues, que nela permaneceu durante curto período no ano de 1909, e o fazendeiro Manoel E. Queiroz Vieira, que a ocupou entre 1913 e 1914.

⁴ Foram eles Ildelfonso Simões Lopes, Miguel Calmon e Geminiano Lyra Castro.

Desta maneira, não devem causar surpresa os diagnósticos de atraso, rotina e apatia, emitidos por esses agentes em relação ao homem brasileiro, além de tornar-se evidente que não eram proferidos exclusivamente pelos médicos. Naquilo que diz respeito aos projetos defendidos naquela agremiação, constata-se que, em resumo, suas preocupações giravam em torno de objetivos que se diziam destinados a estimular a modernização da agricultura; favorecer o desenvolvimento de uma agricultura “científica”, com o conseqüente abandono de práticas consideradas “arcaicas”; proporcionar educação para subtrair os agricultores da “ignorância”, entre outros similares.

O médico cearense Francisco Dias Martins, ocupante de cargos de direção no Ministério da Agricultura, era um entre outros tantos produtores de trabalhos por intermédio dos quais a SNA esforçava-se para se expressar e levar suas idéias a mais amplas camadas da população. No trabalho intitulado *ABC do agricultor*, ele explicou a que vinha:

... esta população rural, com tantos milhões de analfabetos, enxerga a vida quase somente através do nimbo da tradição irredutível e vive nesse retraimento natural de quem não tem nervos e músculos habituados a movimentos fora dos moldes costumeiros, transmitindo-se de geração em geração, dentro dessa monotonia de ação, quase sem vibrações de vida nova, de idéias novas, de agitação interior, atormentando salutarmente cada ser humano para evoluir, mordendo-lhe o entendimento com a sensação inteligente da necessidade do melhoramento moral e material de si mesmo, do bem-estar da família, do progresso dos lugares onde vive, cultivando ou não a terra, de onde vêm as colheitas e os rebanhos, produzidos pela natureza e inteligência do agricultor. (MARTINS, 1912, p. I-II)

Martins insistia na rotina, no marasmo, na inatividade, na falta de inovação como características do pequeno produtor brasileiro. Ele, outros médicos e homens de ciência, aliados à SNA, apresentavam-se como os agentes capazes para tudo

fazer no sentido de subtraí-los daquela apatia sonolenta. Tal qual se observava entre os quadros da ABE, os integrantes da SNA percebiam-se como componentes de uma elite cuja missão seria alterar os rumos da nação, encaminhando-a em direção à civilização e ao progresso.

Mais adiante, em passagem ainda mais contundente e ácida, Dias Martins pareceu pretender atribuir aos pequenos produtores agrícolas parte importante da culpa por seu país não ter ainda alcançado aquele ideal. Sua fala revela, além do mais, que o Jeca Tatu, personagem que Lobato criaria pouco tempo depois, já se esboçava entre a intelectualidade do período, como estereótipo do brasileiro dos sertões, visto como fraco e improdutivo. Segundo se expressou Dias Martins (*Ibid.*, p. 134):

Tu, que não trabalhas e tens crianças, pálidas e fracas, por falta de alimento, pensa bem, no mal que fazes a teus filhos, a ti e a tua pátria, o nosso querido Brasil, quando a teus lados pendem dois braços, vergonhosamente inertes, parados, meses e anos, diante da terra, que tudo produz e que para amparar todos os famintos do mundo, pede apenas – entreguem-lhe as sementes e cuidem das plantas que nascerem.

Não será contigo, homem preguiçoso e mau, nem com teus filhos padecendo fome, que o Brasil será o que tem de ser – grande e querido no mundo, pelo trabalho de todos que nele vivem -; por tua causa, não haverá gente que preste, onde morares, para ficar no lugar dos melhores homens dos sítios e povoados, quando forem velhinhos ou mortos...

Tais argumentos eram empregados para justificar as medidas por ele propostas como as mais urgentes a serem adotadas: “em agricultura, antes de valorizar as terras e as colheitas, o que se deve fazer primeiro é: - valorizar a inteligência humana, educando principalmente a criança, para entender

rudimentarmente, o solo e a planta, o campo e o rebanho, o lucro e o prejuízo” (Ibid., p. V).

E por isso, na obra que se apresentava como destinada a instruir os agricultores de forma acessível, ele discorreu, entre muitos outros assuntos, a respeito de temas tais como: o que é o solo; quais as funções das diversas partes das plantas; como deve ser feito o plantio; instrumentos de trabalho; recursos tecnológicos a serem empregados; enfermidades humanas, tais como a maleita, o amarelo, a disenteria; animais úteis e animais e insetos nocivos.

Era assim que aquela elite composta pelos homens de ciência e membros da SNA pensava sua missão diante da realidade social. Seriam eles os únicos em condições de estabelecer o certo e o errado, indicando os caminhos seguros a serem seguidos. Por isso Dias Martins, embora fosse um médico, apresentava-se como um agente dotado de legitimidade para ensinar o “certo” e o “errado” aos agricultores, por ele taxados de ignorantes, incapazes, porque carentes de instrução.

Tratava-se de representações, diagnósticos e terapêuticas com os quais seguramente Vasconcellos se fez facilmente sintonizado. E, reciprocamente, aquela entidade também fez a difusão de suas idéias, por exemplo, abrindo-lhe espaço para realizar conferências e distribuindo aos seus associados, entre outros, o trabalho de sua autoria intitulado *O subsidio da bacteriologia para o desenvolvimento da industria de laticínios* (VASCONCELLOS, 1926e). Como servidor do Ministério da Agricultura, e, sobretudo, como um homem de ciência associado à SNA, Vasconcellos não poderia ter-se furtado a dar sua parcela de contribuição para aquela causa.

Constata-se que esse empreendimento se evidenciava pelo duplo aspecto de, por um lado, dar um caráter acentuadamente técnico às informações, aos conhecimentos, desqualificando todos aqueles que não se mostrassem legitimados pela ciência. Por outro, por reafirmar a relevância e a necessidade da atuação de uma elite, da qual muitos homens de ciência tomavam parte. Sua presença e atuação reforçava-se, desta maneira, perante a sociedade e órgãos governamentais. No caso de Vasconcellos, acompanhou-se no capítulo anterior, o capital assim acumulado foi também, por vezes, reconvertido no campo médico.

Razões dessa natureza faziam com que um médico se revelasse perfeitamente à vontade em espaços como a SNA e a ABE. Problemáticas como civilização e progresso, noções como evolução e degeneração, entre outras, circulavam por diversos espaços sociais. E, da fusão dessas problemáticas com aquelas noções, empreendidas de forma singular por singulares agentes, surgiam os mais diversificados diagnósticos e terapêuticas. Percebe-se por isso mesmo que não apenas os médicos assim se ocupavam no período.

Contudo, mais uma observação se faz necessária para dar uma idéia mais aproximada das tendências observadas no período entre os agentes que transitavam entre o Ministério da Agricultura e a SNA. Também nesses espaços se observava ainda a aceitação das premissas racistas. A ênfase dada à educação, portanto, não significava que a hierarquização das raças de lá houvesse se ausentado.

Evidência dessa postura, no ano de 1916 foi publicado por aquele ministério o primeiro volume do *Anuário estatístico do Brasil*. Em sua introdução, afirmava-se que o Brasil marcharia para “um grandioso futuro, quando se constituir

definitivamente o tipo da sua nacionalidade pela assimilação completa dos vários fatores étnicos e subsequente apuro da raça pelo cruzamento com os elementos estranhos de diferentes origens” (Apud SKIDMORE, 1989, p. 301). Embora contestada ao final da década de 1910, a hierarquização das raças prosseguiria presente nos anos seguintes.⁵

5.2 AS AGREMIÇÕES MÉDICAS

5.2.1 Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro

Na condição de médico, Vasconcellos mostrou-se sempre muito interessado não apenas em fazer parte dos quadros, como também em atuar nas agremiações médicas. Assim, ao ser aceito como sócio da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, não hesitou em, pouco tempo depois, vir a ocupar a função de orador.⁶ Embora ainda bastante jovem, na casa dos vinte anos, mostrava-se apto ao manejo da linguagem, esse instrumento de poder, de poder simbólico (BOURDIEU,

⁵ Isso é evidenciado, entre outros exemplos, pelo pensamento de Oliveira Vianna, autor que se sentia à vontade para pregar contra as teses de igualdade racial, como se pode observar nas palavras a seguir: “No esforço pela demonstração da tese igualitarista, estes doutrinadores reacionários se preocuparam em acentuar a nenhuma importância dos estudos da raça. Como todas as raças eram iguais, que valeria estarmos a perder tempo com as pesquisas sobre biologia diferencial das raças? Sobre psicologia diferencial das raças? Sobre a questão da mestiçagem das raças? Sobre o problema das raças aptas à civilização e das raças por ventura inaptas à civilização?” (VIANNA, 1934, p. 16). A primeira edição da obra data de 1932, sendo que a demanda por uma segunda, dois anos após, evidencia a receptividade do autor no Brasil, naquele período entre-guerras.

⁶ Bem mais tarde, no início da década de 1940, Vasconcellos atuou como orador oficial da Academia Nacional de Medicina (ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA, s. d.), dando vazão aos seus pendores oratórios, os quais, por sinal, eram cultuados por muitos homens de ciência. Afrânio Peixoto foi um daqueles que se destacaram nesse sentido.

1996a). Vasconcellos exerceu também a função de redator dos anais daquela sociedade.

Menos elitista que a Academia Nacional de Medicina, a qual exigia de seus membros uma referência institucional importante e uma atuação pública reconhecida como condições para ingressar no quadro de associados (SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DO RIO DE JANEIRO, 2004), a Sociedade de Medicina e Cirurgia, criada em 1886, esforçou-se para ampliar a participação dos médicos no seu interior. A ponto de o número de seus associados ser ilimitado.⁷ Para dela tomar parte, bastava um convite ou a indicação de um membro.

Apesar dessas facilidades quanto ao ingresso, Luiz O. Ferreira, Marcos C. Maio e Nara Azevedo (1998, p. 485) reconhecem que o pertencimento àquela agremiação, assim como se dava em relação à Academia Nacional de Medicina, constituía-se em “passaporte seguro para o acesso a uma cobiçada posição social: a elite médica”. Em resultado disso, “o título de sócio conferia ao seu portador o status de integrante do estrato superior da hierarquia social da medicina.”

A singularidade da Sociedade de Medicina carioca deve-se à sua inscrição numa rede de instituições médicas não oficiais empenhadas em lutar pela modernização científica e institucional da medicina brasileira. Integravam essa rede os periódicos *Gazeta Médica da Bahia* e *Brazil-Medico*.

⁷ Embora não se tenha tido o cuidado de fazer uma estatística mais apurada, pela simples observação daquilo que ficou registrado das sessões realizadas pela Sociedade de Medicina e Cirurgia, tanto no periódico *Brazil-Medico*, quanto nos *Annaes* da associação, percebe-se facilmente que a frequência àquelas era reduzida. Variava de dez a quinze o número de associados nelas presentes. Aleixo de Vasconcellos revelou-se um daqueles que geralmente se esforçava para ser assíduo. Por sua vez, Carlos Chagas, um dos nomes de maior prestígio em seus quadros no período analisado, teve frequência bastante reduzida. Ferreira, Maio e Azevedo (1998, p. 488) apontam que, tanto na Academia Nacional quanto na Sociedade de Medicina, o número de sócios militantes sempre foi pequeno.

E essa autonomia vinha a se acentuar com a realização de congressos médicos. Verdadeiros fóruns de discussão de temas relacionados à ciência médica e à saúde pública. Isso possibilitava a seus participantes assumir posicionamentos na vida pública (Ibid., p. 488).

Por conta dessas reflexões, considera-se que a inserção precoce naquele fórum de debates de temas médicos e outros de caráter social mais amplo e diversificado dotou Vasconcellos de maior cota de capital cultural e social. Não era ainda, é bem verdade, o ápice representado pela Academia Nacional de Medicina, ambição demais para um jovem médico. Era, de qualquer maneira, a possibilidade de dar continuidade e ampliar a inserção em meio a médicos de projeção social, membros da elite do campo médico.

E não menos, conforme poderá ser acompanhado, com eles inserir-se mais e mais em problemáticas de caráter abrangente e conflituoso, como se passava no caso dos debates em torno da eugenia. Debates estes que encontraram amplo espaço de divulgação naquelas duas associações médicas.

Afinal, naquele espaço, além da problemática do tratamento da saúde dos indivíduos, tinham lugar debates em torno da saúde do “corpo social”. E aí, desejosos de verem instaurada uma nova ordem social através do aperfeiçoamento racial, era comum a apresentação de propostas onde se defendiam antídotos supostamente científicos para os males sociais, tais como a pobreza e as más condições de saúde das classes mais pobres.

Na ciência, indica Nancy Stepan (1991), esses médicos buscavam meios para a solução de problemas que somente poderiam ser sanados por intermédio de profundas transformações econômicas e sociais. Para o período, acrescenta a

autora, as propostas eugenistas foram o exemplo mais marcante dessa atitude entre os médicos brasileiros.

Por isso mesmo, tomar parte na Sociedade de Medicina significava, além da possibilidade de prosseguir atuando em conjunto com médicos de renome, tidos como verdadeiros homens de ciência, tomar conhecimento e contribuir nas suas problemáticas e ambições de intervenção na sociedade. Homens que se articulavam em torno de objetivos comuns, entre eles o de fortalecerem-se como um campo cada vez mais autônomo e influente na política, na gestão da sociedade, nos destinos do seu país.

Possibilidade de, não apenas revelar dotes de oratória, mas também dotes científicos e políticos. Trazendo à público diagnósticos e terapêuticas para corpos enfermos, inclusive para o corpo social, desautorizando algumas verdades que se tentava derrubar, colocando outras em seu lugar. Acumulando com isso capitais outros, além daqueles que já trouxera dos tempos da faculdade médica e de Manguinhos. Essas mesmas possibilidades foram por ele buscadas em outras agremiações médicas.

5.2.2 A Sociedade de Pediatria, a Academia Nacional e outras associações médicas

No dia 27 de julho de 1910, dois anos após defender sua tese no curso de Medicina, Aleixo de Vasconcellos tomou parte, como sócio fundador, na criação da Sociedade Brasileira de Pediatria. Firmava-se assim ainda mais ao lado de médicos como Moncorvo Filho e Fernandes Figueira, este último o idealizador e primeiro presidente daquela entidade, condição na qual permaneceu até 1927. Evidência do

reconhecimento conferido pelos demais médicos à iniciativa – em grande parte, talvez, por ter Figueira à sua frente -, a Sociedade passou a reunir-se, até 1929, nas dependências da Academia Nacional de Medicina.⁸

Anos mais tarde, a partir da sugestão do médico Olyntho de Oliveira, Vasconcellos recebeu o título de membro honorário da entidade. Por indicação de Fernandes Figueira, tornou-se também sócio da Sociedade Internacional de Pediatria, sediada em Paris (VASCONCELLOS, 1931; 1935a).

Passaram-se alguns anos mais para que Vasconcellos finalmente fosse aceito pela Academia Nacional de Medicina - ANM, entidade extremamente exigente e elitista, assumindo a condição de membro titular. Isso veio a ocorrer no ano de 1935. Então, ocupou a vaga deixada por Carlos Chagas na cadeira de número 89, como membro da Seção de Ciências Aplicadas à Medicina e Farmácia.⁹

Para ingressar na ANM, havia a exigência da apresentação e aprovação de um trabalho de natureza científica. Vasconcellos obteve sua aceitação por intermédio de um estudo relativo à *Pyuria*¹⁰ encarada sob o ponto de vista clínico e bacteriológico, cuja avaliação foi feita pelos médicos Antonio Cardoso Fontes, Barros Terra e Domingos Niobey.

Os investimentos empreendidos ao longo dos anos renderam-lhe finalmente a glória de tornar-se aceito pelos seus pares-concorrentes da ANM. Vinte e sete

⁸ Após o falecimento de Fernandes Figueira, em 1928, as reuniões da Sociedade de Pediatria passaram a ter lugar nas dependências ocupadas pela Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. A sede da Sociedade de Pediatria, entre 1910 e 1928, foi a Policlínica de Crianças, onde atuavam Figueiras e Vasconcellos.

⁹ Nesta academia, atuou como diretor de museu entre 1936 e 1937, orador oficial entre 1941 e 1942, e presidente da Seção de Ciências Aplicadas à Medicina e Farmácia, de 1951 a 1953 (ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA, s.d.; VELHO SOBRINHO, 1937, p. 178). O registro da sessão em que Vasconcellos foi empossado como membro titular da Academia Nacional de Medicina aparece no seu *Boletim*, v. 107, n. 2, 1936.

¹⁰ A piúria consiste na eliminação de urina com pus.

anos após a defesa de sua tese, Vasconcellos firmava-se definitivamente entre os homens de ciência que se auto-reconheciam em função da dedicação à medicina no Brasil.

Tal dedicação não era a única característica que aqueles agentes partilhavam. Miguel Couto, presidente da entidade por mais de vinte ininterruptos anos, até as vésperas do ingresso de Vasconcellos como seu membro efetivo, foi um dos mais destacados defensores da eugenia no Brasil. Atitude na qual era seguido por tantos outros agentes de renome pertencentes aos seus quadros, tais como Moncorvo Filho, Afrânio Peixoto, Renato Kehl, Carlos Seidl, entre outros mais.

Tanto Couto, quanto Seidl revelaram suas fortes inclinações em favor de uma eugenia de tons racistas, por exemplo, posicionando-se de forma contrária à imigração de japoneses para o Brasil, no início da década de 1920. O clamor daqueles médicos era justificado pelo fato de incluírem os orientais entre as raças não compatíveis com aquela que imaginavam eles estar em processo de formação no Brasil. Por isso consideravam não desejável o seu ingresso em maior número no país, pelos riscos de tornar mais ampla e degenerada a miscigenação entre diferentes raças.

As palavras de Carlos Seidl (1924, p. 601-603) servem de exemplo de como essa perspectiva poderia ser expressa. Segundo Seidl:

País em caldeamento perpétuo e ainda no período agudo de formação, o Brasil tem de estudar os elementos que devem intervir na sua existência, com mais cuidado do que qualquer outro. As extensões territoriais aqui não aconselham outra conduta. A ciência médica não hesitou em opinar pela limitação da entrada de amarelos. (...)

Enquanto não chegamos ao ideal da 'homogeneização humana' (...), enquanto tarda o passo de tão lenta evolução, não devemos esquecer o resguardo da nossa composição étnica.

Questionando-se em relação aos critérios empregados no Brasil para a seleção dessas elites médicas, o cientista social Odaci Luiz Coradini (1997) destaca que, na escolha dos titulares da ANM nos tempos imperiais, então denominada Academia Imperial de Medicina – AIM, prevaleciam o patrimonialismo e as relações diretas com agentes envolvidos com o poder político central. Posteriormente, com a implantação da República, a inserção em determinadas esferas profissionais e nas burocracias públicas passou a ser a chave para tal ascensão.

Segundo detalha o autor:

A principal diferença, e a mais geral, em relação às condições anteriores, é que as redes nas quais se realiza esse capital social já não são centralizadas no poder central ou na figura do imperador; formam um conjunto mais vasto de redes que perpassam as esferas educacionais, profissionais e de consagração (como a Academia de Medicina). Em outras palavras, a estrutura de mediação torna-se menos radial e mais multicentrada. O parentesco, a amizade, a patronagem profissional e suas vinculações com a política continuam a ser as principais bases sociais (...) das relações de reciprocidade, mas aumenta muito a amplitude e diversidade de sua realização. Por fim, amplia-se, também, enormemente, a quantidade de títulos (escolares, profissionais e honoríficos) devido aos avanços técnicos, à complexificação da profissão e ao fato de a carreira envolver um conjunto mais diversificado de esferas de atividades e maior consagração cultural através da literatura. (Ibid., p. 447)

Por isso, o autor é taxativo ao defender que a posse de capital social ainda prosseguia indispensável para a ascensão, inclusive à condição de membro efetivo da ANM. A posse de títulos escolares, profissionais e honoríficos não era,

evidentemente, dispensada. Muito pelo contrário. Contudo, eles não eram suficientes se não estivessem devidamente acrescidos de boa dose de capital social.

Esses capitais social e cultural possibilitaram que Aleixo de Vasconcellos se tornasse também membro de outras associações médicas. Até meados da década de 1930, podem ser citadas ainda: a Sociedade Brasileira de Patologia Clínica, da qual, além de sócio fundador, foi o segundo presidente, entre 1946 e 1947 (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PATOLOGIA CLÍNICA, 2003, p. 22); a Sociedade Internacional de Higiene; a Associação Internacional de Microbiologia; a Liga Brasileira contra a Tuberculose; a Sociedade Brasileira de Microbiologia, como membro honorário; a Liga Proletária Antituberculosa de Belo Horizonte, na qualidade de sócio benfeitor; a *American Public Health Association* (Associação Americana de Saúde Pública) (VASCONCELLOS, 1935a, p. 4-5).

Desta última, tornou-se membro em 1923, quando esteve nos Estados Unidos. Um de seus ativos presidentes entre 1912 e 1922, John Newell Hurty, foi também secretário do *State Board Health* e comissário de saúde entre 1896 e 1922, quando aposentou-se.

Hurty escreveu o primeiro regulamento amplo relativo a alimentos e drogas dos Estados Unidos, o qual foi adotado em 1899 pelo Estado de Indiana, servindo de modelo à legislação federal, à qual precedeu em vários anos. Nele procurou abranger medicamentos, antissépticos, desinfetantes, cosméticos, confeitos, condimentos e todos os alimentos e bebidas utilizados pelo homem. Também inspirou a adoção de métodos de registros de estatísticas vitais adotadas pelo *Department of Health* (Departamento de Saúde) de Washington (SAUNDERS, 2006).

Vasconcellos teve possibilidade de conhecer parte dessa ampla regulamentação relativa aos alimentos e drogas, visitando alguns órgãos governamentais de Nova Iorque, tais como o *City Bureau of Laboratories* (Departamento Municipal de Laboratórios), o *Health Department* (Departamento de Saúde) e sua *Division of Foods and Drugs* (Divisão de Alimentos e Drogas) (WELLS, 1923a, 1923b, 1923c). E posteriormente, como membro da *American Public Health Association*.

Declarado eugenista, Hurty era ainda um árduo defensor da esterilização obrigatória de todos os criminosos condenados. Seu argumento era a economia que o Estado poderia fazer, por assim não se tornar obrigado a sustentar os herdeiros desses condenados, que ele considerava destinados ao crime por herança genética, e, assim sendo, impossíveis de “curar” (BLACK, 2003, p. 131).

5.3 AS ASSOCIAÇÕES E INSTITUIÇÕES MÉDICAS BRASILEIRAS E A EUGENIA

Considerada uma relevante problemática a todo instante debatida naquelas agremiações médicas freqüentadas por Vasconcellos, a eugenia será privilegiada nas reflexões que se seguem. Para tanto, foram eleitos três médicos que, além do destaque e projeção no período e do interesse pela causa eugênica, a elas estavam ligados no mesmo período em que Vasconcellos delas tomou parte.¹¹ São eles: Moncorvo Filho, Castro Barreto e Renato Kehl.

¹¹ Por isso mesmo não se fez referência à ANM, uma vez que o ingresso de Vasconcellos naquela entidade se deu após o período privilegiado no presente trabalho, embora seja inegável que esse fator não o impediu de ter acesso aos debates que lá aconteceram.

Antes, contudo, objetivando situar o debate em termos mais amplos, é importante retornar, embora de forma sucinta, às primeiras proposições de cunho eugenista, ainda na Europa de meados do século XIX, inclusive para melhor evidenciar as singularidades daquele movimento científico-social no Brasil e na perspectiva de Aleixo de Vasconcellos.

5.3.1 Os princípios eugênicos segundo Francis Galton

Após conhecer as conclusões de seu primo Charles Darwin, expostas em *A origem das espécies*, o naturalista inglês Francis Galton realizou estudos cujas influências vieram a estender-se século XX adentro. Dando origem a uma nova e controvertida área do saber, a eugenia, Galton afirmou seu intento de trabalhar pela melhoria física, mental e moral da raça humana, ou seja, pela regeneração racial do homem.

Em suas origens, o desenvolvimento da eugenia significou a transposição para a sociedade das hipóteses de Charles Darwin a respeito da evolução biológica. Tanto quanto Darwin, Galton acreditava na tendência à perfeição entre todas as raças humanas. Ou seja, esperava que todos os povos fossem capazes de alcançar os níveis de civilização verificados entre os povos “mais avançados”, por ele indicados como sendo os da Europa Ocidental. Galton, assim como tantos outros pensadores europeus do período, percebiam-na como o mais perfeito, senão o único, modelo de civilização.

Contudo, supunha que seria absolutamente inadmissível que o homem simplesmente se limitasse a esperar que a seleção natural ou a educação

realizassem tal obra grandiosa. Pensando assim, argumentava que caberia aos cientistas desenvolverem mecanismos que acelerassem o melhoramento racial humano, de forma similar à seleção artificial dos animais domesticados.

Esses mecanismos se resumiriam na eugenia, um conjunto de leis e métodos estatísticos que favoreceriam a reprodução dos melhores indivíduos – uma seleta elite eugênica -, impedindo ainda a reprodução dos representantes das raças inferiores, ou menos aptos. Tais indivíduos superiores, os quais se acreditava dotados de superiores qualidades, seriam os únicos aptos a construir sociedades verdadeiramente civilizadas e a realizarem os mais altos objetivos imagináveis para o gênero humano.

Com essas medidas, Galton esperava reverter os efeitos de um equívoco que dizia verificar-se nas sociedades civilizadas. Segundo suas conclusões, ao diminuir o rigor das leis naturais de seleção, a civilização estaria permitindo a sobrevivência também dos seres humanos menos aptos, os quais teriam perecido em outras épocas.

Ora, enquanto pesquisas como as de Darwin e Mendel visavam dar explicações sobre a hereditariedade das demais espécies animais e vegetais, Galton já pensava nessa problemática relativamente ao homem. E, segundo proposições suas, no caso humano a hereditariedade se encarregaria de levar adiante, por intermédio da descendência, não apenas as características físicas, facilmente perceptíveis, tais como a cor dos cabelos, da pele, dos olhos, mas também as qualidades mentais, intelectuais, morais, emocionais, criativas.

Por conta disso, Edwin Black resume:

A eugenia era um método protocientífico em busca de dados que o justificassem como ciência. Galton havia descrito o homem eugenicamente bem nascido como uma tendência científica, e procurou desesperadamente quantificar o processo biológico. Afinal, se pudesse ter avançado da mera descoberta de um mecanismo científico, controlador do caráter humano, para efetivamente predizer a qualidade dos que ainda não nasceram, seu conhecimento se tornaria quase divino. Em teoria, o senhor de qualquer programa eugenista obrigatório poderia brincar de Deus – decidindo quem deveria, ou não nascer. (BLACK, 2003, p. 60)

Com o prosseguimento de suas reflexões, Galton chegou a concluir que fora um erro supor possível intrometer-se a tal ponto nos interesses pessoais e íntimos das pessoas. Ao iniciar-se o século XX, deu-se conta que sociedades democráticas jamais poderiam conciliar medidas restritivas aos casamentos. “A natureza humana”, acentuou Galton (Apud BLACK, 2003, p. 78), “jamais toleraria a interferência na liberdade da escolha matrimonial”.

Contudo, uma vez lançadas, suas idéias não mais lhe pertenciam. Os usos diversificados a que se prestaram escaparam totalmente ao seu controle, indo muito além daquilo que ele inicialmente propôs ou sequer teria imaginado possível.

O tempo passou, as idéias de Galton e de seus seguidores se expandiram, chegando inclusive ao Brasil e originando assim representações e práticas as mais diversificadas.

Os exemplos que se seguiram de adoção de propostas de natureza eugênica conduziram, nos casos mais extremos, a políticas de extermínio daqueles percebidos como representantes inferiores da espécie humana. Desta forma, em breve e esclarecedor ensaio sobre os estudos empreendidos pelos geneticistas nazistas, Bernardo Beiguelman (1990) deixou bastante claro que, sob o amparo daquela ciência, práticas e políticas discriminatórias, excludentes e criminosas

podem encontrar oportunidade de se difundir livremente, e por longo tempo, pela sociedade.

A partir de exemplos da utilização de seres humanos em experimentos realizados por médicos a serviço do Terceiro Reich alemão, atrocidades cometidas em nome do aperfeiçoamento racial foram por ele denunciadas. O autor fez assim pertinentes alertas sobre questões atinentes à eugenia, à genética e à ética.

5.4 BRASIL: AS VÁRIAS EUGENIAS POSSÍVEIS

Conhecendo detalhes em torno dessa ciência e atraente movimento social para parcelas da sociedade do início do século XX, pode causar certa surpresa constatar-se que intelectuais como Monteiro Lobato, celebrizado por seus personagens infantis, entre muitos outros nomes de prestígio e projeção na sociedade brasileira, incluiu-se entre os defensores do movimento eugênico.¹²

Observa-se contudo que, uma vez trazida para o Brasil, na virada do século XIX para o XX, a eugenia não foi simplesmente transposta, por assim dizer, em sua “pureza original”. A partir de então, ao servirem-se das proposições de Francis Galton, intelectuais, médicos e homens de ciência brasileiros fizeram muito mais que simplesmente “copiar” idéias. Um procedimento de adaptação e/ou reformulação original, criativo, crítico e seletivo teve lugar quando, em solo brasileiro, tentou-se divulgar e aplicar princípios interpretados como eugênicos.

¹² Essas observações servem para reafirmar que a eugenia apresentou variações nas formas como foi proposta e colocada em prática. Além disso, mostra também que o movimento eugênico não interessou e mobilizou apenas médicos e cientistas. Uma análise da perspectiva eugenista de Lobato será objeto do capítulo seguinte.

Diante de tal constatação, importa questionar de que maneira isso pode ser observado no caso de Vasconcellos. Ou: como portou-se ele em relação à eugenia? É isso o que se pretende evidenciar a partir do estudo em torno da perspectiva defendida por Aleixo Vasconcellos, sob o pretexto de fazer a “defesa da espécie” (VASCONCELLOS, 1924o).

Para melhor exemplificar, em seguida, as proposições do agente serão analisadas em contraposição às de Moncorvo Filho, Castro Barreto e, principalmente, Renato Kehl. Todos eles, seus companheiros naquele período em diversos espaços, como o da Sociedade de Medicina e Cirurgia. O último deles apontado como um dos eugenistas brasileiros que mais se destacou na busca de soluções para os “problemas da raça” no seu país.¹³

Ao fazer essas análises é importante que se tenha em conta que os agentes em questão estavam inseridos num contexto anterior àquele em que se tornaram conhecidos os crimes nazistas, perpetrados em nome da eugenia e da pureza racial e que conduziram à condenação da eugenia.

Tratava-se de um momento em que, nos Estados Unidos - nação que esteve na vanguarda eugênica até a década de 1930, onde nasceram as práticas de eugenia negativa e país que inspirava a admiração de Vasconcellos¹⁴ -, a

¹³ Para tanto, permitimo-nos o uso de trabalhos deste último, produzidos em diferentes momentos, no intuito de evidenciar algumas das variações sofridas por sua perspectiva.

¹⁴ Embora, com seus primeiros mestres, tenha aprendido a devotar admiração à velha Europa, o grande modelo de civilização ainda nos tempos da *Belle Époque*, a partir da Grande Guerra os Estados Unidos tenderam a assumir aquela condição. Isso, no caso de Vasconcellos, acentuou-se em 1923, quando ele teve oportunidade de lá permanecer durante curto período, na condição de delegado do Brasil na Conferência Internacional de Laticínios. No que se refere à eugenia norte-americana naquele contexto, o país se destacava como pioneiro ao introduzir leis de esterilização coercitiva em 1907, sendo que o montante das esterilizações inspiradas no ideal eugenista chegou à casa dos 70 mil até o final da Segunda Guerra Mundial (DE LUCA, 1999, p. 153). William Schneider destaca como

esterilização compulsória era proposta e/ou adotada de forma crescente como prática eugênica, parecendo, ao mesmo tempo, difícil pôr em dúvida que todo e qualquer trabalho pautado em fundamentos eugenistas deveria servir, como sempre pregaram seus defensores, para o bem e para a felicidade de todo gênero humano.

Período este em que qualquer agente enfrentaria dificuldades ao tentar demonstrar como incorretas as palavras do médico paranaense João Cândido (1923, p. 5), o qual afirmou que os ensinamentos eugênicos formariam a base da força, da beleza, da saúde e da felicidade humana.

5.4.1 Moncorvo Filho, Castro Barreto e a “grandiosa obra de hominocultura” em favor da infância e da pátria

A infância, como já foi observado, constituiu uma grande fonte de preocupações para Moncorvo Filho. Também Castro Barreto, um dos colaboradores de Vasconcellos na revista *Leite e laticínios*, a ela dedicou-se em suas prédicas eugenistas. Em 1925, foi especialmente convidado por Aleixo de Vasconcellos para presidir a primeira sessão ordinária da Primeira Conferência Nacional de Leite e Laticínios (1926, p. 27, 52). Ao pronunciar-se no encerramento dos trabalhos por ele coordenados, Barreto destacou a relação que entendia presente entre o tema central daquele evento, qual seja, o leite, com a infância e a eugenia. Todos eles constituiriam assuntos de primeira grandeza no interior daquele “empreendimento em prol do progresso e engrandecimento do nosso país” (Ibid., p. 53).

uma característica comum aos propósitos eugenistas norte-americanos e alemães o esforço por manter a pureza da raça nórdica, em favor do desenvolvimento da espécie humana (SCHNEIDER, 1982, p. 290). Também foram os Estados Unidos o país onde pela primeira vez se propôs o uso de câmaras de gás para a eliminação de indivíduos tidos como degenerados.

Como geralmente se observava, os discursos em defesa da eugenia tendiam a enfatizar que o seu objetivo maior estaria relacionado aos destinos não apenas do país, mas da própria humanidade, ou da “espécie”, como gostavam de dizer. Significariam a diferença entre a ruína de uma nação ou a sua ascensão a um patamar civilizacional superior. A eugenia estaria, portanto, inserida no rol das “grandes operações civilizadoras” (BARRETO, 1929, p. 321).

Preocupado com o “aperfeiçoamento da raça”, Barreto fazia eco aos clamores de Moncorvo Filho, quando este defendia que os poderes públicos e os médicos deveriam dedicar especial atenção à infância, que, no Brasil, estaria abandonada (BARRETO, 1922, p. 208). Essa realidade colocaria em risco o futuro da raça e da nação, que ficaria cada vez mais privada de homens em condições de trabalhar pelo seu progresso.

Entre outros aspectos, atribuía grande importância à alimentação e, no caso mais específico da infância, ao leite, que afirmava ser importante fator de “eugeniação das populações” (BARRETO, 1920b, p. 735).

Entendia também imprescindível o trabalho médico em favor da “maternidade consciente”. E discorrendo a respeito do assunto, já no final da década de 1920, passou a enfatizar um novo aspecto ao qual não atribuíra anteriormente maior atenção: a educação. Entendida esta como a divulgação de noções de higiene, visando favorecer a aquisição de procedimentos e hábitos condizentes com as prédicas eugênicas.

Nas suas palavras: “Nenhum meio mais simples de verificar os efeitos do estado precário da educação do nosso povo, do que nas condições em que se opera a maternidade: num alto percentual é ela inconsciente, sem a mais vaga noção da

grande responsabilidade que acarreta nos aspectos vários que vão do sentimental ao eugenético, do econômico ao patriótico” (BARRETO, 1929, p. 321).

Assim se posicionando, suas concepções relativas à eugenia apresentavam-se em sintonia com algumas daquelas defendidas por Aleixo de Vasconcellos. Ele também um homem de ciência que se propunha interessado em zelar pela raça, destacando a importância do papel da alimentação e dos cuidados com a infância. Destacando, por fim, a relevância de um amplo trabalho em favor da educação higiênica, a qual teria positivos reflexos na eugeniação do homem brasileiro.

Por sinal, entende-se que foi por conta da inserção de Vasconcellos e de Castro Barreto nas burocracias estatais voltadas à saúde pública que a atenção de ambos dirigiu-se com particular ênfase para o leite bovino como alimento humano. Vasconcellos, conforme referido, dirigiu a Seção de Leite do Ministério da Agricultura por doze anos. Barreto exerceu por longo período função de chefia no Serviço de Fiscalização do Leite do Departamento Nacional de Saúde Pública (PEREIRA NETO, 2001, p. 167).

Ambos, na década de 1920, aproximaram-se e passaram, assim, a dar maior ênfase em seus pronunciamentos tanto ao leite como à educação higiênica. Talvez até, no que se refere à educação, Vasconcellos tenha lhe servido de inspiração, uma vez que, além da proximidade e do convívio entre ambos na Sociedade de Medicina e em congressos, desempenhavam também funções com certa similaridade enquanto servidores do Governo Federal. Mas, antes ainda destes dois agentes voltarem-se para o problema da educação e do analfabetismo, Moncorvo Filho já vinha alertando para o mesmo.

Moncorvo Filho foi um dos agentes que mais dedicou atenção à infância, nas primeiras décadas do século XX, como forma de dar sua contribuição à “ciência da eugenia”. E reivindicava para si, assim como para seu pai, papel relevante nessa cruzada em favor da infância, da ciência de Galton e “do melhoramento da humanidade” (MONCORVO FILHO, 1920a, p. 247).

Segundo suas palavras: “Foi Moncorvo pai que no Brasil levantou o primeiro grito pela eugenia”, ao que acrescentou: e “durante toda a sua existência propagou os melhores conhecimentos de higiene infantil em nosso meio”, originando-se daí “numerosa plêiade de pediatras e puericultores que enriquecem hoje as letras médicas do nosso país”, entre os quais ele mesmo estaria inserido, muito embora “em último lugar, sem o menor valor”, naquela “grandiosa obra de hominocultura” (Ibid., p. 247, 248).

Não é o caso de se questionar se realmente foi ou não o seu pai o primeiro a se dedicar àquele empreendimento. O que se destaca em tais afirmações, mais que o pretenso pioneirismo, é a ênfase na eugenia, a preocupação de buscar meios para aprimorar a qualidade da população brasileira, através do trabalho com a infância, a aproximação dos termos raça e nação, propondo que o aperfeiçoamento da primeira conduziria ao da segunda.

Nesse empreendimento, também Moncorvo Filho posicionou-se de maneira favorável à propagação de hábitos higiênicos, tarefa esta onde os médicos ocupariam lugar de destaque, como legítimos representantes da ciência.

Homens como Castro Barreto, Moncorvo Filho e Aleixo de Vasconcellos diziam-se alarmados com os expressivos índices de mortalidade infantil verificados

no país. Afirmavam que esse quadro seria devido à ignorância, aos maus hábitos, à falta de educação e, portanto, seria perfeitamente reversível.

Muitas das mortes, diagnosticavam Vasconcellos e Barreto, seriam decorrentes de distúrbios digestivos, disenterias, e outras enfermidades associados à má alimentação, em especial, ao consumo do leite contaminado. Esse último, apontado como importante fator de mortalidade infantil, associava particular interesse e valor ao papel desempenhado por órgãos como a Seção de Leite e o seu Serviço de Fiscalização, dirigidos por aqueles dois homens de ciência.

Reafirmava-se destarte o diagnóstico de ignorância. Se todos estivessem cientes e adotassem procedimentos higiênicos, ponderavam eles, o leite chegaria a seus consumidores em condições higiênicas, a raça se fortaleceria, a mortalidade seria reduzida a índices bem inferiores.

Portanto, na concepção de ambos os agentes, eugenia seria sinônimo de higiene e educação. Higiene individual, do meio e coletiva. Educação entendida como extensão à totalidade da população de saberes chancelados por determinados agentes dotados de legitimidade para tanto. Ou seja, pelos homens de ciência. Pois saberes e práticas percebidos como nocivos, que comprometeriam a espécie, estariam amplamente disseminados e seriam adotados pelos “ignorantes” de todo o país. Estes teriam que ser sumariamente eliminados pois afastariam o homem brasileiro da prosperidade, da civilização e do progresso.

Uma diferença, contudo, que se observa entre os três agentes em questão é que tanto Moncorvo Filho, quanto Castro Barreto reafirmaram em diversas ocasiões seu empenho em nome da eugenia. E o fizeram assumindo de forma evidente, sem eufemismos, empregando a expressão inúmeras vezes.

Aleixo de Vasconcellos, não. Embora se revelasse próximo de tantos e tantos eugenistas – e nem poderia ser diferente no campo médico e em outros espaços sociais de então -, ele sempre omitiu a expressão. Nunca empregou o termo eugenia em qualquer tese, estudo, artigo, ensaio, conferência, discurso, ou entrevista concedida. Não tomou parte do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, de 1929, no qual muitos de seus pares-concorrentes participaram ativamente. Miguel Couto, Castro Barreto e Renato Kehl, por exemplo.

Não se pode dizer, contudo, que não tenha se associado a instituições ou entidades de cunho exclusivamente eugenista. Aliás, como distingi-las – talvez fosse mais correto dizer: encontrá-las -, no período, entre aquelas de natureza médica? Mas também não se associou a nenhuma, no Brasil ou no Exterior, que carregasse a expressão eugenia em sua denominação.

Temente à Deus, católico, poderia estar aí a explicação para semelhante atitude. Contudo, embora a Igreja Católica tenha se posicionado contrária ao movimento eugenista, essa postura somente se tornou oficial e evidente em 31 de dezembro de 1930, com a promulgação da encíclica *Casti Connubii* (Nubentes Castos), do papa Pio XI (BIZZO, 1995, p. 29; BLACK, 2003, p. 380-381). Por isso, esse não emprego da expressão eugenia não deve ter guardado relação com seu credo religioso e o conseqüente respeito às determinações oriundas do Vaticano.

Tampouco, é bem verdade, em momento algum Vasconcellos dirigiu qualquer crítica ou comentário desabonador aquele movimento científico-social. Sequer recusou o rótulo de eugenista que outros lhe afixaram. Ao contrário disso, fez eco a muitos de seus ideais e certezas - embora nem a todos eles, como era

comum de se observar entre os demais eugenistas. Defendeu-os e contribui para divulgá-los e valorizá-los, sob uma ótica toda particular.

Essa atitude significa, além do mais, que dizer-se ou não eugenista naqueles tempos não significava, necessariamente, desprezar ou desacreditá-la totalmente. Como já se observou, era aquele um período em que a regra era enaltece-la como a mais sábia e generosa das ações possíveis ao alcance da medicina e, como tentavam evidenciar alguns governantes norte-americanos, das políticas públicas, principalmente daquelas voltadas à população miserável.

Era ela percebida como a ferramenta por excelência com a qual se poria fim a significativo número de enfermidades físicas, morais e psicológicas, além das “doenças sociais” – extremamente diversificadas, abrangendo a miséria, a criminalidade, o alcoolismo, entre outras.

Por isso - e não apenas porque Vasconcellos perfilou-se ao lado de médicos defensores da eugenia e foi por alguns deles aclamado como mais um defensor e divulgador da mesma -, porque a defendeu e fez a divulgação de muitos de seus ideais, ele é aqui enquadrado entre os eugenistas brasileiros das primeiras décadas do século XX. Esse eufemismo seu em relação à eugenia, contudo, não se faz ainda perfeitamente inteligível. São necessários mais elementos para sua compreensão.

E talvez mesmo por conta de tais ambigüidades, nem tudo era concordância entre homens que se ocupavam com a eugenia, fosse de forma mais explícita, como Moncorvo Filho e Castro Barreto, ou menos declarada, como Vasconcellos. Renato Kehl, provavelmente o seu maior divulgador no Brasil, conforme Stepan (1985; 1990; 1991), pode exemplificar essa situação.

5.5 ENTRE A DEFESA E A REGENERAÇÃO DA ESPÉCIE

Conforme foi analisando até aqui, entende-se que foi a partir de sua inserção em determinados espaços institucionais e das trocas que estabeleceu com outros agentes e instituições, que Vasconcellos encontrou meios e elementos para, não apenas formular, mas ainda trazer à público as suas representações.

Alçado à posição de chefe da Seção de Leite, o agente tendeu a acentuar sua ênfase na alfabetização e na educação popular, nela inclusa a higiênica, a qual passou a ser por ele apresentada como o grande recurso para a salvação do país. No entanto, para sua maior eficiência e melhor proveito, dizia ser indispensável realizar-se a prévia alfabetização de toda a população brasileira. Perspectiva esta que não era partilhada por muitos homens de ciência.

Um dos mais notórios defensores da eugenia no Brasil, seu amigo Renato Kehl, assim se pronunciou a respeito:

... a educação e as influências favoráveis do meio não são suficientes para melhorar a situação genética da coletividade, porque ambas afetam tão somente, o desenvolvimento do indivíduo e não a constituição da espécie humana. Essas influências são, por conseguinte, temporárias, devendo ser repetidas em cada geração. Não fazem o milagre de *criar* 'bons caracteres', apenas *revelam* 'bons caracteres', quando estes existem.

(...) A educação, tão somente, elucidando, convencendo, não conseguirá a regeneração humana. Impõem-se medidas outras de maior alcance, que influam na sua individualidade genética. Só as medidas eugênicas, atuando sobre as modalidades das aptidões hereditárias, garantem condições ótimas ao gênero humano, porque elas agem efetivamente, intrinsecamente, sobre os elos da cadeia da vida representados pelas células da imortalidade ou células da reprodução. (KEHL, 1939, p. 107-108, *itálicos no original*)

Renato Kehl, formado em Farmácia em 1909, e em Medicina seis anos após, foi um dos fundadores da Sociedade de Eugenia de São Paulo, em 1918, entidade que não sobreviveu a sua transferência para o Rio de Janeiro, ao final de 1919. Foi ainda um grande divulgador das idéias de Galton no Brasil, também insistindo que a inteligência, o talento, a vocação, assim como as características degeneradas, seriam transmitidas dos pais para os filhos, por meios biológicos.

Sendo assim, e tendo em vista que a educação seria incapaz de regenerar corpos biologicamente inferiores, Kehl dizia que pouco haveria a se oferecer aos mal dotados, aos degenerados física e/ou mentalmente, ou às famílias com proles portadoras de males eugenicamente condenados. A eles restaria a atenção a ser oferecida pelo Estado.

Revelava assim uma visão sob um enfoque darwinista-social, sugerindo que, à semelhança do mundo natural, as sociedades humanas deveriam zelar pela sobrevivência dos mais aptos.

Não obstante, em 1922, Vasconcellos e Renato Kehl estiveram lado a lado como membros da Seção de Medicina Social, no transcorrer do Primeiro Congresso Nacional dos Práticos.¹⁵ O evento foi organizado pela Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e contou ainda com muitos outros nomes da elite médica brasileira.¹⁶

¹⁵ Essa foi uma entre muitas ocasiões em que ambos os médicos estiveram juntos. Essa situação se repetia continuamente por ocasião das sessões da Sociedade de Medicina e Cirurgia e, a partir de meados da década de 1930, na Academia Nacional de Medicina, das quais ambos eram membros efetivos.

¹⁶ Entre outros, apresentaram trabalhos no evento: Afrânio Peixoto, Miguel Couto, Carlos Seidl, Carlos Chagas, Moncorvo Filho, Arthur Moses, Belisário Penna, Castro Barreto (CONGRESSO NACIONAL DE PRATICOS, 1922). Para uma análise sobre o Primeiro Congresso Nacional dos Práticos, consultar Pereira Neto (2000; 2001).

Na ocasião, Kehl (1923) falou em defesa da “regeneração humana”, ou “aperfeiçoamento da espécie”, em nome do “progresso de um povo”. Tendo em vista aqueles objetivos, enfatizou o papel da hereditariedade. Esta deveria ser trabalhada visando “tornar a raça cada vez mais forte, vigorosa e bela”.

Antes de se seguir adiante, convém alguns esclarecimentos. Em 1922 Kehl afirmou, de forma contraditória à sua fala transcrita linhas atrás, que “instruir é eugenzar, sanear é eugenzar” e ainda postulou a “desumanidade inútil do neo-darwinismo” (KEHL, 1925, p. 876, 877). Ao que tudo indica, isso foi devido em grande parte, e naquele momento, à forte influência sobre ele exercida pelo movimento sanitaria dos anos 1910-20.

Cabe, no entanto, ter-se em conta que essas certezas foram por ele revistas. Assim, tempos depois e por motivos que não cabe aqui analisar, Kehl tanto passou a tender mais nitidamente ao darwinismo-social, quanto a minimizar os benefícios da educação.

Sendo assim, ao chegar a década de 1930, e sempre pensando em regenerar, tornar vigorosa e bela a raça, julgou ser necessário defender algumas medidas. Segundo o médico: “Para aumentar o *stock* destes tipos, isto é, de indivíduos eugenicamente sadios, ativos, inteligentes, audazes, cheios de iniciativa e de tenacidade, elevando, portanto, a média dos valores humanos, existem dois únicos processos: o fomento da fecundidade dos indivíduos de melhor estirpe e a restrição da prolicidade dos medíocres e inferiores” (KEHL, 1939, p. 110).

Independente das vontades individuais, o importante seriam os interesses e necessidades da pátria - neste caso, conforme revelados pelos médicos eugenistas.

Por isso, visando o desenvolvimento de uma “raça superior”, apta a trabalhar de forma a favorecer o progresso e a criação de riquezas, somente aqueles que ele dizia serem os “melhores exemplares da espécie” deveriam procriar. Percebendo, contudo, que em seu país nada vinha sendo feito a respeito, sintetizou que o Brasil seria uma República desmoralizada em busca de “homens válidos” (Apud STEPAN, 1991, p. 158).

O ensino, nessa perspectiva de Kehl, apresentava importância unicamente no sentido de tornar conhecidos pela população os meios por intermédio dos quais seria possível favorecer a “reprodução de tipos melhorados”, ou como se poderia obter a “multiplicação dos caracteres biológicos de aperfeiçoamento” das raças humanas (KEHL, 1923, p. 36).

Além disso, o ensino, a educação e a instrução higiênica somente teriam pleno êxito se dirigidos a indivíduos superiores em termos eugênicos. Isso ficou bastante claro em outro trabalho por ele publicado. No livro *Aparas eugênicas*, Kehl defendeu a organização de uma escola onde as elites eugênicas, em regime de internato, se manteriam ao abrigo das más influências da sociedade.

“Essa ‘escola-lar eugênica’, para Renato Kehl, teria o objetivo precípua de formar a nata do povo brasileiro, já que a grande maioria se achava desprovida das capacidades necessárias para vir a exercer qualquer tipo de liderança na sociedade” (VILHENA, 1993, p. 90).

5.5.1 Aleixo de Vasconcellos intervém em favor da “defesa da espécie”

Por sua vez, falando aos participantes do Congresso dos Práticos, Aleixo de Vasconcellos trabalhou o tema *Luta contra o analfabetismo* (VASCONCELLOS, 1923f). E, em termos dramáticos, qualificou o analfabetismo como um “fantástico inimigo que embrutece a alma, compromete a saúde, nulifica a espécie, avilta os ideais, enfraquece o país” (Ibid., p. 482).

Verifica-se que, diferente de Kehl, Vasconcellos apontava para o analfabetismo como o grande mal a ser evitado ao se pensar no futuro da espécie e do seu país, não revelando qualquer preocupação em interferir no direito à procriação dos indivíduos.

Ao abordar o tema, Vasconcellos inicialmente discorreu acerca da educação na Antigüidade apoiando-se na autoridade de autores como Sófocles e Platão. Referiu-se em seguida ao modelo espartano, citando Fustel de Coulanges. Destacou que em Esparta caberia ao Estado a educação das crianças. E conclui concordando com o procedimento: “Se os exemplos dos grandes homens da antiguidade não fossem sempre esquecidos, seria bastante lembrar-se deles, para impregnar-se rapidamente o espírito da boa doutrina na questão da instrução popular” (VASCONCELLOS, 1924p, p. 4).¹⁷

¹⁷ Esta passagem não aparece no texto que foi publicado nos anais do evento, mas consta em texto datilografado, datado de 1924, até recentemente guardado entre seus papéis e documentos pessoais, que agora compõem o *Fundo Aleixo de Vasconcellos*.

Em seguida, passou a referir-se ao Brasil dos tempos coloniais. José de Anchieta, Manoel da Nóbrega¹⁸ foram por ele destacados pelo trabalho em favor da “evangelização” e “civilização” dos indígenas.

Além do “erro colonial do desinteresse pelo ensino primário”, Vasconcellos prosseguiu enfatizando o que ele qualificou como o “erro da descentralização”, que teria sido cometido após a Independência, e o “erro da enorme desproporção entre o ensino secundário e superior e o elementar ou primário”. Com a República, sua expectativa era a de que não tardasse muito “a solução do problema do analfabetismo”, e que se desse logo “o combate sem tréguas e por todos os meios à ignonímia do analfabetismo” (Ibid., p. 477-480).

Como se vê, aguardava que o Estado assumisse para si a responsabilidade sobre a educação, o que ele percebia como um sábio exemplo que dizia legado pelos homens da Antiguidade Clássica.

Em seguida, Vasconcellos se propôs a esclarecer que, ao combater o analfabetismo, tinha por objetivo o problema do saneamento do Brasil e, não menos, a defesa da espécie. Nas suas palavras:

O problema do saneamento do Brasil pela educação popular envolve duas questões importantes: a da alfabetização do povo e a do ensino sistemático das noções capitais de higiene nas escolas e ao público leigo. Para a solução da primeira salta aos olhos a soma vultuosa que semelhante empreendimento acarreta. Mas, se para a realização deste ideal bastasse apenas dinheiro, não se poria dúvida em considerá-lo atingido. Porque não se gasta instruindo-se o povo,

¹⁸ Mais à frente Vasconcellos citou e apoiou-se na autoridade de uma plêiade bastante eclética, da qual faziam parte, entre outros: Medeiros e Albuquerque, Ruy Barbosa, Alfredo Elis, Arthur Bernardes, Oliveira Lima, Manoel Bomfim, Carneiro Leão, Almeida Júnior. Todos eles lembrados como agentes que, de alguma maneira, teriam dado importante contribuição à causa educativa.

capitaliza-se, criando-se novas fontes de riqueza que asseguram a formação de uma raça sadia e vigorosa, para o triunfo decisivo de uma nação. (Ibid., p. 480)

Constata-se assim a associação feita por Vasconcellos entre educar a população e garantir o futuro da raça e do país. Tanto ele, quanto Renato Kehl diziam-se, portanto, ocupados em trabalhar pelo futuro do país e em favor do aprimoramento da raça. Estavam de acordo em relação à pertinência daquela “problemática obrigatória”, como a denominaria Pierre Bourdieu. Contudo, sustentavam posições totalmente diversas e mesmo antagônicas em relação aos meios de se alcançá-la. Os caminhos propostos pelos agentes em direção àquele ideal eram inegavelmente distintos. Mais que isso, eram divergentes.

Pode-se agora fazer um breve retorno às idéias de Renato Kehl. Citando Leonard Darwin, filho de Charles Darwin e um dos líderes da *Eugenics Society*, de Londres, Kehl foi taxativo: “Quando os matrimônios entre indivíduos superiores, no sentido eugênico da palavra, forem mais fecundos que os entre indivíduos inferiores, a nação estará em progresso; no caso contrário, estará em decadência” (KEHL, 1923, p. 36).

Ou seja, numa equação bastante simples, para Kehl, progresso era sinônimo de raça eugênica; já a decadência seria obra de indivíduos, ou raças, inferiores. E, como já destacado, este médico tendeu a relativizar a influência da educação como procedimento eugênico.

Por sua vez, pregando em favor da alfabetização, da educação, da instrução higiênica, Vasconcellos também afirmou estar trabalhando em favor de uma raça superior e, por consequência, do progresso de sua pátria, no melhor estilo eugenista. Afinal, sanear o país e dotá-lo de uma raça vigorosa e saudável através

da educação popular significava, no seu entender, não apenas cuidar da raça, mas dar decisivos passos para a construção de uma nação civilizada, moderna, próspera.

Esse objetivo, afirmou, somente seria alcançado mediante a alfabetização do brasileiro. Alfabetizado, estaria ele finalmente em condições de superar seu estado de ignorância, do qual resultariam sua miséria, falta de saúde e de vigor físico, e sua pouca produtividade. Somente assim o Brasil poderia se constituir uma nação triunfante e se tornaria possível superar-se a “courage da ignorância” que Vasconcellos afirmou caracterizar os habitantes dos sertões brasileiros (VASCONCELLOS, 1923f, p. 481).

Constata-se que a formação de uma raça vigorosa e com seu futuro garantido era desejo tanto de Kehl quanto de Vasconcellos. Mas por vias diferentes, embora ambos indicassem como central a atenção dirigida à hereditariedade. Kehl, como destacado, propondo que somente espécimes superiores poderiam transmitir características superiores à sua descendência. Vasconcellos, acreditando que, via educação, o homem adotaria novos hábitos higiênicos. E assim se tornaria mais forte, saudável, produtivo. Essa condição superior, esse seu estado de saúde e conseqüente disposição ao trabalho e ao progresso seriam legados à sua prole.

Isso conduz a mais um aspecto no que se refere à apropriação da eugenia, na forma como ela se verificou no Brasil, dos tempos que se está tratando.

5.5.2 Novos elementos na controvérsia: herança de caracteres adquiridos

Essa concepção segundo a qual características adquiridas seriam legadas à prole conduz às conclusões de Nancy Stepan (1990), corroboradas por De Luca

(1999, p. 230-231) e Castañeda (1998). Segundo propõem as historiadoras, a crença de base neolamarckiana na herança de caracteres adquiridos se fez presente de forma muito acentuada no Brasil, no período em questão. E teria se estendido tanto aos médicos higienistas, quanto aos eugenistas.

Segundo William Schneider (1982, p. 270), essa crença na herança de caracteres adquiridos baseava-se na idéia segundo a qual o meio ambiente estimularia transformações físicas, que seriam transmitidas às gerações subseqüentes. Certeza esta característica da perspectiva eugenista francesa, a qual teria servido de inspiração aos seus adeptos brasileiros.

Mas constata-se que não era uma exclusividade francesa e que não foi somente na França que os brasileiros inspiraram-se. Entre os defensores desse neolamarckismo estava o filósofo inglês Herbert Spencer, muito conhecido na passagem do século XIX para o XX e popular entre a intelectualidade brasileira. Um dos grandes representantes do positivismo, foi ele o responsável pela popularização da palavra “evolução” e o criador da expressão “sobrevivência do mais apto”, habitualmente atribuída a seu amigo Charles Darwin (BLACK, 2003, p. 54). Expressões estas que talvez melhor caracterizem seu pensamento.

Spencer foi também um dos responsáveis pela reintrodução da hipótese da hereditariedade dos caracteres adquiridos, proposta por Lamarck no início do século XIX.¹⁹ Segundo Lamarck, um animal que fosse submetido a mudanças de meio ambiente adquiria novos hábitos, responsáveis por modificações na sua estrutura física pelo seu uso ou desuso mais acentuado. Estas modificações funcionais

¹⁹ Um estudo de caso em torno da apropriação do lamarckismo por Herbert Spencer pode ser encontrado em Martins (2004).

somáticas, ou caracteres adquiridos seriam transmitidos à sua prole. Sob tais circunstâncias e no correr de gerações, novas espécies iriam se desenvolvendo.²⁰

No mesmo período em que Spencer retomava o lamarckismo, Weismann demonstrou que as células somáticas e as reprodutivas são inteiramente distintas, invalidando as proposições de Lamarck ao evidenciar que transformações nas primeiras não alteravam as segundas.

Isso não impediu que Spencer recolocasse em debate as proposições defendidas por Lamarck, associando-as àquelas desenvolvidas por Charles Darwin em favor da seleção natural das variações operadas nos seres vivos. Segundo Darwin, era o meio ambiente que realizava a seleção em favor dos melhor adaptados. Somente os indivíduos favorecidos por suas características teriam a sobrevivência garantida na natureza, sendo os menos adaptados geralmente eliminados antes de poderem reproduzir-se.

Spencer, entre outros autores, estendeu essas reflexões para as sociedades, os costumes, instituições e idéias, perspectiva esta que se tornou conhecida como darwinismo-social. Lamarckismo mais darwinismo resultaram em concepções que, ainda no correr das décadas iniciais do século XX, norteavam o pensamento de muitos homens de ciência brasileiros.

Como destaca a historiadora Nancy Stepan (1985) essa crença neolamarckista na herança de caracteres adquiridos manifestou-se, no Brasil, como um esforço de adaptação e de adequação de teorias científicas que apontavam em outra direção. Stepan refere-se aqui ao determinismo de Johann Gregor Mendel, o

²⁰ Lamarck não fazia distinção entre o genótipo, a constituição hereditária dos seres vivos, e o fenótipo, ou sua aparência exterior. Ele foi o primeiro a propor que a evolução dos organismos vivos é regida por leis. Sobre Lamarck e suas quatro leis da variação das espécies, consultar Martins (1997).

qual, redescoberto no início do século XX, negava a herança de caracteres adquiridos. Com isso, se aceito ao pé da letra no Brasil, o mendelismo tiraria a força dos argumentos em favor do saneamento, tão caras aos intelectuais brasileiros naquele momento.

As teorias aceitas no Brasil sobre a hereditariedade foram, assim, norteadas em grande parte pela certeza de que pais - ou reprodutores - saudáveis, bem alimentados, higiênicos, legariam à sua descendência características superiores, evitando-se a degeneração da raça e contribuindo para o aperfeiçoamento genético.

Mas não se pode desconsiderar as variações que o pensamento de Kehl foi sofrendo em favor de uma perspectiva cada vez mais intolerante. Conforme afirmou em um de seus trabalhos:

Uma política eugênica terá, pois, de se desenvolver, considerando a *espécie*, o todo e não a *unidade*, o *indivíduo*. Instrução, educação, conforto, progresso beneficiam o indivíduo, sem vantagem genética para a descendência; seleção matrimonial, exame pré-nupcial, fomento da paternidade digna, retardamento da paternidade duvidosa, impedimento da paternidade indigna, limitação da natalidade em casos indicados, proteção às famílias de 'bem-dotados', segregação, esterilização, imigração selecionada, cruzamentos eugênicos, com impedimento para os disgênicos, consciência eugênica, esta última difundida nas escolas, nas casernas, nos lares, beneficiam geneticamente a espécie. (KEHL, 1939, p. 108, itálicos no original)

Percebe-se assim que a tendência lamarckista não impediu, no Brasil, a defesa de medidas de eugenia negativa, tais como as propostas por Kehl. E mais adiante o eugenista defendeu que o cruzamento entre diferentes raças resultava em prejuízo à descendência. Pretendendo fazer a divulgação das "vantagens do casamento dentro da mesma raça, da mesma classe e, quanto possível, dentro da profissão paterna ou da vocação predominante na família", acrescentou que

... a mestiçagem é dissolvente, desmoralizadora e degradante, prejudicando, portanto, o espírito superior visado pela procriação eugênica. É indiscutível o antagonismo e mesmo a repulsa sexual existente entre indivíduos de raças diversas. Só motivos acidentais ou aberrações mórbidas fazem unir-se v. g. um branco com uma negra ou vice-versa. E o produto deste conúbio nasce estigmatizado não só pela sociedade, como, sobretudo, pela natureza; está hoje provado, não obstante a grita de alguns cientistas suspeitos, que o mestiço é um produto não consolidado, fraco, um elemento perturbador da evolução natural. (Ibid., p. 120-121)²¹

Sendo assim, proporcionar boas condições de saúde a representantes inferiores da espécie não seria uma medida capaz de conduzir à regeneração da raça, segundo aquele médico eugenista.

Isto posto, pode-se retornar a Vasconcellos, destacando-se mais alguns aspectos da relação por ele estabelecida entre alfabetização, educação higiênica e hereditariedade. Segundo suas palavras, quem não soubesse ler e escrever não poderia “reter, nem compreender, nem explicar o que viu e ouviu diferente dos seus hábitos ordinários, das suas idéias entranhadas, do que lhe cantam aos ouvidos todos os dias os seus pais cheios de abusões e crendices e mergulhados na mais negra escuridão” (VASCONCELLOS, 1923f, p. 484). Note-se nessa passagem uma isolada, episódica, mas inegável referência ao negro como sinônimo de atraso.²²

²¹ Não obstante, havia afirmado anos antes, revelando uma ótica mais sanitaria, “Ninguém poderá afirmar a inferioridade dessa raça mesclada dos nossos sertanejos. Os caboclos são - sem vermes nem maleita, sem sífilis nem a intoxicação alcoólica -, podemos dizer, o padrão do homem eugenizado, e como eles, resistentes às grandes fadigas, às intempéries, à fome não há muitos na terra” (KEHL, 1925, p. 883).

²² O capítulo seguinte trará outro exemplo e aprofundará a questão. A respeito dessa associação entre negro e condição inferior, propõe Seyferth (1986, p. 56): “temos uma simbologia associada às cores branca e negra que reforça os estereótipos raciais: o branco é sinônimo de pureza e virtude enquanto o negro é associado ao mal, à impureza, ao diabo. A cor aparece portanto como o signo mais visível, marca racial e estigma social.”

Contudo, o que se pretende destacar neste momento é que, na sua perspectiva, a educação, ferramenta destinada a inculcar novos hábitos saudáveis, somente seria possível mediante a prévia alfabetização. Sem esta, sua ação seria de reduzido efeito. Sem ela, prevaleceria a influência atrasada, “negra”.

Afinal, prosseguiu Vasconcellos, tanto o adulto, como a criança, na condição de analfabetos, não se mostrariam em condições de tirar proveito convenientemente da instrução higiênica. O analfabetismo, impossibilitando-os de ter mais continuado acesso aos saberes higiênicos, faria com que permanecessem dominados pelos hábitos e saberes disseminados pela sociedade, “por conceitos absurdos” (Ibid., p. 485), em “negra escuridão” que os tornariam doentes e, por extensão, improdutivos. Verdadeiros representantes inferiores da espécie.

Ao referir-se a tais saberes e hábitos que taxava de absurdos e que pretendia combater, Vasconcellos propunha que todo o cotidiano da população devia ser disciplinado com base nos saberes médico-científicos. Assim, revelou-se preocupado com a higiene do brasileiro no que se referia ao seu duplo aspecto de asseio e de estado de higidez. A alimentação, o sono, o banho, entre outros detalhes do dia-a-dia da população, pregou o médico, deveriam alterar-se em favor da “defesa da espécie” (VASCONCELLOS, 1924o, p. 164).

Alfabetizar, portanto, era o primeiro passo para a superação de costumes, idéias, práticas e hábitos arraigados, criticados como nocivos à raça, pois se sucederiam de geração em geração, contribuindo para a degeneração humana.

Em outras palavras, alfabetizar consistiria num primeiro passo para a defesa da espécie. Defendê-la, contudo, pressupunha não somente alfabetizar, mas ainda ensinar higiene, oferecer condições de saúde. Daí resultaria uma descendência

saudável, vigorosa, pois Vasconcellos entendia que pais saudáveis e dotados de hábitos higiênicos iriam gerar filhos também saudáveis. E isso sem revelar maiores preocupações em saber se houvera mestiçagem ou não, apesar das restrições quase que inconscientes ao negro...

Mas a saúde, uma vez alcançada, deveria ser preservada. Ela somente seria possível na presença de hábitos higiênicos, pois a ameaça da degeneração estaria sempre à espreita. Portanto, segundo o credo de Vasconcellos, os pais tanto deveriam legar boas condições de saúde aos seus filhos, quanto transmitir-lhes hábitos higiênicos. E assim sendo feito, uma população que naquele momento se revelaria doente, fraca, improdutiva, atrasada tenderia a ir superando aquela condição. Em seu lugar, uma raça forte, saudável, progressista poderia se apresentar.

Importava, pois, alfabetizar, educar, transformar hábitos, impor a higiene. Assim teria de ser o trabalho em defesa da raça defendido por Vasconcellos. A educação, modificando hábitos, não apenas transformaria para melhor as gerações no presente, como seria a garantia de que as futuras também seriam gerações de homens vigorosos.

5.6 EUGENIA OU EUGENIAS?

5.6.1 “Os médicos (...) vivem uma vida diferente da dos outros homens”...

Os médicos são como poetas. Vivem uma vida diferente da dos outros homens. O sofrimento e o amor plasmam a sua constituição, preparam o espírito e indicam a estrada a percorrer. Todos penetram o mundo das ilusões e procuram esmaecer as

vivas cores da realidade com os matizes suaves das suas obras. As emoções inspiram os poetas permitindo-lhes vazar o estro privilegiado e aos médicos fazem bater mais fortemente o coração, a cada passo solicitado tanto nas expansões de júbilo profissional como nos revezes que sucedem ao procurar isso, vivem menos. Morrer no trabalho, no exercício ativo da profissão, socorrendo um enfermo, indiferente à precariedade da própria saúde, quando combatida e periclitante, é norma de viver e morrer dos discípulos.

Aleixo de Vasconcellos (1942)²³

Dizendo-os iguais aos poetas, Vasconcellos afirmou certa feita que os médicos viveriam uma vida diferente da dos outros homens, uma vez que o “sofrimento e o amor” plasmariam a sua constituição. Não seriam, portanto, homens “comuns”.

Vasconcellos, por exemplo, era um homem de ciência. E como homem de ciência esforçou-se para, nas suas palavras, “esmaecer as vivas cores da realidade com os matizes suaves das suas obras”. E que realidade era essa? Atraso, degeneração, ignorância. Seus mestres homens de ciência assim a interpretavam.

O discípulo não lhes contestou em profundidade o diagnóstico. Tampouco assumiu-o passivamente, ou sem questionamentos. Incorporou seletivamente aquilo que lhe pareceu viável, descartando o resto. Vasconcellos também havia aprendido com o padre Antonio Vieira, outro mestre de gerações, que satisfazer-se somente com aquilo que lhes fora legado por aqueles que lhe antecederam não significava saber, mas apenas “lembrar-se” (Apud VASCONCELLOS, FIGUEIREDO, 1915, p. 230).

²³ Discurso proferido por Aleixo de Vasconcellos, na condição de orador oficial da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (Apud Cunha, 1966, p. 32).

Seguindo uma tendência observável na Europa e nos Estados Unidos, a inclinação dos agentes inseridos no campo médico brasileiro – mas também envolvidos em outros domínios – era a de retraduzir e transfigurar parte significativa das questões que se impunham ao país em direção e em favor dos propósitos eugenistas. Enfermidades e também miséria, falta de asseio, ignorância, entre outras “enfermidades sociais”, tendiam a tornar-se, nessa perspectiva, problemáticas associadas a uma suposta degenerescência do brasileiro.

Nas palavras de Pierre Bourdieu (2004, p. 22), uma das mais evidentes manifestações da autonomia desfrutada por um determinado campo social é essa capacidade de *refratar*, em termos que lhe sejam adequados e convenientes, pressões e demandas externas.

Embora isso tenha se verificado, conforme se tentou destacar no presente capítulo, não é menos evidente que essa refração se faz passível de variadas nuances. Se o movimento higienista, ainda em meados da década de 1910, foi capaz de repensar a origem das mazelas vividas pela população, associando-as às más condições de saúde e saneamento e ao descaso das autoridades políticas, isso não significou a superação definitiva da perspectiva racial. Diferente disso, idéias cujas origens encontram-se na segunda metade do século XIX ainda prosseguiriam orientando o pensamento e a atuação de vários defensores da eugenia, e mesmo de higienistas no Brasil.

Isso revela que a convivência, ou melhor, o conflito ou mesmo a combinação entre teorias diferentes e divergentes é uma das características do período. Que não é assim tão evidente a distinção entre higienistas e eugenistas. Ainda que os primeiros tivessem por pressuposto uma perspectiva sanitaria, enquanto

eugenistas tais como Renato Kehl, em certos momentos, permanecessem mais apegados à noção de raça e mesmo preocupados com a miscigenação. Essa, contudo, não foi a forma única de apropriação daquela ciência, no Brasil.

Por isso é importante ter-se em conta que, se generalizações do tipo: “os eugenistas pensavam assim...”, ou: “o movimento sanitarista propôs...” têm inegável mérito – e este não está sendo questionado -, na tentativa de se compreender o papel e a atuação de um grupo, importa, não menos, evidenciar como os indivíduos portaram-se perante essas diretivas de ação, em diferentes momentos, sob diversas circunstâncias, tendo-se em conta essa dialética entre agentes, grupos e/ou instituições.

A partir da análise das representações de Aleixo de Vasconcellos e Renato Kehl pode-se perceber o quanto podem se revelar enganosas tais generalizações. Pode-se evidenciar, além do mais, seu caráter particular, singular, fragmentado, incerto, conflituoso, sujeito a inesperadas alterações e guinadas. Pois cada agente é único, singular, sujeito a inconstâncias. Assim como também o são suas obras, tais como as contribuições de Vasconcellos em torno da problemática da eugenia.

E assim, mais que atribuir-lhes um rótulo, importa perceber as singularidades de suas trajetórias, que, no caso de Vasconcellos, dele fizeram um homem de ciência dedicado a diversificados domínios. Um personagem que trilhou vários caminhos, não lineares, com seus recomeços e desvios de rota. E, na interseção de tantas trajetórias, foram se configurando e ganhando forma as diferentes maneiras pelas quais ele apropriou-se dos bens culturais ao seu alcance.

O pensamento eugenista e o higienismo, o pensamento evolucionista e racista, entre outros bens culturais, foram por ele utilizados de forma singular. Não

empregando a expressão “regenerar” a raça, mas pretendendo “defendê-la - isto é, protegê-la, prestar-lhe socorro, ou ainda “resguardar, abrigar, preservar” (AULETE, 1925, v. 1, p. 636) -, ele deu respostas às inquietações que mantinham ocupados muitos agentes e instituições do período. Respostas que se adequavam, além do mais, aos interesses e necessidades do órgão público por ele dirigido, o que será melhor detalhado no capítulo final.

Por isso, pode-se afirmar que, se o seu perfil foi talvez mais nitidamente higienista (PEREIRA NETO, 2001, p. 123-125), as proposições eugenistas não deixaram de ter peso em suas idéias. Mas dizer apenas isso ainda esclarece pouco. Afinal, ele, tanto quanto qualquer outro eugenista, afirmou ser seu desejo que o brasileiro se constituísse uma raça sadia, forte, produtiva, capaz de construir uma nação moderna e civilizada. Ele, tanto quanto qualquer eugenista do período, revelou certo incômodo em relação ao negro e preocupou-se em trabalhar para que o homem brasileiro legasse à sua prole características superiores. E que com isso se obtivesse, finalmente, uma nação vigorosa, pois construída por uma população eugenizada.

Mas nem por isso suas proposições eram idênticas àquelas defendidas por outros eugenistas. Elas, por consequência, não se explicam por si próprias, nem unicamente pela sua inserção no contexto em que foram produzidas – embora, como se pode perceber, dialogassem inegavelmente como o mesmo. Não se explicam exclusivamente por seu pertencimento à determinada classe social e/ou profissão, nem por uma suposta genialidade.

O mediador entre esse contexto, essas diferentes pertenças e essas obras era um agente singular e dessa mesma característica, a singularidade, dotou suas

práticas e representações, conforme é possível se observar através de sua produção.

A hereditariedade em nome dos destinos da nação constitui-se assim em tema que perpassou boa parte de suas reflexões. Tanto quanto a dos demais defensores da eugenia, do higienismo, dos evolucionistas, racistas.

O fato é que as idéias, as representações, como qualquer outra instituição, são vivas, pois são produções humanas. Tendem não ao imobilismo, mas ao movimento e à transformação, e respondem a interesses e conflitos que não são apenas de natureza intelectual, mas que revelam ainda implicações sociais, culturais, políticas. Além disso, quando se tem em conta uma trajetória individual, observa-se que ganham existência e se expressam segundo interesses, possibilidades e recursos, mostrando-se vinculadas a projetos, interesses e ambições mobilizadas pelo(s) agente(s).

Por isso, eugenia, no Brasil das primeiras décadas do século XX – e, por certo, em qualquer outro contexto – não é algo definido, definitivo, acabado. Nas mãos de diferentes agentes e sob a influência de diferentes circunstâncias, ela tende a assumir feições diversas, mas nunca conclusivas.

Em vista disso, Vasconcellos foi e não foi eugenista. Ora, se comparadas às idéias originalmente defendidas por Francis Galton, em meados do século XIX, ele seguramente não foi eugenista. Mas, uma vez postas a circular, aquelas mesmas idéias escaparam ao seu controle, foram diversamente apropriadas. Por isso mesmo, se observadas as alterações, adaptações e distorções que aquela ciência sofreu no Brasil, e em outros contextos, a situação torna-se outra e a resposta já não pode ser negativa. Também Kehl, foi possível constatar, não revelou nem

constância, nem absoluta coerência em suas idéias, em alguns momentos citando Galton, noutros pretendendo refutá-lo.

Portanto, o que importou neste capítulo foi perceber as práticas e representações, as táticas e estratégias, a descontinuidade e a inventividade, bem como os interesses e necessidades que as noções de apropriação e trajetória, trabalhadas em conjunto, podem revelar, através do exemplo de Vasconcellos. Agente que foi pensado a partir de suas vivências e interações com outros agentes, grupos e instituições, evidenciando características que, conforme exemplificado também por Kehl, não foram exclusividade sua.

Isso talvez nos ajude a compreender um pouco melhor o fato de não se ter localizado, uma única vez sequer, o emprego, por Vasconcellos, da expressão eugenia. Sua percepção relativa ao assunto foi uma contribuição única, singular, embora perfeitamente de acordo com suas possibilidades e interesses, bem como com os limites possíveis dados pelos debates e pelas problemáticas obrigatórias então em voga.

Importa, por isso mesmo, prosseguir questionando o processo de apropriação evidenciado por Aleixo de Vasconcellos. No capítulo seguinte, a proposta é trazer mais elementos que possibilitem delinear com maior nitidez sua perspectiva relativa à eugenia no Brasil, contrapondo-a à de outro agente que, embora não tenha sido médico, expressou idéias que se tornaram paradigmáticas tendo-se em vista o tema e o período em análise. Trata-se de Monteiro Lobato.

6 ALEIXO DE VASCONCELLOS E MONTEIRO LOBATO: REPRESENTAÇÕES SOBRE O JECA TATU E O HOMEM BRASILEIRO

O Brasil é quase um continente. As suas duas zonas geográficas estendendo-se por três amplas bacias fluviais, oferecem aspectos geológicos e topográficos multiformes: aqui a planície infinita, ali montanhas gigantescas, acolá densas florestas, sertões onde os naturais vivem inocentemente vida bucólica e felizes dentro da couraça da ignorância.

Aleixo de Vasconcellos (1923f, p. 481)

... muito relativo é o valor da vida humana. Esta chega mesmo a ter um valor negativo em certos casos em que o homem se torna um peso social, um tipo meramente consumidor, que parasita os bens sociais sem nada produzir.

(...) Os elementos sociais desvaliosos, de mérito negativo são justamente aqueles infelizes que não podem gozar a suprema ventura de um corpo e de uma alma sadias. São os fatores deficitários da sociedade, são o seu peso morto, que dia a dia parece mais crescer, avolumar-se por via de uma seleção puramente regressiva a que vem sendo submetida a humanidade.

Octavio Domingues (1930, p. 224)

Se quisermos viver, não simplesmente a nossa própria vida mas a vida altruística de nossa raça, urge guiarmos nossos propósitos não mais por equívoca comodidade de insidiosa ideologia sentimental, e sim pelo código admirável da Eugenia.

Cunha Lopes (1932)¹

¹ REVISTA DE AGRICULTURA, Piracicaba, v. 7, n. 12, p. 5, jan./fev. 1932.

6.1 O PAÍS DOS JECAS TATUS

No século XIX, ao tentar explicar a realidade social brasileira, vários autores estrangeiros emitiram opiniões desabonadoras. Segundo alguns, uma forte presença, impossível de ocultar, se distinguia com grande intensidade aos olhos de todos: tratava-se do negro. Este teria impresso, profundamente, suas marcas na sociedade. Misturando-se ao branco, teria criado uma raça degenerada no país.

A miscigenação, a mistura entre raças, em especial da branca com a negra, passava então a ser percebida não apenas como um fator de degenerescência racial, mas também na forma de um grande obstáculo a ser superado rumo à construção de uma sociedade “civilizada”, ou seja, que se assemelhasse aos moldes europeus.

Contudo, desde o início do século XX, um clima intelectual ligeiramente mais favorável à negação da inferioridade inata do brasileiro se esboçava sob variados matizes. Afonso Celso, Manuel Bomfim, entre outros autores, expressaram idéias nesse sentido. Logo em seguida, veio Monteiro Lobato, criador de um dos mais emblemáticos personagens da literatura brasileira. Seu nome: Jeca Tatu.

O Jeca foi uma das mais célebres figuras ligadas à problemática da eugenia no Brasil, segundo observou Nancy Stepan (1991, p. 157). Personagem que, além disso, nos interessa pois também se apresentou, e de forma singular, nas representações de Aleixo de Vasconcellos.

Por isso, deixando de lado tantos outros autores do período, os quais seguramente mereceriam ser analisados por suas interpretações relativas ao Brasil e à sua população, em seguida, a intenção é proceder uma comparação entre as

proposições do literato e do médico eugenista. Dois agentes contemporâneos que pensaram e manifestaram publicamente sua insatisfação diante da realidade social do país e de sua população, na forma como a perceberam. Dois agentes que podem nos auxiliar a compreender como, na capital paulista e no Distrito Federal, dois dos principais centros urbanos e culturais brasileiros do período, foram pensadas questões onde imbricavam-se eugenia, higienismo e racismo, sob variados matizes.

Por essa razão, não se trata de apenas comparar, mas, com isso, melhor compreender mais algumas características das representações de Aleixo de Vasconcellos e, por extensão, dos campos médico e também intelectual das primeiras décadas do século XX.

6.2 MONTEIRO LOBATO, EUGENIA E SANITARISMO

6.2.1 O Jeca Tatu, a raça degenerada e as doenças

No transcurso do ano de 1918, Monteiro Lobato publicou alguns trabalhos no jornal *O Estado de São Paulo*. Naquele mesmo ano, por iniciativa da Sociedade de Eugenia de São Paulo e da Liga Pró-Saneamento do Brasil,² eles foram reunidos em um livro, que recebeu o título de *Problema vital* (LOBATO, 1956).

Aqueles trabalhos discorriam em torno de uma problemática central e que naquele período vinha adquirindo grande importância, qual seja, a urgência de se tirar o caboclo dos sertões brasileiros das condições de miséria e doenças sob as

² Criadas em 1918 e de duração efêmera, as duas associações tiveram o médico e farmacêutico Renato Kehl como um de seus membros mais atuantes, entre outros de destaque no cenário nacional: Belisário Penna, Azevedo Sodré, Afrânio Peixoto, Carlos Chagas, Arthur Neiva, Vital Brazil, Monteiro Lobato.

quais vivia. Seriam elas resultantes do longo abandono e do esquecimento a que estava ele relegado. Governantes, homens públicos, elites e intelectuais, desesperava-se Lobato, não voltavam seu olhar para a lastimável situação dos milhões de Jecas Tatus – miseráveis, improdutivos porque doentes - espalhados pelo interior do país.

Conforme avalia Castro Santos (1985, p. 197), “É a melhor fase de Lobato, que a um tempo combate o ‘determinismo étnico’, assume um lugar na linha de frente da crítica social de seu tempo, e elege o saneamento rural como a questão nacional por excelência”. Isso porque, antes do Lobato sanitaria, ao qual aqui se faz referência, revelara-se, irado, o Lobato racista – o qual, a despeito do entusiasmo de Castro Santos, não foi superado de forma tão inequívoca, conforme será evidenciado em seguida.

Não pretendendo ceder-se à tentação cronológica, julga-se pertinente detalhar de forma breve essa sua primeira fase, a fase assumidamente racista, no entendimento do Brasil e de sua população.

Lobato cursou a Faculdade de Direito de São Paulo entre 1900 e 1904. Teve então contato com a obra de autores tais como Herbert Spencer, Charles Darwin, Hippolyte Taine, Auguste Comte, e, com destaque, Friedrich Nietzsche e Gustave Le Bon. Destes dois últimos, absorveu as teses de superioridade racial, de superioridade das elites sociais e a crença na possibilidade de construção de um “super-homem” (MORAES, 1997, p. 101-102).

Por exigência de seu avô, o poderoso Barão e Visconde de Tremembé, Lobato foi nomeado promotor de Areias, em São Paulo. Lá permaneceu até 1911, quando, com a morte do avô, herdou uma grande fazenda em Taubaté, sua cidade

natal. Em 1917, vendeu aquela propriedade e, no ano seguinte, tornou-se proprietário da *Revista do Brasil*.³

A publicação, criada em janeiro de 1916 e que passou a ter Lobato à sua frente entre maio de 1918 e maio de 1925, transformou-se no principal periódico brasileiro de cultura daquele período. Nas suas páginas, autores como Gobineau, Spencer, Le Bon eram fontes de referência e inspiração, merecendo, freqüentemente, qualificativos muito elogiosos (DE LUCA, 1999, p. 157, 269).

Foi durante esse período que surgiram os trabalhos nos quais Lobato, a partir do insucesso de sua experiência como fazendeiro, trouxe a público suas impressões sobre o caboclo do interior. Foi assim que nasceu o Jeca Tatu, resultado da convivência não muito feliz do Lobato fazendeiro com o caboclo das terras vizinhas às suas e por ele adjetivado de forma profundamente negativa. O Jeca nasceu, desta forma, marcado por características um tanto quanto diversas daquelas que viriam a torná-lo um célebre personagem da literatura brasileira.

Nessa primeira fase do Jeca, ganhou destaque o viés evolucionista, racista e eugenista de seu criador, uma vez que Lobato acreditava tanto na desigualdade das raças, como no prejuízo decorrente da miscigenação. Era, assim, um defensor da “pureza racial” (MORAES, 1997, p. 105).

Responsabilizando o caboclo por todos os males do país, Lobato o classificou como um “funesto parasita da terra”, “inadaptável à civilização” “uma quantidade negativa”. Seria ele doente, preguiçoso, indisciplinado, arremido ao progresso, ignorante, incapaz para o trabalho.

³ Sobre Lobato à frente da *Revista do Brasil*, consultar De Luca (1999).

Essa interpretação foi divulgada por Lobato através de dois trabalhos publicados no jornal *O Estado de São Paulo*, em 1914: os contos *Velha praga* e *Urupês* (LOBATO, 1985).

A mistura de raças era denunciada como a causa daquela realidade. O caboclo e o mulato eram por ele apresentados como resultados degenerados de uma miscigenação que não poderia render bons frutos: aquela operada no Brasil, misturando o “nobre” sangue do “branco” com o de outros matizes.

Acontece, porém, que, no mesmo período em que deixou de ser fazendeiro, Lobato também mudou alguns de seus conceitos relativos ao caboclo brasileiro. Por conta disso, deu-se aquilo que o autor denominou de a “ressurreição” do Jeca Tatu, por ele apresentada em 1918, novamente por intermédio do jornal *O Estado de São Paulo*.

Aqui chegando, retorna-se ao ponto inicial, quando se tratava do Lobato sanitaria e que se dizia preocupado, ao lado de outros agentes, com as condições de saúde do brasileiro dos sertões. A que se devia tal transformação na sua perspectiva? E seria ela tão profunda assim?

A luta em favor do saneamento e da higiene significou um ponto de inflexão no pensamento de Monteiro Lobato, uma vez que as causas da preguiça e indolência do Jeca Tatu deixaram de ser por ele apresentadas como intrínsecas ao personagem. Dessa forma, tendeu a deixar de percebê-las em termos biológicos, como características das raças inferiores e miscigenadas. Em lugar disso, passou a falar delas como produtos das doenças que assolavam as populações dos sertões (STEPAN, 1991, p. 157).

Essa mudança na perspectiva de Lobato – e de muitos dos defensores do saneamento – em relação ao brasileiro dos sertões deveu-se, em grande parte, à divulgação das conclusões da expedição promovida pelo Instituto Oswaldo Cruz aos Estados da Bahia, Pernambuco, Piauí e Goiás (SANTOS, 2004; LIMA, 1999). Chefiada por Belisário Penna e Arthur Neiva, aquela expedição demonstrou que o habitante do interior ou padecia em razão da malária, da doença de Chagas, da varíola, das doenças venéreas, ou então era infestado de parasitas intestinais e enfraquecido pela subnutrição. Isso quando não era afetado por mais de um daqueles problemas ao mesmo tempo.

De forma crescente, esse novo diagnóstico foi ganhando aceitação e fazendo adeptos. Lobato foi um daqueles que mais ativamente fez a sua divulgação. O que não quer dizer que todos fossem unânimes em fazer eco às suas palavras, às suas interpretações. Entre os médicos, por exemplo, Lobato recebeu variadas críticas, como as de Moncorvo Filho, segundo o qual sua obra era “impatriótica por só tratar das mazelas” (SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DO RIO DE JANEIRO, v. 34, 1921, p. 64-65).

Um dos aspectos fundamentais do pensamento lobatiano nesse momento pode ser sintetizado em uma afirmação sua, segundo a qual: “O Jeca não é assim: *está* assim”. Essa proposição, de profundas conseqüências na compreensão do país e de sua população, apareceu como epígrafe no livro *Problema vital* (LOBATO, 1956).

Ela significava que, naquele momento, ganhava força uma nova constatação a partir da qual se passou a defender que, se o caipira era pouco produtivo, isso não era devido a um suposto mal de raça, resultante da

miscigenação. Em lugar disso, as doenças endêmicas, bem como a miséria passaram a assumir o primeiro plano como fatores determinantes da sua condição inferior, na compreensão de Lobato e outros agentes do período.

Assim é significativo que, no conto *Jeca Tatu – a ressurreição*, um “doutor”, ou seja, um médico, tenha verificado aquela situação, ao afirmar: “Amigo Jeca, o que você tem é doença” (Ibid., p. 331). A partir daí, seriam aqueles doutores os agentes que mais e mais se legitimariam não apenas para diagnosticar, mas também para tratar as doenças dos indivíduos e da sociedade.

Essa mudança de ênfase da raça para as doenças tornou possível que Lobato relativizasse o pensamento de alguns autores que o inspiravam, como evidenciou afirmando: “Respiramos hoje com mais desafoço. O laboratório dá-nos o argumento por que ansiávamos. Firmados nele contraporemos à condenação sociológica de Le Bon a voz mais alta da biologia” (Ibid., p. 298).⁴

Ela apresenta também especial interesse no que se refere ao tema da eugenia nos moldes mais ou menos flexíveis propostos pelo pensamento lobatiano. Demonstra, por um lado, seu entusiasmo pela ciência, pelo microscópio, pela microbiologia, pelos saberes médicos, enfim. Revela ainda sua proximidade com médicos como Belisário Penna, Arthur Neiva, Renato Ferraz Kehl, além de outros nomes da área médica que se empenharam pelo saneamento dos sertões. Proximidade que, principalmente no que se refere a Renato Kehl, assumiu feições de amizade que se estenderia pelos anos que se seguiram. Segundo observou Nélío

⁴ Assim se expressando, Lobato referia-se à possibilidade que se abria de contestar argumentos como os expressos por Le Bon, entre outros, negando às raças por ele apontadas como inferiores qualquer possibilidade de alcançar o progresso ou a civilização.

Bizzo (1995, p. 32), durante toda a sua vida, Lobato manteve-se tão próximo das idéias eugênicas, quanto de Renato Kehl, seu grande propagandista no Brasil.

Se em determinado momento Lobato passou a entender que o mal maior experimentado pelo brasileiro supostamente degenerado estava nas doenças e que a solução era o saneamento dos sertões, isso não significou o abandono da causa eugênica. Pelo contrário, a forma como o literato a pensou revela um dos mais marcantes traços da adoção daquela ciência, na forma como se verificou no Brasil das décadas iniciais do século XX, ou seja, a crença nas teorias de fundo neolamarckistas, referidas no capítulo anterior.

A controvérsia entre os seguidores de Mendel e August Weismann e aqueles que se apegavam a Lamarck prosseguiria ainda por mais algum tempo. Ainda em 1933, o sociólogo Gilberto Freyre, no seu clássico *Casa-grande e senzala*, fez sua profissão de fé lamarckiana, postulando: “Ninguém hoje se abandona com a mesma facilidade de há vinte ou trinta anos ao rígido critério weismanniano da não transmissão de caracteres adquiridos. Ao contrário: um neolamarckismo se levanta nos próprios laboratórios onde se sorriu de Lamarck” (FREYRE, 2002, p. 351).

De tal maneira, acreditando que a miséria e as doenças comprometiam não apenas as condições físicas e mentais dos indivíduos a elas expostos, mas também à sua prole, os defensores do saneamento clamavam pela urgência de se transformar aquela realidade. O saneamento, a educação higiênica, a boa alimentação passaram a ganhar lugar de destaque no discurso daqueles agentes, sendo apresentadas como medidas de caráter eugênico.

Observe-se, entretanto, que aquele era um período em que o racismo e o medo da mistura entre raças se fazia muito presente no pensamento social

brasileiro. O próprio Lobato, embora tenha reconhecido que o caboclo era doente e não um exemplo degenerado da raça, resultante da miscigenação, não revisou de forma tão profunda assim as suas concepções relativas à inferioridade do negro.

E isso se revela, como esclarece Moraes (1997, p. 109), ao observar-se que o criador de Jeca Tatu prosseguiu defendendo que “o amulamento da raça foi a ‘vingança inconsciente’, o castigo sofrido por ter-se escravizado os negros.” Esta concepção de Lobato, acrescenta o autor, não se modificaria.

6.2.2 A “raça de pitecos” e os processos seletivos

Desta forma, ainda em 1926, portanto oito anos após a publicação de *Problema vital*, Monteiro Lobato produziu o livro *O presidente negro* (LOBATO, 1948). Um romance de conteúdo inegavelmente racista e eugenista (MORAES, 1997, p. 106), e, pode-se acrescentar, com nítidos tons machistas.⁵

Muito embora esta tenha sido, conforme proposição de Castro Santos (1985), a melhor fase de Lobato, por eleger o saneamento rural como a questão nacional por excelência, outros aspectos devem ser considerados. Como indica o autor, o movimento sanitarista era fundamentalmente um movimento de elite. Por

⁵ Para exemplificar, em certa passagem, Lobato narrava que as feministas de seu romance haviam se organizado na forma de partido político visando “congregar todas as fêmeas que por uma circunstância ou outra se desavinham com os machos – esposos, noivos ou namorados, e foi com esses elementos que se constituiu o partido elvinista. Partido instável, aliás, e sempre renovado. Diariamente nele se inscreviam milhares de adeptas e se eliminavam outras tantas. Entravam as brigadas com o homem e saíam as reconciliadas...” (Lobato, 1948, p. 275). Em outra passagem de sua narração, Lobato acrescentava que “chegadas em casa despiam o cérebro da extravagância e beijavam na testa o *Homo* que na rua vinham de condenar como ‘infame raptor’.” (Ibid., p. 234-235) Instáveis, mesmo a ciência e a aritmética feminista seriam diferentes daquelas desenvolvidas pelos homens, e então, prosseguia Lobato (Id., itálico no original) “2 + 2 não era forçosamente igual a quatro. Era igual *ao que no momento conviesse*.”

isso, embora tenha voltado os olhos para a população, pouco fez além distribuir exemplares da história do Jeca Tatu, num país que contava, em 1920, 70% de analfabetos (CASTRO SANTOS, 1985, p. 201-202).

No romance *O presidente negro*, Lobato apresentou uma perspectiva eugenista e fez amplo uso dos preceitos racistas vigentes no período. Ao abordar o “choque das raças” branca e negra nos Estados Unidos, no ano de 2228, o autor expôs exemplos de como imaginava que a eugenia poderia trabalhar em prol do aprimoramento racial humano, prevendo para o futuro daquele país:

O princípio da Eficiência resolvera todos os problemas materiais dos americanos, como o eugenismo resolvera todos os seus problemas morais. Na operosidade e uniformidade do tipo, aquele povo lembrava a colméia de abelhas. Quase não havia [como] distinguir um indivíduo do outro, pois tomar um homem ao acaso era ter nas mãos uma poderosa unidade de eficiência dentro de um admirável tipo de ariano pele-avermelhado.

As mulheres não mais evocavam fisicamente as suas avós, magras umas, outras gordas, esta toda nádegas, aquela uma tábua ou de enormes seios e dentes de cavalo – verdadeira coleção de monstruosidades anatômicas. (...)

Finas sem magreza, ágeis sem macaquice, treinadas de músculos por meio de sábios esportes, conseguiram alcançar a beleza nervosa de éguas puro-sangue... (LOBATO, 1948, p. 232)

Diferente da diversidade racial do Brasil, que tanto o incomodava, o ideal de “uniformidade” do tipo “superior” pelo aperfeiçoamento racial – objetivo eugênico – teria sido alcançado nos Estados Unidos naquele futuro utópico descrito pelo escritor brasileiro.

Mas os benefícios por ele vislumbrados naquele empreendimento eugênico não ficavam apenas na conquista do ideal de beleza ariana. Nas suas palavras, sob um nítido enfoque darwinista-social:

O característico mais frisante dessa época, todavia, estava na organização do trabalho. *Todos* produziam. Muito cedo chegou o americano à conclusão de que os males do mundo vinham de três pesos mortos que sobrecarregavam a sociedade – o *vadio*, o *doente* e o *pobre*. Em vez de combater esses pesos mortos por meio do *castigo*, do *remédio* e da *esmola*, como se faz hoje, adotou solução muito mais inteligente: suprimi-los. A eugenia deu cabo do primeiro, a higiene do segundo e a eficiência do último. Aliviada da carga inútil que tanto a embaraçava e afeiava, pode a América aproximar-se de um tipo de associação já existente na natureza, a colméia – mas a colméia da abelha que raciocina. (ibid., p. 233, itálicos no original)

Futuro este que, apesar das conquistas, ainda não se revelava perfeito, pois, relatava o escritor, nele ainda persistia “uma pedra no sapato americano: o problema étnico. A permanência no mesmo território de duas raças díspares e infusíveis perturbava a felicidade nacional”.

Ainda no século XXIII, a raça negra prosseguia inferior naquelas previsões, e Lobato a descrevia como uma “raça de pitecos” (ibid., p. 258). Pitecos que, desejosos de se assemelharem aos brancos, submetiam-se a um processo de despigmentação da pele,⁶ e que, apesar de todos os esforços, não deixavam de ser negros (ibid., p. 218-219).

Mesmo assim, inferiores como os descrevia, esses “pitecos” de pele clara ameaçavam, sempre nas palavras de Lobato, a continuidade do “incoercível programa branco: vencer” e dominar, pois os negros estariam prestes a ocupar a presidência do país. Em relação a essa possibilidade, comentou Lobato: “E a raça triste, que através dos séculos não se atrevera a sonho maior que o da mesquinha

⁶ Esclarecendo o leitor quanto ao resultado obtido pelos negros que se submetiam à despigmentação, Lobato (1948, p. 218) comparava-os às “mulatas de hoje que borram a cara de creme e pó de arroz”, ou ainda a uma “barata descascada”.

liberdade física, passou a sonhar o grande sonho branco da dominação...” (Ibid., p. 258, 263, 268).

Em resumo, ao descrever a “ressurreição” do Jeca Tatu, constata-se que Lobato assimilou e incorporou o discurso que advogava por melhores condições de saúde, como sendo o “verdadeiro” caminho para a regeneração do homem brasileiro. No entanto, se essa perspectiva sanitaria significou uma alternativa ao discurso racista, no caso desse autor não conduziu à superação desse racismo. Portanto, para Lobato, a indolência e pouca produtividade atribuída ao brasileiro passou a ser associada às más condições de vida, mas o negro prosseguiu sendo visto pelo intelectual como um ser inferior.

No romance, o autor reservou também espaço para registrar uma possível solução eugênica para o Brasil: a divisão do país, formando a “parte quente” uma “república tropical” irremediavelmente marcada pelo “erro inicial da mistura das raças”. Ao sul, a “parte temperada” que “salvou-se” daquele erro, formaria um país menor e “centralizador de toda a grandeza sul-americana, filho que era do imenso foco industrial surgido às margens do rio Paraná” (Ibid., p. 214-215). Sempre presente, portanto, o anseio pela “pureza racial”.

Quanto ao resto, não se pretende adiantar o desfecho imaginado por Lobato para aquela situação. Importa agora prosseguir, retomando-se uma vez mais as proposições de Aleixo Nóbrega de Vasconcellos relativas ao homem – ou à espécie – no Brasil.

6.3 ALEIXO DE VASCONCELLOS E O PROBLEMA DA RAÇA NO BRASIL

6.3.1 O papel dos homens de ciência na sociedade

Todos os grandes feitos da medicina nascem no laboratório. As hipóteses fantasistas, as composições acadêmicas, as explicações oportunistas, o *magister dixit* não são mais para a nossa época.

Quando tiverdes conhecimento de novas concepções no domínio da medicina, só as aceiteis quando vos apresentarem a sanção da experimentação, o *verdictum* do laboratório. Segui nas vossas pesquisas o caminho mais simples que a razão vos indicar. E, na execução do método experimental, procedei com inteira isenção de especulação metafísica.

Embora a consciência reivindique algumas vezes o direito de afirmar condições espiritualistas e religiosas, é preciso reclamar para a ciência todas as prerrogativas da liberdade, com a maior energia. Só desta maneira, poderá o espírito agir sem preconceitos.

(Aleixo de Vasconcellos, 1914a, p. 24)

O trecho transcrito acima é uma veemente declaração pública de fé na ciência, proferida pelo orador oficial da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, Aleixo Nóbrega de Vasconcellos. Julga-se pertinente percebê-la em contraponto com aquela proferida por Lobato, conforme transcrito linhas atrás.

Quando Vasconcellos assim se pronunciou, chegava-se ao final do ano de 1913 e ele ainda não atingira os trinta anos de idade. Tampouco Lobato havia se ocupado com suas polêmicas em torno do Jeca. No Brasil, a intelectualidade mobilizava-se impelida pelo desejo de que o país se incluísse entre as nações ditas

civilizadas e, ao mesmo tempo, mostrava-se atormentada pelas dúvidas quanto ao futuro da raça com a qual se construiria – ou não - esse futuro.

Nesse contexto, enfatizar a importância de se afastar toda e qualquer “especulação metafísica”, e, ao mesmo tempo, buscar pelo “veredicto do laboratório”, ou, dito em outras palavras, a expectativa da certeza proporcionada pela observação e da experimentação, era adotar uma perspectiva universalista. E, se considerado o fato de que essa ciência já vinha de há muito tempo sendo associada à ânsia de tornar o Brasil um país “civilizado”, pode-se acrescentar que, além de universalista, a sua perspectiva era evolucionista.

Naquele mesmo discurso, Vasconcellos evidenciou mais alguns aspectos sobre como pensava a carreira científica, pela qual optara há alguns anos. Revelou assim que, mais que um médico ou um simples “homem de laboratório” conformado àquele limitado espaço, esforçou-se por tornar-se reconhecido como um homem de ciência profundamente devotado às causas de seu país – evidentemente, da maneira como as percebia:

Não me façais, porém, a injustiça de julgar que os centros científicos, vivendo de operações intelectuais, cultivem o desinteresse pelos destinos do país. Não. É bem diverso o seu papel. Lembrai-vos da frase de Moisson, “feliz é o povo que compreende o papel da ciência”.

Bem disse o filósofo.

Feliz é o povo que pode contar entre os seus concidadãos espíritos livres e perscrutadores, e que vê na ciência, ao mesmo tempo que uma conselheira de tolerância e de modéstia, o auxiliar indispensável do progresso e a companheira inseparável da verdade! (Id.)

Segundo suas afirmações, os homens de ciência, buscando a verdade, deveriam colocar-se a serviço do progresso de seu país. E o que dizer de sua pregação em nome da modéstia e, acima de tudo, da tolerância?

Em 1913, Vasconcellos, ainda bastante jovem, empreendia esforços para fazer-se não apenas inserido, mas conhecido e reconhecido entre prestigiosos homens de ciência. Falando aos seus pares em nome da tolerância, era como se lhes fizesse um alerta. Alerta este que poderia adquirir muitos significados em uma sociedade racista, onde a intelectualidade, embora de forma seletiva e adaptando aquilo que lhe servia e descartando o resto, fazia largo uso de teóricos europeus que pregavam a diferenciação e a hierarquização das raças humanas.

Neste sentido, o que se pretende propor é que Vasconcellos já esboçava, embora não livre de contradições, uma perspectiva que se pode dizer mais tolerante em relação ao homem brasileiro. Ao menos no que se referia às questões da raça e da eugenia, mesmo porque não poderia se mostrar indiferente à elas.

Na seqüência de seu discurso, em que teve como ouvintes importantes convidados do cenário médico, tais como Carlos Seidl, diretor geral da saúde pública, e Miguel Couto, professor da faculdade de medicina e presidente da Academia Nacional de Medicina, Vasconcellos, pretendendo demonstrar a exatidão, o acerto de suas idéias, apelou para exemplos de pesquisadores cujos trabalhos tiveram repercussão e/ou revolucionaram o campo médico-científico.

Embora não seguindo exatamente a seqüência por ele adotada, pode-se começar por dois agentes que tinham alguma proximidade com Vasconcellos. Ele assim se expressou:

Lembrai-vos de Oswaldo Cruz e meditai sobre a sua obra grandiosa. Na faina diária de indagações científicas, com o seu invejável poder inventivo, secundado de escrupulosa pesquisa das realidades objetivas, à solução dos problemas sanitários, prestou à pátria benefícios inestimáveis, concorrendo para o seu desenvolvimento material e intelectual.

Lembrai-vos ainda da recente conquista na patologia humana, onde Carlos Chagas triunfou. As suas novas aquisições, no domínio da medicina experimental, marcam uma época na medicina brasileira. (Id.)

Sempre ao referir-se a homens de ciência que dizia beneméritos da humanidade, Vasconcellos destacava seu orientador e “mestre” Oswaldo Cruz. Homem de ciência que, conforme já observado, teve importante papel nos seus esforços iniciais em busca de acúmulo de capital científico e social.

Outro nome por ele enaltecido foi o de Louis Pasteur. Em uma das passagens de sua fala, Vasconcellos referiu-se aos seus trabalhos sobre a vacinação. Como entendia observar-se em toda legítima obra científica, destacava no desenvolvimento daquele processo a capacidade humana de dominar as forças da natureza. No caso, microscópicas, pouco conhecidas, porém poderosas forças:

No ardor do seu gênio infatigável, Pasteur domina os vírus como dominara os fermentos. Classifica-os, atenua-lhes a virulência e estabelece uma teoria lógica e científica da vacinação. (...)

A atenuação dos vírus, obtida por processos artificiais, tem o duplo papel de fazê-los agir como instrumentos de cura e imunidade. O tóxico modificado não é somente inofensivo; ele é também antídoto de venenos mais violentos. O vírus enfraquecido paralisa o vírus mais forte; e o mal, desarmado pela vontade da ciência, volta-se contra si mesmo para se aniquilar. (Ibid., p. 25)

A ciência, em particular a medicina experimental, portanto, revelava-se nas palavras do orador como a ferramenta por excelência com a qual o homem poderia dominar e colocar a natureza a seu serviço. Era essa a principal expectativa

por ele alimentada em relação ao desenvolvimento da ciência. E o que mais pretendiam os defensores da eugenia, senão fazer o mesmo, trabalhando a raça de forma a dominá-la e aprimorá-la e pensando os problemas da sociedade sob uma ótica focada no biológico?

Na versão de Vasconcellos, a ciência tudo poderia transformar a favor do homem. Inteligentemente trabalhada, poder-se-ia inclusive mobilizá-la em “defesa da espécie” (VASCONCELLOS, 1924o, p. 164).

Dizendo-se inspirado no exemplo de Oswaldo Cruz, o qual por sua vez teria se inspirado em Pasteur, Vasconcellos reconheceu na ciência a grande aliada da humanidade. Mas, diferindo da postura autoritária revelada por seu mestre de Manguinhos, o qual enfrentou séria resistência ao impor, sem um maior esclarecimento, a vacinação compulsória,⁷ Aleixo tendeu a enfatizar também a importância da persuasão. Possivelmente, Miguel Couto, pode ter-lhe inspirado, ao menos em parte, essa tendência, o mesmo valendo para seu “mestre” Moncorvo Filho e não menos para Afrânio Peixoto.

Associando o par educação e higiene à proposta de redenção do país e do brasileiro, provavelmente as idéias desses agentes tiveram relativo peso sobre a perspectiva revelada por Vasconcellos.

Conforme salientou-se anteriormente, este último evidentemente não desfrutou apenas da convivência com membros das elites social, científica e intelectual. Se o peso da autoridade dos homens de ciência dos quais se aproximou deixou, sem sombra de dúvidas, suas marcas no médico e homem de ciência Aleixo

⁷ Faz-se referência àquela que ficou conhecida como a Revolta da Vacina, ocorrida em 1904, durante a qual a população do Distrito Federal rebelou-se diante da vacinação obrigatória contra a varíola. Sobre o assunto, consultar Carvalho (1997) e Chalhoub (1996).

de Vasconcellos, supõe-se ainda que o contato com as classes mais baixas também inspirou-lhe na construção de sua perspectiva sobre a realidade do país, tal qual revelada em seu duplo perfil de médico sociólogo e eugenista. E essa convivência com a miséria se verificou nas várias atividades com as quais se envolveu, na condição de médico, de bacteriologista e na gestão de um órgão público.

Vasconcellos veio a concluir então que a “ignorância” seria um dos grandes males, senão o maior, a afligir o brasileiro. Essa ignorância, segundo suas palavras, se expressava de forma visível, por exemplo, na forma como o leite era consumido no Brasil. Considerando-o um alimento de grande importância para a saúde da população, preocupavam-no a sua distribuição e consumo repleto de elementos que lhe seriam estranhos – insetos, pêlos, fezes, microorganismos patogênicos -, ou a sua ausência na dieta de muitos lares.

Diante daquele diagnóstico, esforçar-se para transformar tal situação seria sinônimo de trabalhar pela “defesa da espécie”. Ou, nas palavras de seu amigo, o médico Castro Barreto (1922, p. 208), pelo “aperfeiçoamento da raça”.

Um episódio pode trazer mais detalhes sobre essas certezas que se lhe afiguraram em determinado momento de sua vida.

6.3.2 O Congresso Internacional de Leite e as “leis do desenvolvimento da raça”

Em 1923, Vasconcellos foi nomeado pelo Governo Federal para representar o país no Congresso Internacional de Leite e Laticínios, realizado nos Estados Unidos, em outubro daquele ano. Uma vez mais, destacava-se entre outros agentes no interior das burocracias da esfera federal, responsáveis, conforme informou o

jornal *Gazeta de Notícias*, por sua escolha como único delegado brasileiro no evento (O BRASIL NO CONGRESSO MUNDIAL DE LACTICINIOS, 1923).

Suas sessões foram realizadas em Washington, nos dias 02 e 03, Filadélfia, nos dias 04 e 05, e em Siracusa, nos dias 06 e 07 de outubro. Vasconcellos presidiu a primeira sessão realizada em Filadélfia (VASCONCELLOS, 1924f).

Enfatizando o papel que o evento deveria cumprir em favor do “progresso da raça”, a declaração de intenções divulgada pela *Associação do Congresso Mundial de Laticínios* se expressava, no melhor estilo positivista e eugenista, nos seguintes termos:

A sorte e o azar que têm até agora desempenhado tão importante papel no preparo das dietas nas residências opulentas ou pobres devem agora ceder lugar aos novos conhecimentos de alimentação. As pesquisas têm demonstrado o papel vital que a Natureza distribuiu ao leite e seus produtos, para satisfazer às necessidades da criança em crescimento.

A ocasião é particularmente oportuna para as associações que procuram estimular o desenvolvimento de melhores homens e mulheres, se reunirem para um estudo mais profundo das leis do desenvolvimento da raça. (COSTA JUNIOR, 1922, p. 25)

Realizado nos Estados Unidos, país que se destacava na vanguarda da eugenia, era nítida a relação estabelecida pelos organizadores do evento entre o consumo do leite e o aprimoramento da raça. Muito embora deva-se destacar que, à semelhança da Inglaterra e da Alemanha, e distinguindo-se da França e do Brasil, nos Estados Unidos a perspectiva eugênica predominante afastava-se do lamarckismo, negando a herança de caracteres adquiridos. Mesmo assim, destacavam o papel da alimentação com o objetivo de cuidar e aprimorar a espécie humana.

Das experiências vividas no correr do Congresso – um evento pontual e decisivo na legitimação de suas representações -, Vasconcellos guardou viva impressão, deslumbrando-se mesmo diante de tudo que lá pode experimentar.

Ao retornar, trouxe consigo e fez a divulgação do projeto de “imitar” aquele país, conforme expressão sua, “nas suas boas idéias, no esmero das suas organizações e nos seus nobres sentimentos de altruísmo” (VASCONCELLOS, 1923e). Logo em seguida, ingressou como mais um membro da *American Public Health Association* (Associação Americana de Saúde Pública), sediada na cidade de Nova York.⁸

Se os grandes homens de ciência, ou a elite da elite, era eugenista no Brasil, um país percebido como atrasado e um tanto quanto distante do ideal de civilização, também nos Estados Unidos, Vasconcellos pode comprovar que figuras cultas e respeitáveis, cientistas de renome, políticos eminentes, poderosos industriais, detentores de grandes fortunas e prestigiadas instituições de pesquisa e ensino não apenas pregavam, mas vinham conseguindo instituir políticas de nítido caráter eugenista.

Suas palavras, em entrevista concedida à *Gazeta de Notícias*, enfatizaram seu entusiasmo em relação ao “país dos dólares”:

Tudo que concerne ao progresso de um grande centro de civilização está carinhosamente cuidado nos Estados Unidos: a instrução primária; a fiscalização de gêneros alimentícios; os serviços de profilaxia contra as moléstias infecciosas; a organização de hospitais; os departamentos de propaganda instrutiva de higiene

⁸ O cônsul geral do Brasil nos Estados Unidos, Hélio Lobo, foi o encarregado de enviar os agradecimentos em nome de Vasconcellos, diante da aceitação de seu nome como sócio daquela agremiação (LOBO, 1924b). Hélio Lobo também intermediou a remessa de amostras de insulina a Vasconcellos, para o seu estudo no Brasil, indicando-o como um “proeminente doutor ligado às atividades desenvolvidas pelo governo federal brasileiro na área de saúde” (LOBO, 1923; 1924a).

defensiva contra a tuberculose; a sífilis; as moléstias venéreas e a maneira de criar as crianças e de nutri-las. (O BRASIL NO CONGRESSO MUNDIAL DE LACTICINIOS, 1923)

Na ocasião, Vasconcellos mostrou-se particularmente interessado diante do “alto poder persuasivo dos originais processos norte-americanos de fazer vingadora uma idéia, que os estudiosos procuram lançar em benefício da população”, como seria o caso das “relações da saúde com o consumo do leite” (VASCONCELLOS, 1924f, p. 102). Era tudo, ou quase tudo, o que ele buscava à frente da Seção de Leite: maior apoio para suas asserções em favor do consumo do produto, para o que se fazia necessário encontrar-se métodos persuasivos eficazes.⁹

Estes consistiam em diversos filmes, cartazes, diapositivos, publicações, entre outros recursos destinados a fazer a difusão da educação higiênica. Outra ferramenta que chamou muito a atenção de Vasconcellos – e que logo em seguida foi por ele utilizada – era a encenação de pequenas peças teatrais, tendo por atores alunos das escolas públicas (Id.).

O modelo norte-americano, centrado na formação da consciência sanitária do indivíduo, visando a prevenção das doenças e, não menos, buscando a sua regeneração física, intelectual e moral (ROCHA, 2003, p. 40), que tão útil lhe parecia para dar conta dos problemas do homem e da sociedade brasileira, causaram grande impressão em Aleixo de Vasconcellos.

No período, o Departamento de Saúde de Nova York vinha despertando a atenção de agentes envolvidos com a saúde pública por suas inovadoras atividades

⁹ Em 1922, um ano antes de ir para os Estados Unidos, Vasconcellos já esboçara ponderações sobre o que seria mais viável, se “obrigar” ou “persuadir” à população tendo em vista os objetivos de lutar contra o analfabetismo e a ignorância. E concluiu de forma ligeiramente favorável à segunda opção (VASCONCELLOS, 1923f).

na área de educação em saúde. Tendo criado, no ano de 1908, a Divisão de Higiene Infantil, sua atuação foi apontada como responsável por significativa redução da mortalidade infantil. O leite cumpria importante papel naquele trabalho. Sua venda a um preço reduzido era associada à divulgação de orientações relativas aos cuidados com os bebês (ROSEN, 1994, p. 261-262).

Em 1918, o Departamento de Saúde criou a Organização da Saúde da Criança da América (*American Children Health Organization*), que atuava junto às escolas. Um pioneiro trabalho, segundo George Rosen (*Ibid.*, p. 287) em favor da educação em saúde como um campo de trabalho em saúde pública, do qual estavam incumbidos personagens tais como a *Fada da Saúde* e o palhaço *Cho-Cho*, imaginados de forma a apresentarem-se como atraentes figuras para as crianças, seu público-alvo. Estas tinham a sua atenção atraída tanto pelo visual, quanto pela atuação, que resultava num misto de encenação teatral e circense.

A partir de então, Vasconcellos passava a contar com um argumento de peso em favor de suas prédicas: nos Estados Unidos, “um grande centro de civilização”, teria comprovado pessoalmente o valor do leite para o “desenvolvimento de melhores homens e mulheres”. E acrescentava que este seria um empreendimento em perfeito acordo com as “leis do desenvolvimento da raça”, as quais provavelmente explicariam a frenética ascensão econômica experimentada pelo país.

Reflexões estas com as quais evidenciava ainda a tendência eugenista de fazer coincidir os termos raça e nação. Segundo tal perspectiva, se um estivesse bem, seria sinal de que o outro também teria que estar, pois uma raça superior

produziria obras superiores. Era o que ele acreditava ter observado nos Estados Unidos. Era o que ele acreditava fazer a grandeza daquele país.

O Brasil, concluiu Vasconcellos, não poderia permanecer indiferente diante de tão magníficas possibilidades! Se até então ele podia falar fundamentado somente na experiência da vizinha Argentina, país que conhecera um pouco antes e que afirmava ser preñado de bons exemplos para o Brasil (VASCONCELLOS, 1921a), a partir de então suas prédicas encontrariam amparo nas certezas que norteariam o progresso da “grande Nação do Norte”, o poderoso “país dos dólares”.

Percorrendo “muitas milhas” no território americano e, depois, de volta ao Brasil, Vasconcellos estabeleceu contato com importantes órgãos governamentais e instituições norte-americanas.¹⁰

Entre outras, as universidades de Cornell, Siracusa e Rochester, a Fundação Rockefeller, a qual, segundo afirmou, seria uma “organização médico-científica digna da admiração e do respeito de toda a humanidade, pelos seus beneméritos serviços prestados em todo o mundo” (O BRASIL NO CONGRESSO MUNDIAL DE LACTICINIOS, 1923). Esteve também no Conselho Internacional de Saúde, subordinado à Fundação Rockefeller – do qual obteve cartas de apresentação para conhecer outros órgãos e departamentos novaiorquinos, tais como o *City Bureau of Laboratories*, o *Health Department* e sua *Division of Foods and Drugs* (WELLS, 1923a, 1923b, 1923c). Conheceu também o *Bureau of Dairying* (Seção de Laticínios), subordinado ao *U.S Department of Agriculture* (Departamento de Agricultura), entre outros.

¹⁰ Nas suas palavras: “As magníficas estradas de rodagem permitiram que percorresse muitas milhas visitando diversas cidades e vilas do Norte do Estado de Nova Iorque e me transportasse até o Canadá” (O BRASIL NO CONGRESSO MUNDIAL DE LACTICINIOS, 1923).

Enquanto George Rosen (1994, p.261-263, 286-287) a apresentava como um modelo em políticas de saúde pública, a cidade de Nova Iorque era, na definição de Edwin Black (2003, p. 180), sede das poderosas agências, instituições e organizações colocadas à serviço da causa eugênica nos Estados Unidos.

Na segunda metade da década de 1910, o Departamento de Agricultura teve James Wilson como seu titular, o qual acumulava ainda a direção da *American Genetic Association* (Associação Americana de Genética, nova denominação da *American Breeders Association*, isto é, Associação Americana de Criadores). Esta foi referida por Nancy Stepan (1991, p. 182-183) como a entidade que trabalhou pela organização nacional dos eugenistas norte-americanos.

Desde 1903, a Associação Americana de Genética possuía um Comitê Eugenista e, a partir de 1910, um Escritório de Registro Eugenista (*Eugenics Record Office*), encarregado de registrar os antecedentes genéticos – isto é, o *pedigree* - de todos os cidadãos norte-americanos. Este escritório esforçou-se para que os princípios eugenistas fossem aceitos no meio governamental, “mesmo na ausência de uma sustentação científica” (BLACK, 2003, p. 95, 102-106).

Da Seção de Laticínios norte-americana, posteriormente Vasconcellos viria a obter, pela intermediação da embaixada brasileira, vários recursos empregados na educação higiênica - filmes, cartazes, diapositivos, publicações, entre outros. Deles se serviria para a realização de um evento interessado no “futuro de nossa raça”, conforme avaliação do médico Nascimento Gurgel (1927), qual seja, a Primeira Conferência Nacional de Leite e Laticínios. E também, a partir de então, na Seção de Leite e Derivados dirigida por Vasconcellos (MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, INDÚSTRIA E COMÉRCIO, 1929, p. 254).

Detalhe que, a princípio, poderia ser taxado de intrigante – mas que na verdade é revelador, como se verá adiante - é que, embora nunca se tenha registrado o emprego da expressão “eugenia” por Vasconcellos – a não ser por eufemismos tais “defesa da espécie”, “regeneração” -, diversos órgãos, instituições e agentes com os quais manteve contato nos Estados Unidos caracterizaram-se, exatamente naquele período, por sua destacada atuação nas políticas eugenistas daquele país. Aspecto este enfatizado inúmeras e reiteradas vezes ao longo de toda a obra de Edwin Black (2003) e também por Nancy Stepan (1991).

Trata-se principalmente das já referidas Associação Americana de Criadores e do Departamento de Agricultura, em cuja estrutura se inseria a Seção de Laticínios, além da Associação Americana de Saúde Pública, por muitos anos presidida por John Hurty, e da poderosa Fundação Rockefeller, além de outros agentes que estiveram envolvidos com a Conferência realizada nos Estados Unidos, e posteriormente elogiados por Vasconcellos. Entre eles o Secretário de Estado Evan Hughes, o Secretário do Comércio e presidente da Associação Americana de Saúde da Criança, Herbert Hoover, e o Presidente Calvin Coolidge (VASCONCELLOS, 1924f, p. 99).

Não se pode ainda deixar de ter em conta que, se o período que se está analisando foi marcado nos Estados Unidos pelas prédicas e práticas eugênicas, que serviriam inclusive de modelo e inspiração para as do regime nazista, foi, não menos, um período em que aquele país se destacava como a grande potência econômica. Por algum tempo, no correr da década de 1920, a prosperidade era

inegável nos Estados Unidos. Em contraposição, a velha Europa dava mostras de decadência, dificilmente questionável após a eclosão da Grande Guerra.¹¹

Nesse contexto, no “país dos dólares”, segundo assegurava o chefe da Seção de Leite e Derivados, zelava-se pela raça. Não era essa uma das grandes preocupações dos homens de ciência brasileiros do período? Vasconcellos era apenas mais um deles que assim se posicionava.

6.3.3 *Atraz do Pote de Leite*

Pode-se agora retornar para a problemática do leite na concepção de Vasconcellos, acrescida de mais um novo e importante elemento: sua inspiração nos exemplos observados nos Estados Unidos. O país que seria, no seu dizer, o maior consumidor de leite em todo o mundo (O BRASIL NO CONGRESSO MUNDIAL DE LACTICINIOS, 1923).

Especialmente porque a sua percepção em relação aos benefícios proporcionados pelo consumo do leite era bastante otimista. Apresentando as suas conclusões em relação àquilo que havia observado em Buenos Aires, propôs aos membros da Sociedade de Medicina que, entre as “virtudes do leite”, estaria inclusa a capacidade de combater ao alcoolismo (VASCONCELLOS, 1921a, p. 223). Não acrescentou maiores detalhes sobre como percebia essa suposta propriedade que emprestava ao produto, nem esclareceu como chegara a semelhante conclusão.

¹¹ Após o conflito, a derrotada Alemanha da República de Weimar vivia verdadeiro caos hiperinflacionário. A França e a Inglaterra esforçavam-se para se reerguer economicamente.

É certo, contudo, que o alcoolismo aparecia no rol de alguns eugenistas como um dos fatores que conduziriam à degeneração da raça. Belisário Penna e Renato Kehl eram alguns daqueles que assim se posicionavam (CONGRESSO NACIONAL DOS PRATICOS, 1922).¹² É certo ainda que as afirmações de Vasconcellos evidenciavam as expectativas que nutria e que queria difundir em relação ao leite.

Em outra oportunidade, discursando na sessão de abertura da Primeira Conferência Nacional de Leite e Laticínios, por ele organizada e presidida no ano de 1925, Vasconcellos enfatizou, mais convencido do que nunca, pois apoiado nas certezas da “grande república norte-americana”: “Graças ao leite, em perfeitas condições, reconfortam-se as crianças, reparam-se os distúrbios renais que encurtam a vida do homem, já tão curta de si mesma e desintoxicam-se os organismos inveterados em alimentações malsãs” (VASCONCELLOS, 1926c, p. 16).

Segundo sua concepção, o leite – um problema e um campo de pesquisa que procurava abarcar para si – poderia se converter em verdadeiro “elixir de saúde”¹³ (VASCONCELLOS, 1926a, p. 350), deixando de ser o foco de doenças denunciado por vários médicos e que até então proporcionava-lhes tantas preocupações.

¹² Nancy Stepan (1991, p. 92) associa a preocupação médica com o alcoolismo à puericultura e à eugenia. Aponta para a mesma como uma das formas talvez mais puras da expressão neolamarckista da eugenia brasileira, pela crença de que o consumo prolongado de álcool produziria defeitos hereditários na prole. William Schneider (1982, p. 271) aponta o alcoolismo como fonte de preocupação também presente entre os eugenistas neolamarckistas franceses.

¹³ Possível referência ao “elixir de longa vida”, ou seja, “substância a que se atribuí a virtude de prolongar a vida” (AULETE, 1925, vol. 1, p 782). Outras acepções indicadas por Aulete (id.): “Tintura alcoólica composta de várias substâncias; solução de diferentes substâncias em álcool. (...) Vinho muito puro, balsâmico e confortativo. (...) O que há de melhor, de mais precioso em qualquer coisa.”

E exatamente por esse motivo, seria um elixir a ser empregado em favor dos objetivos eugenistas. Era a conclusão a que chegara, pautado em sua confiança nos saberes que afirmava cientificamente embasados, e da qual tentava fazer convencido um número cada vez maior de pessoas. Saberes esses desenvolvidos e/ou legitimados pelos laboratórios da Seção de Leite, ou apreendidos nos Estados Unidos e com outros homens de ciência.

Entre eles, provavelmente aparecia o seu amigo Castro Barreto. Anos antes, em 1922, ambos haviam atuado como relatores de temas no Congresso Nacional dos Práticos. No evento, o relatório oficial de Castro Barreto, que versava sobre o tema *O médico e o culto da raça* (BARRETO, 1922), foi categórico ao defender que “O médico, hoje mais do que sempre, representa o mais alto fator na formação da raça”. E detalhou em seguida: “É na infância que o médico pode prestar os melhores serviços à raça, nos conselhos sobre a nutrição e correção das taras e heranças mórbidas, enfim, em toda ordem de orientação higiênica do novel organismo” (Ibid., p. 208).

Recuando-se um pouco mais no tempo, o mesmo Castro Barreto aparecia dissertando sobre o leite, perante a Sociedade de Medicina carioca. Então destacou que do leite dependeria “imediatamente não só o coeficiente de letalidade infantil, de morbidade geral, mas grandemente a eugeniização das populações” (BARRETO, 1920b, p. 734-735).

Vasconcellos e Barreto estavam à frente de órgãos interessados no leite bovino. O primeiro, produzindo conhecimentos e tentando divulgá-los, através da Seção de Leite; o segundo, fiscalizando sua comercialização. Ambos revelaram-se preocupados com o ideal de eugenzar o brasileiro. E Vasconcellos preocupou-se

ainda em trazer propostas para que se cuidasse do homem brasileiro, tanto na infância, quanto na idade adulta, fazendo eco a parte das proposições do médico Antonio de Almeida Júnior, homem de ciência também mobilizado pelos ideais eugenistas norte-americanos.

Recorrendo à crença na suposta “plasticidade” do cérebro infantil, noção apreendida com Herbert Spencer (ROCHA, 2003, p. 43, 55), Vasconcellos e Almeida Júnior defendiam que a infância seria o momento mais adequado para formar hábitos. E era essa a concepção de educação na forma como ambos a entendiam (VASCONCELLOS, 1923g).

E assim Vasconcellos dirigiu sua atenção, naquilo que lhe foi possível, para a educação infantil. Tal como fez Lobato, criou ele um trabalho de ficção. O seu voltava-se à problemática envolvendo hábitos higiênicos e infância, por extensão, o cuidado com a raça: uma peça de teatro em um ato intitulada *Atraz do pote de leite* (VASCONCELOS, 1926a).¹⁴

Na peça, defendeu seu ideal de uma sociedade eugênica. Sociedade esta que, apresentada sob a sua perspectiva, vinculava à higiene, e, com especial ênfase, ao consumo do leite – daquele legitimado pela Seção de Leite -, o segredo da “defesa da espécie”.

Embora *Atraz do pote de leite* seja um trabalho de reduzidas dimensões, evidenciava algumas similaridades com *O presidente negro*, de Lobato, atendendo a finalidades em certa medida semelhantes àquelas pretendidas por este último.¹⁵ se o

¹⁴ O texto completo da peça *Atraz do pote de leite* foi publicado nos Anais da Conferência de Leite (CONFERENCIA NACIONAL DE LEITE E LACTICINIOS, 1926, p. 343-350). Também pode ser encontrado em Stancik (2002a).

¹⁵ Entende-se que, se é possível observar aspectos em comum entre o livro de Lobato e a peça de Vasconcellos, elas se explicam pelas problemáticas comuns partilhadas por muitos agentes do período, não se pretendendo indicar nada além de prováveis

criador do Jeca Tatu, ao falar do *Presidente negro*, tratou de um futuro nos moldes por ele almejados, *Atraz do pote de leite* não fez diferente. Muito embora não especificasse uma data precisa para o desenrolar daqueles acontecimentos e, diferente de Lobato, que situou o cenário de seu romance nos Estados Unidos, tenha enviado as ações de *Atraz do pote de leite* para um cenário descrito como “uma paisagem do interior: uma fazenda, campo, gado e uma fábrica de laticínios” (VASCONCELLOS, 1926a, p. 343).

Contudo, no melhor estilo positivista, ambos apostavam na eficácia dos saberes cientificamente fundamentados e no papel a ser desempenhado pelas elites na gestão dos homens, para que aquele futuro viesse a se concretizar também no Brasil.

Se Lobato não se ateve apenas a expor a utopia por ele sonhada, detalhando ainda os procedimentos para alcançá-la, outra não foi a intenção revelada pela obra de Vasconcellos. Ambos os autores também ressaltavam a certeza de que todo aquele que buscasse por soluções para o Brasil – inclusive as eugênicas –, encontraria nos Estados Unidos excelentes e eficientes exemplos a serem seguidos.

Além disso, as duas peças de ficção foram produzidas quase que simultaneamente. Vasconcellos criou a sua para ser representada na Conferência do Leite de 1925, embora, posteriormente, tenha sido encenada mais vezes, até

coincidências, uma vez que não se encontrou registro, tampouco se obteve qualquer informação que autorizem sugerir que os dois autores tenham estabelecido contato que pudesse viabilizar outra explicação para as semelhanças apontadas. Se algum dia houve essa aproximação, o que não é de forma alguma improvável, deve ter ocorrido pela intervenção de um Renato Kehl, ou um Belisário Penna, os quais sabe-se terem exercido decisiva influência sobre Lobato e, principalmente no caso do primeiro, com ele mantido contato ao longo dos anos.

mesmo fora do Rio de Janeiro (VELHO SOBRINHO, 1937, p. 177). Lobato, por sua vez, publicou *O presidente negro* em 1926.

O futuro utópico de que tratava a peça de Vasconcellos era marcado pela boa saúde, boa disposição e boa aparência dos personagens, descritos pelo agente como caracterizados por apresentarem “alegria, robustez, inteligência, beleza, dentes alvos e fortes”. Todos eles revelando-se convencidos em relação às “virtudes do leite” (VASCONCELLOS, 1926a, p. 349, 350).

Todos os personagens da peça revelavam-se cientes de que somente poderiam viver felizes e saudáveis colocando-se sob a orientação dos homens de ciência – aqueles agentes capazes de, por intermédio de suas pesquisas e ensinamentos, desfazer mitos e preconceitos disseminados entre a população, inclusive entre ricos industriais, grandes fazendeiros e prestigiados médicos (CONFERENCIA NACIONAL DE LEITE E LACTICINIOS, 1926, p. 109, 152-153).

Desse convencimento, mesmo o distribuidor de leite dava exemplos. Na sua fala:

Se quando à porta em que bato
Surge alguém sem boa tez,
Arranjo logo um jeitinho
Prá conversar com o freguês.

Então não perco o momento;
Vou logo entrando no assunto,
Indago dos sofrimentos
Que lhe dão cor de defunto.

Pergunto como se nutre,
Se dorme em quarto trancado
Respirando em ambiente

Muitas vezes viciado.

Descobrimo assim defeitos
 Nos costumes dos fregueses
 Sobre as virtudes do leite
 Eu falo mais de cem vezes.

A quem dele precisar
 Explico o bem que ele faz,
 Seja rico seja pobre
 Criança, velho ou rapaz. (Ibid., p. 349)

Exceção a essa realidade era Carlos, “um incrédulo das virtudes do leite, por ignorância própria e prosápia hereditária” (Ibid., p. 341). Até o dia em que lhe apresentaram a Fada da Saúde – “uma menina com trajes brancos”¹⁶ (Ibid., p. 349), personagem que Vasconcellos conheceu no Departamento de Saúde de Nova York.¹⁷

Essa alusão à “prosápia”,¹⁸ na forma como pensada por Vasconcellos, remete novamente à sua expectativa de que caracteres adquiridos fossem legados à descendência. Um pai que, por herança, revelasse saúde débil, poderia ter essa característica alterada por intermédio da educação, que o levaria à adoção de novos hábitos. Deixaria de ser ignorante a partir do momento em que se revelasse apto a

¹⁶ Além de uma provável alusão à cor do leite, o branco era empregado como sinônimo de pureza e virtude, em contraposição ao negro.

¹⁷ Conforme já indicado, entre outros personagens utilizados como recurso para atrair a atenção do público infantil nas escolas, a Organização da Saúde da Criança de Nova York havia criado a Fada da Saúde e o palhaço Cho-Cho (ROSEN, 1994, p. 287). Também Renato Kehl foi seduzido pela idéia da fada, apresentando, em uma de suas obras, a Fada Higia. Como as anteriores, também esta se ocuparia com a educação higiênica nas escolas (BRAZIL-MEDICO, vol. 39, 1925, p. 230).

¹⁸ “Prosápia” é sinônimo de “progênie, linhagem, ascendência, genealogia” (AULETE, 1925, vol. 2, p. 624).

zelar por sua saúde, inspirado nos novos conhecimentos adquiridos, e legaria aos seus filhos essa condição superior, cumprindo seu papel na defesa da espécie.

E esse aspecto, essa correlação entre ignorância e degeneração, era de crucial importância na versão apresentada por Vasconcellos quanto aos temas da educação higiênica, da transformação de hábitos e do zelar pela espécie. Se ele partilhava com Spencer e Almeida Júnior a crença na plasticidade do cérebro infantil, discordava deste último, por asseverar que “só a criança é realmente educável” (Apud ROCHA, 2003, p. 43).

Neste ponto, e isso era de vital importância para o chefe da Seção de Leite, Aleixo de Vasconcellos se postava ao lado de Lobato. Também o Jeca Tatu adulto poderia e deveria mudar de hábitos. Poderia e deveria, portanto, regenerar-se, superando sua condição degenerada.

É necessário prosseguir, para perceber melhor esse papel da educação, conforme proposto por Aleixo de Vasconcellos. Isso pode ser esclarecido através das terapêuticas por ele indicadas ao Jeca Tatu.

6.3.4 O Jeca Tatu segundo Aleixo de Vasconcellos¹⁹

Outro trabalho, também produzido para ser apresentado na Conferência de Leite de 1925, revela mais alguns elementos em relação às proposições de Vasconcellos sobre sua pátria e sua população, particularmente quanto ao homem

¹⁹ Valem aqui as mesmas observações feitas em relação às coincidências entre *Atraz do pote de leite*, de Vasconcellos, e *O presidente negro*, de Lobato, enfatizando-se contudo que, em relação ao Jeca Tatu, não há como não se propor que, havendo a influência no delineamento de personagens, esta se deu de Lobato sobre Vasconcellos.

adulto “degenerado”. Evidencia também detalhes relativos ao futuro utópico por ele almejado para o Jeca Tatu brasileiro.

Retornando de forma breve ao início do século XX, quando da conclusão de seu curso de medicina, pode-se supor que já naquele momento o jovem pesquisador começava a assumir que também ele passava a ter por missão buscar por soluções para os problemas do país, assim como vinham fazendo vários outros homens de ciência. Fazer ciência naquele contexto, tanto mais nos trópicos, por vezes tornava-se sinônimo de assumir aquela sagrada missão.

Quanto aos diagnósticos e as teorias que então circulavam e estavam a ele disponíveis - seja por intermédio da faculdade de medicina, pelo contato com outros homens de ciência, ou como for, pois as possibilidades para tanto são incontáveis -, Vasconcellos deles se serviu de maneira particular. Aceitando ou rechaçando estas ou aquelas proposições, foi elaborando o seu pensamento, seus próprios diagnósticos e propondo as soluções que julgava mais pertinentes. E seguramente não o fez de forma rígida, única ou imutável.

Dessa maneira, ao iniciar-se a década de 1920, quando a Seção de Leite o colocou diante da problemática do leite como produto comercial e como alimento humano, Vasconcellos parece ter encontrado e se servido do grande laboratório que assim se lhe oferecia. Não um espaço para poucos, afastado dos leigos, assepticamente isolado por quatro paredes.

Diferente disso, seu laboratório para pensar e desenvolver “remédios” para o país foi a imensidão de seu território – ou pelo menos aquelas parcelas com as quais pode contatar, mesmo que indiretamente, por intermédio dos relatórios de

outros funcionários do Serviço de Indústria Pastoril encarregados da fiscalização do leite, em diversos pontos do país.

E, não menos, o exterior. Destacando-se aqui não a Europa – que depois da Grande Guerra perdera muito de seu *glamour* como modelo ideal de civilização -, mas os Estados Unidos, este sim “um grande centro de civilização”, um modelo a ser seguido pelos brasileiros, nas palavras de Vasconcellos (O BRASIL NO CONGRESSO MUNDIAL DE LACTICINIOS, 1923).

Como outros vinham fazendo, entre eles Monteiro Lobato – e seria enfadonho prosseguir enumerando outros agentes -, Vasconcellos não ficou indiferente em relação à realidade brasileira com a qual teve contato, isto é, na forma como a percebia. De suas vivências, experiências e reflexões resultou a construção de um perfil do brasileiro, a atribuição de uma fisionomia e a associação de alguns atributos ao mesmo.

Decorreram também propostas orientadas no sentido de transformar aquela realidade. Terapêuticas estas que não nasceram com ele, que não foram simplesmente “copiadas” nas formas como foram propostas por outros agentes, mas que lentamente foram se construindo e reconstruindo na perspectiva do médico sociólogo e eugenista.

No caso de Vasconcellos, tendo-se em vista suas considerações sobre o brasileiro, percebe-se que ele associou-o ao tipo sociológico do Jeca: indolente, inapto para o trabalho, incapaz de levar o Brasil rumo ao progresso ou à civilização. E pretendia que ele não continuasse assim, isto é, desejava que se regenerasse eugenicamente, tal qual se dera com o Jeca de Lobato.

Isso se evidenciou no transcurso da Primeira Conferência Nacional de Leite e Laticínios, no Distrito Federal. Na oportunidade, além de promover o debate entre os homens de ciência, Vasconcellos manifestou-se preocupado em instruir o público leigo. E fez questão de que ele fosse composto tanto por crianças – destinou a elas parte especial de sua programação -, como por adultos. Estes ele já vinha tentando instruir, conforme se pode acompanhar com sua *Leite e Lactícínios*.

Por isso, após ser escolhido para organizar e presidir a Primeira Conferência de Leite, dirigiu ofício à Sociedade Nacional de Agricultura – SNA, uma das patrocinadoras do evento, tecendo considerações sobre como imaginava que o mesmo deveria se realizar. Em determinado momento, detalhou:

Ao lado da parte propriamente de exibição de exemplares e de produtos é preciso figurar também uma *seção de educação* e de instrução tecnológica acompanhada de preceitos higiênicos que aproveitem não somente aos industriais como ao público em geral.

Todas estas questões são fáceis de se fazer representar, por meio de figuras, quadros murais, projeções luminosas alusivas a cada ponto da indústria relacionado com o moderno progresso, verificado em os diversos países estrangeiros.

(...) É indispensável, além do concurso dos produtores, o dos fabricantes de aparelhos e importadores, o dos especialistas e tecnologistas e dos higienistas, a fim de que no recinto da exposição se encontrem fatores diversos de atração tanto para os diretamente interessados na indústria como para o público em geral. Este último que é de suma importância, que é em última análise o consumidor, para quem voltam todas as vistas, dos produtores, precisa também ser educado e instruído convenientemente (VASCONCELLOS, 1924s, p. 203-204, *itálicos no original*)

Visando atender àqueles objetivos, entre outras atividades, a Conferência do Leite registrou a realização de palestras proferidas por médicos, projeções, a

encenação da peça de teatro produzida por Vasconcellos, referida linha atrás. Serviu-se ainda da exposição de aquarelas.

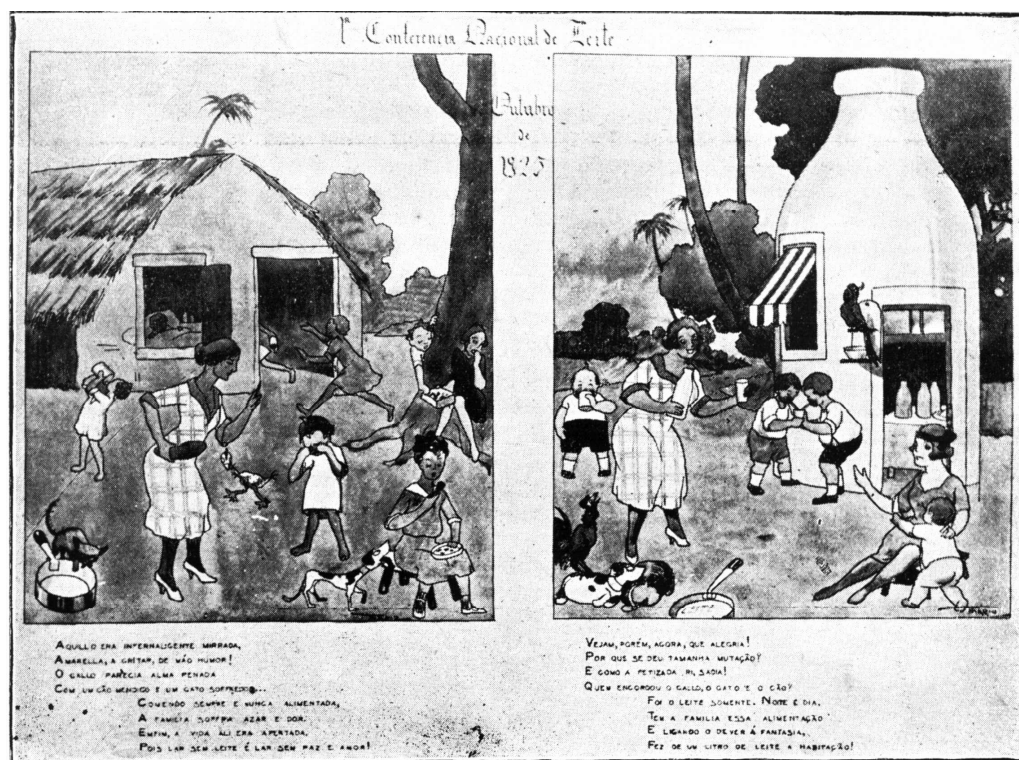
Estas últimas, as aquarelas, foram encomendadas por Aleixo de Vasconcellos ao pintor Mario Tullio.²⁰ Perfaziam um total de quinze quadros, produzidos com um evidente propósito educativo. Um deles, cujo título não foi mencionado pelos *Annaes*, trazia alusões ao Jeca Tatu, dividindo-se em duas cenas distintas, sugerindo uma seqüência, um antes e um depois, mas também um progresso.

A primeira cena apresentava o contínuo reproduzir-se da doença, da miséria e da degeneração, como vinham interpretando-a muitos homens de ciência. Expunha uma família de miseráveis desnutridos, a personificação da ignorância, da má alimentação e da falta de higiene, tantas vezes aludidas por Vasconcellos. Talvez pensasse neles ao propor que nos “sertões” brasileiros “os naturais vivem inocentemente vida bucólica e felizes dentro da couraça da ignorância” (VASCONCELLOS, 1923f, p. 481).

O grupo padeceria em meio à falta de higiene, em sua dupla acepção de asseio e higidez. Segundo podia-se ler na aquarela, em meio a um inegável exagero de retórica destinado ao convencimento: “A família sofria azar e dor; Enfim, a vida ali era apertada,/ Pois lar sem leite é lar sem paz e amor!” (CONFERÊNCIA NACIONAL DE LEITE E LACTICINIOS, 1926, entre p. 342-343).

²⁰ Pintor italiano naturalizado brasileiro, Tullio realizou exposições no Rio de Janeiro, Recife e São Paulo. Foi também professor de Belas Artes, desenhista e caricaturista.

FIGURA 5 – AQUARELA SEM TÍTULO



FONTE: CONFERENCIA NACIONAL DE LEITE E LACTICINIOS (1926, entre p. 342-343).

A habitação de que se serviam era um casebre, e até mesmo os animais de estimação, um cachorro, um gato e um galináceo, espelhavam o estado de profunda degradação física e moral do homem, passado de uma geração a outra. Alusão provável à reprodução da miséria e da degeneração, ou à sua “hereditariedade”.

Seres degenerados produziram novos seres degenerados, naquela ótica. E assim, também os animais evidenciariam aquela lei da natureza, pois, sobre os animais, registrava a aquarela: “O galo parecia alma penada/ Com um cão mendigo e um gato sofredor” (Id.).

Na primeira cena, os personagens pareciam ter saído das narrativas de Lobato sobre o Jeca Tatu. Um Jeca que, para superar aquela condição inicial degenerada deveria, na proposição de Vasconcellos/Tullio, fazer amplo uso de leite de boa qualidade, além de adotar outros hábitos higiênicos – que, conforme pode-se perceber, entendia ele ser possível também na idade adulta.

Às proposições de Lobato, segundo o qual a regeneração do Jeca somente se daria mediante o trabalho médico-científico que fazia a imposição dos hábitos higiênicos, do uso de medicamentos - o Biotônico Fontoura adotou-o como seu garoto-propaganda -, Vasconcellos acrescentou ainda os benefícios do amplo consumo de leite, o que não era aceito unanimemente pelos demais médicos, sendo até mesmo desaconselhado por muitos deles, por considerarem-no, conforme já referido, uma fonte de doenças e não de saúde.

Toda a degradação representada na imagem seria fruto não de um mal irremediável, mas apenas da ignorância. Eis o porque do tão exaltado papel educativo reservado ao homem de ciência. Agente que, procurando conhecer em profundidade a natureza, inclusive a humana, nela poderia interferir, transformando-a a seu bel-prazer, mas sempre fundado em verdades científicas.

Agente que, na concepção de Vasconcellos, não podia, por isso mesmo, permanecer limitado ao interior do laboratório: somente ele, a partir da propagação de conhecimentos estabelecidos sob o amparo da observação e da experimentação científicas, poderia indicar os caminhos seguros que todos deveriam trilhar, com os quais a raça se aperfeiçoaria, e o país se tornaria próspero e civilizado. Ou seja, seus conhecimentos e sua capacidade de intervenção, naquela ótica, não poderiam

ficar restritos à natureza, nem ao mundo microscópico, mas deveriam se estender também à sociedade.

Era, portanto, a aceitação e aplicação de seus ensinamentos que determinariam as profundas distinções entre as duas cenas da aquarela. Que fariam a distinção entre o Jeca e o homem saudável, produtivo, belo, eugênico. Tanto na infância, quanto na idade adulta.

E nem poderia ser de outra forma, na versão do chefe da Seção de Leite. Senão, qual o destino daquele órgão, cujas principais atribuições, segundo o perfil que o próprio Vasconcellos lhe imprimiu, seriam produzir conhecimentos e difundirlos, em favor da defesa da espécie – conforme lição apreendida a todo instante, naquele período?

Vasconcellos acatava, em parte, o pensamento de Almeida Júnior e Herbert Spencer, aceitando a maior maleabilidade do cérebro infantil. Não podia, contudo, acatá-lo sem ressalvas, pois, se assim procedesse, comprometeria os propósitos da Seção de Leite. O que fazer dela, se sua principal bandeira estava, de antemão, fadada a fracassar? Os Jecas Tatus com os quais lidava a Seção de Leite teriam que ser passíveis de cura, tal qual asseverara um dia Monteiro Lobato.

Por essa razão, o chefe daquele órgão público pregava também em prol da alfabetização. Alfabetizar, para Vasconcellos, seria dotar a população de um instrumento por intermédio do qual esta se tornaria acessível e receptível aos ensinamentos da Seção de Leite, pois ele entendia que, analfabetos, os homens tendiam a permanecer na ignorância, alheios aos saberes cientificamente fundamentados. Assim, constituiriam sempre um empecilho para o sucesso daquele órgão.

Por isso, na segunda cena da aquarela, a mesma família e todo o ambiente circundante haviam sofrido uma profunda transformação. A desordem e a degeneração daqueles Jecas eram substituídas pela saúde e boa disposição – é o que as formas mais arredondadas dos personagens, assim como o ambiente circundante pareciam querer indicar. Tudo por obra da disseminação e aplicação dos saberes médico-científicos como aqueles que Vasconcellos vinha desenvolvendo e esforçando-se para propagar e tornar aceitos pela sociedade.

Eis aí o verdadeiro e duplo papel dos homens de ciência, na sua concepção: produtores de saber e seus disseminadores, educando, instruindo. Agentes portadores de conhecimentos que de maneira alguma poderiam ficar circunscritos aos limites do laboratório, mas que deveriam se fazer presentes e atuantes na sociedade, trabalhando para transformá-la e para transformar ao mesmo tempo o modo de ser e agir de sua população. Tudo sob a chancela da ciência.

Aos Jecas Tatus não caberia muito mais que a alfabetização como forma de abrir acesso à educação higiênica e a novos hábitos. Assim, Vasconcellos estava convencido, se tornariam aptos para também tomarem parte na construção de uma nação civilizada e moderna, através da superação da miséria, da degeneração, do atraso que os homens de ciência enxergavam em todos os recantos do país.

Aqui, além da alusão ao brasileiro como um Jeca Tatu doente e improdutivo, constata-se mais uma similaridade entre o pensamento de Vasconcellos e o de Lobato. Trata-se do viés neolamarckista, o qual entende-se presente também na abordagem daquele homem de ciência. Ora, como interpretar sua ênfase na higiene, na educação, na boa alimentação, em prol da “defesa da espécie”?

Higiênico, bem alimentado, educado, o brasileiro não apenas melhoraria sua condição individual, como também legaria à sua descendência aquela condição superior. Caso contrário, sua prole prosseguiria herdando a decadência física, intelectual e moral retratada na primeira cena da aquarela, conforme se pode inferir pela pregação de Vasconcellos.

Alfabetização, higiene e boa alimentação, constituíam as bandeiras do homem de ciência à frente da Seção de Leite. Observe-se, contudo, que se Vasconcellos reportava-se à problemática alimentar, a ênfase recaía sempre nos “maus hábitos” e na “ignorância”. Não falava em fome. Se, conforme observado, Vasconcellos antecipou-se a Josué de Castro, dizendo ser o leite o principal alimento humano, não estava posta, na década de 1920, a problemática da fome, que seria trabalhada por este último a partir da segunda metade da década de 1930 e, principalmente, década de 1940, com a publicação de *Geografia da fome* (CASTRO, 1980).

Ainda em 1933, o médico Silva Melo, reportando-se ao problema alimentar no Brasil, insistia que “O essencial é que a alimentação seja variada, sadia, de bom aspecto e paladar, e suficiente em calorias, sais e vitaminas” (MELO, 1933, p. 527). Restringia sua análise à dimensão físico-químico-biológica, mas não aprofundava seu aspectos políticos e sociais, pois prosseguia insistindo que o “problema da nutrição” constituiria “um problema médico”.

Prosseguiria por bem mais de uma década a insistência no embate entre saberes médico-científicos produzidos por homens de ciência e a suposta ignorância, que se dizia reproduzida pela população.

6.3.5 Higiênico e tanto melhor se um pouco menos mulato...

Outro aspecto, no entanto, deve ainda ser ressaltado no que diz respeito aos traços físicos evidenciados pelos personagens representados nas duas cenas. Primeiramente, lembre-se que Vasconcellos enfatizou que, no seu entendimento, o brasileiro seria um homem degenerado. Mas assim mesmo jamais mencionou que ele seria assim por padecer de um suposto mal de raça.

Sua compreensão era, portanto, que a raça não se tornara degenerada no país pela mescla racial, ou por quaisquer fatores biológicos inexoráveis, irreversíveis. Entendia, além disso, que para a superação daquela condição seria necessário, acima de tudo, afastar o brasileiro de seu estado de ignorância, transformar seus hábitos, tarefas estas na qual os homens de ciência desempenhariam um destacado papel.

Ao observar-se os personagens da aquarela em questão, percebe-se, contudo, que há um evidente contraste na tez dos mesmos. No momento em que eles personificavam a saúde, a boa alimentação, a adoção de hábitos saudáveis, de práticas higiênicas, não se encontrava entre eles qualquer representante da miscigenação com negros. Ou seja, todos revelavam, além das formas arredondadas, a pele clara.

Diferente era a representação daqueles que, na primeira cena, personificavam tudo aquilo que Vasconcellos desejava eliminar. Entre estes últimos, constata-se a existência de um personagem de pele inegavelmente mais escura, qual seja, a personagem feminina postada em pé, em primeiro plano, trajando vestido claro e com o dedo em riste.

Havia ainda dois outros, dos quais não se pode, com tanta segurança, precisar a cor da pele. No canto inferior direito, aparece uma personagem feminina sentada e, atrás da mesma, uma criança correndo em direção à porta do casebre, as quais podem ter a pele menos clara pelo recurso do sombreamento.

Nesse aspecto, sempre resta alguma margem de dúvida sobre a real intenção e mesmo sobre a autoria daquela representação, uma vez que a tela deve-se à dupla autoria de Vasconcellos – que a encomendou e, certamente, impôs o tema e a forma de o explorar – e de Mario Tullio, o artista que pode ter registrado na mesma algo que não correspondia inteiramente às intenções da encomenda. Entretanto, o certo é que, ao final, a tela teve a chancela de Vasconcellos e foi por ele empregada na divulgação de sua percepção do real.

Também é certo que na segunda cena não aparecia nenhum mulato. A mulata da primeira cena ressurgia em seguida, trajando o mesmo vestido, mas sua cútis apresentava então uma pigmentação que sugeria não ser mais uma mulata. Teria se operado seu “branqueamento”.²¹ Além disso, na cena à esquerda que representava o passado sem leite, a mesma personagem, se mostrava magra e sisuda. Na cena seguinte, reaparecia com alguns quilos a mais, sorridente, com uma fisionomia mais jovial - talvez os olhos maiores, mais arredondados, e o tipo de penteado produzam essa impressão - e, conforme já acentuado, de pele inequivocamente branca. Era como se a mesma houvesse se submetido ao tratamento de que se serviam os negros do romance de Lobato, desejosos de se assemelharem aos brancos, servindo-se, para tanto, da despigmentação da pele.

²¹ Expresso meus agradecimentos ao Prof. Dr. José Augusto Leandro, por indicar-me esse detalhe, de importantes consequências, ao qual não havia atentado quando da publicação do artigo Stancik (2005b) no qual, em parte, se inspira o presente capítulo.

O que se constata é que, mesmo quando entendido como um mal não inerente à raça, a degenerescência era, ainda assim, representada como associada ao tipo físico miscigenado, o mestiço considerado sempre como um fator de desequilíbrio e de degeneração. Inclusive aqueles que manifestavam a intenção de redimi-los enfrentavam dificuldades em escapar aos estereótipos relativos à mistura de raças firmemente estabelecidos e circulantes naquela sociedade.

6.3.6 Leite bom para a eugeniação do homem

Defendendo que o leite combateria o alcoolismo, ou dizendo-o capaz de reparar distúrbios renais (VASCONCELLOS, 1921a, p. 223; 1926c, p. 16), para finalmente concluir que seria ele um “elixir da saúde”, Vasconcellos não acrescentou maiores elementos capazes de demonstrar a validade daquelas assertivas.

Tal atitude vinda de um homem de ciência explicava-se. O campo médico e mesmo o campo intelectual do período encontravam-se impregnados de noções de caráter eugenista e racista. Apresentavam elas variados matizes, que se sobrepunham e/ou excluía, evidenciando disputas pela melhor definição do que seria, afinal, eugenia.

O que as lentes dos microscópios da Seção de Leite revelavam não era algo próprio da natureza ou exclusivo da mesma. Era a sociedade, as relações sociais. Apenas e tão-somente visualizar como se comportavam microscópicos habitantes do leite artificialmente colorizados pelo Azurol ou pela solução de Giemsa não acrescentaria nada: essa possibilidade já estava dada desde o século XVII, com o desenvolvimento dos primeiros microscópios.

O que fazia a diferença era não ficar apenas na constatação da presença daqueles pequeninos seres. Era o tipo de olhar a eles dirigidos, ou seja, os pressupostos que o orientavam naquela direção. Era fazer a sua transposição do mundo microscópico para o mundo dos homens e colocá-los para interagir com eles. Era tirá-los do mundo microscópico e inseri-los entre os homens, tirá-los da natureza e levá-los para a sociedade.

Para estabelecer como se processaria essa relação entre homens e micróbios, veio o questionamento: como teriam eles chegado ao leite, já que não eram, obrigatoriamente, parte constituinte do mesmo, mas seus indesejáveis habitantes?

A resposta a essa questão não foi fornecida pelos microscópios, ou pelos microorganismos, agentes patogênicos e/ou estranhos ao leite. Nem foi encontrada no interior dos laboratórios da Seção de Leite. Ela veio não do micro, mas do macro. Ela já estava, de antemão, dada há mais tempo: a ignorância do homem, seus maus hábitos eram a ponte entre eles e o leite. Somente a ignorância de quem dele se servia, de forma inadequada segundo propunha Vasconcellos, poderia comprometer suas quase mágicas propriedades, capazes de favorecerem a construção de uma raça eugênica.

O mesmo valendo para o leite. Sua constituição, seu percentual de gordura, seus elementos nutritivos, suas propriedades, embora cientificamente estabelecidas – quer dizer, propostas como inquestionáveis, pois supostas como amplamente comprovadas – tiveram que se inserir na sociedade, coadjuvando com os homens.

Assim se deu quando foi lançada a questão: “Porque o leite é importante?”. O microscópio nada declarou a esse respeito. Foi nos debates em torno da questão

da raça – portanto bem longe do ambiente asséptico e supostamente neutro de um laboratório – que o leite foi inserido e proposto, naquele momento, como importante. Ele então deixou de ser simplesmente leite de vaca para transformar-se no “elixir da saúde”. Se assim legitimado, poderia fazer muito mais que simplesmente alimentar crianças e adultos, passando a representar mais uma importante peça no jogo eugenista da defesa da espécie.

Nesses termos, conforme propõe Latour (2000), aquilo que é apresentado como “cientificamente comprovado”²² não passa de uma verdade assumida e reafirmada por um grupo de pessoas – no caso, homens de ciência – e jamais é definitivo. Afinal, há sempre o risco, senão a certeza, do aparecimento de outro grupo ainda mais poderoso e decidido a derrubar aquela verdade, assumindo e colocando no seu lugar novos fatos cientificamente comprovados.

Mas, nesse caso, havia um fator extra-laboratórios que se impunha aos que se propunham homens de ciência e que os obrigava a ir além da comprovação científica de suas proposições: um verdadeiro homem de ciência tinha que dar contribuições para o progresso e a felicidade de sua pátria!

²² O “cientificamente comprovado” também refere-se àquilo que é absolutamente inacessível, em todos os seus aspectos, aos leigos, não iniciados naquele determinado ramo da ciência. Ao se demonstrar proposições na Seção de Leite, recorria-se às evidências obtidas nos seus laboratórios, como na passagem que se segue: “Levando em consideração os resultados fornecidos por estas análises em número de 70, nas quais o NaCl foi dosado pelo método volumétrico de Charpentier e a lactose pelo método manganimétrico de Berthrand, especialmente indicados para observar a relação cloro-lactose, não verifiquei propriamente relação constante entre estes dois componentes, quer nos leites individuais, quer nos leites de mistura de vários animais” (CONFERENCIA NACIONAL DE LEITE E LACTICINIOS, 1926, p. 69). Diante de tais elementos, a adesão é o “resultado normal da retórica científica: o leitor acredita no que o autor alega e ajuda a transformar em fato suas afirmações, usando-as depois sem discuti-las (...). Há mais uma possível reação, porém tão rara e cara que é quase numericamente desprezível: a *reexecução* de tudo aquilo que foi feito pelos autores. (...) Isso é possível com uma condição: que o discordante esteja equipado com um laboratório ou com meios de ter acesso direto à natureza de modo mais ou menos semelhante ao que o autor teve. Não espanta que esse modo de ler um texto científico seja raro!” (LATOUR, 2000, p. 101, *itálicos no original*).

As suas proposições, além de cientificamente comprovadas, eram conformes às problemáticas que se colocavam à sociedade e orientavam também a ação daqueles homens de ciência. Inclusive enquanto faziam contagem de bactérias, determinação de teor de gordura, ou qualquer outro procedimento somente possível em seus laboratórios.²³

Fazer ciência é fazê-la dentro e fora dos laboratórios. É tornar determinados produtos aceitos e fazê-los circular na sociedade. Tanto é assim que, para tentar emprestar força e credibilidade aos seus argumentos, Vasconcellos preocupou-se em, mais que simplesmente comprovar cientificamente, isto é, no laboratório, associar suas proposições ao objetivo maior de defender a raça, ou seja, eugenizar. O leite, nesse sentido, sendo transmutado em elixir da saúde. Os micróbios e demais elementos estranhos ou indesejáveis ao leite, associados à ignorância. Cada peça desempenhando um papel relevante em meio às relações sociais e culturais então em vigor.

Além do mais, para atrair a atenção e o interesse e obter a adesão em torno do produto, da Sessão de Leite, de seu trabalho de homem de ciência, Vasconcellos procurou a todo custo evidenciar que o leite seria o melhor alimento para uma raça forte, saudável, produtiva, eugênica.

Afirmar apenas que o leite, nas condições estabelecidas pela Seção de Leite, seria um alimento indicado para adultos e crianças não constituiria um argumento forte o bastante. Era preciso mais. Era preciso não necessariamente

²³ E isso não as invalida em sua “cientificidade”. Bruno Latour (2000, p. 103-104) constatou que: “Embora de início isso pareça contrariar o senso comum, quanto mais técnica e especializada é uma literatura, mais ‘social’ ela se torna, pois aumenta o *número de associações* necessárias para isolar os leitores e forçá-los a aceitar uma afirmação como fato” (itálicos no original). Ela é “extremamente social” uma vez que baseia-se e apóia-se na “palavra de muitos homens bem equipados”, onde uns simplesmente acreditam nos outros.

demonstrar, mas convencer a todo custo à população, governantes e, em especial, seus pares-concorrentes de que o leite por ele chancelado era um alimento ideal para a defesa da raça.

Foi preciso associá-lo à eugenia, aos propósitos de regenerar a raça, para tentar torná-lo um objeto legítimo de trabalho, seja de um médico, seja de um homem de ciência. Não foi, portanto, pela demonstração científica que ele, embora homem de ciência, tentou fazê-lo. Foi inserindo-o como mais uma peça e mais um argumento nos debates obrigatórios do período.

6.4 “MUITA TERRA NÃO É O QUE FAZ A GRANDEZA DE UM POVO E SIM A QUALIDADE DOS SEUS HABITANTES”²⁴

Nos dias atuais está estabelecido que não faz sentido falar em “raças puras”. No entanto, a noção de raça foi e tem sido empregada para hierarquizar e desqualificar indivíduos e grupos percebidos como diferentes e indevidamente - aos olhos de hoje - qualificados como inferiores.

Assumindo pressupostos racistas, diferentes agentes, instituições, interesses, em variados contextos culturais, sociais, econômicos e políticos deram lugar a diferentes formas de apropriação dos temas raça e eugenia. Contemporâneos, pensando os problemas do país, Vasconcellos e Lobato revelaram a originalidade de suas perspectivas, através das proposições que trouxeram à público em seus trabalhos.

²⁴ Lobato (1948, p. 215).

Lobato, em determinado momento, passou a dar maior ênfase ao saneamento em lugar da raça, ao pensar o seu Jeca Tatu. Vasconcellos também não nasceu um defensor da educação, da higiene, do leite como o “principal alimento”. Ambos construíram suas perspectivas reelaborando aquilo que lhes era oferecido pela sociedade, conforme suas necessidades e possibilidades e, com isso, mudando de opinião, repensando suas práticas, descartando ou ignorando o que não lhes servia.

Tanto Vasconcellos, quanto Lobato dirigiram sua atenção e suas preocupações para aqueles que, sob os seus olhares, seriam os Jecas dos sertões brasileiros. Ambos, a partir de sua inserção social e de suas experiências com homens de ciência, com o homem do campo e com as classes mais pobres, foram construindo e reconstruindo suas representações, elaborando diagnósticos, prescrevendo tratamentos.

Assim como Lobato indignou-se com os caboclos que realizavam queimadas, Vasconcellos, propondo um tipo de Jeca que não se limitava aos sertões, reagiu diante daqueles que, ao produzir, comercializar e industrializar, e mesmo consumir o leite, o faziam sob a orientação de saberes e adotando práticas presentes na sociedade desde os tempos coloniais.

Para Vasconcellos, isso evidenciaria que aqueles homens seriam infelizes reféns de uma verdadeira “courage da ignorância”. Esta não apenas os isolava do tão almejado ideal de civilização e progresso, mas dele afastava a todo o país. Explicava-se assim, no seu entendimento, uma realidade sócio-econômica que se supunha muito distante daquela que ele imaginava presente nos Estados Unidos.

O papel do Instituto Oswaldo Cruz foi decisivo na construção da perspectiva de ambos. Lobato foi influenciado pelo Brasil descoberto com as expedições aos sertões realizadas pela instituição. Vasconcellos, por sua vez, ali iniciou sua formação e deu seus primeiros passos como homem de ciência.

Outra similaridade foi o fato de ambos terem se colocado à frente de empreendimentos editoriais num país repleto de analfabetos, embora em escala bastante diferente. Lobato, com a *Revista do Brasil*; Vasconcellos, com a sua *Leite e Lacticínios*, de reduzida repercussão na sociedade.

Acrescente-se ainda o viés neolamarckista, a crença na herança de caracteres adquiridos. Embora este, conforme salientou Nancy Stepan, contagiasse uma significativa parcela daqueles que, no período, interessaram-se pela problemática da eugenia.

Se perante o racismo e o eugenismo Vasconcellos empunhou a bandeira da defesa da espécie através da alimentação e da alfabetização, Lobato, por sua vez, embora hierarquizando as raças, em certas ocasiões procurou reelaborar um discurso racista, em favor do saneamento.

Ambos, porém, por mais que tenham empreendido esforços, não escaparam por completo da tendência ainda vigente – será que superada? – de associar a miscigenação racial à degeneração. Lobato, de forma muito evidente, reafirmando representações racistas e mesmo darwinistas-sociais relativas aos negros. É o que sua obra *O presidente negro* torna tão patente, dando a impressão que seu autor havia esquecido, rapidamente, as lições apreendidas em torno do Jeca e de sua “degeneração”. Vasconcellos, embora de forma mais sutil, quiçá até

mesmo inadvertida, reproduziu o estigma sobre o mulato, ao associá-lo à condição degenerada.

O Jeca Tatu, o Presidente Negro, Carlos, o menino da peça de teatro que não gostava de leite, os mulatos da aquarela, embora todos personagens de ficção, são mostras da realidade na forma como Lobato e Vasconcellos a percebiam. Mais que isso, exemplificam as dúvidas e as certezas entre as quais, em determinado momento, se moviam alguns agentes sociais nas décadas iniciais do século XX.

Observa-se que Vasconcellos aceitava, a sua maneira, as teorias da superioridade dos mais aptos. Entendia que a sociedade seria passível de evolução e isso seria obra dos mais capazes. Em situação bastante diversa estariam os menos capazes, tendentes à pobreza e à reprodução da miséria e ignorância, sempre segundo sua ótica.

Nisso, não discordava de velhos mestres como Herbert Spencer. Este considerava que a miséria e a fome faziam parte da natureza dos menos aptos, uma vez que, seres inferiores, caminhavam em direção ao desaparecimento pela extinção, uma vez abandonados à sua própria sorte e recursos.

Vasconcellos, por sua vez, não associava essa suposta condição inferior à raça ou à miscigenação, nem a percebia como uma situação irreversível. Entendia que fatores externos prejudicavam e degeneravam a espécie. Os maus hábitos, como a falta de higiene e os problemas alimentares estavam entre eles. Uma vez removidos e superada a ignorância, qualquer raça se revelaria forte, trabalhadora, saudável. Habitado por um povo com essas características, qualquer nação atingiria os mais elevados estágios da civilização.

Vasconcellos acreditava, assim, no desaparecimento da miséria e da degeneração pela superação dos maus hábitos que, no seu entendimento, a elas conduziriam. Seria necessário, para tanto, submeter a miséria e a ignorância à ação dos homens de ciência. Nesse aspecto, portanto, pensava de forma bastante diversa de Spencer.

E assim se revelaria a importância da missão a que estariam destinados os homens de ciência naquele momento: zelar pela raça. A eles, membros de uma elite destinada a conduzir sua nação a um bom destino, caberia a incumbência de empreender estudos de natureza científica e, apoiados nas “verdades” assim obtidas, instruir à população.

Nesse aspecto, Vasconcellos dizia existir mais uma barreira, constituída pelo analfabetismo. Por isso a urgência de alfabetizar a população infantil e adulta, medida essa com a qual acreditava torná-los receptivos aos saberes higiênicos e à aquisição de novos hábitos.

Com isso, ia além de Spencer e de mestres mais próximos como Sílvio Romero e Afrânio Peixoto, eles mesmo dotados de uma interpretação original das teorias racistas e darwinistas sociais, readequadas à realidade do Brasil.

Vasconcellos não negava que também na sociedade se observasse a luta pela sobrevivência e o predomínio dos mais aptos. Apenas acrescentava que, nesse jogo, as cartas não estavam previamente marcadas – como enfatizavam autores racistas – e que poderiam vir a ter um valor variável conforme as circunstâncias, isto é, se submetidas à intervenção da ciência.

Tal como Galton, o chefe da Seção de Leite acreditava na “perfectibilidade” das raças, não fazendo-a associada à seleção, mas à adoção de

hábitos saudáveis. Acreditava numa versão evolucionista da sociedade, menos à moda de Spencer e mais à do médico Manoel Bomfim – também ele um evolucionista, referido por Vasconcellos como um dos autores que lhe iluminavam o entendimento (VASCONCELLOS, 1923g; 1924p). Pois, conforme conclamou Bomfim (1938, p. 462):

Atiremo-nos à ação; não esperemos que uma corrente fatal nos leve ao progresso; atiremo-nos à ação, como quem está convencido de que o progresso e a felicidade se conquistam, e que só os alcançam os que sabem conquistar. Busquemos da ciência os seus recursos eficazes, infalíveis; e, emancipados pela crítica, iluminados pelo saber, voltemo-nos à vida, confiantes e fortes, preparando para nós mesmos o conforto, a fraternidade, os gozos elevados, morais e estéticos; e esforçando-nos por transmitir às gerações futuras o esboço de uma felicidade mais perfeita. Será este o mais digno tributo que podemos oferecer à nossa pátria; destarte seríamos patriotas sendo ao mesmo tempo essencialmente humanos, que o único patriotismo compreensível e nobre é o que se traduz em melhorar as condições de existência dentro de cada país, solidarizando os indivíduos na luta pela vida, solidarizando as pátrias no sentido da civilização e da humanidade.

Por isso mesmo, Bomfim é apontado como uma grande exceção entre a intelectualidade do período. Embora não tenha necessariamente negado o evolucionismo, criticou o racismo. Foi, por isso, duramente criticado por Sílvia Romero e outros pensadores do período e, destoando das concepções então prevalentes, foi pouco lido. Mas, não passou despercebido a Vasconcellos, servindo-lhe, em certos aspectos, de inspiração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser humano é ser social, processo que se opera de forma singular, aleatória, contraditória, não planejada, não linear, produzindo obras, entre as quais está o fazer-se a si próprio. É incorporar, na relação com os outros e de forma singular e particular, um determinado e transitório conjunto de relações sociais, convicções, valores, saberes, regras, visões de mundo, necessidades. O que é feito em sociedade, no interior de um processo sócio-histórico, interagindo com atores sociais, grupos e instituições, no lar, na escola, no trabalho, no lazer. Processo em contínuo devir, sempre único, original, imprevisível, através do qual se constróem os indivíduos, mas também os grupos, as instituições humanas, os contextos.

Vasconcellos construiu-se, pouco a pouco, como um médico e, ao mesmo tempo, foi se reconstruindo como um cientista e, finalmente, um homem de ciência. Passo a passo, na faculdade, em Manguinhos, na Policlínica, no Ministério da Agricultura. A ponto de se poder afirmar a seu respeito que se tornou, com o passar do tempo, “médico clínico”, “médico experimentalista”, “médico higienista”, “médico sociólogo” e “médico eugenista”, conforme classificação proposta por Renato Kehl (1923, p. 35).

Resultado disso é que, conforme já antecipado na Introdução, nessa trajetória, a eugenia não surgiu subitamente, bem definida, pronta. Ela foi construída lentamente, em meio a um processo de apropriação no qual estiveram presentes estudos, jogos de interesses, dilemas, disputas, conflitos, controvérsias, alianças e muito esforço.

E Vasconcellos o fez segundo suas possibilidades, seus trunfos – financeiros, sociais, escolares, culturais - e na medida em que as oportunidades surgidas tornaram viável. Mas não necessariamente a partir de um projeto pré-determinado, pois isso não se observou, a não ser, talvez, como exceção. Se a opção pela faculdade médica foi imposição paterna, ou não, o Ministério da Agricultura sequer existia, quando o agente cursava a mesma. A Seção de Leite não foi projeto seu. Tampouco existia antes de tê-la assumido. Mas revelaram-se decisivos em sua trajetória.

Assim também se deu com alguns fatos pontuais. Entres outros, a realização de uma viagem aos Estados Unidos, possibilitada por seu pertencimento em condições privilegiadas às estruturas do Ministério da Agricultura.

Talvez o sonho de tornar-se conhecido e reconhecido como um homem de ciência possa ter despertado razoavelmente cedo – não se pode precisar quando. Capitais para tanto não lhe faltavam. Revelava-se um sonho acessível aos seus recursos. Já não o seria, ou somente a custa de muito maiores esforços e superações, se se tratasse de um menino pobre, destituído de recursos financeiros, sociais e culturais.

No ano de 1935, reconhecido não apenas como médico, mas como um homem de ciência, Vasconcellos passou a ocupar uma cadeira como titular da Academia Nacional de Medicina, num evidente sinal de reconhecimento de seus pares-concorrentes. Lá ele permaneceu por 25 anos, vindo a falecer em 1961.

Nesse meio tempo, não privilegiado no presente estudo, ainda produziu muitos trabalhos, prosseguiu no exercício da medicina, em seu consultório particular e também como chefe do setor de pediatria da Policlínica de Crianças, então

denominado Hospital José Carlos Rodrigues. Deu continuidade à sua carreira no magistério superior, às análises laboratoriais, à produção e comercialização do *Pertussol*, dos outros medicamentos, do iogurte, do kefir.

Isso dá uma idéia do quanto ainda pode vir a ser estudado em relação à sua trajetória, tanto no período aqui analisado, quanto posterior ao mesmo. Inclusive no que se refere à necessidade de prosseguir a busca por outros trabalhos seus, não localizados até o momento.

O leite, contudo, havia sido recentemente retirado de suas mãos, e, a partir de então, seus trabalhos tenderam a descurar das temáticas eugenistas. No início da década de 1920, Vasconcellos foi alçado à condição de chefe da Seção de Leite e dela saiu como uma autoridade internacionalmente reconhecida no assunto e com uma proposta totalmente singular de eugenia. Depois que foi dela afastado, sua atuação pública prosseguiu junto às associações médicas.

Porém, seus projetos para a sociedade, particularmente os eugênicos, perderam força a partir do momento em que, não havendo mais Seção de Leite a dirigir, tendeu a perder a hegemonia na produção de discursos em relação ao produto. Não mais dispunha dos recursos institucionais e financeiros – mesmo que escassos como aqueles destinados ao Ministério. Não dispunha, acima de tudo, de um lugar de onde falar com a mesma legitimidade de antes, na condição de “proeminente médico brasileiro” envolvido com os assuntos relativos à saúde, junto ao governo federal, como a ele se referiu o cônsul Hélio Lobo (1923). Afastado da chefia do órgão, deixou de representar, em todas as acepções que a noção comporta, a ciência, o Ministério da Agricultura, o seu país.

Assim sendo, sua trajetória, com seu caráter não linear e aleatório, revela peculiaridades que extrapolam a dimensão individual, ilustrando aspectos do período trabalhado. Mostra-nos, por exemplo, que tornar-se médico nos anos iniciais do século XX significou, entre tantas outras coisas, inserir-se na luta entre as diferentes especialidades que se afirmavam.

Mas significou fazê-lo orientado por grandes expectativas quanto aos destinos da humanidade. E a medicina parecia trazer as melhores de todas. Por intermédio da higiene, da prevenção, da eugenia, por acreditar-se possível manter a natureza sob rigoroso controle humano, e com isso não apenas pôr fim às doenças, mas controlar também os destinos da nação.

Tornar-se médico então, era mostrar-se pleno de expectativas, de projetos, de ambições grandiosas. Ambições que se encaminhavam para além do campo médico: pretendia-se gerir a sociedade, ditar-lhe rumos, impor-lhe limites, “garantir-lhe” o futuro. Futuro este inteiramente conformado pelos saberes médico-científicos.

Mas em se tratando de obter reconhecimento como médico e homem de ciência, como no caso de Vasconcellos, significou, acima de tudo ter contato, assimilar de modo singular e dar respostas às representações relativas ao homem e à sociedade. Representações estas geralmente impregnadas de racismo, particularmente num país condenado internacionalmente pela miscigenação entre brancos e negros.

Foi assim que nasceu o eugenista. Mesmo que com certa reserva, sem nunca ter pronunciado explicitamente expressão que posteriormente se tornaria maldita. Tanto mais, depois de ter comprovado pessoalmente nos Estados Unidos a força das “leis do desenvolvimento da raça”. É o que evidencia a trajetória de Aleixo

Nóbrega de Vasconcellos, um obstinado e, durante certo tempo, aplaudido homem de ciência.

Não se pretende, em hipótese alguma, propor que a pressão que se exerceu sobre Vasconcellos em favor da eugenia foi idêntica para todos os demais agentes médicos naquele período. Tampouco que todos a tenham experimentado em condições similares e a ela respondido de forma assemelhada. É justamente o contrário que se tentou evidenciar. É importante não perder de vista que as conclusões se aplicam à uma trajetória singular, individual: a de Aleixo Nóbrega de Vasconcellos.

Agente que se inseriu no campo médico e onde teve que lutar com poderosos pares-concorrentes. Muitos deles dotados de muito maior volume de prestígio, membros da elite da elite e eugenistas com enfoques diversificados. Os “coadjuvantes” na trajetória de Vasconcellos eram estrelas de primeira grandeza. Em meio a eles, sem rejeitar, mas tampouco acatando totalmente suas proposições, Vasconcellos construiu seus próprios diagnósticos e terapêuticas.

Teve que ceder, contudo, sob o peso de tamanha pressão: como desautorizar Miguel Couto, Afrânio Peixoto, Moncorvo Filho – para não citar as autoridades norte-americanas -, unanimidades até onde podiam sê-lo? Dotado de menor cota de prestígio, não ousou tal heresia. Tampouco copiou fielmente idéias deste ou daquele: absorveu-as, digeriu-as, assimilou aquilo que lhe era viável. Dispensou o resto. Realizou, portanto, a apropriação dentro de certos limites: os da sociedade carioca das primeiras décadas do século XX.

O médico Manoel Bomfim, é bem verdade, foi por ele citado como portador de idéias pertinentes. Mas Bomfim, naquele período, era apenas uma nota de

rodapé inserida num grande escrito eugenista e racista. Por isso mesmo, ao trazer respostas singulares para aquelas problemáticas obrigatórias, foi duramente combatido, criticado, ignorado, enquanto poucos deram-lhe ouvidos.

Apesar disso, e de forma similar a Edwin Black em relação aos Estados Unidos, pode-se propor que, no Brasil, o movimento eugênico esteve sempre restrito a pequenos grupos, ao passo que não conseguiu mobilizar maior número de adeptos na sociedade. No período analisado, um desses grupos onde a eugenia teve força foi aquele composto pela elite médica brasileira. Por essa razão, seus agentes não puderam se mostrar indiferentes a ela.

Estes médicos, seus projetos, suas teorias, suas ambições relativas à raça e à sociedade, estavam presentes em diferentes espaços sociais. A ABE, a SNA, o Ministério da Agricultura funcionaram assim como alguns daqueles a partir dos quais os ideais eugênicos se irradiaram sobre a sociedade.

E aí revela-se outro importante e singular aspecto da trajetória daquele agente. Conforme se acompanhou, não foi atuando exclusivamente entre outros médicos que Vasconcellos incorporou e reelaborou as proposições eugenistas. Foi através de sua inserção em diversificados espaços sociais, não exclusivamente médicos, e no envolvimento com diferentes problemáticas que tal questão não apenas se apresentou mas se revelou forte o suficiente para ganhar ênfase em suas representações sobre a sociedade brasileira. Mais que isso, foi à frente da Seção de Leite que ele assumiu a perspectiva eugenista.

Por isso, porque a ciência é uma prática extremamente social, o leite tornou-se o melhor alimento, um alimento inserido nas representações eugenistas relativas ao homem, conforme propostas por Vasconcellos.

A sua trajetória evidencia, por isso mesmo, como temáticas obrigatórias e idéias dominantes variam em conformidade com a inserção e as práticas singulares dos atores sociais que delas se apropriam.

O que se constata é que os Jecas Tatus, embora doentes, maltratados, ainda eram uma presença incômoda para aqueles que julgavam ver na “Grande Nação do Norte” um suposto modelo de civilização. Estava ainda distante a possibilidade de percebê-los não como Jecas degenerados, mas como estropiados Severinos...

Conforme bem os definiu João Cabral de Melo Neto (2000, p. 46):

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.

E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).

FONTES

PRODUÇÃO INTELECTUAL DE ALEIXO NÓBREGA DE VASCONCELLOS APRESENTADA NA FORMA DE TESES, ARTIGOS CIENTÍFICOS, CAPÍTULOS DE LIVROS, ANAIS DE EVENTOS, ENSAIOS, DISCURSOS, APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS EM EVENTOS CIENTÍFICOS, ENTREVISTAS CONCEDIDAS A JORNAIS (em ordem cronológica)

1905

VASCONCELLOS, A. N. de. A violeta de dhalia e safranina como materias corantes dos spirochoetes. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 39, p. 390, 15 out. 1905.

1906

_____. Sobre mais um meio corado para a diferenciação das bacterias dos grupos coli e typhico. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 34, p. 347-348, 08 set. 1906.

1908

_____. **Contribuição ao estudo bacteriologico do grupo coli-typhico**. Rio de Janeiro, 1908. 141 f. These (Doutoramento em Medicina) – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

1911

_____. **As febres mal definidas do Rio de Janeiro e suas relações com as bacterias do grupo coli-typhico**. Rio de Janeiro, 1911. These (Livre-docência em Microbiologia) – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

1913

_____. Desinfecção em veterinaria: Noções geraes sobre desinfecção e

desinfectantes, leis que regem a ação germicida das substancias chimicas, pratica da desinfecção. **Revista de Veterinaria e Zootecnia**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 167-176, jun. 1913a.

_____. Desinfecção em veterinaria: Pratica de desinfecção em medicina veterinaria, prophylaxia das molestias infectuosas dos animaes domesticos. **Revista de Veterinaria e Zootecnia**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 223-239, ago. 1913b.

1914

_____. [Discurso do] orador official. In: Sociedade de Medicina e Cirurgia – Sessão solemne em 23 de dezembro de 1913. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p. 23-26, 15 jan. 1914a.

_____. Pesquisa do bacillo dysenterico. Sociedade de Medicina e Cirurgia – Sessão em 18 de agosto de 1914. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 36, p. 345, 22 set. 1914b.

_____. Sobre um processo rapido de coloração de protozoarios em cortes histologicos, pela solução de Giemsa. **Revista de Veterinaria e Zootecnia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 245-247, ago. 1914c.

1915

_____. Microscopia da manteiga e de outras gorduras. **Revista de Veterinaria e Zootecnia**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, p. 192-197, ago. 1915.

_____; FIGUEIREDO, S. Relações biologicas entre os hematozoarios da malaria humana e os da malaria bovina. **Revista de Veterinaria e Zootecnia**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, p. 230-237, out. 1915.

1916

_____. Carnes de animaes tuberculosos. **Revista de Veterinaria e Zootecnia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1-3, p. 339-349, nov. 1916a.

_____. Conseqüencias praticas do desenvolvimento da pecuaria: Exportação de couros. **Revista de Veterinaria Zootecnia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1-3, p. 320-325, nov. 1916b.

_____. Hygiene e veterinaria. **Revista de Veterinaria Zootechnia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1-3, p. 313-320, nov. 1916c.

_____. Impaludismo na infancia. Sociedade de Medicina e Cirurgia – Sessão em 27 de junho de 1916. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 30, p. 237-238, 22 jul. 1916d.

_____. Ossificação do pulmão de um bovino: Enteké. **Revista de Veterinaria Zootechnia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1-3, p. 390-392, nov. 1916e.

_____. [Sobre a malária]. Sociedade de Medicina e Cirurgia – Sessão em 20 de junho de 1916. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 29, p. 231, 15 jul. 1916f.

1917

_____. Estructura micro-química do bacillo de Koch. Sociedade de Medicina e Cirurgia – Sessão em 17 de abril de 1917. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 17, p. 143-144, 28 abr. 1917a.

_____. Mistura corante para revelar a chromatina dos protozoarios e as granulações dos leucocyts. Sociedade de Medicina e Cirurgia – Sessão em 24 de abril de 1917. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 19, p. 159, 12 mai. 1917b.

_____. Nova materia corante para substituir a solução de Giemsa: “AzuroI”. **Revista de Veterinaria Zootechnia**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 42-45, 1917c.

_____. Nova materia corante para substituir a solução de Giemsa: “AzuroI”. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 43, p. 367-368, 27 out. 1917d.

_____. Novo processo de coloração do bacillo diphterico e do protozoario do paludismo. Sociedade de Medicina e Cirurgia – Sessão em 5 de julho de 1917, em homenagem a delegação médica argentina. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 33, p. 284, 18 ago. 1917e.

_____. Sobre um caso de expulsão de corpo extranho pelo intestino, numa criança com syndromes diversas do aparelho intestinal. Sociedade de Medicina e Cirurgia – Sessão em 25 de setembro de 1917. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 44, p. 381, 03 nov. 1917f.

1918

_____. Bacteriotherapia da coqueluche. Sociedade de Medicina e Cirurgia – Sessão em 28 de maio de 1918. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 24, p. 188-189, 15 jun. 1918a.

_____. Vaccinoherapia da coqueluche. Sociedade de Medicina e Cirurgia – Sessão em 20 de abril de 1918. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 20, p. 156-157, 18 mai. 1918b.

1919

_____. Contribuição para o estudo da bacterioterapia da coqueluche. SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA. 7ª sessão ordinária. **Annaes**, Rio de Janeiro, vol. 7, p. 144-157, 1919.

1921

_____. Leite em Buenos Aires. SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DO RIO DE JANEIRO. 28ª sessão ordinária. **Annaes**, Rio de Janeiro, v. 34, p. 222-223, 1921a.

_____. [Tuberculose e leite]. SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DO RIO DE JANEIRO. 9ª sessão ordinária. **Annaes**, Rio de Janeiro, v. 35, p. 210-211, 1921b.

_____. Vaccinoherapia anti-dysenterica: A proposito de um artigo do Dr. Arthur Vasconcellos, publicado no 'Jornal dos Clínicos' de 30 de novembro. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 1, p. 1-3, 01 jan. 1921c.

1922

_____ et al. Como alimentar os bebês durante o verão: Na falta de leite fresco empregar o leite condensado assucarado. **Leite e Lacticínios**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 68, out. 1922a.

_____. Como melhorar e augmentar a produção do leite e aperfeiçoar o fabrico de lacticínios no Brasil. **Leite e Lacticínios**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 18, ago. 1922b.

_____. Condições de algumas fabricas de lacticínios do Estado de Minas. **Leite e**

Lacticínios, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 99-102, dez. 1922c.

_____. Considerações geraes sobre os Districtos Pastoris do Estado do Rio de Janeiro. **Leite e Lacticínios**, Rio de Janeiro, v. 1, n.3, p. 93-95, dez. 1922d.

_____. Dosagem volumétrica do chloro no leite. **Leite e Lacticinios**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73, out. 1922e.

_____. Estudo microbiológico de um fermento láctico. **Leite e Lacticínios**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 4-6, ago. 1922f.

_____. A fabricação da manteiga renovada nos Estados Unidos. **Leite e Lacticínios**, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 34, ago. 1922g.

_____. A industria de lacticínios nos Estados do Brasil. **Leite e Lacticínios**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 27-30, ago. 1922h.

_____. Leite cru e cozido. **Leite e Lacticínios**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 31-32, ago. 1922i.

_____. Leite e laticínios. **Leite e Lacticínios**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-3, ago. 1922j.

_____. Luta contra o analphabetismo. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, 07 out. 1922k.

_____. A maturação dos queijos. **Leite e Lacticinios**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 69, out. 1922l.

_____. Methodos modernos para transporte do leite. **Leite e Lacticínios**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 34-36, ago. 1922m.

_____. A microflora mammaria em sua relação com a ordenha. **Leite e Lacticínios**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 45, out. 1922n.

_____. A Quarta Exposição Nacional de Gado. **Leite e Lacticínios**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 58-61, out. 1922o.

_____. Sabores anormaes da manteiga. **Leite e Lacticínios**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 30-31, ago. 1922p.

_____. Sobre a duração do aquecimento de leite para a pasteurização. **Leite e Lacticínios**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 74, out. 1922q.

_____. Sobre o emprego de culturas lacticas seleccionadas. **Leite e Lacticínios**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73, out. 1922r.

_____. Em torno do leite consumido no Distrito Federal. **Leite e Lacticínios**, Rio

de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 75-80, dez. 1922s.

_____. **Tradução da fala do major Marliangeas por ocasião do Segundo Congresso Internacional de Febre Aftosa.** Rio de Janeiro, 1922t, 2 f.

_____. Tratamento da intolerancia lactea dos lactentes pelas injeções de leite. **Leite e Lactínicos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 103, dez. 1922u.

1923

_____. Analyses dos leites condensados nacionais que figuraram na Exposição do Centenário. **Leite e Lactínicos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, p. 153, abr. 1923a.

_____ et al. Congresso Mundial de Lactínicos. **Leite e Lactínicos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, p. 199, jun. 1923b.

_____ ; FERREIRA, B. G. Considerações sobre a industria de queijos: Análise dos que figuraram na Exposição de setembro de 1922. **Leite e Lactínicos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 119-123, fev. 1923c.

_____. Gorini. **Leite e Lactínicos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, p. 143-148, abr. 1923d.

_____. Imitemos. **Leite e Lactínicos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 9, p. 65-69, dez. 1923e.

_____. Leite e mortalidade infantil. **Leite e Lactínicos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 7, p. 4-8, ago. 1923f.

_____. Luta contra o analphabetismo. In: CONGRESSO NACIONAL DOS PRATICOS, 1., 1922, Rio de Janeiro. **Actas e trabalhos.** Rio de Janeiro: Publicações Científicas, 1923g.

_____. Pesquisas concernentes a questões várias, inclusive de laboratório, feitas no Ministério de Agricultura dos Estados Unidos pela Divisão das Industrias do Leite. **Leite e Lactínicos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, p. 170-173, abr. 1923h.

_____. Revista Brasileira de Pediatria. **Leite e Lactínicos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 141, fev. 1923i.

_____. Sellagem de lactínicos. **Leite e Lactínicos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 140, fev. 1923j.

_____. Tecnologia do queijo camembert. **Leite e Lactínicos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 7, p. 11-12, ago. 1923k.

1924

_____. Alguns progressos recentes na fabricação da manteiga. **Leite e Lactínicos**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 15, p. 98-102, dez. 1924a.

_____. Alimentação e hygiene infantil. **Leite e Lactínicos**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 10, p. 137, fev. 1924b.

_____. Alimentação e hygiene infantil. **Leite e Lactínicos**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 11, p. 165, abr. 1924c.

_____ et al. Bureau de industria leiteira. **Leite e Lactínicos**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 12, p. 207, jun. 1924d.

_____. Commercio internacional dos lactínicos: Bases para o contacto directo entre as autoridades officiaes de paizes differentes afim de providenciarem reciprocamente para o combate à fraude. **Leite e Lactínicos**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 13, p. 20-28, abr. 1924e.

_____. Congresso Internacional de Leite e Lactínicos realizado nos Estados Unidos. **Leite e Lactínicos**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 11, p. 160-161, abr. 1924f.

_____. [Discurso do orador oficial da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro]. In: A Sociedade de Medicina e Cirurgia solenizou brilhantemente o 38^o aniversario de sua fundação. **Diario de Medicina**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 18, p. 1-2, 24 dez. 1924g.

_____. Dispositivo de um estabulo modelo com ordenhadoras mecanicas. **Leite e Lactínicos**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 11, p. 162, fev. 1924h.

_____. Uma elegante installação de pasteurisação e refrigeração de leite. **Leite e Lactínicos**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 11, p. 168, fev. 1924i.

_____ et. al. Um grande auxilio aos industriaes de lactínicos promovido pelo chefe da Secção de Leite e Derivados do Ministerio da Agricultura. **Leite e Lactínicos**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 11, p. 166-167, abr. 1924j.

_____. Hygiene do leite. **Leite e Lactínicos**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 10, p. 120-134, fev. 1924k.

_____ et al. O imposto de consumo sobre os productos derivados do leite. **Leite e Lactínicos**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 11, p. 140, abr. 1924l.

_____. A industria de leite e lactínicos no Brasil. **Leite e Lactínicos**, Rio de

Janeiro, ano 2, n. 10, p. 120-134, fev. 1924m.

_____. Leite: o melhor dos alimentos. **Leite e Lactícinios**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 15, p. 67-70, dez. 1924n.

_____. O 'Lunch' nas escolas primárias: Seu valor educativo, social e hygienico. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 2, p. 163-166, 13 set. 1924o.

_____. **Luta contra o analfabetismo**: De como esta campanha favorece o saneamento do Brasil. Memoria apresentada ao Congresso Nacional dos Práticos realizado em setembro de 1922, Rio de Janeiro, 1924p.

_____. A merenda nas escolas primárias: Trechos de uma comunicação à Sociedade de Medicina e Cirurgia. **Leite e Lactícinios**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 13, p. 1-3, ago. 1924q.

_____. A metrópole do leite. **Leite e Lactícinios**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 12, p. 175-177, jun. 1924r.

_____ et al. Nosso segundo aniversario. **Leite e Lactícinios**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 12, p. 208, jun. 1924s.

_____. Quinta Exposição Nacional de Pecuária e Industrias Derivadas. **Leite e Lactícinios**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 12, p. 203-205, jun. 1924t.

_____. Regulamentação internacional da fabricação de queijos. **Leite e Lactícinios**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 12, p. 200, jun. 1924u.

_____. Transporte do leite. **Leite e Lactícinios**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 11, p. 163-164, abr. 1924v.

_____ et al. Várias notícias. **Leite e Lactícinios**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 12, p. 206, jun. 1924x.

1925

_____. Contribuição para o estudo da bacteriotherapia da coqueluche. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE MEDICINA, 8., 1918, Rio de Janeiro. **Annaes**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1925a, p. 509-521.

_____. A Exposição e a Conferência de Leite e Lactícinios. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, v. 99, n. 275, p. 5, 04 out. 1925b.

_____. Exposição e a Conferência de Leite e Lactícinios. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, v. 99, n. 291, p. 4, 21 out. 1925c.

_____. A industria de laticínios no Brasil: Memoria apresentada ao Congresso Internacional de Leite e Lactícínios, realizada nos Estados Unidos da America do Norte, 1923. In: MINISTERIO DA AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO.

Boletim, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 241-266, fev. 1925d.

_____. Primeira Exposição de Leite e Derivados e Primeira Conferencia de Lactícínios. **O Paiz**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 14.975, p. 5, 20 out. 1925e.

_____. Uma solução corante destinada a substituir a solução de Giemsa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE MEDICINA, 8., 1918, Rio de Janeiro. **Annaes**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1925f, p. 167-170.

1926

_____. Atraz do pote de leite – Comedia em um acto. In: CONFERENCIA NACIONAL DE LEITE E LACTICINIOS, 1., 1925, Rio de Janeiro. **Annaes**. Rio de Janeiro: Cia. Nacional de Artes Graphicas, 1926a, p. 343-350.

_____. (Org.). CONFERENCIA NACIONAL DE LEITE E LACTICINIOS, 1., 1925, Rio de Janeiro. **Annaes**. Rio de Janeiro: Cia. Nacional de Artes Graphicas, 1926b.

_____. [Discurso de Aleixo de Vasconcelos na Sessão Inaugural da Primeira Conferência Nacional de Leite e Laticínios]. In: CONFERENCIA NACIONAL DE LEITE E LACTICINIOS, 1., 1925, Rio de Janeiro. **Annaes**. Rio de Janeiro: Cia. Nacional de Artes Graphicas, 1926c, p. 15-18.

_____. Discurso do presidente da Conferência Dr. Aleixo de Vasconcelos. In: CONFERENCIA NACIONAL DE LEITE E LACTICINIOS, 1., 1925, Rio de Janeiro. **Annaes**. Rio de Janeiro: Cia. Nacional de Artes Graphicas, 1926d, p. 328-329.

_____. O subsidio da bacteriologia para o desenvolvimento da industria de laticínios. **Revista de Zootecnia e Veterinaria**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 7-20, 1926e.

1927

_____. Bacteriophagia. In: SANTOS MOREIRA, A. A. **Formulario de therapeutica infantil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello, 1927a, p. 321-

326.

_____. Proteinotherapia ou therapeutica inespecifica. In: SANTOS MOREIRA, A. A. **Formulario de therapeutica infantil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello, 1927b, p. 336-341.

_____. Vaccinas e vaccinotherapia. In: SANTOS MOREIRA, A. A. **Formulario de therapeutica infantil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello, 1927c, p. 326-335.

_____. Virus-vaccinas. In: SANTOS MOREIRA, A. A. **Formulario de therapeutica infantil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello, 1927d, p. 335-336.

1928

_____. Leite Limpo. **Revista de Zootecnia e Veterinaria**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 3-10, 1928.

1929

_____. Industria da manteiga: Estudo theorico-pratico sob a forma de perguntas e respostas. **Revista de Zootecnia e Veterinaria**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2-3, p. 105-116, 1929a.

_____. Perguntas e respostas sobre a fabricação de manteiga. **Revista de Zootecnia e Veterinaria**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, 1929b.

_____. Tratamento dos gallinaceos: O soro anti-diphterico   facilmente injectado na massa do musculo peitoral. In: MINISTERIO DA AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO. **Anuario 1929**, Rio de Janeiro, p. 539-540, 1929c.

1930

_____. Leite: Estudo theorico-pratico sob a forma de perguntas e respostas. **Revista de Zootecnia e Veterinaria**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3-4, p. 168-185, 1930a.

_____. **Manteiga, margarina e condimento**: Necessidade do aperfeiçoamento industrial para maior fonte de renda do Paiz. Conferência realizada em 04 jul. 1930b na Sociedade Nacional de Agricultura, 19 f.

1934

_____. **Discurso do orador oficial da Sociedade de Medicina e Cirurgia em memória a Carlos Chagas.** Rio de Janeiro, 1934, 3 f.

1935

_____. Vacinação anti-diphtherica. Academia Nacional de Medicina – Sessão em 24 de outubro de 1935. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 46, p. 1037-1042, 16 nov. 1935b.

1936

_____. [Discurso de posse de Aleixo de Vasconcellos]. In: Sessão em 21 de setembro de 1935. **Boletim da Academia Nacional de Medicina**, Rio de Janeiro, v. 107, n. 2, p. 279-286, 1936.

1937

_____. Novos metodos terapeuticos das infecções estafilocócicas. **Imprensa Médica**, Rio de Janeiro, p. 159-168, 01 fev. 1937.

OUTROS DOCUMENTOS

_____. **Correspondência dirigida a Theophilo Torres.** Rio de Janeiro, 07 ago. 1923l, 2 f.

_____. **Correspondência dirigida a Olyntho de Oliveira.** Rio de Janeiro, 20 mar. 1931, 1 f.

_____. **Memorial relativo aos titulos, serviços publicos, particulares e didacticos do Dr. Aleixo de Vasconcellos**, Rio de Janeiro, 1935a, 6 f.

_____. **Quimiovacina e entero-vacina Alvas.** Rio de Janeiro, 195-, 1 f.

_____. **Descrição de produtos do Laboratórios Alvas Ltda.** Rio de Janeiro,

jun. 1957, 5 f.

_____. **Cadastro de Técnicos e Cientistas [do] Conselho Nacional de Pesquisas**. Rio de Janeiro, 2 f., 1961a.

_____. **Serviço de Biografias [de] O Globo**. Rio de Janeiro, 2 p., 1961b.

IMPRESSOS DOS LABORATÓRIOS DE ALEIXO DE VASCONCELLOS

LABORATORIO DE ANALISES QUIMICAS E BACTERIOLOGICAS DR. ALEIXO DE VASCONCELLOS. **Bacteriotherapia da coqueluche – “Pertussol”**. 10 out. 1919, 2 p.

_____. **Solicitação de exame laboratorial**. s.d. Impresso.

_____. **Solicitação de exame laboratorial**. 193-. Impresso.

LABORATORIO DE PRODUCTOS MICROBIANOS DR. ALEIXO DE VASCONCELLOS. **Pertussol, Metricidina, Entero-vaccina, Azurol, Staphilolysina, Neisser-vaccina**. 192-. Publicidade.

_____. **C.V. 4**. 193-. Publicidade.

LABORATORIOS ALVAS LTDA. **Metricidina**. 193-. Publicidade.

_____. **Kefir e yoghurt**. 1939. Publicidade.

OBRAS DIVERSAS

ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. **Boletim da Academia Nacional de Medicina**, Rio de Janeiro, 1920-1936.

_____. **Certidão assinada por Aloysio de Salles Fonseca relativa a Aleixo de Vasconcellos**. Rio de Janeiro, s. d., 2 f.

AULETE, C. **Diccionario contemporaneo da lingua portugueza**. 2. ed. actualiz. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1926. 2 vol.

BARRETO, C. Abastecimento de leite ao Rio de Janeiro. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 40, p. 663-664, 02 out. 1920a.

_____. O abastecimento de leite ao Rio de Janeiro: Algumas considerações sobre seu estado actual; as grandes falhas hygienicas; sua remodelação. Importancia dos serviços modernos no augmento de producção, excellencia e consumo do producto; influencia d'esses facores sobre a lethalidade infantil e eugenia em geral. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 45, p. 734-739, 06 nov. 1920b.

_____. Maternidade consciente. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EUGENIA, 1., 1929, Rio de Janeiro. **Actas e trabalhos**. Rio de Janeiro: s. n., 1929

_____. O medico e o culto da raça. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 40, p. 208, 07 out. 1922.

BELTRÃO, H. **Correspondência dirigida a Aleixo de Vasconcellos**. Rio de Janeiro, 07 out. 1935, 2 f.

BERNARDES, A. A saúde pública no Brasil no ano de 1924. **Revista Medico-Cirurgica do Brasil**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 7, p. 325-336, jul. 1924.

BOMFIM, M. **A América Latina**: Males de origem. 2. ed. Rio de Janeiro: A Noite, 1938.

O BRASIL NO CONGRESSO MUNDIAL DE LACTICINIOS. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, out. 1923.

BRASIL. **Collecção das leis da Republica dos Estados Unidos do Brasil de 1921 – Actos do Poder Executivo (março e abril)**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1922.

_____. **Collecção das leis da Republica dos Estados Unidos do Brasil de 1915 – Actos do Poder Executivo**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1917.

BRAZIL-MEDICO, Rio de Janeiro, 1900-1933.

CALOGERAS, J. P. Serviço de Industria Pastoril: Exposição de Motivos. **Revista de Veterinaria e Zootechnia**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 1-5, fev. 1915.

CAMARA DOS DEPUTADOS. **Correspondência a Aleixo de Vasconcellos**. Rio de Janeiro, 192-, 2 p.

CANDIDO, J. **A eugenia**. Curitiba: Livr. Economica, 1923.

CARVALHO, S. V. de. **Entrevista concedida por Silvia Vasconcellos de Carvalho a Marco Antonio Stancik**. Rio de Janeiro. 07 out. 2004.

CARVALHO, T. V. de. **Entrevista concedida por Teresa Vasconcellos de Carvalho a Marco Antonio Stancik**. Rio de Janeiro. 09 set. 2005.

CASTRO, J. de. **Alimentação e raça**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

_____. **Geografia da fome**: O dilema brasileiro: pão ou aço. 10. ed. Rio de Janeiro: Antares, 1980.

CELSONO, A. **Porque me ufano do meu país**: Right or wrong, my country. 10 ed. rev. Rio de Janeiro: Garnier, 1926.

CHERNOVIZ, P. L. N. **Formulário e guia médico**. 18. ed. Paris: Livraria de R. Roger e F. Chernoviz, 1908.

_____. **Formulario ou guia médica**. 8. ed. Paris: Casa do Autor, 1868.

COMTE, A. **Curso de filosofia positiva, Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo, Catecismo positivista**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

CONFERENCIA NACIONAL DE LEITE E LACTICINIOS, 1., 1925, Rio de Janeiro. **Annaes**. Rio de Janeiro: Cia. Nacional de artes Graphics, 1926.

CONGRESSO BRASILEIRO DE EUGENIA, 1., 1929, Rio de Janeiro. **Actas e trabalhos**. Rio de Janeiro: s. n., 1929.

CONGRESSO NACIONAL DOS PRATICOS, 1., 1922, Rio de Janeiro. **Livro do congressista**. Rio de Janeiro: Sociedade de Medicina e Cirurgia, 1922.

COSTA JUNIOR, A. F. da. Congresso Mundial de Lactinios. **Leite e Lactinios**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 23-27, ago. 1922.

Diário de Medicina, Rio de Janeiro, v. 1-3, 1924-1926.

DOMINGUES, O. Demos nomes aos bois... **Revista de Agricultura**, Piracicaba, v. 4, n. 9-10, p. 394, set.-out. 1929.

_____. **Eugenia**: Seus propósitos, suas bases, seus meios (em cinco lições). São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1933.

_____. **A hereditariedade em face da educação**. 2. e. São Paulo: Melhoramentos, 192-.

_____. A saúde. **Revista de Agricultura**, Piracicaba, v. 5, n. 5, p. 223-230, mai./jun. 1930.

FIGUEIRA, F. Sobre o leite consumido no Rio de Janeiro. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 7, p. 106-107, 14 fev. 1920.

FONTES, A. C.; TERRA, B.; NIOBEY, D. **Parecer [relativo à candidatura de Aleixo de Vasconcelos como membro titular da Academia Nacional de Medicina]**, Rio de Janeiro, 1935, 1 f.

FRAGA FILHO, C.; ARAGÃO, R. M. de. Posse do professor Raymundo Moniz de Aragão como membro titular da Academia Nacional de Medicina. **O Hospital**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 5, p. 1139-1156, mai. 1964.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**: Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. 46. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, Rio de Janeiro. **Fundo Aleixo de Vasconcellos**.

GONZAGA, L. [Discurso durante a posse de Aleixo de Vasconcellos na Academia Nacional de Medicina]. In Sessão em 21 de setembro de 1935. **Boletim da Academia Nacional de Medicina**, Rio de Janeiro, v. 107, n. 42, p. 274-279, 1936.

_____. Ontem e hoje na prática pediátrica. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p. 230-247, mai. 1956a.

_____. Ontem e hoje no tratamento da coqueluche. **Boletim Médico del Hospital Infantil**, México, D.F., v. 13, p. 35-42, 1956b.

GURGEL, N. **Correspondência dirigida a Aleixo de Vasconcellos**. Rio de Janeiro, 20 mai. 1927, 2 p.

KEHL, R. Da eugenia e o futuro do Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PROTEÇÃO À INFANCIA, 1., 1922, Rio de Janeiro. **Theses officiaes, memorias e conclusões**. Rio de Janeiro: Empresa Graphica Editora, 1925, p. 870-884.

_____. A eugenia no Brasil: Esboço histórico e bibliográfico. CONGRESSO BRASILEIRO DE EUGENIA, 1., 1929, Rio de Janeiro. **Actas e trabalhos**. Rio de Janeiro: s. n., 1929, p. 45-61.

_____. Fatores degenerativos da espécie. **Diário de Medicina**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 424, p. 3-4, 06 abr. 1926.

_____. O médico e o culto da raça. **Brazil Medico**, Rio de Janeiro, ano 37, n. 3, v. 1, p. 35-36, 20 jan. 1923.

_____. **Pais, médicos e mestres**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1939.

LEITE E LACTICINIOS, Rio de Janeiro, ago. 1922/dez. 1924.

LOBATO, M. **A barca de Gleyre**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1950. 2 vol.

_____. **Mr. Slang e o Brasil e Problema vital**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956.

_____. **A onda verde e O presidente negro**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1948.

_____. **Urupês**. 31. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LOBO, H. **Correspondência dirigida a Eli Lilly and Company**. New York City, 26 oct. 1923, 1 f.

_____. **Correspondência dirigida a Eli Lilly & Co.** New York City, 26 jan. 1924a, 1 f.

_____. **Correspondência dirigida a Mr. E. C. Levy**. New York City, 25 jan. 1924b, 1 f.

MADAME MARÇAL. **Correspondência dirigida a Aleixo de Vasconcellos**. Rio de Janeiro, 20 mai. 1932, 2 f.

MARTINS, F. D. **A B C do agricultor**. 2. ed. São Paulo: Cardozo Filho, 1912.

MELO, A. da S. A que princípios deve obedecer a alimentação dos alumnos internos dos collegios do Rio?. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 30, p. 527-530, 29 jul. 1933.

MINISTERIO DA AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO. **Relatorio apresentado ao Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil pelo Ministro de Estado da Agricultura, Industria e Commercio**. Rio de Janeiro. 1911-1930.

_____. **Revista de Veterinaria e Zootechnia**, Rio de Janeiro, 1913-1920.

_____. **Revista de Zootechnia e Veterinaria**, Rio de Janeiro, 1925-1930.

MINISTERIO DA AGRICULTURA. **Relatorio do Ministerio da Agricultura apresentado ao chefe do Governo Provisorio (1930-1931)**. Rio de Janeiro: Tipografia do Ministério da Agricultura, 1933.

MONCORVO FILHO, A. Carta aberta ao ilustre Dr. Gustavo Riedel. In: ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. **Boletim**, Rio de Janeiro, p. 246-248, 1920a.

_____. **Correspondência dirigida a Aleixo de Vasconcellos e Pedro Luiz Osório**. Rio de Janeiro, 27 fev. 1905, 2 p.

_____. Em favor da infância. **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 45, p. 800-804, 11 nov. 1933.

_____. A instrução primaria. ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. **Boletim**, Rio de Janeiro, p. 358-361, 1920b.

NEIVA, A. **Daqui e de longe**: chronicas nacionaes e de viagem. São Paulo: Melhoramentos, s.d.

PAIS DE FERNANDA. **Correspondência dirigida a Aleixo de Vasconcellos**. Rio de Janeiro, 01 jun. 1927, 2 p.

PEIXOTO, A. Discurso de paronympho aos doutorandos de 1919 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. In: **Brazil-Medico**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 17-22, 10 jan. 1920.

_____. Educação e saneamento. **Revista do Brasil**, São Paulo, ano 3, n. 33, v. 9, p. 119-120, set. 1918.

_____. **Elementos de Medicina Legal**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.

_____. **A esfinge**. 6. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1940.

_____. **Higiene**: Medicina preventiva. 6. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1938. v. 2.

PINHEIRO CHAGAS, D. **Correspondência dirigida a Aleixo de Vasconcellos**. Belo Horizonte, 03 jun. 1929, 1f.

POMPÉIA, R. **O Ateneu**: Crônica de saudades. São Paulo: Gráfica OESP, 1997.

RAEDERS, G. **O conde de Gobineau no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

REVISTA DE AGRICULTURA, Piracicaba, 1929-1933.

REVISTA MEDICO-CIRURGICA DO BRASIL, Rio de Janeiro, 1922-1924.

REZENDE, C. da M. O abastecimento do leite no Rio de Janeiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PROTECÇÃO À INFANCIA, 1., 1922, Rio de Janeiro. **Theses officiaes, memorias e conclusões**, Rio de Janeiro: Empr. Graphica Editora, 1925, p. 848-863.

ROMERO, S. **História da literatura brasileira**. 5. v. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

SCHWARTZ, P. L. **Correspondência dirigida a Aleixo de Vasconcellos**. Edmonton, Canadá, 14 dez. 1927, 2f

SEIDL, C. O problema da imigração japonesa para o Brasil. **Revista Medico-Cirurgica do Brasil**, v. 32, n. 12, p. 601-607, dez. 1924.

SIMÕES LOPES, I. **Correspondência dirigida a Aleixo de Vasconcellos**. Rio de Janeiro, 08 nov. 1928, 1 f.

SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DO RIO DE JANEIRO. **Annaes**, Rio de Janeiro, 1915-1926.

TÁVORA, J. **O Ministério da Agricultura em 1933-1934**. Rio de Janeiro: Diretoria de Estatística da Produção, s. d.

_____. **O Ministério da Agricultura na vigência do Governo Provisório (1930-1933)**. Rio de Janeiro: Diretoria de Estatística e Publicidade, 1933.

VASCONCELLOS, P. G. de. **Entrevista concedida por Paulo Gaertner de Vasconcellos a Marco Antonio Stancik**. Rio de Janeiro. 01 jul. 2006.

VIANNA, O. **Raça e assimilação**: I. Os problemas da raça. II. Os problemas da assimilação. 2. ed. augm. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1934.

WELLS, C. **Correspondência dirigida ao Doctor Frank J. Monaghan**. New York City, 23 out. 1923a, 1f.

_____. **Correspondência dirigida ao Doctor William H. Park**. New York City, 23 out. 1923b, 1f.

_____. **Correspondência dirigida a Mr. Ole Salthe**. New York City, 23 out. 1923c, 1f.

REFERÊNCIAS

ACKERKNECHT, E. **A history of therapeutics**. New York: Hafner Press, 1973.

ALMEIDA, M. E. de. **Eugenia**: Gênese e legitimação (1870-1900). Rio de Janeiro, 2002, 154 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aluizio França: homenagem póstuma. In: **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense**. Curitiba, v. 9, p. 5-8, 1967.

ANTUNES, J. L. F. Tuberculose e leite: Elementos para a história de uma polêmica. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 609-623, set./dez. 2002.

ARANTES, E. B. Negros do porto: O cotidiano dos trabalhadores do porto carioca na primeira década do século XX. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA. **Anais Eletrônicos do XXII Simpósio Nacional de História**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2003.

BARRACLOUGH, G. **Introdução à história contemporânea**. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.

BEIGUELMAN, B. Controle da reprodução humana e eugenia. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 31, n. 9, p. 979-985, set. 1979.

_____. Genética e ética. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 61-69, jan. 1990.

BENCHIMOL, J. L. (Coord.). **Manguinhos do sonho à vida**: A ciência na *Belle Époque*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 1990.

BERTOLLI FILHO, C. **História da saúde pública no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

BIZZO, N. M. V. Eugenia e racismo: quando a cidadania entra em cena? **Ciência Hoje**, São Paulo, v. 19, n. 109, p. 26-33, mai. 1995.

BLACK, E. **A guerra contra os fracos**: A eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior. São Paulo: A Girafa, 2003.

BOURDIEU, P. Le capital social. **Actes de La Recherche em Sciences Sociales**, Paris, n. 31, p. 2-3, jan. 1980.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **A economia das trocas lingüísticas**: O que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1996a.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998a.

_____. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998b.

_____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papius, 1996b.

_____. Le trois états du capital culturel. **Actes de La Recherche em Sciences Sociales**, Paris, n. 30, p. 3-6, nov. 1979.

_____. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, 2004.

CAMPOS, A. L. V. de. Terra, trabalho e progresso na obra de Monteiro Lobato. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 6, n. 12, p. 65-72, mar./ago. 1986.

CARDOSO, C. F.; MALERBA, J. (Org.). **Representações**: contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas: Papirus, 2000.

CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.). **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. 1. reimpr. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARVALHO, J. M. de. **Os bestializados**: O Rio de Janeiro e a República que não foi. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

_____. **A formação das almas**: O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

CASTAÑEDA, L. A. Apontamentos historiográficos sobre a fundamentação biológica da eugenia. **Episteme**, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 23-48, 1998a.

_____. The brazilian eugenic movement and its proposal of sanitation and prevention of diseases. INTERNATIONAL CONGRESS OF HISTORY OF SCIENCE, 20th., 1997, Liège. **Proceedings of the XXth International Congress of History of Science – Biological and medical sciences**. Vol. 11. Liège: Brepols, 2002, p. 229-237.

_____. Perfeccionamiento o higiene de la raza: Las definiciones de eugenesia en los trabajos de Renato Kehl. In: PASTRANA, P. A. (Org.) **Estudios de história social de las ciencias químicas y biológicas**. México-DF: Universidade Autónoma Metropolitana, 1998b, p. 259-271.

CASTRO SANTOS, L. A. de. O pensamento sanitário na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 193-210, 1985.

_____. **Power, ideology and public health in Brazil (1889-1930)**. Cambridge, 1987.
Ph.D. Thesis, Harvard University.

CATANI, A. M. A sociologia de Pierre Bourdieu (ou como um autor se torna indispensável ao nosso regime de leituras). **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 78, p. 57-75, abr. 2002.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAGAS FILHO, C. **Meu pai**. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 1993.

CHALHOUB, S. **Cidade febril: Cortiços e epidemia na Corte Imperial**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

CHARTIER, R. Entrevista com Roger Chartier, **Pós-História**, Assis/SP, v. 7, p. 11-30, 1999.

_____. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

_____. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 97-114, 1994.

_____. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991.

_____. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, L. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 211-238.

CORADINI, O. L. Grandes famílias e elite “profissional” na medicina no Brasil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 425-466, nov. 1996/fev. 1997.

O CORREIO DA UNESCO, Rio de Janeiro, v. 27, n. 11, nov. 1999.

COSTA E SILVA, A. da. Quem fomos nós no século XX: as grandes interpretações do Brasil. In: MOTA, C. G. (Org.). **Viagem incompleta**: a experiência brasileira (1500-2000) - A grande transação. São Paulo: Senac, 2000, p. 16-41.

CUNHA, C. V. da. **Aleixo de Vasconcelos**: notas bio-bibliográficas. Rio de Janeiro: s. e., 1966.

DE LORENZO, H. C.; COSTA, W. P. da (Org.). **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Unesp, 1997.

DEL PRIORY, M. (Org.). **História da criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

DE LUCA, T. R. **A Revista do Brasil**: Um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo: UNESP, 1999.

FARRELL, J. **A assustadora história das pestes e epidemias**. São Paulo: Ediouro, 2003.

FAUSTO, B. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp/Imprensa do Estado, 2001.

_____. **A Revolução de 30**: historiografia e história. 16. ed., rev. ampl. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

FERRARO, A. R. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos? **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 21-47, dez. 2002.

FERREIRA, L. O.; MAIO, M. C.; AZEVEDO, N. A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro: a gênese de uma rede institucional alternativa. In: **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 3, p. 475-491, nov. 1997/fev. 1998.

FLANDRIN, J.-L.; MONTANARI, M. **História da alimentação**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FREIRE, A. M. A. **Analfabetismo no Brasil**: Da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista, ou de como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu), Filipas, Madalenas, Anãs, Genebras, Apolônias e Grácias até os Severinos. São Paulo: Cortez, 1989.

FREITAS, M. C. de (Org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Fundo Aleixo de Vasconcellos**: Inventário Analítico. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

GIFFONI, O. C. **Dicionário bio-bibliográfico brasileiro de escritores médicos (1500-1899)**. São Paulo: Nobel, 1972.

GONDRA, J. G. "Modificar com brandura prevenir com cautela": Racionalidade médica higienização da infância. In: FREITAS, M. C. de; KUHLMANN JÚNIOR, J. (Org.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 289-318.

HÉRCULES, H. de C. História da Medicina Legal. **Revista Acadêmica**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 53-58, 1988.

HERSCHMANN, M. M.; KROPF, S.; NUNES, C. **Missionários do progresso: médicos, engenheiros e educadores no Rio de Janeiro (1870-1937)**. Rio de Janeiro : Diadorim, 1996.

HERSCHMANN, M. M.; PEREIRA, C. A. M. **A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HERZLICH, C. A problemática da representação social e sua utilidade no campo da doença. **Physis – Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 23-36, 1991.

HIGA, M. A. Para entender *O Ateneu*. In: POMPEIA, R. **O Ateneu: Crônica de saudades**. São Paulo: Gráfica OESP, 1997, p. 161-175.

HOBBSAWN, E. **Era dos extremos: O breve século XX (1914-1991)**. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

HOCHMAN, G. **A era do saneamento: as bases da política de Saúde Pública no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. Regulando os efeitos da interdependência: sobre as relações entre saúde pública e construção do Estado (Brasil 1910-1930). In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 40-61, 1993.

HUNT, L. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LABRA, M. E. **O movimento sanitarista nos anos 20: Da conexão sanitária internacional à especialização em saúde pública no Brasil**. Rio de Janeiro, 1985. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) – Escola Brasileira de Administração Pública, Fundação Getúlio Vargas.

LAHIRE, B. Reprodução ou prolongamentos críticos? **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 78, p. 37-55, abr. 2002

LATOUR, B. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP, 2000.

LE GOFF, J. et al. **As doenças têm história**. 2. ed. Lisboa: Trramar, 1997.

LEITE, D. M. **O caráter nacional brasileiro**: História de uma ideologia. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1969.

LE MOS, R. **Benjamin Constant**: Vida e história. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

LIMA, N. T. **Um sertão chamado Brasil**: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

LINS, I. **História do positivismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1967.

LOPES, L. R. **História do Brasil contemporâneo**. 7. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994

LORIGA, S. A biografia como problema. In: REVEL, J. (Org.). **Jogos de escalas**: A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 225-249.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORY, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001, p. 443-481.

LOWY, M. **Ideologias e ciência social**: Elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 1985.

LUZ, M. T. et al. **Medicina e ordem política brasileira**: Políticas e instituições de saúde (1850-1930). Rio de Janeiro: Graal, 1982.

LUZ, P. M.; CODEÇO, C. T.; WERNECK, G. L. A reemergência da coqueluche em países desenvolvidos: Um problema também para o Brasil? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1209-1213, jul./ago. 2003.

MACIEL, L. A. Cultura e tecnologia: A constituição do serviço telegráfico no Brasil. **Revista Brasileira da História**, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 127-144, 2001.

MAIO, M. C. A medicina de Nina Rodrigues: Análise de uma trajetória científica. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 226-237, abr./jun. 1995.

_____; SANTOS, R. V. (Org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996, p. 23-40.

MARQUES, V. R. B. **Eugenia da disciplina**: o discurso médico-pedagógico nos anos 20. Campinas, 1992. 142 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

_____. **A medicalização da raça**: médicos, educadores e discurso eugênico. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

MARTINS, L. A. C. P. Herbert Spencer e o neolamarckismo: Um estudo de caso. In: MARTINS, R. A.; MARTINS, L. A. C. P.; SILVA, C. C.; FERREIRA, J. H. H. (Eds.). **Filosofia e história da ciência no Cone Sul**: Terceiro encontro. Campinas: AFHIC, 2004, p. 281-289.

_____. Lamarck e as quatro leis da variação das espécies. **Episteme**, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 33-54, 1997.

MELO, E. C. P. **Saúde e doença no Brasil**: Como analisar os dados epidemiológicos. Rio de Janeiro: Nacional, 2001.

MELO NETO, J. C. de. **Morte e vida severina e outros poemas para vozes**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MENDONÇA, S.R. **O ruralismo brasileiro (1888-1931)**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MICELI, S. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.

MIGLIEVICH, A. **Heloísa Alberto Torres e Marina de Vasconcellos**: A história das Ciências Sociais no Rio de Janeiro através de suas mães fundadoras. Rio de Janeiro, 2002, 290 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MOACYR, P. **A instrução e a República**: Código Fernando Lobo (1892-1899). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941a.

_____. **A instrução e a República**: Reformas Benjamim Constant (1890-1892). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941b.

MORAES, J. G. V. de. **Cidade e cultura urbana na Primeira República**. São Paulo: Atual, 1994.

MORAES, P. R. B. de. O Jeca e a cozinheira: raça e racismo em Monteiro Lobato. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 8, p. 99-112, 1997.

MOTA, A. **Quem é bom já nasce feito**: sanitarismo e eugenia no Brasil. Rio de Janeiro: DPA, 2003.

MOTA, C. G. (Org.). **Viagem incompleta**: a experiência brasileira (1500-2000) - A grande transação. São Paulo: Senac, 2000.

NALLI, M. A. G. **O gene educado**: A antropologia eugênica de Renato Kehl e a educação. Londrina, 2000, 188 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Londrina.

OLIVEIRA, L. L. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. (Org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

PEREIRA NETO, A. de F. Identidades profissionais médicas em disputa: Congresso Nacional dos Práticos, Brasil (1922). **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 399-409, abr./jun. 2000.

_____. **Ser médico no Brasil**: o presente no passado. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

POLIAKOV, L. **O mito ariano**: Ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos. São Paulo: Perspectiva, 1974.

POMPÉIA, R. **O Ateneu**: crônica de saudades. São Paulo: Gráfica OESP, 1997.

PORTO, A. Positivismo e seus dilemas. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 34, p. 54-61, ago. 1987.

RAGO, M. **Do cabaré ao lar**: A utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

REIS, J. C. **As identidades do Brasil**: de Varnhagem a FHC. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

RIBEIRO FILHO, J. S. **Dicionário biobibliográfico de escritores cariocas**. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1965.

ROCHA, H. H. P. Educação escolar e higienização da infância. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 23, n. 59, p. 39-56, abr. 2003.

_____. **Imagens do analfabetismo**: a educação na perspectiva do olhar médico no Brasil dos anos 20. Campinas, 1995. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

ROCHA LIMA, H. da. Com Oswaldo Cruz em Manguinhos. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 24, n. 6, p. 563-585, jun. 1972.

RODRIGUES DA SILVA, H. **Fragmentos da história intelectual**: entre questionamentos e perspectivas. Campinas: Papirus, 2002.

_____. A história como “a representação do passado”: A nova abordagem da historiografia francesa. In: CARDOSO, C. F.; MALERBA, J. (Orgs.). **Representações**: Contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas: Papirus, 2000, p. 81-99.

RODRIGUES, J. H. **Teoria da história do Brasil**: Introdução metodológica. V. 1. 2. ed., rev., aum., il. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1957.

ROSEN, G. **Uma história da saúde pública**. 2. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec, Unesp, Abrasco, 1994.

SAMARA, E. M. Mulheres chefes de domicílio: Uma análise comparativa no Brasil do século XIX. **História**, São Paulo, v. 12, p. 49-61, 1993.

SANTOS, L. A. de C. **Power, ideology and public health in Brazil (1889-1930)**. Cambridge, 1987. Ph.D Thesis, Harvard University.

_____. O pensamento sanitista na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade. **Dados – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 193-210, 1985.

SANTOS FILHO, L. de C. **História geral da medicina brasileira**. São Paulo: Hucitec/USP, 1991, 2 vol.

SAYAD, J. D. **Mediar, medicar, remediar**: aspectos da terapêutica na medicina ocidental. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

SARACENO, C. La estructura temporal de las biografías. **Historia y fuente oral**, Barcelona, n. 1, p. 41-49, 1989.

SCHMIDT, B. B. (Org.). **O biográfico**: perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.

SCHNEIDER, A. L. **Sílvio Romero hermeneuta do Brasil**: Três raças e miscigenação na formação de uma imagem da brasilidade. Campinas, 2005. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

SCHNEIDER, W. Toward the improvement of the human race: The history of eugenics in France. **The Journal of Modern History**, Chicago, v. 54, n. 2, p. 268-291, jun. 1982.

SCHUELER, A. F. M. De. Crianças e escolas na passagem do Império para a República. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 19, n. 37, p. 59-84, set. 1999.

_____. O Rio de Janeiro oitocentista, suas escolas e seus professores (1854-1890): notas de pesquisa. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Anais [do] XXIII Simpósio Nacional de História: História: Guerra e Paz.** Londrina: Editorial Mídia, 2005. 1 CD Rom.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. Dos males da medida. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 33-45, 1997.

SCLIAR, M. **Saúde pública:** histórias, política e revolta. São Paulo: Scipione, 2002.

SEVALHO, G. Uma abordagem histórica das representações sociais de saúde e doença. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 349-363, jul./set. 1993.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SEYFERTH, G. A estratégia do branqueamento. **Ciência Hoje**, São Paulo, v. 5, n. 25, p. 54-56, jul.-ago. 1986.

SILVA, F. C. T. da; MEDEIROS, S. E.; VIANNA, A. M. **Dicionário crítico do pensamento da direita:** idéias, instituições e personagens. Rio de Janeiro: Mauad, 2000

SKIDMORE, T. E. **Preto no branco:** raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SOARES, M. P. A influência de Augusto Comte no pensamento brasileiro. **Episteme**, Porto Alegre, v. 3, n. 6, p. 144-153, 1998.

SOIHET, R. **A subversão pelo riso**: estudos sobre o carnaval carioca da *Belle Époque* ao tempo de Vargas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SOUZA, E. M. de. Há 100 anos, a descoberta do *Treponema pallidum*. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, Rio de Janeiro, v. 80, n. 5, p. 547-548, set./out. 2005.

SOUZA, M. C. C. de. Decorar, lembrar e repetir: O significado das práticas escolares na escola brasileira no final do século XIX. In: SOUZA, C. P. de (Org.). **História da educação**: Processos, práticas e saberes. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 83-93.

SOUZA PATTO, M. H. Estado, ciência e política na Primeira República: A desqualificação dos pobres. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 13, n. 35, p. 167-198, jan./abr. 1999.

STANCIK, I. Scenas de escravatura: A literatura de Francisco Maria Bordalo e o escravismo brasileiro em meados do século XIX. **Estudos de História**, Franca, v. 9, n. 2, p. 119-143, 2002.

STANCIK, M. A. Aleixo Nóbrega de Vasconcellos: um homem de ciência da Primeira República. **Estudos de História**, Franca/SP, v. 10, n.2, p. 203-220, 2003a.

_____. **Aleixo Nóbrega de Vasconcellos**: um “homem de ciência” e a educação higiênica no Brasil dos anos 1920. Curitiba, 2002a, 183 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná.

_____. Ciência e educação: Aleixo de Vasconcellos e a Primeira Conferência Nacional de Leite e Laticínios. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRICA, 22., 2002, Rio de Janeiro. **Anais da XXII Reunião**. Curitiba: Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 2003b, p. 321-327.

_____. Consumo do leite na década de 20: o discurso oficial e as práticas populares. **Jornal de História**, Ponta Grossa, v. 1, n. 4, p. 4-5, nov. 1996.

_____. Em defesa da espécie: Aleixo de Vasconcellos e o lanche escolar na década de 1920. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 8, n. 1, p. 95-119, verão/2003c. Também disponível em: <<http://www.rhr.uepg.br/v8n1/815MarcoStancik.pdf>>.

_____. Entre a defesa e a regeneração: alternativas e opções para o aprimoramento da raça na década de 1920. **Publicatio UEPG – Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Lingüística, Letras e Artes**, Ponta Grossa, v. 11, n. 2, p. 21-36, dez./2003d. Também disponível em: <http://www.uepg.br/propesp/publicatio/hum/2003_2/02.pdf>.

_____. Estação Experimental de Trigo: ciência, pesquisa e agricultura em Ponta Grossa no início do século XX. In: CHAVES, N. B. (Org.). **Visões de Ponta Grossa: cidade e instituições**. Ponta Grossa: UEPG, 2004a, p. 65-77.

_____. Os homens de ciência e a higiene do leite na primeira república. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Anais...** Londrina: Editorial Mídia, 2005a. 1 CD-ROM.

_____. Os jecas do literato e do cientista: movimento eugênico, higienismo e racismo na Primeira República. **Publicatio UEPG - Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Lingüística, Letras e Artes**, Ponta Grossa, v. 13, n. 1, p. 45-62, jun./2005b. Também disponível em: http://www.uepg.br/propesp/publicatio/hum/2005_1/05.pdf.

_____. Leite já serviu de “alívio” para lepra. **Jornal da Manhã**, Ponta Grossa, 25 out. 2000a, p. A-10.

_____. Modernidade, ciência e raça na Primeira Conferência Nacional de Leite e Laticínios: o discurso médico (Rio de Janeiro:1925). In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRICA, 21, 2001, Rio de Janeiro.

Anais da XXI Reunião. Curitiba: Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 2002b, p. 385-391.

_____. Movimento eugênico na Primeira República: a perspectiva de Aleixo de Vasconcellos. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRICA, 24, 2004, Curitiba. **Anais da XXIV Reunião da SBPH.** Curitiba: Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 2005c, p. 231-237.

_____. **Representações higienistas:** ciência, práticas populares e autoridades públicas à época da Primeira Conferência nacional de Leite e Laticínios (Rio de Janeiro – 1925). Ponta Grossa, 2000b. 179 f. Monografia (Especialização em Cultura e História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Ponta Grossa.

_____. Um homem de ciência e a hora do lanche nas escolas: Aleixo de Vasconcellos e a disciplina escolar na década de 1920. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRICA, 23., 2003, Curitiba. **Anais da XXIII Reunião.** Curitiba: Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, 2004b, p. 397-402.

STEPAN, N. L. Eugenesia, genética y salud pública: el movimiento eugenésico brasileño y mundial. **Quipu**, México-DF, v. 2, n. 3, p. 351-384, sep. Dic. 1985.

_____. Eugenics in Brazil (1917-1940). In: ADAMS, M. B. (Org.). **The welborn science:** eugenics in Germany, France, Brazil and Russia. New York: Oxford University Press, 1990.

_____. **The hour of eugenics:** Race, gender, and nation in Latin America. Ithaca: Cornell University Press, 1991.

TAVARES, J. C. **A congregação do Colégio Pedro II e os debates sobre o ensino de Matemática.** São Paulo, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação

Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

TOGNOLLI, C. **A falácia genética**: A ideologia do DNA na imprensa. São Paulo: Escrituras, 2003.

VAINFAS, R. Capistrano de Abreu. In: MOTA, L. D. **Introdução ao Brasil**: Um banquete no trópico. 2. ed. São Paulo: Senac, 1999. p. 171-189.

VASCONCELOS, F. de A. G. de. O nutricionista no Brasil: Uma análise histórica. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 15, n. 2, p. 127-138, mai./ago. 2002.

VELHO SOBRINHO, J. F. **Dicionário bio-bibliográfico brasileiro**. v. 1. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1937.

VELLOSO, M. P. **As tradições populares na Belle Époque carioca**. Rio de Janeiro: Funarte, 1988.

VENTURA, R. **Estilo tropical**: História cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914). São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

VILHENA, C. P. de S. Práticas eugênicas, medicina social e família no Brasil republicano. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 79-96, jan./jun. 1993.

WADSWORTH, J. E. Moncorvo Filho e o problema da infância: Modelos institucionais e ideológicos da assistência à infância no Brasil. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 19, n. 37, p. 103-124, set. 1999.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA. **Academia Nacional de Medicina.**

Disponível em: <<http://www.anm.org.br>>

COLÉGIO PEDRO II. Disponível em: <<http://www.rionet.com.br/~cabanacp2.htm>> Acesso em: 23 ago. 2002.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Antonio Fernandes Figueira:** médico e poeta. Disponível em <<http://www.iff.fiocruz.br/aff.html>> Acesso em: 23 ago. 2002a.

_____. Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio De Janeiro. In: **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde No Brasil (1832-1930).** Disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>> Acesso em: 18 mar. 2004.

_____. **Instituto Oswaldo Cruz:** Primeiras produções relevantes. Disponível em: <http://www.ioc.fiocruz.br/pages/historia_right.htm> Acesso em: 23 abr. 2002b.

_____. Parreiras Horta. In: **Biblioteca Virtual Carlos Chagas.** Disponível em: <<http://www4.prossiga.br/chagas/traj/links/textos/parreiras.html>> Acesso em: 07 set. 2001.

INSTITUTO FERNANDES FIGUEIRA. **Antonio Fernandes Figueira:** médico e poeta. Disponível em <<http://www.iff.fiocruz.br/aff.html>> Acesso em: 05 jul. 2002.

INSTITUTO SOROTERÁPICO FEDERAL. In: **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde No Brasil (1832-1930).** Disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>> Acesso em: 18 mar. 2004.

GUIMARÃES, J. A.; SANTOS, J. C. **Inspeção sanitária e industrial dos produtos de origem animal:** controle oficial - sanitário e tecnológico. Disponível em: <<http://www.cfmv.org.br/rev23.htm>> Acesso em 07 set. 2001.

MOUSSATCHÉ, I. **A primeira turma formada pela Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária em 1917 só teve quatro alunos**. Disponível em: <http://www.animal.com.br/go/jornalcrmv/setembro2000/pagina_5.htm> Acesso em: 12 mai. 2001.

PATOLOGIA CLÍNICA NEWS. Rio de Janeiro, out./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.sbpc.org.br/site/pdf/News%20261.pdf>> Acesso em: 02 set. 2005.

SANTOS, R. A. dos. Lobato, os Jecas e a questão racial no pensamento social brasileiro. **Achegas Net – Revista de Ciência Política**, Rio de Janeiro, n. 7. Disponível em: <http://www.achegas.net/numero/sete/ricardo_santos.htm> Acesso em: 10 mar. 2004.

SAUNDERS, L. A. **John Newell Hurty**. Disponível em: <<http://www.imhm.org/encyclopedia/JohnHurty.doc>> Acesso em: 22 jan. 2006.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PATOLOGIA CLÍNICA. **Patologia clínica News**, Rio de Janeiro, out./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.sbpc.org.br>> Acesso em: 02 set. 2005.

SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DO RIO DE JANEIRO. **Galeria dos presidentes**. Disponível em: <<http://www.ibpnet.com.br/smcrj/galeria.html>> Acesso em 08 mai. 2002.

SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DO RIO DE JANEIRO. In: **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde No Brasil (1832-1930)**. Disponível em: <<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>> Acesso em: 18 mar. 2004.